



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Geociências

JOÃO ALVES DE SOUZA NETO

O CAMINHO GEOPOLÍTICO DE “A ARTE DA GUERRA DE SUNZI”: produção do
espaço, geopolítica e guerra no Período de Estados Combatentes (séc. V-III aec.) da China
Antiga

CAMPINAS

2020

JOÃO ALVES DE SOUZA NETO

O CAMINHO GEOPOLÍTICO DE “A ARTE DA GUERRA DE SUNZI”: produção do espaço, geopolítica e guerra no Período de Estados Combatentes (séc. V-III aec.) da China Antiga

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM GEOGRAFIA NA ÁREA DE ANÁLISE AMBIENTAL E DINÂMICA TERRITORIAL

ORIENTADOR: PROF. DR. ANTONIO CARLOS VITTE

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO JOÃO ALVES DE SOUZA NETO E ORIENTADA PELO PROF. DR. ANTONIO CARLOS VITTE

CAMPINAS

2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Geociências
Marta dos Santos - CRB 8/5892

So89c Souza Neto, João Alves de, 1992-
O caminho geopolítico de "A arte da guerra de Sunzi" : produção do espaço, geopolítica e guerra no Período de Estados Combatentes (séc. V-III aec.) da China Antiga / João Alves de Souza Neto. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Antonio Carlos Vitte.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

1. Geografia - História. 2. Comunicação Intercultural. 3. Geopolítica – China. 4. Ciência - Filosofia – História. 5. China - História Militar. I. Vitte, Antonio Carlos, 1962-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Geociências. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Sunzi's "Art of War" geopolitical way : production of space, geopolitics and warfare in the Warring States period (V-III bce.) of Ancient China

Palavras-chave em inglês:

Geography – History

Intercultural communication

Geopolitics – China

Science – Philosophy – History

China - Military history

Área de concentração: Análise Ambiental e Dinâmica Territorial

Titulação: Mestre em Geografia

Banca examinadora:

Antonio Carlos Vitte [Orientador]

Ho Yeh Chia

Eduardo Karol

Ricardo Abrate Luigi Junior

Eduardo José Marandola Junior

Data de defesa: 06-11-2020

Programa de Pós-Graduação: Geografia

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-1720-4221>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/5929160832536069>



UNICAMP

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**

AUTOR: João Alves de Souza Neto

O caminho geopolítico de "A arte da guerra de Sunzi" : produção do espaço, geopolítica e guerra no Período de Estados Combatentes (séc. V-III aec.) da China Antiga

ORIENTADOR: Prof. Dr. Antonio Carlos Vitte

Aprovado em: 06 / 11 / 2020

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Antonio Carlos Vitte - Presidente

Profa. Dra. Ho Yeh Chia

Prof. Dr. Eduardo Karol

Prof. Dr. Ricardo Abrate Luigi Junior

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Junior

A Ata de Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora consta no processo de vida acadêmica do aluno.

Campinas, 06 de novembro de 2020.

DEDICATÓRIA

À minha sobrinha Vitória

AGRADECIMENTOS

Como uma forma de organizar a acumulação do trabalho científico contemporâneo, a academia científica possibilitou que eu tanto me formasse por meio dela como pudesse, nesse processo, subir nos ombros de gigantes para tentar enxergar mais longe. Nesse sentido, os agradecimentos podem começar pelos colegas professores que participaram e participam da minha formação, e aos colegas pesquisadores pelos trabalhos de que me vali para desenvolver esta pesquisa de mestrado como um momento da minha trajetória.

Agradeço aos meus pais, Silvana e Severino, que sempre me incentivaram a seguir pelo caminho da ciência e lutaram muito para que seu filho pudesse desfrutar dessa riqueza cultural que eles não tiveram a oportunidade de possuir. Agradeço grandemente a meu irmão Vinícius pela parceria de uma vida toda, pelas conversas sobre o futuro. Agradeço-os também pela compreensão e incentivo diante das incertezas dessa trilha. Agradeço também à minha tia Rosana e à minha madrinha Val, por torcerem por mim desde o início.

Gostaria de agradecer imensamente ao professor Carlos Geraldino, do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), por ter me incentivado a continuar a pesquisa iniciada na graduação. O resultado vocês podem ver agora. Meus agradecimentos vão também para meu professor Paulo Bomfim, por ter sempre acreditado no potencial desta pesquisa e deste pesquisador e pela parceria na Associação dos Geógrafos Brasileiros seção local São Paulo (AGB-SP). Emendo aqui um agradecimento aos camaradas da AGB-SP. Além do Paulo, Silvinha Lopes, grande amiga, Rita Castro, Fabio Contel, Edimara Silva, Airton Leite, Caio Alves e aos demais camaradas desta e de outras seções locais.

Agradeço também aos camaradas da Associação Latino-Americana de Filosofia Intercultural (ALAFI) pelos diálogos ao longo desses anos. Aqui eu cito Rodney Ferreira, grande amigo, Lucas Machado, Matheus Oliva e Amanda Fernandes, todos muito queridos, dentre outros que foram se somando ao longo do tempo. Agradeço especialmente ao Grupo de Estudos Sobre o Pensamento Oriental e Intercultural (GESPOI), parte da ALAFI, pelo espaço de diálogo. Tanto a AGB quanto a ALAFI possuem um grande desafio histórico a sua frente.

Agradeço muito à Larissa Lira. Sem o olhar sagaz dela, e o precioso incentivo, esta pesquisa não teria saído daquela banca de monografia de graduação e chegado à qualidade de dissertação de mestrado. Que os futuros trabalhos sejam ainda melhores pra gente. Agradeço também às amigas Priscila Alves e Leila Izidoro pelas conversas e parcerias. Agradeço ao Guilherme Ribeiro pela parceria e amizade e por ver potencial no meu trabalho. Agradeço pela leitura atenta de Lucas Coutinho, Carlos Corrêa e Larissa Zuque quando

necessitei. Agradeço também às conversas e à amizade com os camaradas Felipe Borges, Isaac Rodrigues, Isabel Perides, Jessica Brustolim, Marcia Alves, Kevin Salvo, Renata Brasileiro, Caroline Andreassa, Larissa Araujo, Breno Ramos e José Arnaldo, que tornaram a caminhada mais amena. Como podemos perceber, a amizade é fundamental para o desenvolvimento científico.

Agradeço aos camaradas do Grupo de Estudos Neil Smith (GENS) pelas conversas e aprendizados. Aqui falo de Leônidas Marques, grande camarada, Sandra Estroges, amiga querida, e de outros que se somaram ao longo desses dois anos. Agradeço imensamente ao grupo de pesquisa China Antiga: Literatura e Filosofia (CALF), especialmente aos professores Ho Yeh Chia e João Vergílio e à Julia Souza, pela oportunidade de aprender e de dialogar. Agradeço imensamente ao Grupo de Pesquisa sobre Filosofia e História da Geografia. Cito aqui, com carinho, Joyce Oliveira, Danilo Cardoso, Késia Rodrigues, Sandra Estroges, Deyse Fabrício e Paulo Rufino. Torço para desenvolvermos um excelente trabalho. Agradeço ao Grupo de Estudos do Capital (GECA), na figura do professor Manoel Fernandes, pelo acolhimento e aprendizado. Renovo aqui o agradecimento ao GESPOI. Grupos de estudos e de pesquisa são lugares fundamentais para a construção do conhecimento.

Agradeço ao meu orientador, Antonio Carlos Vitte, por ter acolhido o desafio que foi e continua sendo este projeto intercultural. As conversas e as suas orientações me foram muito valiosas. Elas me ajudaram a enxergar ainda mais longe. Agradeço também o incentivo de meu orientador para que eu vá mais longe com o trabalho. Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (PPGGEO-IG-UNICAMP), na figura do coordenador Rafael Straforini, pela disciplina de Seminários, que renovou meu ânimo sobre a pesquisa. Agradeço à secretaria de pós-graduação pelo importante serviço que prestam à comunidade acadêmica, na figura da Cris.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa parcial de Mestrado. Sem essa bolsa, o desenvolvimento desta pesquisa não teria sido materialmente possível para mim e restaria a princípio somente uma folha em branco.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

O objetivo principal desta dissertação é interpretar a geopolítica da obra chinesa clássica “A Arte da Guerra” de Sunzi (c. séc. IV aec.). Esse clássico possui uma tradição longa que é apresentada de modo breve. O contexto de produção dessa obra está imerso em conflitos geopolíticos fundamentados na guerra e decorrentes do modo de produção do espaço geográfico do Período de Estados Combatentes (séc. V–III aec.) da China Antiga. O texto desse clássico foi interpretado nos seguintes quatro momentos. Primeiramente, a elaboração que ela faz sobre seu problema histórico é exposto. A partir daí, ela edifica três pilares para lidar com seu diagnóstico. Em segundo lugar, interpreta-se seu caminho para conhecer o fenômeno da geopolítica. Terceiro, seu modo de estruturar esse fenômeno é abordado. Por último, seu caminho para praticar a geopolítica, com base nesses dois momentos anteriores, é compreendido. Pode-se afirmar que essa obra trata do problema geopolítico de seu tempo de modo bastante perspicaz, considerando a complexidade inerente a ele. Esse trabalho visa contribuir com a história da geografia a partir de uma perspectiva intercultural, contextual e crítica, e com a geopolítica ao resgatar uma obra que discute o engajamento material no conflito.

Palavras-chaves: História da Geografia; Interculturalidade; Geoestratégia; Produção do Espaço; Geografia Histórica.

ABSTRACT

This dissertation's main objective is interpreting the geopolitics in the classical Chinese work Sunzi's "Art of War" (ca. IV bce.). This classic has a long-standing tradition which is briefly presented. The context of production of this work is engulfed by war-driven geopolitical conflicts derived from Warring States Period (V-III bce.) mode of production of its geographical space in Ancient China. This classical text was interpreted in the following four moments. First of all, its elaboration on this historical problem is presented, where it takes three interconnected approaches for dealing with its diagnoses. Secondly, it's shown its path to acknowledge the geopolitical phenomenon. In the third moment, its way to structure this phenomenon is introduced. Last, but not least, its course of action in the geopolitical context is interpreted. This work deals with the geopolitical phenomenon as a complex problem in a keen way. This dissertation, in turn, aims to contribute to the history of geography by undertaking an intercultural, contextual and critical analysis, and to the geopolitical science by rescuing a work that elaborates a materialist way of engagement in a conflict.

Keywords: History of Geography; Interculturality; Geostrategy; Production of Space; Historical Geography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Fac-símile da página inicial da edição de A Arte da Guerra produzida na Dinastia Song (século XI).....	34
Ilustração 2 – Hipsometria da porção centro-leste da República Popular da China.....	44
Ilustração 3 – Distribuição dos maiores Estados da região durante a Dinastia Zhou.....	46
Ilustração 4 – Principais assentamentos durante a Dinastia Zhou do Oeste.....	47
Ilustração 5 – Principais Estados do período inicial da Dinastia Zhou do Leste.....	48
Ilustração 6 – Condição de existência dos Estados da região de Zhou.....	54
Ilustração 7 – Estados baseados em contínuos assentamentos espaciais (Período de Estados Combatentes).....	55
Ilustração 8 – Principais Estados durante o Período de Primavera e Outono.....	57
Ilustração 9 – Principais Estados durante o Período de Estados Combatentes.....	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Título original do <i>Sunzi</i> e seus capítulos em mandarim, transcrições para o pinyin e traduções possíveis para o português e para o inglês.....	35
Quadro 2 – Cronologia da China pré-Imperial.....	51

SUMÁRIO

Uma introdução ao livro “A Arte da Guerra de Sunzi” como obra geográfica.....	14
Introdução.....	14
Hipótese e objetivos.....	14
Justificativas.....	16
Teoria e Método da Pesquisa.....	18
<i>Introdução.....</i>	<i>18</i>
<i>Obra de pensamento.....</i>	<i>19</i>
<i>A história configura a obra por meio de seu autor.....</i>	<i>20</i>
<i>O trabalho como condição universal.....</i>	<i>21</i>
<i>Produção do espaço e geopolítica.....</i>	<i>22</i>
<i>Haveria ou não geopolítica no Sunzi?.....</i>	<i>23</i>
<i>Referências, fontes e seus problemas historiográficos.....</i>	<i>24</i>
<i>Método de apresentação da pesquisa.....</i>	<i>26</i>
Capítulo 1 – O Sunzi hoje e na história.....	28
1.1) Introdução.....	28
1.2) O Sunzi hoje.....	29
1.2.1 <i>A China contemporânea na geopolítica mundial.....</i>	<i>29</i>
1.2.2 <i>A recepção contemporânea dos textos chineses.....</i>	<i>31</i>
1.3) O Sunzi na História.....	33
1.3.1 <i>As duas principais edições transmitidas do Sunzi.....</i>	<i>33</i>
1.3.2 <i>A tradição interpretativa e a restrição de público do Sunzi.....</i>	<i>36</i>
1.3.3 <i>Orientalismo e pensamento chinês.....</i>	<i>37</i>
1.3.4 <i>A descoberta arqueológica de um Sunzi mais antigo.....</i>	<i>41</i>
1.4) Conclusão.....	41
Capítulo 2 – A geografia histórica do Período de Estados Combatentes (séc. V-III aec.)	43
.....	43
2.1) Introdução.....	43
2.2) Panorama histórico da China pré-imperial.....	44
2.2.1 <i>A produção textual do período.....</i>	<i>52</i>
2.3) A geografia histórica do conflito geopolítico.....	53
2.3.1 <i>A geografia política histórica da Dinastia Zhou do Leste.....</i>	<i>56</i>
2.4) Organização social e territorial de uma sociedade guerreira.....	60
2.4.1 <i>A diplomacia.....</i>	<i>62</i>
2.5) Conclusão.....	64
Capítulo 3 – Diagnóstico histórico da geopolítica.....	65
3.1) Introdução.....	65
3.2) Diagnóstico sobre o contexto histórico no Sunzi.....	65
3.2.1 <i>Diagnóstico geral sobre o conflito.....</i>	<i>65</i>
3.2.2 <i>A história e o passado no texto do Sunzi.....</i>	<i>72</i>
3.2.3 <i>O suposto Sunzi histórico como autoridade espiritual do Sunzi.....</i>	<i>74</i>
3.3) A avaliação do Sunzi sobre a questão econômica.....	75
3.3.1 <i>A aparente ambivalência Pacifismo vs. Belicismo no Sunzi.....</i>	<i>75</i>
3.3.2 <i>O custo imediato da guerra.....</i>	<i>78</i>
3.3.3 <i>O custo da realização da guerra.....</i>	<i>79</i>
3.3.4 <i>A importância dos recursos adversários.....</i>	<i>81</i>
3.3.5 <i>A implicação econômica da guerra.....</i>	<i>83</i>
3.3.6 <i>A economia como princípio organizador.....</i>	<i>84</i>

3.4) Sua avaliação sobre a organização social do conflito.....	86
3.4.1 <i>Introdução</i>	86
3.4.2 <i>O papel do governante na divisão do trabalho da guerra</i>	86
3.4.3 <i>A tarefa do comandante</i>	89
3.5) Conclusão.....	92
Capítulo 4 – Investigando a geopolítica.....	94
4.1) Introdução.....	94
4.2) “Das Avaliações” (Capítulo 1).....	94
4.3) “Do Empreendimento da Batalha” (Capítulo 2).....	101
4.4) “Planejando o Ataque” (Capítulo 3).....	104
4.5) “Usando Espiões” (Capítulo 13).....	109
4.6) Conclusão.....	116
Capítulo 5 – Configurando a geopolítica.....	117
5.1) Introdução.....	117
5.2) “Posições Estratégicas” (Capítulo 4).....	117
5.3) “Vantagem Estratégica” (Capítulo 5).....	123
5.4) “Pontos Fracos e Pontos Fortes” (Capítulo 6).....	127
5.5) “Conflitos Armados” (Capítulo 7).....	133
5.6) Conclusão.....	138
Capítulo 6 – Praticando a geopolítica.....	140
6.1) Introdução.....	140
6.2) “Adaptando-se às Nove Contingências” (Capítulo 8).....	140
6.3) “Despachando o Exército” (Capítulo 9).....	143
6.3.1 <i>A geografia física no conflito armado</i>	143
6.3.2 <i>Inferindo a posição estratégica do adversário</i>	148
6.4) “O Terreno” (Capítulo 10).....	157
6.5) “As Nove Espécies de Terreno” (Capítulo 11).....	161
6.5.1 <i>O terreno mortal</i>	168
6.6) “Ataque Incendiário” (Capítulo 12).....	173
6.7) Conclusão.....	176
Conclusão – “A Arte da Guerra de Sunzi” como obra de geopolítica.....	178
Referências.....	186

Uma introdução ao livro “*A Arte da Guerra* de Sunzi” como obra geográfica

Introdução

O livro “*A Arte da Guerra* de Sun Tzu” é uma sensação editorial. Há uma profusão de traduções para o português (apesar de poucas serem diretamente do chinês) publicadas pelas mais diversas editoras. A contracapa da edição publicada pela editora paulista Ediouro em 2009 — tendo como base a tradução feita pelo sinólogo inglês Lionel Giles publicada em 1910 — carrega o que pode ser apontado como um resumo da sua recepção pelo grande público:

“Milenar tratado militar de Sun Tzu, *A Arte da Guerra* é tão compreensível e atual que se tornou um texto clássico. Acredita-se que o livro tenha sido usado ao longo dos tempos por estrategistas militares como Napoleão, Adolf Hitler e Mao Tse Tung.

Hoje, o livro migrou das estantes dos estrategistas para a dos economistas, administradores, políticos, vendedores, empresários e todos aqueles cuja meta é a vitória — em todos os níveis.”

Segundo essa descrição, essa obra seria de fácil interpretação e também seria passível de ser adota por figuras tão antagônicas quanto Adolf Hitler e Mao Zedong. E das mãos dos grandes estrategistas, ela teria caído nas graças de figuras tão individuais quanto políticos, administradores, economistas e vendedores. O presente trabalho procura tomar um caminho diferente para abordar essa obra.

Essa obra clássica chinesa é uma obra sobre geopolítica. A sua longa tradição de interpretação de seu significado pode ser ampliada por essa interpretação. Isso porque — como veremos ao longo do presente trabalho — essa obra elabora o problema histórico de seu tempo: uma geopolítica fundamentada na guerra. Tentaremos compreender um pouco de sua circulação até nós, e como ela é mediada por questões como o orientalismo, o que exige uma leitura que lide com essa ideologia.

Hipótese e objetivos

O objetivo desta nossa pesquisa de mestrado é apresentar uma interpretação

geográfica da obra *A Arte da Guerra de Sunzi*¹, doravante *Sunzi*. Tendo sido escrita durante o Período de Estados Combatentes (séc. V-III aec.) da história da China, um período marcado por intensos conflitos entre os territórios que o compunham, ela figura como obra seminal a respeito da estratégia nessa civilização. Sendo esse contexto marcado pela geopolítica, seja no nome desse período, seja no próprio processo histórico que o constituiu, essa obra visaria intervir nele. A hipótese da qual este trabalho parte é: o *Sunzi* possui uma discussão geopolítica que pode ser resgatada.

Portanto, o problema que essa hipótese enfrenta diz respeito ao que seria esse resgate, e como procedê-lo. Ou seja, de que modo a geografia se faz presente em nossa obra apesar da distância que jaz entre nós e ela, e como interpretar seu significado enfrentando as mediações que nos separam dela. Parte dos objetivos específicos dessa nossa interpretação é apresentar qual problema geográfico se configurava para o contexto intelectual histórico dessa obra. Ou seja, de que maneira o processo histórico a produziu da forma que a produziu, fazendo com que a história esteja dentro dela como uma condição necessária de existência e como pressuposto elaborado enquanto problema. Outra parte desses objetivos também é examinar como nossa obra elabora sobre esse problema geográfico se posicionando em relação a ele.

Dito de outro modo, o processo histórico, apesar de fazer parte da obra, lhe é independente, sendo a obra um posicionamento sobre ela dentre tantos outros que foram possíveis, cabendo-nos avaliar seu aprofundamento. Assim, o objetivo geral desta pesquisa é afirmar a hipótese da existência de uma geografia no *Sunzi*, mas procurando lidar com esse problema da mediação entre nós e esse livro, o que institui objetivos específicos — conceber tanto o problema histórico que configura a obra e quanto aquele que ela elabora sobre —, que compõem a realização desse objetivo geral.

O seu contexto histórico está marcado por um desenvolvimento material (tecnológico, econômico e militar) que depende da expansão territorial. Isso constitui uma produção do espaço² pelo Estado que faz com que cada um deles interfira na produção do

¹ Escrito em mandarim como 孫子兵法 (transliteração: *Sunzi bingfa*), o que pode ser traduzido literalmente como *Métodos Militares de Sunzi* (AMES, 1993; MAIR, 2008), *circa* século IV aec., onde hoje é a província de Shandong, República Popular da China.

² A concepção de produção do espaço empregada nesta pesquisa tem como referência o geógrafo marxista Neil Smith (1954-2012) e não aquela do filósofo marxista Henri Lefebvre (1901-1991). Na concepção de Neil Smith, o espaço, longe de ser somente o âmbito iminentemente urbano da reprodução social capitalista, é produzido historicamente a partir das relações econômicas em diferentes momentos. Isso significa dizer que as concepções teóricas sobre o espaço de uma dada sociedade são tributárias das práticas econômicas que constituem o espaço no qual a sua vida se desenvolve.

espaço de outro. Essa lógica pressupõe uma escala geográfica superior que, estando em ruínas, como veremos, será reerguida, ironicamente, como resultado desse processo conflituoso. Esse resultado final possibilita o nascimento da era imperial chinesa. Não somente visando o exterior, esses territórios se forjam internamente para essa lógica de produção do espaço, o que marca fundamentalmente essa sociedade e está presente como problema na obra em pauta.

Nossa obra elabora esse problema geopolítico propondo uma abordagem econômica para a guerra. Para isso, ela se funda no conhecimento sobre o fenômeno bélico, conhecimento este baseado no testemunho sobre a geografia do conflito em curso, este estruturado por uma concepção materialista de seu desenvolvimento. A geopolítica, portanto, é um objeto de conhecimento possível e que possui uma certa lógica de funcionamento. Isso condiciona a prática no seu interior, fechando os três aspectos que, veremos, são basilares para interpretarmos a obra. Com essa exposição inicial, adiantamos alguns pontos que veremos no caminho para interpretarmos essa importante obra chinesa.

Justificativas

As razões que justificam esta pesquisa serão encontradas de modo mais detalhado no desenvolvimento desta introdução e de sua posterior exposição. Porém, faz-se importante resumi-las desde já. No que tange às justificativas acadêmicas, a presente pesquisa em nível de mestrado é importante por avançar por uma fronteira ainda pouco explorada. Essa fronteira separa as obras tradicionais, especialmente as canônicas, da História da Geografia daquelas que ainda não foram reconhecidas por sua historiografia como parte dessa história. Esse é um projeto bastante aventado tanto nos ramos historiográficos da História da Geografia (MORAES, 2005; BERDOULAY, 2003), como em outros ramos, a exemplo da História da Filosofia (MALL, 2017; SANTOS, 2010; JULLIEN, 2009; MALDONADO-TORRES, 2008; CHENG, 2008). Especificamente, esta pesquisa avança em um ponto que a Geografia brasileira explorou muito pouco, que é a contribuição da História do Pensamento Chinês para esse ramo das ciências humanas (CHIANG, 2005; LEEMING, 1980). Importante também frisarmos que a nossa obra, aqui examinada, não é contemporânea. Isso implica no fato de que a pesquisa permite a compreensão de um aspecto específico das raízes da tradição cultural da qual ela faz parte, pois se trata de uma obra chinesa tradicional antiga do seu período clássico.

Implica também na reflexão do significado que um deslocamento desse pode ter e como superá-lo enquanto dificuldade. Assim, a presente dissertação percorre um caminho ainda muito pouco trabalhado na História da Geografia (DUECK, 2012; CAVALCANTI & VIADANA, 2010; MARTIN, 2005; UNWIN, 1992), o que exige a elaboração de uma pavimentação própria. A discussão metodológica a respeito da questão intercultural na História da Geografia exige que façamos reflexões sobre o objeto dessa pesquisa, dado que o conceito que descreve esse objeto, no caso Geografia, não foi concebido ubiquamente, mas possui uma etimologia europeia. Assim, a realização desta pesquisa também procura se justificar pela apresentação dos caminhos trilhados por essa nova fronteira, pela elaboração desse nosso método — dado o relativo ineditismo de nosso trabalho —, especialmente em diálogo com aqueles já existentes e que ele pressupõe (CANDIDO, 2019; CHAUI, 2018, 2017; MALL, 2017; MALDONADO-TORRES, 2008; LUKÁCS, 2010; SMITH, 1988). Soma-se a isso o ineditismo do nosso objetivo aqui pretendido e que seu desdobramento permite construir uma ponte para uma pesquisa em nível de doutorado.

A revisão bibliográfica feita aponta a ausência de uma interpretação geográfica aprofundada sobre o *Sunzi*. Os trabalhos de revisão de discussões sobre Geografia Política e Geopolítica feitos por Karol (2013), Costa (2013), Cowen e Smith (2009) e Miyamoto (1981), apesar de não serem exaustivos, são significativos por selecionarem os principais autores no percurso histórico dessas discussões. Porém, eles não tratam do objetivo aqui pretendido por nós. Pesquisas a partir de palavras-chave (“Território”, “Territory”, “Espaço Geográfico”, “Geographical Space”, “Sunzi”, “Sun Tzu”, “Sun Wu”, “Geopolitics”, “Geopolítica”, “Geografia”, “Geography”) em plataformas como *Periódicos Capes*, *Google Scholar* e nos Sistemas de Biblioteca da UNICAMP e da USP não retornaram resultados nesse sentido. Os trabalhos de Filipe Ribeiro (2015), Correia (2013), Yan (2011) e Tao (2011) procuram apontar a questão geográfico-política e geopolítica na obra em questão. Tao (2011) apresenta um capítulo — chamado “Geografia” — onde ele aponta a importância da geografia para a obra, deixando a maior parte do capítulo para citações dessas passagens ditas geográficas. Esse tipo de observação Yan (2011) também faz. Correia (2013) afirma fazer essa análise em seu artigo, mas isso fica somente na promessa: a segunda parte de seu artigo, onde isso de fato ocorreria, ainda não foi publicada. Filipe Ribeiro (2015) dedica algumas páginas do seu trabalho para apontar que a geografia é severamente importante para a questão militar da obra em questão e que ali já se desenvolvia uma tradição de elaboração sobre a geografia. Apesar

disso, essa discussão não figura como central em seu trabalho e não é desenvolvida com profundidade suficiente para colocá-la como a realização, mesmo que parcial, do objetivo aqui proposto.

A respeito das justificativas sociais, a nossa pesquisa procura se fundamentar do seguinte modo. A República Popular da China é um país muito importante para as relações internacionais brasileiras. Brasil e China estabelecem relações multilaterais de toda sorte, o que põe para a sociedade brasileira a necessidade do conhecimento a respeito da sociedade chinesa. Isso pode ser feito de diversos modos, e aqui se procura trilhar o caminho da cultura, especificamente aquela elaborada por meio textual em seu período clássico. Conhecer a cultura chinesa pode contribuir para melhorar as relações entre os países, possibilitando uma sintonia política mais harmônica. Conhecer especificamente o pensamento geopolítico e estratégico que encontraria suas raízes no passado dessa sociedade, sendo parte importante de seu pressuposto cultural, permite explorar caminhos para a compreensão da perspectiva adotada historicamente por essa sociedade. Junta-se a isso o fato de a obra em questão, *A Arte da Guerra de Sunzi*, ter sido bastante difundida nas sociedades de matriz europeia (HEINE, 2008; SAWYER, 1994; AMES, 1993; MAIR, 2008; GAWLIKOWSKI & LOEWE, 1993; LOEWE, 1993; BUENO, 2013, 2015). Esta pesquisa poderia lançar bases para aprofundar a compreensão desse fenômeno histórico. As justificativas aqui apresentadas, como já dissemos, serão elaboradas ao longo da exposição da pesquisa, especialmente em sua introdução e seus primeiros capítulos, visando a lançar uma ponte entre os contextos acadêmico e social e esta presente dissertação de mestrado.

Teoria e Método da Pesquisa

Introdução

Apresentamos agora a teoria e o método que embasaram nossa pesquisa. Pode-se resumir a perspectiva deste trabalho pela compreensão do *Sunzi* como uma obra que é produto de um trabalho condicionado por muitos fatores históricos e que visa resolver o problema que ela diagnostica em sua história. A obra é uma resposta para a interrogação que o autor faz sobre o seu contexto histórico enquanto um problema inerentemente complexo. Esse produto então circula pela história possibilitando a formação da tradição sobre ele. Essa circulação

consiste no processo de recepção e da reprodução material da obra e da produção de obras derivadas, fundamento da sua tradição e sua reprodução por meio das ideias.

Essa perspectiva que adotamos — a obra como produto do trabalho — parte necessariamente do contexto contemporâneo para a compreensão dos contextos anteriores. Isso não é trivial, na medida em que esta interpretação geográfica do *Sunzi* não procura apontar que a Geografia estava em germe ali, ou que havia um esforço primevo nesse livro na emersão da Geografia, ou mesmo que ele produziu uma Geografia com outro nome. Isto é, estamos longe de tomarmos uma postura defensiva a respeito da História da Geografia (SMITH, 1988), partindo da defesa da disciplina, em vez de compreendermos seu papel histórico. Pelo contrário, partimos do trabalho teórico-geográfico acumulado até aqui para então analisar o que envolvia esse trabalho de produção do *Sunzi* — sua configuração histórica enquanto elaboração de um problema teórico — para então compreendermos a formalização apresentada por essa obra, sua estrutura. Isso permite que concepções contemporâneas, conquistas alcançadas, apesar de antecedidas por muitos momentos teóricos anteriores, possam ser empregadas como chave interpretativa para essa obra ao desvendá-la significativamente como produção histórica, mas sem violar suas vicissitudes históricas. No caso, *Sunzi* não elabora uma geopolítica por estar imbuído com essa perspectiva, pelo contrário, objetivamente é possível apontar que há um problema geopolítico naquele espaço geográfico histórico, mas isso somente é um objeto propriamente científico para a contemporaneidade (COWEN & SMITH, 2009), jamais poderia ser para ele. O trabalho crítico de sua recepção contemporânea é resgatar esse significado encontrado nela e que ainda não encontrou a luz do dia (BENJAMIN, 2011). Isso fazemos por meio da compreensão dos problemas que envolviam objetivamente seu contexto histórico e que condicionaram sua produção. As principais referências e fontes são apresentadas em seguida. Por fim, apresentamos o caminho expositivo dos capítulos seguintes desta dissertação, introduzindo o leitor no nosso caminho argumentativo.

Obra de pensamento

Visando uma interpretação dialética da elaboração do problema geográfico-histórico presente no *Sunzi*, esta nossa pesquisa se filia às metodologias críticas de interpretação textual. Para tanto, e iniciando a exposição a respeito do método, concebemos

nossa obra como obra de pensamento, conforme elaborado por Chauí (2018, 2017). Isso significa concebê-la como o produto de um trabalho historicamente condicionado. Ele se daria sobre seu contexto histórico enquanto uma aporia, enquanto uma rua sem saída. Esse contexto histórico seria, portanto, algo problemático, e, por outro lado, algo cuja tradição vigente não resolveria em seus termos. Assim, a obra de pensamento é a elaboração teórica de um problema prático, é o lançamento de um caminho para sair desse problema historicamente condicionado. Quanto mais profundamente uma obra de pensamento avança na singularidade do problema que condiciona seu nascimento, mais duradoura é a sua tradição e mais ela significa para um público mais geral, segundo afirma Chauí (2018, 2017). Por essa razão, antes de adentrarmos na interpretação do nosso texto, vamos interpretar o seu contexto de nascimento, de tradição e de recepção contemporânea.

A história configura a obra por meio de seu autor

Essa concepção de obra implica na necessidade de compreensão do contexto histórico que a produziu. Se, na perspectiva do autor, o estímulo para criar uma obra é a aporia de seu tempo, então na perspectiva histórica, o autor é quem, historicamente condicionado, produz uma obra necessária para esse momento histórico por meio da negação (por meio do trabalho da obra de pensamento) do processo histórico que o atravessa. Dado que ele é condicionado historicamente, está para a história a possibilidade e a profundidade dessa negação e de seu objeto. Assim, cabe a nós investigar esse processo histórico que estava em desenvolvimento, e faz nascer o autor e leva até a obra, mas não se reduz a simplesmente configurá-los, continuando seu desenvolvimento apesar dele. Para isso, é fundamental a compreensão dos diversos tipos de conflitos e problemas que eram produzidos no contexto histórico de configuração da obra, e como eles estavam organizados nesse processo. Razão pela qual devemos compreender o contexto histórico enquanto permeado por contradições.

No caso de uma pesquisa em Geografia, a geografia histórica pode ser compreendida como a produção do espaço geográfico por uma certa sociedade historicamente condicionada, como propõe Smith (1988). Esse espaço geográfico, longe de ser absoluto e imutável, pressupõe o processo histórico apesar de também ser seu produto. Cabe a nós compreender como ele é produzido, em uma perspectiva que seja possível para a atividade deles, e como essa produção engendra necessidades de elaboração teórica sobre seus

conflitos, suas contradições, seus problemas. Essas elaborações possuem sua vida no interior dessas suas condições de nascimento. Por isso que obras profundas são longevas significativamente, pois o nascimento delas se dá a partir de questões históricas que se encontram conservadas de algum modo em momentos históricos posteriores a esse seu nascimento. Nesse sentido, a compreensão do contexto histórico enquanto processo histórico contraditório passa pela compreensão do modo como a produção do espaço (com sua política inerente) se dava nesse contexto.

O trabalho como condição universal

Essa questão da reconstrução histórica de um contexto em particular coloca a questão de como fazê-lo de modo realista. Quando afirmamos anteriormente que esse contexto histórico deve ser compreendido como um processo em uma perspectiva que seja possível para a atividade deles, queremos afirmar o seguinte. Primeiro, que, apesar das sociedades e dos indivíduos históricos não serem oniscientes, a história reconstruída deve ser possível para eles. Devemos descrevê-la de modo que seus agentes históricos não pressuponham acúmulos históricos posteriores a eles. Segundo, pressupomos que o trabalho, enquanto atividade produtiva sobre a realidade material, é um atributo universal das sociedades humanas, apesar de historicamente condicionado. Isso nos insere na tradição marxista³. Assim, tanto o espaço geográfico de outrora, quanto as obras produzidas em seu contexto, são frutos do trabalho e podem ser reconhecidos em alguma medida pelas sociedades historicamente posteriores. No caso do trabalho sobre uma obra da China Antiga, as referências aos trabalhos de historiadores, arqueólogos, filólogos, filósofos, geógrafos etc. visa ser a medida para vencermos a separação — conhecermos as mediações — que estão presentes entre nós e esse contexto histórico. Ao conhecer como se dava o âmbito da atividade nesse contexto, quais caminhos foram tomados e quais poderiam ser tomados, torna-se possível uma reconstrução do processo histórico de modo que tanto não seja anacrônico quanto seja significativo para nós. O trabalho é a chave tanto para a compreensão das obras no

³ Antes de tudo, afirmar que esta pesquisa se insere na tradição marxista visa apontar a importância da categoria trabalho para a história das sociedades humanas, sendo o ponto de contato possível entre elas. Isso quer dizer que tanto os intercâmbios culturais quanto os intercâmbios comerciais se dão por meio do trabalho e somente são possíveis por causa dele. Essa categoria é o que se encontra em jogo em toda a história. O trabalho material, porém, condiciona e é mais concreto que o trabalho espiritual, posição marxista que é adotada aqui quando também se adota o método materialista histórico. A enunciação dessa filiação teórica visa igualmente apontar que também se almeja alargar a perspectiva do próprio marxismo, trazendo novos temas para o debate.

geral, como para a compreensão dos contextos históricos que as configuraram. Assim, nos filiamos à discussão proposta por Lukács (2010 [1956]) a respeito da perspectiva, e também precisamos nos valer, para reconstituir o modo de produção do espaço do contexto histórico de nossa obra, do acúmulo científico de diversas áreas do conhecimento.

Produção do espaço e geopolítica

Não procuramos identificar o fenômeno geopolítico atual com o que compreendemos existir no contexto histórico de nossa obra. A geopolítica surge como uma reflexão organizada em torno da questão espacial de um Estado (principal agente político da sociedade contemporânea) somente ao do século XX por meio do cientista político Rudolf Kjellén (1864-1922). Nesse momento, a sociedade capitalista já organizava as sociedades humanas em escala global (SMITH, 2006). Mackinder (2004 [1904]), por exemplo, afirmou (e isso a partir da Inglaterra, um dos lugares centrais dessa sociedade) que já estávamos num momento histórico no qual o sistema político se encontrava em uma escala geográfica mundial. Nesse momento histórico, a exigência de organização interna dos territórios para lidar com as necessidades de expansão econômica e territorial dos Estados imperialistas tornou o nascimento da geopolítica também uma necessidade. Apesar disso, o que ela descreve, como podemos perceber retrospectivamente, não surge ali, porém por meio dela encontra uma forma de desenvolvimento especializado.

Seguindo até aqui o que Cowen e Smith (2009) escreveram, a geopolítica descreve um fenômeno que também pode ser encontrado nas sociedades pré-capitalistas. Esse fenômeno é a produção do espaço por um agente político enquanto um processo que implica outros agentes políticos pressupondo uma escala geográfica superior para esses processos particulares. Esse processo constitui, por meio do conflito e da lida com ele, os próprios territórios, as fronteiras, as formas de organização política essa espacialidade, a diplomacia, a guerra, as instituições em escala geográfica supraterritorial etc. Tendo como exemplo o contexto histórico atual, podemos observar que o modo de se produzir o espaço na região amazônica brasileira (pela devastação da biodiversidade) implica na alteração dos regimes de chuvas no estado de São Paulo (que produz seu espaço considerando uma certa disponibilidade hídrica) e em outros estados da região sudeste do Brasil. Essa relação com essa região do norte brasileiro também implica na alteração global do clima, constituindo uma

outra escala para essa forma de produção do espaço amazônico. A geopolítica da Amazônia, tema discutido por Bertha Becker (2005), implica tanto a constituição do território brasileiro enquanto interioridade, quanto o estabelecimento da sua relação com os outros territórios soberanos, apresentando-o enquanto exterioridade, em uma escala geográfica supranacional. A geopolítica, portanto, diz respeito não somente à relação (conflituosa) entre territórios, mas como esses territórios são produzidos em relação e se reconhecem parte dela.

Costa (2013), por sua vez, descreve a geopolítica existente nos povos Tupinambá e nos povos Nuer. Mesmo a escala geográfica do fenômeno geopolítico deles não sendo global, há, na medida em que esses povos entram em conflito territorial com seus adversários, o estabelecimento de uma escala geográfica superior que é o conjunto desses territórios em disputa. A geopolítica faz a produção do espaço de uma sociedade entrar em relação com a produção do espaço de outra sociedade, instituindo tanto o conflito como colocando-o como condição para essa produção.

A questão que parece sobrar é a da produção do espaço. Seguindo a discussão que o geógrafo Neil Smith (2008 [1984]) apresenta, a produção do espaço é, assim como a geopolítica, um fenômeno que também pode ser observado em sociedades pré-capitalistas. Essa categoria descreve o modo como o espaço construído por uma sociedade, e o espaço do qual ela depende para isso, são produtos da relação que ela estabelece com a natureza por meio do trabalho. Ao transformar a natureza, uma sociedade, por seus meios, constitui seu espaço de existência. Procurando não se enveredar pelas discussões sobre o quê seria o espaço em última instância, é importante salientarmos que — segundo a tese desse geógrafo, e que aqui procuramos adotar — o espaço é um produto histórico, assim como a própria geografia e a geopolítica. Quando tratamos da produção do espaço e da geopolítica na China Antiga, procuramos fazê-lo por meio da reconstituição do processo histórico que substantivou essas categorias, e não conformando seu processo a um esquema com conteúdos alienígenas a ele.

Haveria ou não geopolítica no Sunzi?

Até aqui fica suficientemente claro que, quando afirmamos que visamos interpretar a geografia, especificamente a geopolítica do *Sunzi*, não partimos e não precisamos partir do conceito de geopolítica ou de geografia e pressupô-las em seu interior. Pelo contrário, e conforme procuramos apresentar acima, o contexto histórico apresenta um

problema geográfico que é eminentemente geopolítico. A obra se torna geopolítica na medida em que ela elabora um problema histórico que é, ao fim, geopolítico.

Isso implica no seguinte: todos os autores daquele contexto histórico foram atravessados por esse problema. Porém, diferente deles, o nosso contexto histórico é privilegiado na medida em que consegue conceber aquele contexto histórico enquanto um processo total de produção histórica, cheio de questões, conflitos, contradições, problemas etc. Essa perspectiva, apesar de realista no sentido acima apontado, não é possível para a ciência daquele momento, apesar de ser possível de outro modo para essa sociedade. Isso quer dizer que, ao apontarmos a existência de um problema geopolítico naquele contexto, nos valem do acúmulo histórico para compreender a construção dessa história. Não é porque os povos antigos não possuíam a engenharia de materiais de hoje que eles foram impedidos de construir grandes obras de arquitetura, mas hoje, e para hoje, compreendemos a possibilidade, por meio dessa engenharia, de sua constituição. Tanto lá, quanto aqui, o trabalho é a chave. E a investigação sobre o passado é uma investigação — e por isso é importante escrevermos este parágrafo — somente para nós. Confúcio não olha para o seu passado e vê a si mesmo enquanto passado da China de hoje.

Referências, fontes e seus problemas historiográficos

Para a compreensão do problema posto para a produção da obra *A Arte da Guerra* de Sunzi, faz-se necessário construirmos o processo histórico que a configurou. Visando isso, apresentaremos a geografia histórica que contextualiza essa obra. A geografia histórica, longe de somente ser a descrição do espaço geográfico de um período histórico do passado, aqui será tomada como um espaço geográfico que está atravessado por forças históricas (GRATALOUP, 2006; SMITH, 1988, 2008). Isso quer dizer que o contexto histórico, neste caso enquanto geografia histórica, não será a descrição do espaço geográfico no qual a obra foi criada como se fosse a mera descrição de uma configuração espacial já acabada. Pelo contrário, a geografia histórica pode ser tomada como um resultado somente se apreendida enquanto um momento que acumula transformações para vir a ser outro, uma outra geografia histórica. Nesse sentido, o contexto histórico será descrito a partir dos processos que condicionavam a produção do espaço, e como esse espaço produzido era tomado enquanto algo ainda inacabado a ser transformado cumulativamente (DARBY, 1953, 1962; SMITH,

2008).

As referências historiográficas usadas nesta nossa pesquisa foram as seguintes. Para a compreensão da formação histórico-social da Dinastia Zhou do Leste (LOEWE & SHAUGHNESSY, 1999; SHAUGHNESSY, 1999; CHANG, 1999; KEIGHTLEY, 1999; RAWSON, 1999; FALKENHAUSEN, 1999; HSU, 1999; LEWIS, 1999; LI, 2013; HARPER, 1995; COOK, 1995; ZHAO, 2015; SELBITSCHKA, 2015); do pensamento no Período de Estados Combatentes (CHENG, 2008; LI, 2013); do pensamento geográfico na China Antiga (CHIANG, 2005; ZHAO, 1992; DOROFEEVA-LICHTMAN, 1996); da geografia histórica da China Antiga (LI, 2013; RAWSON, 2015, 2017; SHAUGHNESSY, 1989; LI, 2013; KEIGHTLEY, 1999); do pensamento estratégico do *Sunzi* (SENGER, 2011; LEWIS, 2005; AMES, 1993; GALVANY, 2010; MAIR, 2007, 2008; AMES, 2004; SAWYER, 1994, 2004, 2007; YAN, 2011). Apesar dessa categorização, todas as referências foram necessárias para a iluminação umas das outras, a fim de dar forma ao contexto histórico em questão. O trabalho de Li (1996) foi fundamental na compreensão das condições econômicas, bastante cercado nos trabalhos historiográficos citados anteriormente, mas não atacado de modo tão direto quanto nesse trabalho. É importante lembrar que todos os trabalhos anteriormente citados se valem dos avanços historiográficos recentes ocorridos no final do século XX na China (WILKINSON, 2017), recorte geral de referências feito nesta pesquisa. Dado o foco na compreensão do processo histórico que produziu a civilização chinesa com a Dinastia Qin, esta pesquisa apresenta uma perspectiva sobre essa história a partir do seu próprio desdobramento, sem referência comparativa ou sistemática às histórias formativas de outras civilizações, ligando-se a uma arqueologia histórica (KOHL, 2008).

A fonte desta pesquisa é, basicamente, a tradução crítica de Roger T. Ames da obra em questão (SUNZI, 1993). Essa tradução é baseada nos achados arqueológicos mais recentes acerca dessa obra, e que dizem respeito à sua edição mais antiga já encontrada. Dados os problemas ligados às fontes primárias textuais da China Antiga, segundo sugere Wilkinson, (2017), devemos empregar o termo fonte básica para o texto que foi traduzido por Ames (1993). Essa sua tradução (SUNZI, 1993) foi cotejada com outras traduções no processo de exame (SUNZI, 1994, 2006, 2007, 2010, 2011). Esse cotejamento foi importante para compreendermos as variações possíveis que uma interpretação de certo trecho poderia ter. Além disso, isso possibilitou esclarecer certas soluções de tradução que um ou outro autor pode ter usado e cujo resultado final não resultou tão claro (CHENG, 2014; MING, 2014). A

nossa decisão pela tradução de Ames (SUNZI, 1993) foi, portanto, pela edição dos onze comentários. Em que pese essa escolha, como já dito, não há diferença significativa no conteúdo, apesar dos diferentes modos de tradição terem possibilitado a interpretação de outros significados para a obra. A biblioteca digital Chinese Text Project² foi bastante usada para a compreensão de certas passagens, especialmente pelo dicionário chinês-inglês empregado pela plataforma, o que possibilitou comparar a tradução de certos caracteres ou trechos em diversas obras chinesas antigas, ampliando a compreensão sobre o texto da obra em questão e o leque de interpretações possíveis para cada parte dele.

Todos os caracteres chineses utilizados nesta pesquisa foram extraídos das referências bibliográficas especializadas no tema e que serão apresentadas posteriormente. Preferiu-se empregar os caracteres tradicionais. A transliteração para o pinyin — sistema oficial de transliteração do mandarim para o alfabeto latino e a fonética ocidental — foi extraída das mesmas referências dos caracteres quando foi possível. Nos casos em que a transliteração do mandarim foi feita para o sistema anterior Wade-Giles, recorreu-se ao procedimento adotado para quando não se tinha essa transliteração. Quando não, as transliterações foram consultadas por meio do *Chinese Text Project*. Em casos excepcionais, a ferramenta de transliteração do Google Translate² foi usada para essa finalidade. As traduções dos termos seguiram a mesma lógica, procurando empregar as traduções (geralmente para o inglês) mais difundidas. Neste caso, o serviço do *Google Translate* não foi empregado, dada a sua imensa limitação para tratar das expressões e dos termos chineses antigos. Porém, o *Chinese Text Project* possui um dicionário baseado em corpus linguístico, o que permitiu lidar de modo seguro com essa questão. Em pequenos casos, o dicionário eletrônico Pleco² foi empregado para ajudar a encontrar a transliteração e a tradução de caracteres.

Método de apresentação da pesquisa

A exposição pesquisa se encontra do seguinte modo após esta introdução. No Capítulo 1, exporemos um panorama sobre o contexto histórico atual de recepção de nossa obra e o seu processo de circulação até nós. No Capítulo 2, apresentaremos a configuração histórica da obra, expondo os problemas geográficos engendrados pelo processo histórico que tornaram a obra necessária como uma solução teórica para parte deles. A partir desse contexto histórico, passamos a compreender como sua condição histórica aparece como pressuposto

histórico de sua estrutura textual. No Capítulo 3, apresentamos quais os problemas históricos percebidos pela obra que ela se disporia a resolver, o seu diagnóstico de época dado o contexto histórico apresentado anteriormente. No Capítulo 4, tratamos da elaboração do caminho para investigação da geopolítica presente na obra e que fundamenta a resolução dos problemas percebidos por ela e apresentados no capítulo anterior. No Capítulo 5, construímos em cima do capítulo anterior a fundamentação teórica da sua resposta para o problema geopolítico. No Capítulo 6, apresentamos a forma mais prática dessa resposta à geopolítica, pressupondo todas as discussões anteriores. Na conclusão, visamos sintetizar essa trajetória assim como este parágrafo visa introduzi-la.

Esse método de exposição, em que pese toda a sua lógica estrutural, apresenta a formação histórica da obra de modo invertido. Segundo Lewis (2005), o texto do *Sunzi* é precipitado de sua tradição oral durante muitas décadas, começando inicialmente com capítulos mais ligados às questões práticas mais imediatas, como aqueles que discutem as formas do relevo e o posicionamento das tropas, e aqui figuramos como os capítulos posteriores, principalmente o sexto. Já os mais ligados à teoria teriam sido os últimos, especialmente aquele que trata da espionagem, que seria o derradeiro, e aqui seriam os primeiros, principalmente o quarto. A argumentação dele é que esse movimento teria sido necessário para conectar as propostas mais práticas que eles visavam à tradição intelectual vigente.

Capítulo 1 – O *Sunzi* hoje e na história

1.1) Introdução

Esta capítulo se divide nas seguintes duas partes. Primeiro, expomos brevemente o contexto de recepção contemporânea da obra. Isso servirá para contextualizarmos o leitor sobre algumas das condições que atravessam a interpretação do *Sunzi* atualmente. Nesse sentido, o papel da China no contexto presente da geopolítica mundial é apresentado de modo breve. A cultura dessa civilização é um limite intransponível, ou uma fronteira a qual se deve transpor? Por isso, fazemos um também breve percurso apontando como o orientalismo mediou a interpretação das obras de sua cultura no contexto de matriz europeia. Isso para introduzir a discussão seguinte sobre as interpretações correntes da nossa obra, que oscilam entre uma interpretação ideológica e uma interpretação crítica. Isso possibilita que a interpretação geográfica, objetivo da nossa pesquisa, comece a ser apresentada para o leitor. Com base nas interpretações correntes, portanto, lançamos a possibilidade de uma interpretação geográfica. Sem esta interpretação, argumentamos, a obra não poderia ser interpretada em sua conexão com sua configuração histórica. Ela é fundamentação não somente para uma recepção crítica, mas para contribuir para a sua tão longa tradição crítica.

Em segundo lugar, apresentamos o contexto de circulação da obra. Essa apresentação é feita levando em conta a dificuldade que uma obra vinda da China Antiga guarda. Ainda há muito trabalho historiográfico e arqueológico a ser feito. Apesar da brevidade desta exposição, o leitor será informado a respeito do longo percurso realizado desde a sua produção até a sua recepção contemporânea. Com isso, pode-se iniciar a conexão entre ambos os contextos de produção — na China Antiga, por volta do século IV aec. — e o de recepção — na matriz europeia contemporânea por volta da virada do milênio —, muito distantes temporalmente, mas mediados pelo orientalismo. O orientalismo — enquanto uma mediação entre o contexto dito Ocidental e o contexto chinês, mas não reduzindo o chamado Oriente a ele — é condicionado, tanto antes como agora, pela posição da sociedade chinesa no contexto mundial. O *Sunzi* ganha um novo fôlego com a descoberta tardia de uma edição mais antiga dessa obra (do século II aec.), mais próxima temporalmente do seu contexto de produção. Isso possibilitou, junto com a importante posição atual da China na geopolítica mundial, que a obra em questão recebesse um tratamento científico mais aprofundado que

anteriormente. Caminha alinhado a esse tratamento científico o fenômeno recente do mercado editorial gerado por interpretações ideológicas dessa nossa obra e do fenômeno ainda corrente das interpretações feitas pelas forças armadas de diversos países. Podemos apontar com certa tranquilidade para o fato de que a obra em questão ainda é bastante significativa no momento presente, mesmo passados mais de dois mil anos de sua produção. Acreditamos que, também por isso, uma interpretação geográfica é fundamental para avançarmos a elaboração de uma perspectiva crítica sobre a obra.

1.2) O *Sunzi* hoje

1.2.1 A China contemporânea na geopolítica mundial

A República Popular da China, doravante China, reaparece hoje como um país de extrema importância para o desenvolvimento capitalista em escala global, como afirma o economista Giovanni Arrighi (2008) ao interpretar esse fenômeno histórico. Ela possui pólos científicos e tecnológicos importantes para esse desenvolvimento, como as cidades de Shenzhen (província de Guangdong) e de Wuhan (província de Hubei), plantas industriais e agrícolas basilares para a produção econômica em escala mundial, como a municipalidade de Shanghai e a cidade de Zhengzhou (província de Henan), além de uma população consumidora que não pode ser tomada irrelevante, como aquelas das municipalidades de Beijing e de Tianjin. Soma-se a isso uma força de trabalho numerosa e especializada em diversas áreas, o que permite ao país avançar ao mesmo tempo em diversos setores da economia. No contexto da produção mundial, ela concentra a produção dos mais diferentes produtos projetados alhures, incluindo aqueles projetados localmente, sendo fundamental, portanto, para o desenvolvimento da economia capitalista. No contexto do mercado mundial, ela se apresenta como um centro de trocas comerciais do qual os países não podem simplesmente abrir mão. Isso é fruto de uma centralização e coordenação feitas por meio do seu Estado, implicando toda sua sociedade. A China, assim, se torna uma sociedade importante para a compreensão da própria sociedade capitalista da qual a sociedade brasileira faz parte.

Na pandemia do novo coronavírus, um evento histórico bastante significativo, a China se apresenta como um dos países que melhor lida com esse problema mundial. Essa

pandemia concentra muitos esforços para a sua resolução, fazendo com que todas as sociedades nacionais se mobilizem em sua resolução. No caso chinês, ela se mostrou pronta para a mobilização de sua sociedade e de sua economia para a contenção dessa pandemia. Ela foi capaz de realizar bloqueios em regiões vastas, como no caso da província de Hubei, além de conseguir instalar um sistema de vigilância epidemiológica que resultou em um número muito baixo de óbitos — isso somente em comparação a outros países e também relativo ao tamanho de sua população. Além disso, esse país concentra a produção de diversos equipamentos e insumos necessários para a contenção da pandemia e do tratamento das pessoas doentes resultantes dela, evidenciando ainda mais a sua ascensão como importante rival dos países da centralidade capitalista, como EUA, Reino Unido, França e Alemanha. A pandemia também intensifica processos históricos que já vinham se acumulando, como a resistência ao projeto de produção do espaço global liderado por parte da classe capitalista dos EUA (ARRIGHI, 2008; SMITH, 2006; SANTOS, 2006).

Essa re-ascensão opulenta da China, apesar de sua civilização ser milenar, é bastante recente e consistente. Conforme diagnostica Arrighi (2011), seguindo Pomeranz (2000), desde a primeira Guerra do Ópio (1839-1842), a diferença entre o poder político e econômico acumulado pela Europa e aquele acumulado pela China se torna irreconciliável. Por um lado, a China, a civilização mais rica até então, passa a ser, após a Segunda Guerra Mundial, uma das mais pobres do mundo. Por outro lado, acumulando riquezas desde o início das grandes navegações, no século XV, a Europa passa primeiro a ver na China uma grande civilização, e depois a ultrapassá-la, colonizando partes de seu território. Esse processo é descrito por eles como a Grande Divergência. Ele é significativo para a compreensão do próprio orientalismo. Essa ascensão rápida e significativa do poder geopolítico e econômico da China, ademais sem a belicosidade empregada pelos europeus em seu processo de ascensão, evoca uma curiosidade asseverada sobre a sua cultura para o público vindo dessa matriz europeia.

Essa proeminência mundial chinesa anima uma recepção dos produtos de sua cultura nos países de matriz europeia. Em que pese essa recepção ser desde o início do desenvolvimento da sociedade capitalista (FLORENTINO NETO, 2015, 2009), isso se aprofunda ainda mais no contexto histórico contemporâneo, onde as diferentes sociedades estabelecem relações de interdependência em vários aspectos. No contexto capitalista tardio, contexto este marcado pela culminância dessa ascensão chinesa, ao mesmo tempo que marca

um aparente desgaste das formas culturais europeias no tratamento dos seus problemas sociais (SANTOS, 2010; JULLIEN, 2009), há um aprofundamento ainda maior dessa busca que já vinha acontecendo (FLORENTINO NETO, 2015, 2009; HEINE, 2008). Essa busca atual está bastante envolta das obras textuais produzidas no passado chinês, e de suas tradições culturais derivadas desse passado. Nisso, recebemos obras desde Confúcio, Laozi, Sunzi, mas também passamos por religiões como o taoísmo e o zen-budismo, até formas de educação física, como o Taijiquan e o Wushu, especialmente referenciado pelo seu aspecto mais marcante, o Gong Fu (ou “Kung Fu”).

1.2.2 A recepção contemporânea dos textos chineses

Em se tratando de suas obras textuais, podemos citar como exemplo especialmente *Os Analectos de Confúcio*, o *Daodejing*, o *Yijing*, e o *Sunzi*. Há muitas outras obras chinesas, dos seus mais diversos períodos históricos, que foram traduzidas e publicadas em línguas europeias. A editora chinesa Foreign Language Press, que tem por objetivo apresentar uma perspectiva chinesa para um público de matriz europeia, pode ser tomada como uma importante representação geopolítica dessa tendência. Essas diversas obras foram recebidas de modos muito distintos. Podemos classificar, de modo geral, essa recepção em duas formas diferentes. Uma primeira forma de recepção é a acadêmica ou científica, forma para a qual esta pesquisa visa fazer uma contribuição. A segunda forma seria a vulgar ou ideológica, que se apropria dos textos de modo evidentemente instrumental, e não aprofunda na discussão do significado dessas obras. Essa é a forma que aqui visamos criticar. O trabalho de Heine (2008) é uma referência interessante para o exame dessa segunda forma de recepção.

O *Sunzi* não deixa de sofrer essas duas formas de recepção. Seu texto é conhecido por ser um instrumento intelectual que serve para justificar certas ações individuais, assim como para guiar certo conjunto de ações no mundo empresarial e militar. Este segundo mundo particularmente produziu uma tradição interpretativa no chamado Ocidente, tradição muito ligada a uma especulação do significado estratégico dessa obra, algo que, de certo modo, já vem ocorrendo desde pelo menos a China Antiga. Por outro lado, a sua recepção acadêmica ocorre no Ocidente desde o início do século XX, no contexto do desenvolvimento inicial da sinologia, e vem sendo aprofundada atualmente com as descobertas arqueológicas do final do século XX e início do século XXI. Essa recepção acadêmica, assim como a estratégica,

também já vinha ocorrendo na China desde a sua Antiguidade (MAIR, 2008). O foco aqui será na recepção acadêmica contemporânea ocidental tardia (final do século XX e início do século XXI).

Como já dissemos, o *Sunzi* é bastante debatido na academia ocidental. Dada a dificuldade que envolve seu texto e como ele foi transmitido até a contemporaneidade (o que será discutido), ele recebeu menos incursões em relação às obras que debatem temas mais ligados às questões mais imediatamente filosóficas, humanas e sociais. Algumas interpretações importantes que acompanham traduções da obra se destacam como referências basilares nas discussões que são feitas a respeito da interpretação do significado dessa obra no contexto contemporâneo, especialmente por se valerem de material arqueológico recente (final do século XX e início do século XXI) que permitiu o aprofundamento filológico de suas interpretações.

A interpretação de Ames (1993) apresenta um foco bastante cultural. Ela procura apresentar a obra como uma reflexão a respeito dos grandes temas filosóficos de sua época. O *Sunzi*, nesse sentido, seria uma perspectiva teórica própria a respeito da guerra e da sociedade e sobre como a prática pode ser possível e pode acontecer nesses mundos. Esse trabalho é uma referência importante para diversos trabalhos acadêmicos a respeito do *Sunzi*. O trabalho de Sawyer (1994), por sua vez, procura focar em outro tema importante da obra, a questão militar. O autor procura apresentar como os diversos elementos militares — desde equipamentos e organização militar até concepções e estratégias militares — aparecem refletidos na obra e podem ter sido empregados em batalhas reais que ocorreram imediatos ao seu contexto de produção, na China pré-imperial. Ela se constituiu como uma referência importante para a compreensão dos temas militares que aparecem no livro. A interpretação de Galvany (2010 [2001]) é significativa, pois parte para uma outra abordagem: a questão econômica da guerra que está articulada na obra. Tema importante para essa nossa obra, a questão econômica é tomada por esse intérprete como uma dificuldade cujo texto apresenta uma solução criativa. O seu trabalho procura levar mais em conta aspectos sociais e históricos que envolvem a elaboração dessa obra, interpretando-os como parte integrante da sua estrutura. Mair (2008), por sua vez, apresenta uma leitura com foco linguístico, o que é importante para a compreensão do significado do texto de Sunzi. Ele apresenta como certas palavras empregadas na obra foram construídas historicamente, investigando a fundo seu sentido etimológico. Além disso, procura compreender a obra como produzida ao longo de

diversos momentos, por uma tradição oral que posteriormente precipitará no texto.

Uma interpretação geográfica é algo que falta para compreender o significado do *Sunzi*. E, visando também superar a perspectiva estruturalista que envolve as interpretações mais correntes citadas acima, faz-se importante interpretar a obra em uma perspectiva dialética, que não considera obra e contexto como contínuos (BERDOULAY, 2017, 2003), em que o contexto histórico aparece como um conteúdo equivalente ontologicamente ao texto, fazendo as vezes de premissas lógicas. Pelo contrário, o contexto histórico da obra lhe impõe condições de nascimento e de vida, e a obra figura como resultado do trabalho de negação dessa condição. O conteúdo histórico aparece na obra como seu pressuposto problemático para a formalização realizada por ela (CHAUÍ, 2018, 2017; BENJAMIN, 2011; SMITH, 2008, 1988).

1.3) O *Sunzi* na História

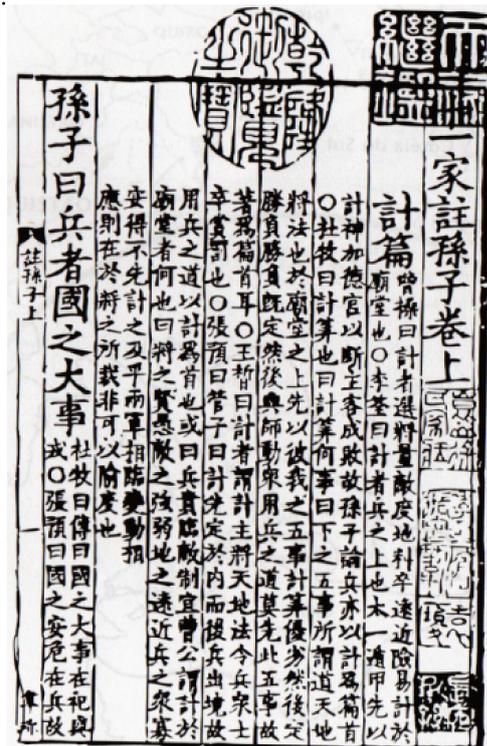
1.3.1 As duas principais edições transmitidas do *Sunzi*

As edições do *Sunzi* que chegaram até a contemporaneidade foram elaboradas pela Dinastia Song (séc. IX-XIII), especificamente durante o século XI, e podem ser agrupadas em duas categorias principais (YAN, 2011). Uma primeira categoria agrupa a edição da obra acompanhada de onze comentários interpretativos elaborados desde a Dinastia Han Oriental (séc. I-III), passando pela Dinastia Tang (séc. VII-X), até a própria Dinastia Song. Ela é conhecida como “O *Sunzi* com Anotações de Onze Comentadores” [*Shiyi jia zhu sunzi* 十一家注孙子]. Esses comentários são de figuras históricas (e outras cuja historicidade é difícil de determinar), como Cao Cao (155-220), importante líder militar da Dinastia Han Oriental. Essa edição mostra que o *Sunzi* consegue ser uma fonte para a reflexão a respeito dos conflitos geopolíticos apesar das transformações sociais pelas quais a sociedade chinesa passou desde a sua primeira publicação. Isto é, ela se manteve significativa desde então.

A segunda edição vinda da Dinastia Song reúne o *Sunzi* mais outros seis textos militares tradicionais (SAWYER, 1994). Ela é conhecida como “Os Sete Clássicos Militares” [*Wujingqishu* 武经七书]. Nela se encontram textos sobre o tema militar que vão desde o Período de Estados Combatentes (séc. V-III aec.) até a Dinastia Song. A obra de Sunzi figura como a inaugural dessa compilação (SAWYER, 1994), o que enfatiza sua importância. Essa

edição também denota o fato de que a tradição interpretativa dessa nossa obra também se apoiou não somente nos comentários exegéticos sobre ela, mas também em uma concepção mais estrutural acerca do pensamento militar. Apesar de qualitativamente serem bastante distintas no seu significado composicional, essas duas edições vindas da Dinastia Song não são significativamente diferentes em seu texto (AMES, 1993; SAWYER, 1994). Por serem edições feitas muito depois da data em que se pode afirmar que a obra original foi produzida, por volta do século IV aec., reforçada por essas pequenas diferenças entre essas edições, há uma discussão acadêmica acerca da possibilidade de se tomá-las como referência ao texto original. Por essa razão, há um grande trabalho filológico sobre seu conteúdo, que se vale também das diversas descobertas arqueológicas, principalmente aquelas feitas no final do século XX (AMES, 1993).

Ilustração 1 – Fac-símile da página inicial da edição de A Arte da Guerra produzida na Dinastia Song (século XI).



Fonte: SUN, 2006.

A estrutura da obra, segundo tradicionalmente foi composta (em 13 capítulos) é a que segue (*Quadro 1*). Apresenta-se, para cada título, as sugestões de tradução que alguns autores fizeram. Logo após, temos a imagem de um fac-símile de uma edição da Dinastia Song (*Ilustração 1*).

Quadro 1 – Título original do *Sunzi* e seus capítulos em mandarim, transcrições para o pinyin e traduções possíveis para o português e para o inglês

Segmento	Transliteração (pinyin)	Mandarim	(Yan, 2011 [1975])	(Sawyer, 1994)	(Sun, 2006)	(Ames, 1993)	(Mair, 2007)
Título	<i>Sunzi bingfa</i>	孫子兵法	Da Arte da Guerra de Sunzi	<i>Sunzi's Art of War</i>	A Arte da Guerra de Sunzi	<i>Sunzi's The Art of Warfare</i>	<i>Sunzi's Military Methods</i>
Capítulos							
Capítulo 1	<i>shi ji</i>	始計	Do Planejamento	<i>Initial Estimations</i>	Avaliação	On Assessment	(Initial) Assessments
Capítulo 2	<i>zuozhan</i>	作戰	Das Táticas	<i>Waging War</i>	Fazer Guerra	<i>On Waging Battle</i>	<i>Doing Battle</i>
Capítulo 3	<i>mou gong</i>	謀攻	Da Estratégia	<i>Planning Offensives</i>	Estratégia de Ataque	<i>Planning the Attack</i>	<i>Planning for the Attack</i>
Capítulo 4	<i>jun xing</i>	軍形	Das Formações	<i>Military Disposition</i>	Configuração	<i>Strategic Positions (hsing, xing)</i>	<i>Positioning</i>
Capítulo 5	<i>bing shi</i>	兵勢	Da Propensão	<i>Strategic Military Power</i>	Imponência	<i>Strategic Advantage (shih, shi)</i>	<i>Configuration</i>
Capítulo 6	<i>xushi</i>	虛實	Da Simulação	<i>Vacuity and Substance</i>	Vazio e Sólido	<i>Weak Points and Strong Points</i>	<i>Emptiness and Solidity</i>
Capítulo 7	<i>jun zheng</i>	軍爭	Das Manobras	<i>Military Combat</i>	Confronto Militar	<i>Armed Contest</i>	<i>The Struggle of Armies</i>
Capítulo 8	<i>jiu bian</i>	九變	Dos Nove Estratégias Táticas	<i>Nine Changes</i>	Nove Variantes	<i>Adapting to the Nine Contingencies (pien [bian])</i>	<i>Nine Varieties</i>
Capítulo 9	<i>xingjun</i>	行軍	Da Movimentação	<i>Maneuvering the Army</i>	Manobra Militar	<i>Deploying the Army</i>	<i>Marching the Army</i>

Segmento	Transliteração (<i>pinyin</i>)	Mandarin	(Yan, 2011 [1975])	(Sawyer, 1994)	(Sun, 2006)	(Ames, 1993)	(Mair, 2007)
Capítulo 10	<i>dixing</i>	地形	Das Topografia	<i>Configurations of Terrain</i>	Configuração do Terreno	<i>The Terrain</i>	<i>Terrain Types</i>
Capítulo 11	<i>jiu de</i>	九地	Das Nove Situações	<i>Nine Terrains</i>	Nove Terrenos	<i>The Nine Kinds of Terrain</i>	<i>Nine Types of Terrain</i>
Capítulo 12	<i>huo gong</i>	火攻	Dos Ataques Incendiários	<i>Incendiary Attacks</i>	Ataque com Fogo	<i>Incendiary Attacks</i>	<i>Incendiary Attack</i>
Capítulo 13	<i>yong jian</i>	用間	Da Espionagem	<i>Employing Spies</i>	Uso de Espião	<i>Using Spies</i>	<i>Using Spies</i>

Elaboração do Autor, 2020. Fontes: obras referenciadas no cabeçalho: Yan, 2011 [1975]; Sawyer, 1994; Sun, 2006; Ames, 1993; Mair, 2007.

1.3.2 A tradição interpretativa e a restrição de público do *Sunzi*

A obra vem recebendo comentários interpretativos até hoje. Nossa pesquisa, portanto, é uma adição a esse processo. A tradição interpretativa não termina com a compilação das edições da Dinastia Song: ela permanece em desenvolvimento até o fim da era imperial chinesa com a Dinastia Qing (1644-1912), com o início da república em 1912, seguindo-se até hoje (YAN, 2011). Se o *Sunzi* foi significativo até a Dinastia Song, berço das suas edições canônicas, e ele também vem sendo significativo desde então até hoje, então podemos levantar a questão: por que a obra em questão permanece tão comentada?

Apesar de hoje ela ser uma obra relativamente fácil de ser acessada, com texto e tradução disponíveis em domínio público (em inglês, por meio de iniciativas como a plataforma *Chinese Text Project*), ela passou por um longo período (aparentemente até o final da sua era imperial) onde somente foi acessível para círculos de militares e oficiais (funcionários públicos) bastante restritos (AMES, 1993; SAWYER, 1994). Essa restrição de circulação de documentos não se reduzia somente ao texto de *Sunzi*, pois era algo generalizado, e também compreendeu a destruição de muitos documentos durante a história chinesa (WILKINSON, 2017). Apesar disso, houve uma difusão suficiente de seu texto para que ele fosse espalhado pelo leste asiático, especialmente para o Japão (YAN, 2011; SAWYER, 1994; MAIR, 2008). Ela ter sobrevivido materialmente ao tempo, sendo

reproduzida e circulada em escala suficiente para tal, reforça que ela foi percebida como um repositório de bastante valor intelectual para a civilização chinesa.

Apesar disso, não há uma “escola dos militares” canonizada. O livro “Registros Históricos” [*Shiji* 史记] — referência importante sobre as tradições intelectuais desenvolvidas na Antiguidade chinesa, escrita por Sima Qian (séc. II-I aec.) — não lista os escritos militares como parte de uma tradição intelectual organizada. Isso pode ter se dado, por um lado, porque os escritos militares procuraram fazer uma interpretação militar e estratégica das discussões filosóficas já tradicionais e organizadas (AMES, 2004). Isso explicaria por quê o *Sunzi* é apresentado com paralelos em relação às escolas Taoista e Legista (YAN, 2011; AMES, 1993; SAWYER, 1994; MAIR, 2008). Por outro lado, isso pode ser explicado pelo fato de muitos escritos estratégicos e militares terem se tornado severamente abstratos em relação à concretude dos conflitos nos seus contextos de recepção, ao priorizarem a conexão com essas discussões filosóficas correntes, tornando-os pouco servíveis (LEWIS, 2002).

1.3.3 Orientalismo e pensamento chinês

Pomeranz (2000) e Arrighi (2008) procuraram compreender as razões da recente ascensão econômica chinesa. Antes do terceiro quarto do século XX, ela era uma nação sem a expressividade nas suas relações econômicas e geopolíticas mundiais como atualmente possui. Por que esses autores decidiram estudar essa ascensão tardia da China? Primeiro, pelo fato contemporâneo de a economia chinesa conseguir estabelecer uma proeminência decisiva não somente nas relações econômicas mundiais como na geopolítica mundial. Como uma civilização até então considerada atrasada conseguiu alçar vôos tão longínquos sendo capaz de ameaçar, como faz hoje, o projeto econômico e geopolítico estadunidenses de produção do espaço geográfico na escala global? Em segundo lugar, a China foi, até o século XVI, a maior civilização em produção econômica. Com o advento das grandes navegações, a civilização que veio a ser reconhecida como europeia (MORAES, 2011) passa a desenvolver muito mais a sua economia, tendo no comércio uma necessidade fundamental para o desenvolvimento de sua economia (ARRIGHI, 2008). Essa necessidade europeia do comércio de recursos de fora do próprio sistema civilizacional explicaria estruturalmente, para Arrighi (2008), as razões de a China não ter levado para frente um projeto semelhante de navegação.

As grandes navegações possibilitaram estabelecer as bases do processo de

constituição da sociedade capitalista atual. Uma terceira razão que pode ser levantada também é: a civilização chinesa era o centro econômico e cultural do sistema leste-asiático, composto pelos países do leste e sudeste asiáticos, que gravitavam em torno do grande centro civilizacional chinês (ARRIGHI, 2008). A história chinesa é uma fonte rica para a compreensão da atual configuração geopolítica e econômica mundial, demovendo a história europeia do centro da história da humanidade.

Esse distanciamento econômico entre os sistemas europeu e leste-asiático, cunhado pelas grandes navegações europeias, é chamado de “Grande Divergência” (POMERANZ, 2000). Pelo fato de a China ser a civilização central na história da sua região, a discussão feita no Ocidente sobre sua produção cultural é mais longa do que aquela feita sobre os produtos culturais dos demais países dessa região. A História da Filosofia Ocidental Moderna é um exemplo do diálogo (e fonte para esse debate) entre o Ocidente e a China (FLORENTINO NETO, 2015).

Por conta das obras chinesas que foram traduzidas durante as missões jesuíticas, alguns filósofos, desde o século XVII, como Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), passam a tentar comparar e compreender a produção teórica chinesa dentro da tradição intelectual europeia da Filosofia. Há duas fases nesse processo de apropriação da tradição intelectual chinesa (FLORENTINO NETO, 2015). A primeira, exemplificada anteriormente por Leibniz, é marcada por uma abordagem positiva sobre as obras teóricas chinesas: elas possuiriam algo que a civilização europeia não possui, daí que seriam importantes para o desenvolvimento cultural europeu. Nessa fase, a cultura chinesa é vista como um caminho não trilhado pela Filosofia europeia, a qual poderia se valer dela para refletir sobre novos rumos para sua própria Filosofia. Aqui, a China ainda era a maior civilização do mundo (ARRIGHI, 2008).

Em uma fase posterior, marcada por autores como Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), por exemplo, há a presença de uma visão negativa acerca da cultura chinesa. A civilização chinesa produziu certa teoria, mas esta é significativamente distante da europeia. Isso se justificaria pois historicamente faltou-lhes algo que pudesse fazê-los alcançar uma suposta dignidade teórica alcançada somente pelo engenho europeu. Ambas essas fases se constituíram historicamente dentro do processo de divergência entre os sistemas europeu e leste-asiático: enquanto na primeira fase, ainda no século XVII, as duas civilizações estavam mais próximas em seu desenvolvimento econômico, na segunda fase, mais próxima do século XIX, havia uma distância enorme de desenvolvimento econômico e civilizacional.

Por que, apesar disso, as obras chinesas, especialmente de sua antiguidade, permanecem significativas para o Ocidente?

A civilização chinesa conseguiu ascender contemporaneamente na geopolítica e na economia mundial, como já repisamos. Estudá-la não é somente estudar uma civilização que foi importante somente para o leste asiático, mas, pelo contrário, é estudar uma civilização que se faz mundialmente importante a cada dia. Para o Brasil, seu estudo é importante para o estabelecimento de relações diplomáticas mais amistosas, dado que a configuração econômica desse início do século XXI aproxima os dois países. Exemplo disso é a comunidade econômica chamada de BRICS (um bloco, daí a semelhança com a palavra inglesa “*bricks*”, formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). A sociedade capitalista, quando passa a produzir a sociedade humana em escala global, em inícios do século XX (SMITH, 2006), — apesar das violações que o imperialismo promoveu no mundo, mas inclusive por meio dele — facilitou a circulação dos produtos culturais dos mais diferentes povos. Isso tornou possível que a produção cultural de um país chegasse a outro país de modo muito mais sistemático, sem a mesma mediação material e de tempo exigida no passado. A fase atual do diálogo entre as culturas, em que pese isso, não deixa de ser bastante controversa.

Por um lado, o orientalismo (SAID, 2007) ainda se faz bastante presente. O orientalismo pode ser descrito, em nossos termos, como uma ideologia que compreende o mundo como dividido em dois, entre um produzido pela civilização europeia, chamado de Ocidente, e o outro, carente dessa civilização, chamado de Oriente. Isso faz com que o Ocidente substantive sua posição no processo de dominação dos povos que não se identificam com ele como um processo emancipatório, e que também se naturalize esse processo como a manifestação do destino de um povo superior. Os orientais seriam, portanto, essencialmente pobres e isolados, sendo quase impossível terem podido algum dia contribuir para a história da humanidade, senão por sorte. Isso se expressa até os dias atuais nos discursos sobre o Oriente Próximo e Médio — especialmente quando quem fala dos povos dessa região conduziu a constituição do Ocidente, os europeus ocidentais —, onde os povos dessas regiões são reduzidos a uma característica negativa ligada a uma animosidade belicista, isto é, a mero inimigo. Porém, no caso do chamado Extremo Oriente, pela antiguidade de sua civilização e pela distância espacial entre os povos dessa região e aqueles do Ocidente (separados pelo continente euro-asiático e pelo Oceano Pacífico), o que os fazia toleráveis geopoliticamente e

até úteis no intercâmbio econômico, o orientalismo se apresenta em outros trajes. Em vez de colocá-los como inimigos dentro de um conflito civilizacional, eles são o reino do exótico, de uma simplicidade que foi perdida pelo progresso sócio-material desse Ocidente, detentor das benesses — e das mazelas — da civilização. Essa perspectiva romântica fica evidente no mercado editorial recente de autoajuda que se estabeleceu a partir da cultura do leste-asiático (HEINE, 2008).

No caso da China, a sua abertura cultural e científica e a sua ascensão econômica contemporâneas ressignificaram o orientalismo para o público ocidental. Este agora se vê diante, mais uma vez, da necessidade de compreender o que seria essa sociedade. Ele passou a consumir livros que procuram se apresentar como fórmulas para o sucesso pessoal, modos para lidar individualmente com a sociedade capitalista tardia, por meio do “poder suave” chinês (YUEN, 2014). Pode-se perceber que há uma terceira fase em curso onde a cultura chinesa é vista não somente como um paraíso longe das mazelas da civilização ocidental, mas como fonte para um poder que de fato a China vem realizando. Dentre essas obras tomadas como fonte de inspiração, uma que se sobressai é a tratada em nossa pesquisa, o *Sunzi*.

Dessas obras vindas da China Antiga, aquela de que tratamos se dedicou a atacar diretamente o fundamento do problema geopolítico enfrentado em seu contexto histórico. A primeira tradução que ela encontra para uma língua europeia foi publicada em 1772 e republicada em 1782. Esta foi realizada por um padre jesuíta francês chamado Jean Joseph-Marie Amiot (1718-1793), a poucos anos da Revolução Francesa (1789-1799). Por que ele decidiu traduzir essa obra em específico momentos antes da explosão da Revolução Francesa? Uma resposta plausível a essa pergunta pode começar pelo fato de essa obra ser central na tradição chinesa no que diz respeito ao conflito geopolítico, especialmente onde o seu aspecto bélico é estruturante. Esse trabalho de tradição, o que abarca a sua reprodução material e a produção de textos derivados (seus comentários), a valorizou enormemente através do tempo, impondo um valor que outras obras chinesas sobre o mesmo tema não possuíam. Consequentemente, pode-se especular que o contexto econômico e social conturbado que antecedeu a Revolução Francesa pode ter condicionado a escolha dessa obra a ser traduzida. O interesse nessa tradução poderia estar ligado à busca por soluções teóricas para o problema prático francês (o conflito que estava na emergência de uma nova ordem social) ao mesmo tempo que se poderia apropriar do conhecimento de uma importante obra chinesa que possui essa finalidade. Essa é uma pesquisa ainda a ser feita.

Durante o século XX, no Ocidente, o *Sunzi* encontra diversas traduções e novas interpretações dentro de uma perspectiva acadêmica moderna. O primeiro trabalho sobre essa obra é publicado em 1910, com o trabalho do sinólogo britânico Lionel Giles (1875-1958). Ele é uma referência inicial importante, dado que é composto por uma tradução e uma interpretação da obra à luz do conhecimento até então acumulado sobre a cultura chinesa. Outro trabalho importante foi publicado em 1965 pelo militar estadunidense Samuel Blair Griffith (1906-1983), composto também por uma tradução e uma interpretação, esta com maior foco no acúmulo de conhecimento militar do autor. Essas duas traduções (dentre outras menores) compõem a primeira fase da recepção acadêmica moderna do *Sunzi*. Ambos os trabalhos são feitos tendo exclusivamente como referência as edições transmitidas pela Dinastia Song.

1.3.4 A descoberta arqueológica de um Sunzi mais antigo

Em 1972, algumas escavações são realizadas no sítio arqueológico de Yinqueshan [*Yinque shan* 银雀山], atual província de Shandong, no leste da China. Essas escavações se deram sobre tumbas da Dinastia Han Ocidental (c. séc. II aec.) e trouxeram à tona uma edição mais antiga do texto de Sunzi, ainda que incompleta, e com importantes textos inter-relacionados (um deles atribuídos ao suposto descendente de Sunzi, Sunbin). Esse acontecimento reacendeu os debates acerca do significado da obra. É nesse contexto que diversas novas traduções e interpretações acadêmicas surgem. Dentre elas, podemos citar as que foram feitas por Yan (2011 [1975]), Ames (1993), Sawyer (1994), Galvany (2010 [2001]) e Mair (2007). Todos trabalham a partir dos novos achados arqueológicos feitos em 1972. O trabalho de Yan (2011 [1975]) é a primeira tradução da obra para o português — e muito possivelmente a primeira tradução pós-1972 para uma língua europeia —; o de Ames (1993), para o inglês; e o de Galvany (2010 [2001]), para o espanhol. A partir de então, um rico debate sobre seu significado vem ocorrendo no contexto ocidental.

1.4) Conclusão

Toda essa tradição crítica que o *Sunzi* possui acaba por implicar, inevitavelmente, a seguinte questão: por que essa obra é lida até hoje? Por um lado, como já dito anteriormente,

ela foi reproduzida materialmente de modo a sobreviver até a contemporaneidade, efetivando a sua circulação. Além disso, outros trabalhos foram derivados dela, notadamente seus comentários interpretativos, fazendo com que se realizasse a sua tradição. Isso produziu um valor muito grande sobre a obra. Por outro lado, não obstante ser fato o que foi afirmado anteriormente, pode-se questionar esse seu valor. Ela teria valor para quem e em que dado contexto? Quando se observa o contexto no qual ela foi produzida, percebemos que ele encarna, profunda e inescapavelmente, um dos mais complexos problemas da história humana: o conflito geopolítico. Partamos, portanto, para a exploração dessa sua configuração histórica, desse seu momento de nascimento.

Capítulo 2 – A geografia histórica do Período de Estados Combatentes (séc. V-III aec.)

2.1) Introdução

O contexto histórico de nossa obra se encontra melhor debatido em termos historiográficos em muitas obras (LOEWE & SHAUGHNESSY, 1999; SHAUGHNESSY, 1999, 1989; CHANG, 1999; KEIGHTLEY, 1999; RAWSON, 1999, 2015, 2017; FALKENHAUSEN, 1999; HSU, 1999; LEWIS, 1999, 2005; LI, 2013; HARPER, 1995; COOK, 1995; ZHAO, 2015; SELBITSCHKA, 2015; CHENG, 2008; SENGER, 2011; AMES, 1993, 2004; GALVANY, 2010; MAIR, 2007, 2008; SAWYER, 1994, 2004, 2007; YAN, 2011; LI, 1996). No presente capítulo não intentamos apresentar a interpretação de uma nova evidência acerca desse nosso passado — um achado arqueológico, uma fonte historiográfica etc. Visamos apresentar a geografia histórica do contexto do *Sunzi*, o Período de Estados Combatentes [*zhanguo* 战国] (séc. V-III aec.).

Intentando apresentar essa geografia histórica — o espaço geográfico que se encontrava configurado nesse momento histórico —, desenvolveremos algumas discussões. Primeiramente, apresentar como o espaço geográfico dessa sociedade foi produzido é fundamental para essa compreensão. Para isso, devemos examinar como se deu historicamente essa produção do espaço, com as suas determinações econômicas, políticas e militares. Essa compreensão nos permitirá abarcar como essa produção configurou uma geografia atravessada pela geopolítica. Aqui compreendemos este outro fenômeno histórico como a configuração, por meio da produção do espaço por Estados particulares, de uma nova produção do espaço emergente em uma escala geográfica mais geral que pressupõe essas produções particulares. A geopolítica descreveria também por isso o conflito entre esses Estados nesse contexto em que a diferença se identifica com a contradição. Com isso, gostaríamos afirmar a geopolítica como um problema importante para esse período histórico chinês.

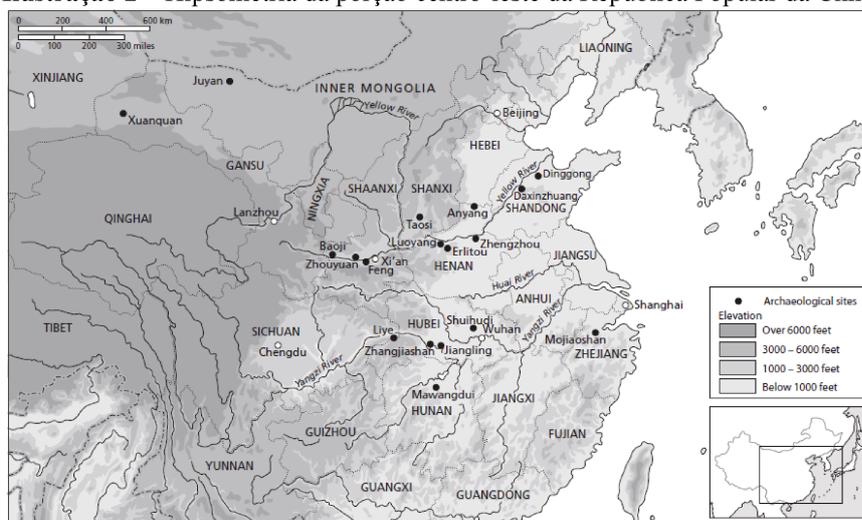
A nossa exposição buscará focar na configuração da geografia histórica do período citado. Dadas as dificuldades relacionadas às fontes historiográficas na China Antiga, pelo modo como elas chegaram até nós e pela distância temporal (WILKINSON, 2017), tivemos de adotar uma estratégia para assegurar essa exposição. Primeiro, teremos de lidar

com extensões de tempo muito longas, de séculos. Segundo, evitaremos entrar em debates historiográficos polêmicos, pois o nosso foco aqui não é apresentar uma tese historiográfica que reconfigura o campo. Em terceiro lugar, não apresentaremos discussões acerca de detalhes específicos sobre esse contexto, como as estratégias adotadas pelos Estados particulares, dadas as questões anteriormente elencadas. Quarto, deixaremos de lado as descrições geográficas textuais — como as presentes no capítulo “Tributo a Yu” [*Yu gong* 禹贡] do *Livro dos Documentos* [*Shu jing* 书经] (CHIANG, 2005) e no capítulo “Avaliando o Adversário” [*Liao di* 料敌] do *Wu Zi* [*Wuzi* 吴子] (SAWYER, 1993) — e cartográficas (DOROFEEVA-LICHTMAN, 1996) existentes sobre esse período pela sua dificuldade de contextualização crítica. Nos apoiaremos no debate apresentado por esses autores anteriormente citados, que dão conta de vários aspectos desse contexto.

O que se quer aqui é apresentar as linhas gerais da geografia histórica do Período de Estados Combatentes. Isto é, a sua geografia histórica em uma perspectiva de longa duração (BRAUDEL, 2015 [1997]). Visando isso, discorreremos os problemas do seu modo de produção do espaço enquanto conformados historicamente. Ou seja, vamos compreender as questões envolvidas nesse período como produzidas desde há muito tempo, especialmente desde o período que o antecede, o Período de Primavera e Outono (séc. VIII-V aec.).

2.2) Panorama histórico da China pré-imperial

Ilustração 2 – Hipsometria da porção centro-leste da República Popular da China

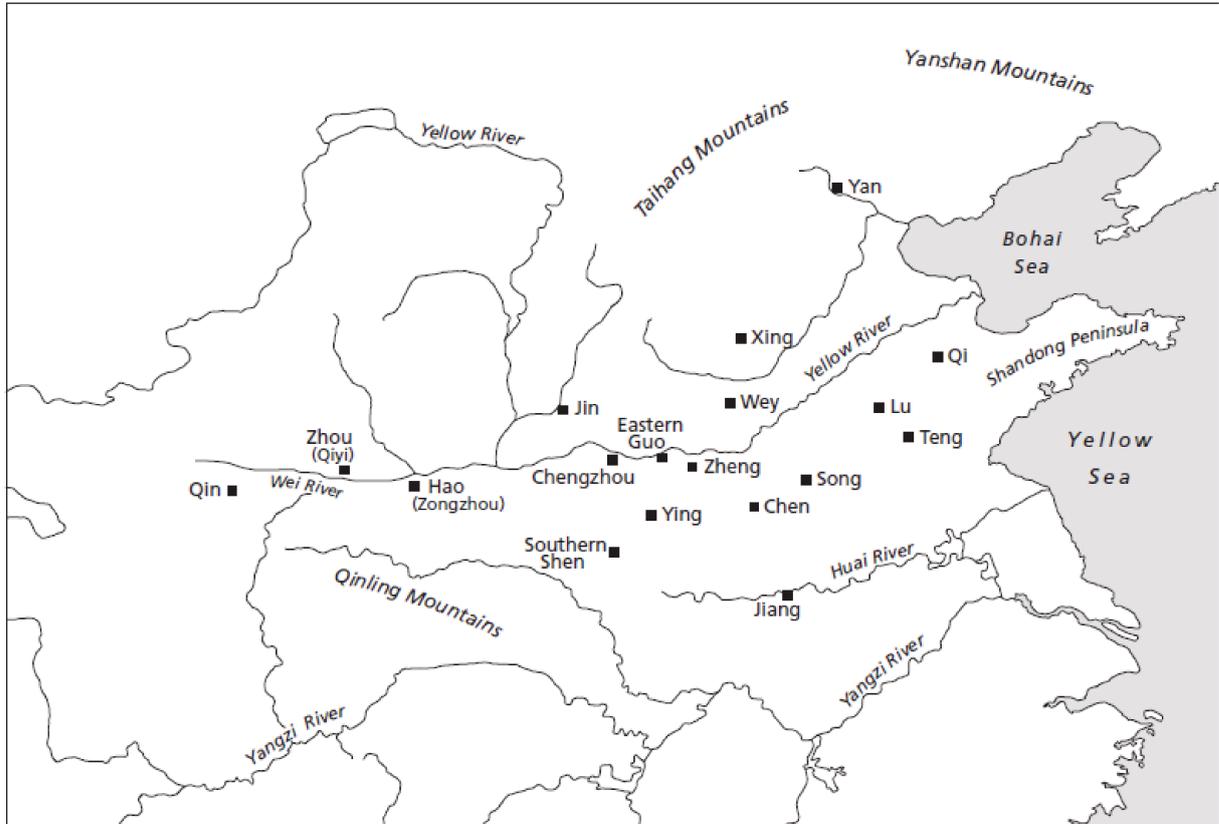


Na porção menos elevada a leste, a Planície Central da China. Nomes em letras maiúsculas indicam províncias atuais. Círculos brancos indicam cidades históricas com importância atual. Círculos fechados indicam sítios arqueológicos correspondentes a assentamentos importantes para a História da China Antiga. Fonte: Li (2013:xxii).

Aqui gostaríamos de apresentar, para o nosso leitor, um panorama histórico da China pré-Imperial (antes de 221 aec.) desde a Dinastia Zhou (séc. XI aec.). Essa narrativa por ora linear da história chinesa antiga servirá como montagem de palco para a apresentação da geografia histórica da China pré-Imperial. Serve também para que o leitor seja informado dos aspectos geopolíticos presentes e inerentes à dinâmica histórica desse período da história chinesa. Com essa contextualização inicial da produção histórica da obra, teremos introduzido justificativas para três partes importantes do objetivo central deste trabalho: a interpretação geográfica do *Sunzi* como importante para a tradição interpretativa dessa obra, a compreensão do seu significado geográfico como também importante para o seu resgate histórico, e a perspectiva de que nossa obra é produto de um problema histórico que é inerentemente geográfico.

A Dinastia Shang (séc. XVII-XI aec.) inaugura a história escrita chinesa com a sua Era de Bronze, onde o emprego de instrumentos de bronze se torna parte da economia. Por volta de meados do século XI aec., o povo de Zhou derrota a Dinastia Shang e passa a estabelecer a sua própria dinastia. A Dinastia Shang estabelecia um governo sobre diversos assentamentos rurais onde hoje é a cidade de Anyang (província de Henan, próxima à província de Shandong, China). Esses assentamentos eram controlados pelo rei de Shang, conhecido como herdeiro do “Soberano do Alto” [*Shangdi* 上帝]. Esse rei organizava o território e a economia em uma espécie de confederação. Ele também agia como sacerdote do seu povo, tendo acesso exclusivo à divindade ancestral. Com a derrota do rei de Shang, inicia-se a Dinastia Zhou (séc. XI-III aec.), a mais longeva da história chinesa. Esta estabelece uma forma de organização do território mais rígida, baseada inicialmente em laços diretos de parentesco [*Zongfa* 宗法], onde os rituais para acessar o divino eram mais complexos e difundidos. Além disso, o direito divino ao governo deixa de ser imanente àquele que governa a sociedade, como durante a Dinastia Shang, e passa a ser uma permissão dada pelo divino ao primeiro rei de Zhou e herdado pelos reis seguintes, assim como era o direito sobre a terra nessa Dinastia. O rei de Zhou passa a ser “Filho do Céu” [*Tianzi* 天子]. Iniciando com o rei Wu [*Zhou Wu Wang* 周武王], fundador da dinastia, todos os seus descendentes que virão a governar o fazem pela herança desse poder que lhe foi investido. Quem governa o destino dessa sociedade não é mais o soberano no alto, como na dinastia anterior, mas um princípio não-humano. Inicia-se o “Governo do Céu” [*Tianming* 天命] (LI, 1996; CHENG, 2008).

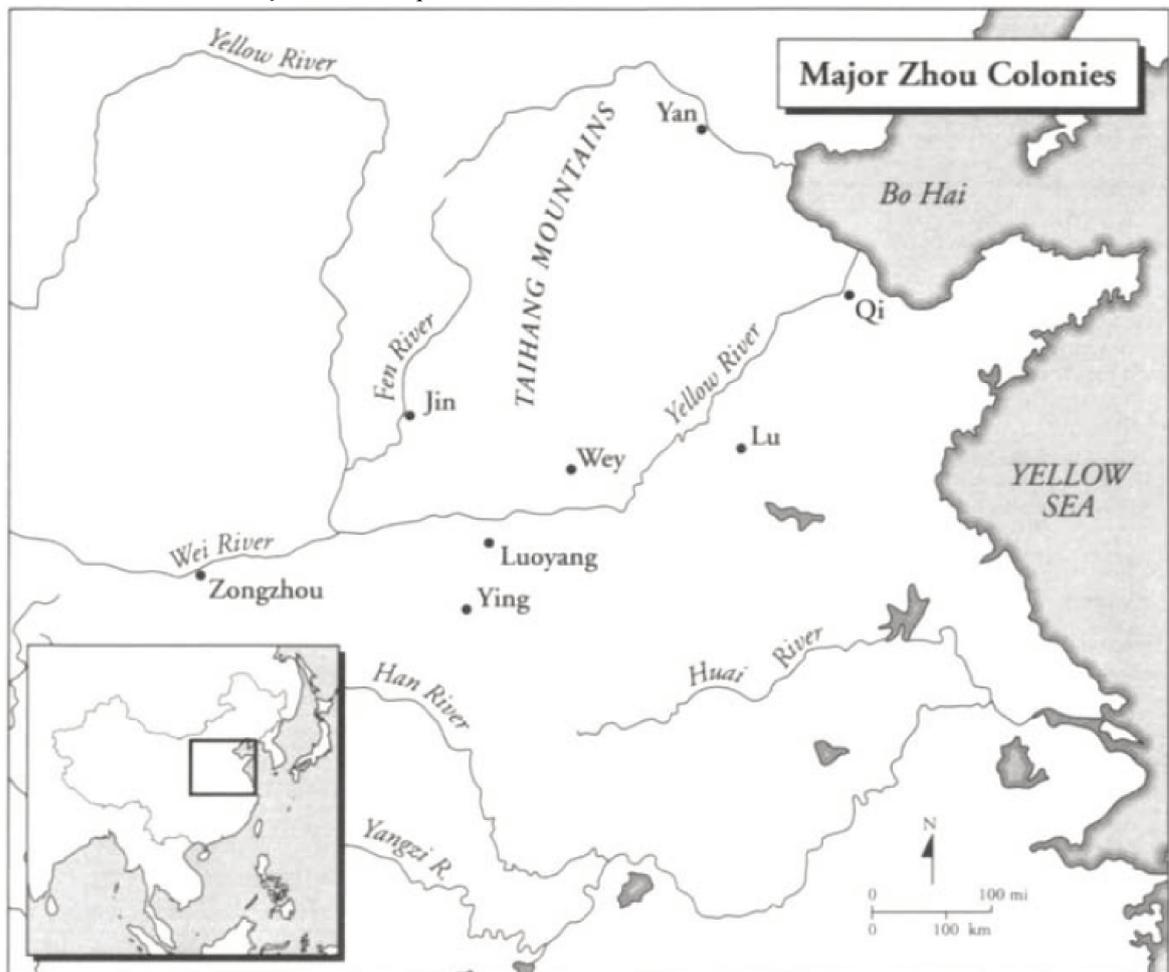
Ilustração 3 – Distribuição dos maiores Estados da região durante a Dinastia Zhou



Em letras maiúsculas estão os Estados principais até os momentos finais dessa dinastia. Fonte: Li (2013:130).

A ascensão de Zhou estabelece um governo fortemente baseado nos laços de parentesco. O território dinástico é expandido tendo como mediação a reprodução da linhagem principal do rei de Zhou [*Da zong* 大宗]. Isso permitiu que essa dinastia conseguisse sobreviver durante muitos séculos e possuir um território articulado que tomou boa parte da Planície Central da China (*Ilustração 2; Ilustração 3*). Apesar disso, por volta do século VIII aec., a Dinastia Zhou, enfraquecida internamente e alvo de muitos ataques vindos de outros povos de regiões a oeste dessa planície, é empurrada para leste. Com isso ela funda a Dinastia Zhou do Leste (séc. VIII-III aec.), deixando a Dinastia Zhou do Oeste (séc. XI-VIII aec.) como parte de sua história. A Dinastia Zhou do Leste acumula muitos dos desenvolvimentos políticos, econômicos e sociais anteriores. Junto a isso, conhece uma relativa estabilidade em relação aos conflitos com povos organizados que não faziam parte de seu reino. Porém, encontra dentro dele uma série de conflitos que culminam em seu próprio declínio.

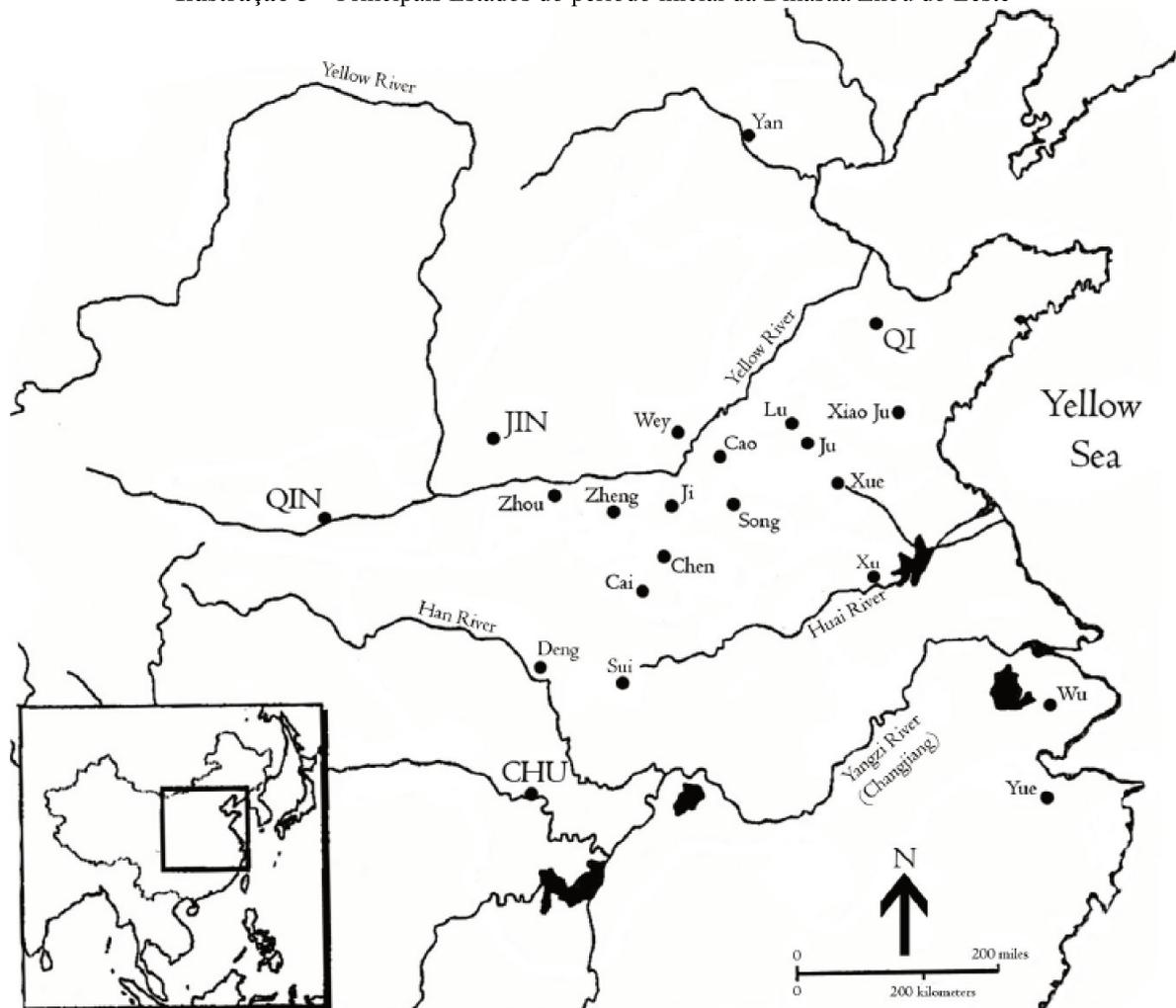
Ilustração 4 – Principais assentamentos durante a Dinastia Zhou do Oeste



Podemos reparar a distância entre os assentamentos. Durante essa dinastia, a capital do reino de Zhou está estabelecida em Zongzhou. Posteriormente, durante a Dinastia Zhou do Leste, a capital passa a ser Luoyang. Fonte: Shaughnessy (1999:313).

A Dinastia Zhou do Leste é dividida, tradicionalmente, em dois períodos. O primeiro período é chamado de Período de Primavera e Outono [*Chunqiu* 春秋], e recebe este nome por conta de uma obra de Confúcio (551-479 aec.) cujo objetivo foi narrar o seu desenvolvimento histórico. Nesse período, o rei de Zhou expande seu território, constituindo diversos assentamentos importantes na região da Planície Central da China. A economia dessa dinastia é fundamentalmente agrícola, possuindo em seus assentamentos principais algumas oficinas de metalurgia. O bronze, que vinha encontrando emprego massivo desde pelo menos a Dinastia Shang, passa a ser cada vez mais importante para o desenvolvimento das ferramentas e equipamentos para a economia e, especialmente agora, a guerra (KEIGHTLEY, 1999; HSU, 1999; LI, 1996; LI, 2013).

Ilustração 5 – Principais Estados do período inicial da Dinastia Zhou do Leste



Principais Estados do período inicial da Dinastia Zhou do Leste. Em letras maiúsculas, os Estados que serão também principais ao final dessa dinastia. Podemos observar neste mapa a distância entre os principais assentamentos (cidades-Estado) constituintes do reino de Zhou (na Dinastia Zhou do Leste). Apesar disso, grande parte deles se concentram nas margens do Rio Amarelo. Fonte: Zhao (2015:95).

No início desse período da Dinastia Zhou do Leste, o rei de Zhou é a fonte do poder político e quem organiza o desenvolvimento territorial com novos assentamentos. Estes possuem tanto função militar quanto função econômica. Esse rei, apesar de ser o soberano dos territórios que funda, devolve certa autonomia a esses territórios, o que é suficiente para se desenvolverem sozinhos. Com o aprofundamento da dependência que o governante central passa a possuir em relação à economia e à força militar desses territórios, essa autonomia relativa faz minora sua função central na organização de todos esses territórios. O aprofundamento desse processo alcança seu resultado parcial no início do período seguinte, o Período de Estados Combatentes.

A Dinastia Zhou promoveu, na maior parte de suas duas fases dinásticas, um

sistema de assentamentos [*Fengjian* 封建] na Planície Central da China, especialmente ao longo dos Rios Amarelo e Wei (Ilustração 4; Ilustração 5). Esse sistema ocupou política e militarmente essa região por meio do estabelecimento de assentamentos principais [*guo* 国], centros do poder político e econômico, e assentamentos avançados [*ye* 野], ocupados militarmente para a produção econômica agrícola. Esse sistema ser descrito como uma rede de territórios (LI, 2013), dado que cada assentamento possuía certa autonomia política e econômica apesar de a comunicação entre esses nós ser extremamente lenta (SAWYER, 2004). O início desse sistema de assentamentos foi um dos facilitadores da derrota sofrida na sua primeira fase dinástica — com a Dinastia Zhou do Oeste —, dado que essa dinastia se encontrava espalhada em uma grande área. Isso inviabilizava a comunicação e a circulação rápidas em momentos de grande urgência, como foi marcado naquele momento derradeiro. Essa derrota alija a Dinastia Zhou do seu poderio militar, dado que ela passa a depender do poder militar de seus Estados subordinados para sua própria proteção. Com a chegada da Dinastia Zhou do Leste, estabelece-se também o declínio de sua força política, aprofundando os problemas já existentes (LI, 2013; HSU, 1999; LEWIS, 1999).

Esses novos territórios são governados por aqueles que compunham a linhagem principal da Dinastia Zhou. A sua produção se dava por meio da distribuição de poderes e de presentes (do soberano para os subordinados) e de dívidas (deles para o governo central), instituindo um sistema onde o rei concentrava a riqueza e a política e devolvia parte dela a seus subordinados (LI, 1996). Com o desenvolvimento desses territórios subalternos, dada a sua autonomia relativa, eles puderam reproduzir, especialmente com a proximidade do Período de Estados Combatentes, esse método de produção do espaço antes monopólio do rei de Zhou. Esses territórios do rei de Zhou passaram a possuir poder militar e econômico suficientes para não dependerem das relações de troca que estabeleciam com o território central. O Período de Estados Combatentes é o momento onde esse problema desenvolve seu ápice (LEWIS, 1999).

Essa autonomia emergente tensionou as relações entre dos territórios e entre si e o rei de Zhou. Por outro lado, esse rei possuía a legitimidade para governá-los — apesar da crescente ineficácia política desse governo. Essa contradição entre a forma política e o modo de produção do espaço, dado que é por meio dele que Zhou perde sua centralidade política, fez com que os territórios procurassem se emancipar do governo central. Nesse momento, os Estados passam a tomar conta de áreas mais contíguas, saindo da forma reticular para uma

forma zonal, transformando os diferentes assentamentos em uma certa continuidade territorial (LI, 2013).

O conflito aparentemente incessante entre esses territórios é, ironicamente, para o restabelecimento do governo central (YAN, 2011). Isso faz com que o conflito geopolítico que se instaura tenha um propósito aparente. Porém, ele somente encontra seu fim quando um deles conquista todos os outros e estabelece, de fato, o governo central, com a Dinastia Qin. A geopolítica nesse contexto histórico possui esse conflito configurado em uma escala regional, com fundamentos militares (onde a diplomacia e o comércio são importantes, mas não decisivos) e com finalidades territoriais (especialmente pela determinação de todos os outros territórios).

O declínio do poder político do rei de Zhou faz com que os territórios sob seu domínio passem a disputar por sua própria autonomia absoluta. Isso inicia um processo de expansão acelerado, que culmina na redução dos mais de cem territórios sob Zhou a apenas pouco mais de uma dezena deles em luta (YAN, 2011). O período que se inicia é, por isso, chamado de Período de Estados Combatentes, e é caracterizado justamente pelos conflitos entre esses territórios. Conserva-se as práticas de expansão territorial baseadas no parentesco, que vinham desde o início da Dinastia Zhou do Oeste. Contudo, elas encontram no soberano de cada Estado a origem da linhagem parental, e não mais no rei de Zhou, que perde essa centralidade política (LEWIS, 1999). Esse conflito geopolítico aparentemente incessante culminará na Dinastia Qin (séc. III aec.), de duração curtíssima (15 anos), porém fundadora da Era Imperial Chinesa (séc. III aec. - séc. XX), de longa duração.

Apesar dessa busca pela autonomia absoluta sobre seus territórios, eles buscaram, durante praticamente todo o Período de Estados Combatentes, o restabelecimento da soberania do governo central que era do rei de Zhou. Ao mesmo tempo que há um conflito geopolítico em curso, produzindo uma escala geográfica que engloba todos os territórios em conflito, também há a busca pela realização dessa escala geográfica que era governada pelo reino de Zhou, mas que existia só formalmente. Afinal, os governantes desses territórios tinham algum parentesco, mesmo que distante, com esse rei e se identificavam, além disso, culturalmente. O problema da produção do espaço estava ligado a um problema de produção de escala geográfica, que também se encontrava junto ao problema geopolítico desse mesmo período. A ascensão da Dinastia Qin marca a realização dessa escala geográfica tanto almejada por esses Estados combatentes.

A seguir, um resumo da cronologia da China pré-Imperial com alguns marcos históricos importantes (*Quadro 2*).

Quadro 2 – Cronologia da China pré-Imperial

Período	Cronologia	Marcos
Cultura Erlitou	c. séc. XX-XVI aec.	● Primeira sociedade organizada politicamente na região da Planície Central da China
Dinastia Shang	séc. XVI-XI aec.	● Início da Era de Bronze
Dinastia Zhou	séc. XI-III aec.	● Primeiros registros escritos sistemáticos ● Organização de uma sociedade complexa em escala regional
Zhou do Oeste	séc. XI-VIII aec.	● Derrubada de Shang ● Primeiros conflitos internos
Zhou do Leste	séc. VIII-III aec.	● Expansão do território de Zhou ● Ruína da sua forma política ● Economia comunitária organizada pelo Estado
Período de Primavera e Outono	séc. VIII-V aec.	● Estabelecimento de assentamentos político ou militarmente organizados ● Primeiros documentos históricos ● Período nomeado por Confúcio
Período de Estados Combatentes	séc. V-III aec.	● Início da Era de Ferro ● Guerras em escala regional ● Fim da centralidade política de Zhou ● Autonomização dos Estados sob a égide de Zhou ● Expansão zonal dos territórios dos Estados ● Primeiros registros de escolas filosóficas
Dinastia Qin	séc. III aec.	● Unificação dos territórios em guerra sob o Estado de Qin ● Início da Era Imperial da China

Quadro com os períodos iniciais da História da China, sua cronologia e alguns marcos que julgamos importantes para introduzir nossa contextualização. Elaboração do autor. Fontes: Loewe & Shaughnessy (1999), Shaughnessy (1989, 1999), Chang (1999), Keightley (1999), Rawson (1999, 2015, 2017), Falkenhausen (1999), Hsu (1999), Lewis (2005, 1999), Li (2013), Harper (1995), Cook (1995), Zhao (2015), Selbitschka (2015), Cheng (2008), Senger (2011), Ames (2004, 1993), Galvany (2010), Mair (2008, 2007), Sawyer (2007, 2004, 1994), Yan (2011) e Li (1996).

2.2.1 A produção textual do período

No Período de Estados Combatentes, a classe dos oficiais [*Shi* 士] passa a ser muito demandada. Ela está entre a classe daqueles que herdaram o poder político (parentes diretos do governante do Estado), sendo colaterais a ele (com um parentesco mais distante), e a classe baixa dos camponeses. Essa classe, próxima ao poder político, porém dependente dele, passa a ser quem articulará o desenvolvimento intelectual na China Antiga. Por conta da sua posição social, de dependência da classe governante, ela produz reflexões voltadas para uma elite capaz de ler, ao mesmo tempo que suas reflexões são marcadas por uma preocupação sobre os rumos tomados por esses governantes com relação ao destino da sua população. Inicialmente, ela se desenvolve por meio de uma tradição oral, que só posteriormente precipitará em textos escritos. É no contexto desse período que a tradição intelectual chinesa floresce, com as suas escolas filosóficas tradicionais, com nomes como Laozi, Confúcio, Zhuangzi, Mozi, Mêncio, Xunzi e Sunzi, por exemplo (LEWIS, 1999; LI, 2013).

Alguns desses nomes, por conta desse desenvolvimento inicial oral culminando só posteriormente em textos escritos, dizem respeito muito mais à tradição de escritos organizados em uma obra do que necessariamente a um personagem histórico real que participou da escrita desses textos. Os autores supostos dessas obras são basicamente nomes em torno dos quais essas tradições se identificam. Esse é o caso de Laozi e de Sunzi, que figuram mais como personagens para uma tradição, cuja historicidade deles não é determinável, do que personagens dessa tradição. Por isso, quando aqui nos referimos à figura do autor da obra objeto dessa pesquisa, nos referimos necessariamente, por metonímia, a essa obra em seu contexto de produção (LEWIS, 2005; MAIR, 2008).

O contexto de produção de *A Arte da Guerra de Sunzi* é esse do Período de Estados Combatentes. Dentre as obras tradicionais, ela é a que nos parece se dedicar mais diretamente ao problema do conflito geopolítico, marca desse momento da história chinesa. Dadas as condições urgentes desse conflito, o que será discutido posteriormente, ela trabalha com o tema com um alto grau de severidade. E como esse conflito encerrava todos os territórios da região na qual ele ocorre, ela trata de um tipo de conflito do qual não se pode escapar para fora dele. A sua resolução passa pelo enfrentamento direto dessa realidade. Por

essa razão, a sua interpretação pode ser bastante interessante para uma volta ao tema das dinâmicas do conflito interterritorial no interior da Geografia Política (COSTA, 2003).

2.3) A geografia histórica do conflito geopolítico

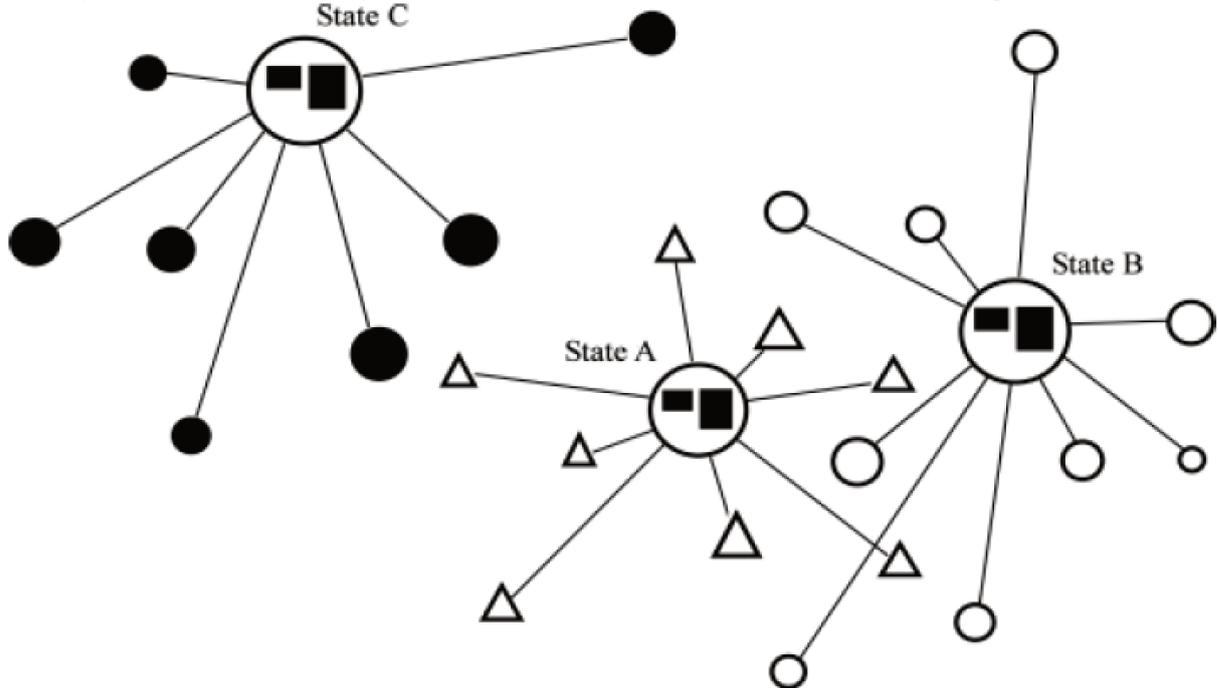
No início da Dinastia Zhou do Leste, a agricultura é realizada com arado de madeira e bronze (LI, 1996; HSU, 1999). Esse instrumento demandava o emprego de duas pessoas para realizar sua função. A irrigação da lavoura não acontece senão segundo dinâmicas principalmente naturais. As terras usadas para a agricultura não são organizadas em uma vasta reserva de terras, de modo que o solo desgastado possa facilmente ser preservado ao ser rotacionado com outras porções de terra. A rotação de terras ocorre posteriormente (HSU, 1999). A fertilização do solo não serve para todo tipo de solo encontrado no período, o que, combinado com fatores geomorfológicos, impossibilita que qualquer espaço natural daquela região seja ocupado. Esses fatores combinados tornam a agricultura um empreendimento difícil de ser realizado em boa parte dessa porção oriental da bacia do Rio Amarelo (LI, 1996).

Apesar dessa dificuldade, a agricultura é o centro da atividade econômica e fundamento do meio de vida dessa sociedade. É por meio dela que a corte do governo central e os seus assentamentos territoriais poderão desenvolver suas atividades econômicas (LI, 1996; HSU, 1999; LEWIS, 1999). A necessidade do emprego massivo da população na atividade agrícola é algo tão significativo que aparece como uma das preocupações centrais no *Sunzi* (SUNZI, 1993). As relações de troca (comerciais e tributárias) entre os territórios têm como fonte essa atividade, daí que os impostos pagos ao governo central e os presentes dados por ele terem essa base (LI, 1996). A ampliação da cobrança de impostos pelo rei de Zhou necessita da ampliação dessa produção.

A expansão das terras trabalhadas comunalmente (LI, 1996) permite que essa sociedade se desenvolva em alguns aspectos importantes. Apesar de não termos dados populacionais precisos a respeito desse contexto histórico (LEWIS, 1999), podemos pressupor que — e isso parece ser plausível —, com o aumento da produção (mesmo que isso não seja uniforme, dado que cada solo permitiu a cada sociedade uma quantidade diferente a ser produzida por meio dele), pode-se alimentar uma população maior, o que torna possível empregar mais gente na economia em diferentes tarefas. Claro, nos faltaria dados como o

tempo de vida economicamente ativa dessa população e a diversidade possível de tarefas que ela poderia realizar para afirmarmos isso de maneira suficiente. Dado que houve, de fato, um aumento da população (pela dimensão territorial e militar que a Dinastia Zhou alcançou), e a população é uma condição necessária para a produção econômica, podemos aceitar a consideração de que a expansão territorial permitiu sustentar uma população maior, e que isso permitiu impulsionar essa expansão, retroalimentando-a.

Ilustração 6 – Condição de existência dos Estados da região de Zhou

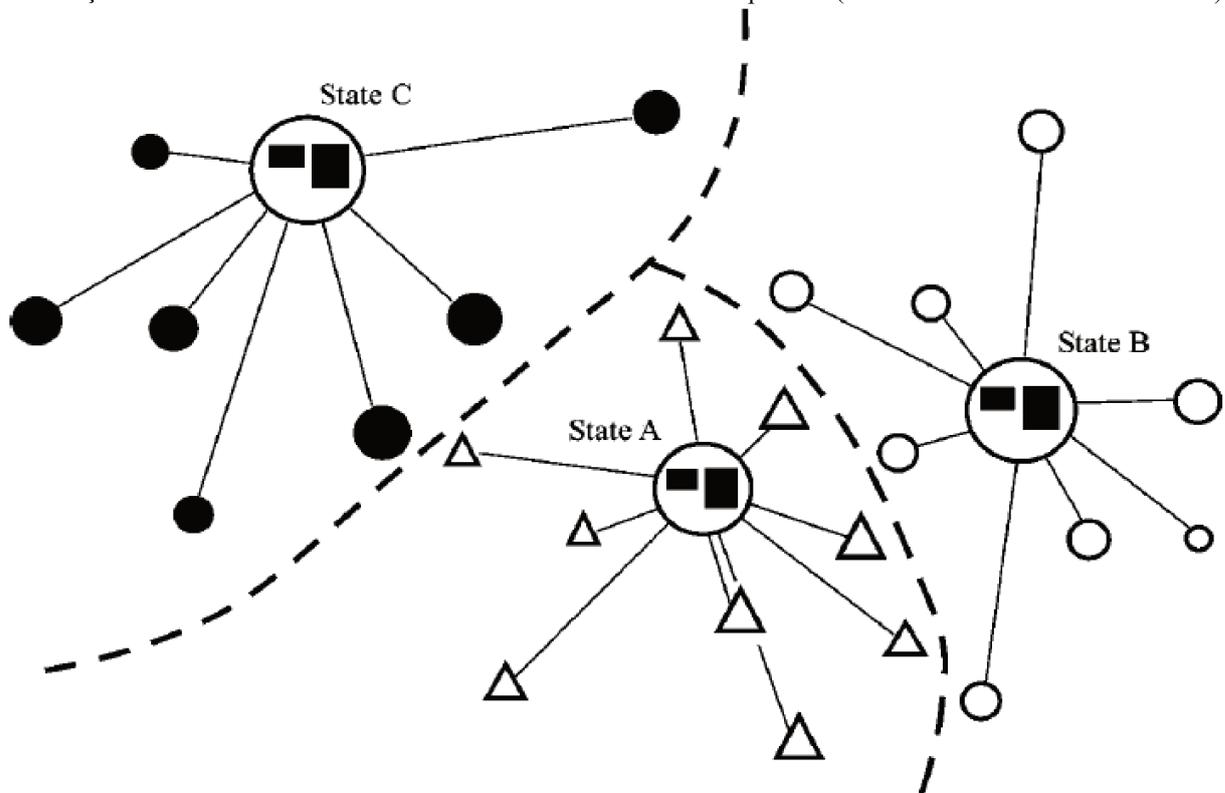


Esquema apresentando o modo de distribuição reticular dos assentamentos territoriais durante o Período de Primavera e Outono. Nota-se que um dado Estado estabelece novos territórios mesmo que para isso tenha de atravessar as linhas de comunicação e circulação de um outro Estado. Fonte: Li (2013:155).

A expansão territorial dessa produção também está condicionada à expansão da linhagem parental principal de Zhou [*Da zong* 大宗]. Quanto mais territórios produtivos o rei de Zhou possui, mais tributos recebe, concentrando maior riqueza. Contudo, quanto mais territórios existem, mais ele terá delegado certa autonomia política, econômica e militar para os governantes desses territórios. Portanto, por um lado há a necessidade desses territórios subordinados terem de retribuir economicamente ao seu soberano por meio do pagamento de impostos. Desse mesmo lado há também a impossibilidade de eles agirem militar e politicamente por si, tendo que serem aprovados pelo governo central para tanto. Por outro lado, a ampliação desses territórios subalternos vai se apresentando, historicamente, como o

esvaziamento militar, político e econômico (e talvez tenha sido essa de fato a ordem histórica) desse governo central. A expansão territorial construiu essa espécie de rede (*Ilustração 6*) de assentamentos principais urbanos [*guo* 国] (centros políticos onde se estabeleceu oficinas de metalurgia) — e assentamentos secundários rurais [*ye* 野] (militarizados, com governos próprios no campo) — permeada por tensões, tensões estas que finalmente a romperão (*Ilustração 7*).

Ilustração 7 – Estados baseados em contínuos assentamentos espaciais (Período de Estados Combatentes)



Esquema apresentando o modo de distribuição zonal dos territórios durante o Período de Estados Combatentes. Nota-se que um dado Estado, diferente do período anterior, não estabelece novos territórios caso para isso tenha de atravessar as linhas de comunicação e circulação de um outro Estado. Isso é o que lhes concede esse aspecto zonal. Fonte: Li (2013:186).

Durante o Período de Estados Combatentes, alguns desenvolvimentos técnicos na produção agrícola possibilitaram uma ampliação expressiva dessa produção econômica. É nesse período em que instrumentos de ferro são difundidos e empregados de diversas maneiras no desenvolvimento desses territórios, especialmente na economia e na guerra (LI, 1996; HSU, 1999; LEWIS, 1999). Na guerra, o desenvolvimento da metalurgia permite o emprego em larga escala de armamentos de ferro, mais confiáveis e letais, o que implica em um aprofundamento dos conflitos armados (LI, 1996; MAIR, 2008). Já na economia, o emprego do ferro permite duas novidades muito importantes: a irrigação, o que torna possível

a ocupação de solos mais distantes de fontes hídricas naturais, e o arado de ferro, que é mais resistente e será puxado por boi (LI, 1996; HSU, 1999). Essa segunda novidade libera o emprego de duas pessoas no arado da terra, passando a ser necessário somente uma pessoa por arado, permitindo que uma mesma quantidade de pessoas trabalhe em mais terras (LI, 1996). Esse desenvolvimento das forças produtivas transforma a produção do espaço no contexto da Dinastia Zhou do Leste.

Esses aprimoramentos — desenvolvidos durante muitos séculos (até encontrarem seu resultado com a ascensão da Dinastia Qin) — permitirão o espraiamento geográfico dessa sociedade, possibilitando a expansão territorial em áreas maiores. Eles também possibilitarão que esses núcleos comunitários iniciais se tornem núcleos familiares, dado que a individualização do arado da terra permite essa divisão espacial do trabalho por meio da instituição do domicílio familiar (LI, 1996). Além disso, essa liberação de pessoas do trabalho necessário com a terra facilitará o emprego desses no exército massivo que está em formação. Com isso, a organização interna dos territórios é aprofundada, exigindo que cada Estado conheça melhor seu próprio território e sua população. Igualmente é aprofundada — e de modo irreconciliável — a autonomia desses territórios frente ao governo central de Zhou. Essa autonomização territorial conjugada com a sua expansão, torna a guerra uma condição historicamente necessária para essa sociedade. Podemos ver, desde já, que a guerra estrutura a geopolítica nesse período.

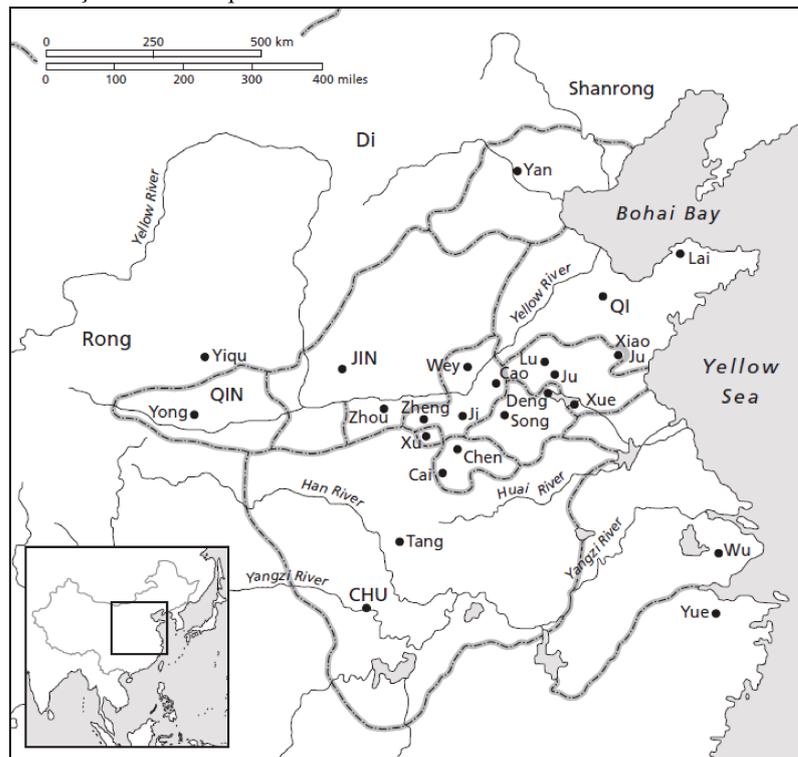
As transformações que atravessam a Dinastia Zhou do Leste foram se constituindo lentamente. Como a exposição desse contexto histórico é feita por meio de um grande bloco chamado período — por vezes por falta de detalhamento, mas muito porque o significado de uma transformação está conectado com outras transformações de temporalidades diversas — parece que o tempo se compacta severamente. Isso pode ser ilustrado com um detalhamento do processo de transformação do reino de Zhou aos Estados autônomos em guerra que precedeu a Dinastia Qin.

2.3.1 A geografia política histórica da Dinastia Zhou do Leste

Como já vimos anteriormente, o reino de Zhou se reproduzia se expandindo por meio de um sistema de assentamentos [*Fengjian* 封建] chefiados por um descendente da linhagem principal dessa dinastia (*Ilustração 8*). Para ampliar sua riqueza, o rei de Zhou

necessitava não somente ocupar novas terras, mas desenvolver a população e as técnicas de produção. Esse processo permitia maiores tributos para a casa real, e também possibilitava maiores retribuições para os territórios sob seu domínio. Porém, o herdeiro do Filho do Céu começa a ter o seu poder político encolhido nesse processo de expansão econômica. Se a Dinastia Zhou do Leste já começa com uma dependência militar dos exércitos dos seus Estados subordinados, apesar do seu controle político, esse processo de ampliação econômica possibilita que a autonomia política relativa dos territórios subordinados se torne absoluta com o tempo. A emergência dessa autonomia, contudo, não aparece sem tensões nessa rede de territórios.

Ilustração 8 – Principais Estados durante o Período de Primavera e Outono

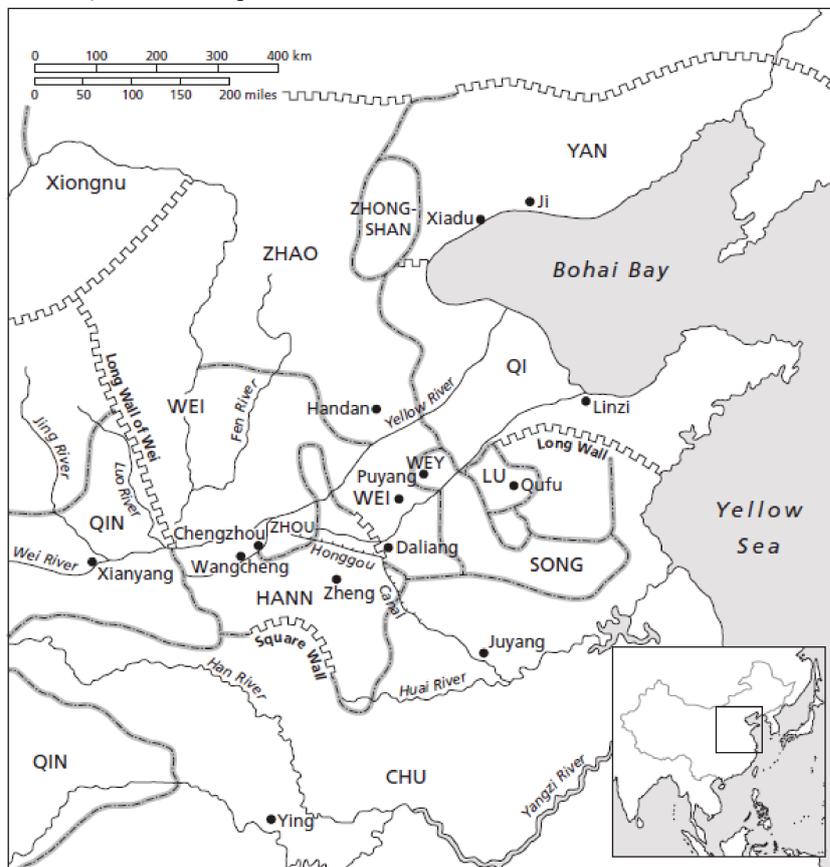


As áreas correspondentes a um dado Estado é uma estimativa de sua área de influência. Essa área não corresponde a um domínio formal ou mesmo real, sobretudo neste período. Até o início do Período de Estados Combatentes (e durante ele também), essas áreas de influência serão transformadas muitas vezes. Fonte: Li (2013:163).

Inicialmente dissolvidos em torno do rei de Zhou, os conflitos entre os territórios subordinados a ele passam a não depender mais da sua mediação política. Em meados do Período de Primavera e Outono aparece a figura do hegemona [*ba* 霸], uma espécie de líder militar em um mundo cada vez mais dominado pelos conflitos militares (HSU, 1999; LEWIS, 1999). Acordos de paz são estabelecidos entre as partes conflitantes, com o aval político (já

simbólico) do rei, sem serem todas elas determinadas por ele (HSU, 1999; LEWIS, 1999; YAN, 2011). O reino de Zhou passa, até a chegada do Período de Estados Combatentes, a ser cada vez mais um referencial simbólico de uma unidade territorial pretérita (*Ilustração 9*). Ao final desse segundo período, cada território começa a arrogar para si o título de rei [*wang* 王] (LEWIS, 1999; LI, 2013). Ironicamente, essa torrente de conflitos leva, ao final, à unificação desses territórios sob o governo do “Augusto Imperador Amarelo Qin” [*Qinshihuang di* 秦始皇帝], que alegava possuir poderes divinos.

Ilustração 9 – Principais Estados durante o Período de Estados Combatentes



Podemos notar que algumas fronteiras se consolidam por meio da construção de muralhas contíguas (representadas por uma linha quadrada). Deve-se atentar para o fato de que a representação de fronteira apresentada neste mapa é uma estimativa da área de influência militar durante meados desse período. Nomes com letras maiúsculas indicam Estados importantes militarmente. Fonte: Li (2013:183).

A configuração do conflito armado em parte estruturante da dinâmica da produção do espaço por esses territórios durante o Período de Estados Combatentes é acompanhada por dois fatores. A geopolítica desse período, portanto, está alicerçada na — e tem dentro de si a — guerra. O primeiro desses fatores diz respeito ao modo como um Estado insubordinado pode ser submetido por seu Estado soberano. O emprego da força armada tem como função

retificar os que se desviam do projeto desse seu soberano, e é parte da realização política (SAWYER, 2004). O segundo, por sua vez, diz respeito ao fato de que a guerra permitia a expansão territorial, isto é, a expansão do poder econômico, da terra agricultável e da população camponesa e, posteriormente, militar (LI, 2013). Isso, ao mesmo tempo, permite cessar o conflito entre os territórios em guerra (dado que quem se saiu melhor submete as forças do derrotado). Em uma escala geográfica regional, a guerra permite afirmar a própria autonomia diante de seu soberano e seus territórios subordinados. Como consequência dessa dinâmica, as linhas de fronteira estão sempre se transformando, fazendo com que representações cartográficas dos territórios sejam sempre aproximadas (*Ilustração 8; Ilustração 9*).

Com isso, a guerra é, por um lado, uma condição prévia para os Estados, dada pela forma política, e que somente poderia ser rompida por meio de uma guerra generalizada regionalmente, como de fato ocorreu. Por outro lado, a guerra é uma forma de expansão da economia e, conseqüentemente, da autonomia política, por meio da expansão do território. Esse segundo aspecto, a nosso ver, da guerra se tornou a principal razão para a realização da guerra no Período de Estados Combatentes.

A expansão dos territórios subordinados pela região da Planície Central da China foi também, evidentemente, um processo de ocupação dos espaços vazios, das terras ainda não incorporadas pela agricultura (LI, 2013). Esse processo de tomada das terras agricultáveis por meio da sua ocupação complementou a tomada desse tipo de terra e de seus trabalhadores das mãos de outros territórios por meio da guerra. O desenvolvimento de tecnologias hidráulicas e agrícolas, sustentadas pelo avanço na metalurgia, permitiu a ocupação de terras mais distantes e ainda não ocupadas para essa finalidade (LI, 2013; LI, 1996). Esse processo vai fazendo com que — seguindo a descrição desses territórios como redes territoriais — essa malha se feche cada vez mais. Esse processo de conquista de terras estrangeiras também incorpora povos de fora do reino de Zhou (isto é, que não fazem parte da cultura Zhou), que, a despeito dos conflitos históricos, passam a compor os Zhou (HSU, 1999; RAWSON, 1999; LEWIS, 1999; LI, 2013). Com o fechamento dessa tessitura, o conflito entre os territórios, o que já estava estabelecido historicamente, passa a se tornar recorrente.

O Período de Estados Combatentes, por sua vez, é o período da Dinastia Zhou do Leste onde os Estados antes subordinados podem ser descritos propriamente como territoriais. Isso porque passaram a não mais delegar autonomia relativa aos seus assentamentos como no

Período de Primavera e Outono, funcionando de maneira bastante centralizada politicamente. Essa forma de organização exigiu um controle econômico e demográfico maior por meio da instituição de censos e contabilidades, mas também possibilitou mobilizar de maneira mais direta a economia e a população para a guerra (LI, 1996; LI, 2013).

2.4) Organização social e territorial de uma sociedade guerreira

No início do Período de Primavera e Outono da Dinastia Zhou do Leste, os conflitos armados eram realizados por uma classe da sociedade especializada no trabalho militar (SAWYER, 1994; MAIR, 2008). As armas e instrumentos militares eram difíceis de ser produzidos, o que também condicionava essa profissionalização do trabalho militar. Não havia nem alistamento militar e nem um processo de constituição de um exército de reserva, somente um exército profissional configurado no que podemos descrever como uma elite guerreira (LI, 2013). Os combates militares desse momento da história da Dinastia Zhou — que é, de início, completamente diferente daquele descrito no *Sunzi* — são discorridos como partes de um ritual, ritual este balizado por esquemas de conduta no interior dessa contenda. Essa ritualização aparente da guerra deve ter se dado pelo fato de, podemos supor, essas lutas se darem até então por meio de destacamentos especializados, com armamentos especializados e, sobretudo, com interesses diretos no resultado dessa batalha — dado que isso se dá partindo das linhagens de parentesco principais (LI, 2013). Além disso, nesse momento histórico ainda não se havia alcançado uma ciência do processo bélico, algo que viria a acontecer no contexto de surgimento do *Sunzi*.

O alistamento militar se desenvolve na Dinastia Zhou do Leste até participar da configuração da própria sociedade em finais do Período de Estados Combatentes (LI, 2013; MAIR, 2008; LI, 1996). O avanço da metalurgia — inicialmente com o emprego generalizado dos instrumentos de bronze e, posteriormente, forjando-os em ferro — possibilita tanto um avanço na agricultura quanto a liberação de pessoas para a participação no exército. Esse avanço enseja, conseqüentemente, a forja e a utilização generalizada de instrumentos bélicos (inicialmente lanças, finalmente espadas), tornando o alistamento militar massivo o caminho para a constituição de um exército para esse contexto histórico. Sendo as armas mais letais e menos custosas para serem produzidas, exigiu-se historicamente menos trabalho com treinamento dos soldados desse novo exército que surgia. A infantaria passa, com isso, a

predominar diante do modelo anterior, que empregava principalmente carroças de batalha puxadas por cavalos. Novos espaços naturais podem ser atravessados, ampliando a complexidade geográfica do conflito militar (LI, 2013; MAIR, 2008; SAWYER, 1994).

A elaboração de estratégias de batalha passa a ser, com essa dimensão do conflito armado, uma necessidade. A guerra mobiliza toda a sociedade para se realizar. Na constituição dessa necessidade, a atividade de comandante de exército vem a se separar daquele do governante do Estado, que anteriormente acumulava tanto a função de liderança política quanto militar (LEWIS, 1999). Apesar de constituir parte do domínio do soberano tudo o que é necessário para a existência do exército, o comandante se especializa nessa atividade. Essa especialização torna o comandante aquele que conduz, de forma relativamente autônoma, os interesses do Estado na relação bélica com os outros (SAWYER, 1994).

Esse emprego massivo da população — que é majoritariamente camponesa, devemos lembrar — no exército durante o Período de Estados Combatentes não se deu sem transformar a sociedade. A sociedade teve de ser militarizada para que a mobilização social exigida pelo conflito do Período de Estados Combatentes pudesse ser realizada (LI, 1996; LEWIS, 1999). As hierarquias militares passaram a ter, nos seus estratos menores, contrapontos na hierarquia social, tornando necessário que membros de uma comunidade (e, posteriormente, uma família) se engajem em ambos os aspectos para se posicionarem melhor na sociedade (e, posteriormente, podendo se especializar em um deles). Com o posterior esvaziamento do papel da linhagem parental para a determinação de cargos no Estado (salvo naquelas posições ligadas diretamente ao domínio político da sociedade), as retribuições por mérito se tornam incentivos importantes para a submissão da população às guerras necessárias para a produção do espaço por esses Estados nesse contexto histórico. Comprovações de feitos no campo militar poderiam se tornar conquistas sociais ou econômicos herdáveis (LI, 1996; LEWIS, 1999). Essa organização da população para a guerra, exigindo uma transformação social paulatina para realizá-la, se somando a isso as questões relacionadas a esse tema presentes no *Sunzi* (SUNZI, 1993), nos permite inferir de modo aceitável e plausível que essa população não deve ter se entregado sem resistências a esse processo.

A guerra, ao mobilizar parte da população para fazer parte direta no conflito armado, faz com que toda a população tenha de sustentá-la. Assim, o censo, a contabilidade e a agrimensura se tornam cada vez mais importantes nesse período (LI, 1996; LI, 2013). Primeiro, para organizar os domicílios familiares produtivos e destacar seus membros para o

exército. Segundo, para auferir a produção econômica atual para a tributação e a redistribuição dessa riqueza. Terceiro, para determinar as áreas produtivas e o gerenciamento dessas terras, possibilitando, posteriormente, a troca de terras (mesmo que ainda nesse período seja algo pouco empregado). Apesar desses desenvolvimentos, o que vemos no *Sunzi* (SUNZI, 1993) é uma sociedade onde não há excedente econômico suficiente para a existência e a manutenção de um exército profissional de grande escala. Não se deu uma mera ampliação do exército profissional anterior, pelo contrário. O exército foi transformado de modo a colocar no comandante e no governante, articulando estratégia e território, respectivamente, a condução vitoriosa desse processo. Assim, o alistamento militar e a mobilização do exército significam necessariamente, nesse período, a imobilização de certa parte da riqueza dessa sociedade para a guerra, sem uma certeza dos seus resultados, e sem uma excedência suficiente para que não exija excessivamente daqueles que ficam na terra natal. O próprio soberano do Estado deixa de enriquecer por conta da guerra, mesmo apesar de por meio dela ele poder vir a se tornar ainda mais rico.

O mundo dessa sociedade estava permeado por um problema geopolítico. E quando dizemos mundo aqui não queremos identificar esse conceito ao globo terrestre, mas sim à área de habitação histórica dessa sociedade. A produção do espaço de um território acabava por implicar conflituosamente cada vez mais a produção do espaço de outros territórios, tornando a guerra uma situação da qual não possuíam saída. Toda a região da Planície Central da China passa a ser o palco desse conflito (sem uma possibilidade de sair desse palco). Ao mesmo tempo, essa escala geográfica é o horizonte político desse conflito, dado que os soberanos visavam a constituição de uma unidade territorial pela produção dessa escala. A elaboração desse problema geopolítico não é somente necessária pelas razões apontadas acima, pelo fato de a guerra ser um problema estrutural desses territórios, mas também pelo fato de não haver uma saída desse problema senão enfrentando-o diretamente. Dada a escala do conflito militar do Período de Estados Combatentes, a guerra pode ser descrita como se fosse uma guerra mundial.

2.4.1 A diplomacia

Acreditamos que tratar das questões ligadas à diplomacia seja importante neste momento. Por meio dela será possível compreender que o conflito geopolítico, apesar de

difundido durante a Período de Estados Combatentes, era realizado pressupondo a possibilidade de seu fim. No Período de Primavera e Outono surge os primeiros armistícios entre os territórios do reino de Zhou (HSU, 1999; YAN, 2011). Esses acordos vão se tornando cada vez mais sem efeito na medida em que a guerra se posiciona como uma necessidade histórica. Essa é uma contradição importante. Ao mesmo tempo que a geopolítica desse contexto é fundada na guerra, as partes desse conflito visam a constituição de uma união que percebiam perder. Acreditamos que essas mediações tenham feito com que a geopolítica não tenha sido posta como problema isolado para esse momento histórico.

Durante o Período de Primavera e Outono, o reino de Zhou dispunha de diversos meios para estabelecer acordos com e entre os seus subordinados. Vale notar que a comunicação por meio de emissários entre os territórios poderia levar muitos dias (ou semanas), o que dimensiona temporalmente o desenvolvimento dessas relações diplomáticas (SAWYER, 2004). A tributação feita pelo governo central de Zhou, com a redistribuição de parte da riqueza por meio de presentes, é parte do funcionamento dessa diplomacia (SELBITSCHKA, 2015). Junto a ele, a economia também se articula por meio do comércio entre os territórios (LI, 1996). Além dessas formas econômicas, há duas também importantes formas políticas de realizar acordos diplomáticos. A primeira das formas políticas é o casamento (SELBITSCHKA, 2015). Com isso, uma certa linha colateral da linhagem central de Zhou poderia conseguir ampliar seu poder fazendo parte de outras linhagens colaterais. A segunda forma política é o emprego estratégico do sequestro (SELBITSCHKA, 2015). Por meio dele, um Estado forçaria o estabelecimento de acordos diplomáticos onde antes não seriam possíveis. Não podemos deixar de apontar também o trânsito de membros do governo entre as cortes (por expulsão ou por insatisfação) e o emprego de subornos por parte desses membros, o que possibilitou, além de caminhos para a diplomacia, também a instituição da espionagem (SAWYER, 2004).

O reino de Zhou, assim, passa a perder centralidade política conforme os conflitos armados sobrepujam esse seu poder. Durante o Período de Estados Combatentes, formas de aliança entre os territórios são instituídas, sendo as mais importantes a “aliança vertical” [*lian heng* 连横] e a “aliança horizontal” [*he zong* 合纵]. De modo geral, elas foram formas de um Estado se aliar a outros para se contrapor ao Estado de Qin, ou se aliar diretamente ao Estado de Qin, respectivamente (LEWIS, 1999; DOROFEEVA-LICHTMAN, 1996). Esse período é marcado pela constituição e desfazimento de alianças constantes, dado que elas eram firmadas

com finalidades já pré-determinadas.

2.5) Conclusão

Um dos problemas condicionantes do Período de Estados Combatentes — senão o problema mais severo — é um problema geopolítico. A expansão territorial, que já vinha se desenhando desde o período anterior, torna-se um meio importante para a continuidade da reprodução daquela sociedade em diversas dimensões (política, econômica, militar). Não se reduzindo somente a isso, a exterioridade do território se torna o âmbito da conflitualidade, e a relação com a fronteira se constitui em relação eminentemente conflituosa. Nesse sentido, os espaços produzidos por esses Estados, anteriormente espalhados e pouco articulados, se tornam paulatinamente um espaço territorial estruturado com vistas a essa dinâmica.

Assim, a sociedade daquele momento da história chinesa também passa a se organizar condicionada por essa geopolítica que se desenha cada vez mais. A guerra é parte fundamental dessa dinâmica. Isso porque tanto a expansão espacial e quanto a constituição da exterioridade (como fonte de conflitos) são processos que, por um lado, não possuem outra dimensão possível para serem dissolvidos. Isso porque, como vimos, a classe política dominante se reproduzia distribuindo poder político por meio da constituição de novos assentamentos. Por outro lado, esses processos se alimentam mutuamente. A expansão de um território produz a exterioridade como espaço de disputa, dado que outros territórios estão implicados nele e também constituem suas próprias exterioridades, o que torna necessária uma defesa contra essa conflitualidade, conduzindo à disposição de uma sociedade cada vez mais organizada em função dessa expectativa.

A geopolítica não somente desenha um exterior como condiciona um interior (COWEN & SMITH, 2009). Os Estados passam a se organizar em torno da militarização. O desenvolvimento produtivo possibilita a instalação de exércitos de infantaria que alteram significativamente o modo como os conflitos armados se davam. O camponês se torna potencialmente um soldado ao mesmo tempo que, no topo da hierarquia social, o governante delega ao comandante a organização de seu exército. O livro *A Arte da Guerra de Sunzi* é configurado nesse processo e se apresenta como posicionamento diante dele.

Capítulo 3 – Diagnóstico histórico da geopolítica

3.1) Introdução

O presente capítulo tem por objetivo apresentar o diagnóstico feito por nosso suposto autor Sunzi a respeito de seu contexto histórico. Nossa obra, em diversos momentos, nos conta sobre os problemas históricos que ela buscou tratar, e como tentou se posicionar, por meio desse tratamento, nesse seu contexto. Assim, começaremos pelo diagnóstico apresentado por ela a respeito do conflito geopolítico que permeava o Período de Estados Combatentes (séc. V-III aec.), passando pela questão da autoridade tradicional até a aparente ambivalência entre belicismo e pacifismo que se desenha nela. Em seguida, discutiremos a questão econômica, que é um princípio organizador do *Sunzi*, sem o qual o tipo de ambiguidade anterior não encontra solução. Essa questão a conecta com os outros problemas materiais de seu contexto histórico. O que também ocorre com a terceira parte deste capítulo, que trata da organização social e de como governante e comandante dividiram seu trabalho na construção de uma população que, ao mesmo tempo, é necessária tanto para o trabalho no campo quanto para o trabalho no exército. A partir dessa exposição, faremos uma análise sobre como o problema do conflito geopolítico foi elaborado por nosso autor. A tradução do *Sunzi* para nossa interpretação é aquela feita por Ames (SUNZI, 1993) para o inglês a partir de edições críticas recentes da obra.

3.2) Diagnóstico sobre o contexto histórico no *Sunzi*

3.2.1 Diagnóstico geral sobre o conflito

Nossa obra se inicia com um diagnóstico genérico sobre a guerra. “A guerra é uma questão vital do Estado”⁴ (SUNZI, 1993:73; cap. 1). Como já vimos anteriormente, a guerra era estrutural para a configuração dos territórios em conflito do Período de Estados Combatentes (séc. V-III aec.). Ela segue afirmando também que “É o campo [*di* 地] no qual a vida e a morte são determinadas e a estrada [*dao* 道] que leva tanto à sobrevivência quanto à

⁴Tradução própria de: “War is a vital matter of state” (SUNZI, 73).

ruína, e tem de ser investigada com o maior cuidado”⁵ (SUNZI, 1993:73; cap. 1). A guerra é interpretada como um momento específico para esse Estado, um momento no qual ele pode vir a deixar de existir, ao mesmo tempo que ela é interpretada como um processo pelo qual sua existência encontra sustentação. A guerra é algo dramático para os Estados segundo esse diagnóstico, o que coloca a compreensão do seu fenômeno como algo fundamental.

O *Sunzi* parece ser uma resposta teórica a esse diagnóstico. Esse livro argumenta, em diversos momentos, a necessidade do conhecimento acurado e preciso para nos sairmos melhor na guerra. “Se você prestar atenção às minhas avaliações, despachar as tropas na batalha significará vitória certa”⁶ (SUNZI, 1993:74; cap. 1). Caso não sigamos a proposta teórica dessa obra: “Se você não prestar atenção nelas, despachar as tropas significará derrota certa”⁷ (SUNZI, 1993:74; cap. 1). O conhecimento é fundamental não somente para se sair melhor na guerra, mas durante toda a sua condução. “A inteligência é essencial na guerra — é sobre o que os exércitos dependem em todos seus movimentos”⁸ (SUNZI, 1993:125; cap. 13). “Conheça o outro, conheça a si mesmo, e a vitória não estará em risco”⁹ (SUNZI, 1993:110; cap. 10). Conhecer ambos os lados (primeiro o outro, depois si mesmo) possibilita que não estejamos em perigo de nos sairmos mal na guerra. Porém, “conheça o terreno¹⁰ [*di* 地], conheça as condições naturais [*tian* 天], e a vitória pode ser total”¹¹ (SUNZI, 1993:110; cap. 10). Conhecer (aparentemente também) a terra e o céu possibilita que saíamos completamente a salvo da guerra.

Apesar disso, a guerra que a obra descreve não é algo simples de ser conhecido. “A guerra é a arte [*dao* 道] da enganação [*gui* 诡]”¹² (SUNZI, 1993:74; cap. 1). A guerra é o

⁵ Tradução própria de: “It is the field [*di* 地] on which life or death is determined and the road [*dao* 道] that leads to either survival or ruin, and must be examined with greatest care” (SUNZI, 73).

⁶ Tradução própria de: “If you heed my assessments, dispatching troops into battle would mean certain victory” (SUNZI, 1993:74).

⁷ Tradução própria de: “If you do not heed them, dispatching troops would mean certain defeat” (SUNZI, 1993:74).

⁸ Tradução própria de: “Intelligence is of the essence in warfare — it is what armies depend upon in their every move” (SUNZI, 1993:125).

⁹ Tradução própria de: “Know the other, know yourself, / And the victory will not be at risk” (SUNZI, 1993:110).

¹⁰ Durante todo o texto do *Sunzi*, o termo *di* 地 é geralmente traduzido por “terreno”, mas também aparece, pontualmente, como “campo”, “terra”, “situação” e “topos”. O seu sentido se remete a um espaço natural ou já construído que é percebido na perspectiva do território, daí que ele está intimamente ligado a relações de poder atuais ou visadas.

¹¹ Tradução própria de: “Know the ground [*di* 地], know the natural conditions [*tian* 天], / And the victory can be total” (SUNZI, 1993:110).

¹² Tradução própria de: “Warfare is the art [*dao* 道] of deceit [*gui* 诡]” (SUNZI, 1993:74).

curso [*dao* 道] da enganação. Esse diagnóstico sobre o ser da guerra é fundamental para interpretarmos o desenvolvimento posterior que será feito a respeito do conhecimento sobre ela e da ação nela. Posteriormente, seguindo o desenvolvimento dessa afirmação, podemos ler: “Estes são os cálculos do estrategista militar para a vitória — eles não podem ser estabelecidos antecipadamente”¹³ (SUNZI, 1993:74; cap. 1). Após expor alguns exemplos de como essa enganação aparece no curso da guerra e como lidar com isso, a obra afirma que esses são os meios para se sagrar vencedor na guerra, algo que não pode ser posto antecipadamente. Argumenta-se na obra que o conhecimento da guerra é fundamental, mas ele por si só não realiza a vitória, somente o emprego desse conhecimento que nos possibilita isso. Em um outro momento, ela afirma: “A vitória pode ser antecipada, mas ela não pode ser forçada”¹⁴ (SUNZI, 1993:83; cap. 4). A obra também vai aparentemente contra algumas posições vigentes a respeito do que é ser alguém que conhece sobre o curso da guerra: “Antecipar a vitória não é ir além do entendimento da estirpe comum; não é a mais alta excelência”¹⁵ (SUNZI, 1993:83-84; cap. 4). Para ela, antecipar a vitória não é possuir presciência vinda de fora do mundo comum. Pelo contrário, o conhecimento vem de dentro desse mundo: “Tal presciência não pode ser obtida de fantasmas ou espíritos, inferida pela comparação com eventos passados, ou verificada por cálculos astrológicos. Ela tem de vir das pessoas — pessoas que conhecem a situação do adversário”¹⁶ (SUNZI, 1993:123; cap. 13). As vitórias do bom guerreiro são infalíveis pois justamente o seu conhecimento é acurado e preciso: “Suas vitórias em batalha são precisas. Ser preciso significa que ele age onde a vitória é certa; e conquista um adversário que já perdeu”¹⁷ (SUNZI, 1993:83-84; cap. 4). Apesar disso, um fatalismo aparentemente se apresenta: se conhecemos que uma vitória não é possível, então a derrota sempre seria certa.

A obra argumenta o contrário. A vitória, por meio do conhecimento acurado e preciso da situação da guerra (conforme apresentado anteriormente ainda em termos gerais), pode ser produzida: “A vitória pode ser criada. Dado que mesmo apesar de o adversário ter

¹³ Tradução própria de: “These are the military strategist’s calculations for victory — they cannot be settled in advance” (SUNZI, 1993:74).

¹⁴ Tradução própria de: “Victory can be anticipated, / But it cannot be forced” (SUNZI, 1993:83).

¹⁵ Tradução própria de: “To anticipate the victory is not going beyond the understanding of the common run; it is not the highest excellence” (SUNZI, 1993:83-84).

¹⁶ Tradução própria de: “Such foreknowledge cannot be had from ghosts and spirits, educed by comparison with pasts events, or verified by astrological calculations. It must come from people — people who know the enemy’s situation” (SUNZI, 1993:123).

¹⁷ Tradução própria de: “His victories in battle are unerring. Unerring means that he acts where victory is certain, and conquests an enemy that has already lost” (SUNZI, 1993:83-84).

força numérica, podemos impedi-lo de lutar contra nós”¹⁸ (SUNZI, 1993:91; cap. 6). Evitar a guerra é se dar bem nela; é vencê-la. Isso qualifica o diagnóstico apresentado no início de nossa obra, e reforça que vencer na guerra não é destruir o adversário, mas se dar melhor que ele diante da resistência que ele apresenta.

Procurando evitar a presença daqueles que se intrometem no nosso território para obter informações a respeito dele (os espiões), a obra argumenta que é necessário escondermos o curso que tomamos na guerra.

“Todos sabem a posição [*xing* 形] que me fez vencer, ainda assim ninguém sonda como eu vim a estabelecer a posição vitoriosa [*xing* 形]. Portanto, a vitória de alguém em batalha não pode ser repetida — elas tomam sua forma [*xing* 形] em resposta a circunstâncias inexaurivelmente mutantes”¹⁹ (SUNZI, 1993:91-92; cap. 6).

Isso se faz necessário para evitar que nosso adversário descubra qual a estratégia que foi empregada para que ele se saísse mal. Apesar de não ser possível repetir o caminho tomado em um conflito anterior em um outro conflito posterior, como apontado anteriormente, pode ser possível nosso adversário aprender como foi derrotado e apreender os planos que produziram sua derrota. Atacar os planos de alguém é o que ele afirma anteriormente na própria obra como a nossa melhor forma de ataque: “a melhor política militar é atacar as estratégias”²⁰ (SUNZI, 1993:79; cap. 3).

Outro aspecto mais específico do seu diagnóstico diz respeito às tropas do exército. Argumenta-se na obra que elas precisam ser coordenadas de modo que sejam unificadas como um só corpo. “Uma vez que os homens tenham sido consolidados como um corpo, o temerário não terá de avançar sozinho, e o covarde não terá de recuar sozinho”²¹ (SUNZI, 1993:95; cap. 7). Isso é reforçado posteriormente: “o perito no uso do exército lidera suas legiões como se ele estivesse liderando uma pessoa pela mão. A pessoa apenas pode seguir”²² (SUNZI, 1993:115, 117; cap. 11). Essas passagens parecem refletir o contexto histórico na medida em que a população, que passa do campo da agricultura para o campo de

¹⁸ Tradução própria de: “Victory can be created. For even though the enemy has the strength of numbers, we can prevent him from fighting us” (SUNZI, 1993:91).

¹⁹ Tradução própria de: “Everyone knows the position [*xing* 形] that has won me victory, yet none fathom how I came to settle on this winning position [*xing* 形]. Thus one’s victories in battle cannot be repeated — they take their form [*xing* 形] in response to inexhaustibly changing circumstances” (SUNZI, 1993:91-92).

²⁰ Tradução própria de: “the best military policy is to attack strategies” (SUNZI, 1993:79).

²¹ Tradução própria de: “Once the men have been consolidated as one body, the courageous will not have to advance alone, and the cowardly will not get to retreat alone” (SUNZI, 1993:95).

²² Tradução própria de: “the expert in using the military leads his legions as though he were leading one person by the hand. The person cannot but follow” (SUNZI, 1993:115, 117).

batalha, não aceita esse processo sem isso lhe ter sido imposto por diversas medidas de organização da sociedade e seu território.

Os problemas advindos dessa transformação dos agricultores em soldados tomam forma dramática na seguinte passagem: “Jogue suas tropas em situações das quais não há saída, e elas escolherão morrer à deserção”²³ (SUNZI, 1993:115; cap. 11). Isso coloca uma aparente contradição, pois até então a obra vinha elaborando um argumento onde nos livrarmos de um adversário sem lutar poderia ser considerado uma vitória na guerra. Se isto é verdadeiro, então como aquilo também seria? A obra apresenta uma certa consciência da condição social dos seus soldados: “Nossos soldados não possuem abundância de riqueza, mas não é porque eles desprezam os bens mundanos; suas expectativas de vida não são longas, mas não é porque eles desprezam a longevidade”²⁴ (SUNZI, 1993:115; cap. 11). Isso reforça o diagnóstico da obra sobre essa emergente divisão do trabalho, algo que ela procura desenvolver.

Os comandantes também são postos em questão. “Na guerra existe fuga, insubordinação, deterioração, ruína, caos e derrota. Essas seis situações não são catástrofes naturais, mas o erro do comandante”²⁵ (SUNZI, 1993:109; cap. 10). Em um outro momento anterior da obra, cinco traços psicológicos negativos de um comandante são listados e as consequências ruins que eles trazem. “Esses cinco traços são geralmente erros de um comandante, e podem se mostrar desastrosas na condução da guerra”²⁶ (SUNZI, 1993:99; cap. 8). Em outra passagem, reforça-se o papel do comandante na transformação do camponês em soldado: “O reforço consistente dos comandos promove um relacionamento complementar entre o comandante e seus homens”²⁷ (SUNZI, 1993:105; cap. 9). A obra procura também refletir o papel dessa figura emergente (o comandante) que passa a comandar o exército.

Nossa obra também argumenta o papel central do comandante, que seria salvaguardar a população e realizar os interesses do seu governante. Esse comandante que

²³ Tradução própria de: “Throw your troops into situations from which there is no way out, and they will choose death over desertion” (SUNZI, 1993:115).

²⁴ Tradução própria de: “Our soldiers do not have an abundance of wealth, but it is not because they despise worldly goods; their life expectancy is not long, but it is not because they despise longevity” (SUNZI, 1993:115).

²⁵ Tradução própria de: “In warfare there is flight, insubordination, deterioration, ruin, chaos, and rout. These six situations are not natural catastrophes but the fault of the commander” (SUNZI, 1993:109).

²⁶ Tradução própria de: “These five traits are generally faults in a commander, and can prove disastrous in the conduct of war” (SUNZI, 1993:99).

²⁷ Tradução própria de: “The consistent enforcement of commands promotes a complementary relationship between the commander and his men” (SUNZI, 1993:105).

“avança sem qualquer pensamento de conquistar fama pessoal e recua em face da punição certa, quem a única preocupação é proteger sua população e promover os interesses de seu governante, é um tesouro do Estado”²⁸ (SUNZI, 1993:109-110; cap. 10). Sobre a relação entre o governante e o seu comandante: “O governante previdente pensa a situação cuidadosamente; o bom comandante a explora completamente”²⁹ (SUNZI, 1993:122; cap. 12). Se, ao mobilizar recursos humanos e materiais do exército, “um comandante não sabe a situação do adversário, ele é o ápice da inumanidade. Tal pessoa não é o comandante de ninguém, conselheiro de ninguém e mestre de nenhuma vitória”³⁰ (SUNZI, 1993:123; cap. 13). Nosso comandante não poderia agir do modo como poderia lhe convir.

Na obra aparece uma clara divisão do trabalho entre o governante, enquanto alguém que planeja, e o comandante que realiza. Isso coloca a questão do público desta obra. Curiosamente, a anedota que circula sobre o suposto autor dela, indica que o público dela seria um governante. Por vezes, isso não é tão claro no curso da sua argumentação. Do ponto de vista histórico, há uma tradição desse texto desenvolvida por oficiais militares, isto é, por quem não era especificamente o governante. Poderia ter sido uma obra produzida na emergência dessa divisão do trabalho, e circulando com essa ambivalência desde então, podendo ser tanto lida por aquele que tem interesses (governante) a serem realizados por outrem (comandante) como lida por esse comandante que iria realizar os interesses de outrem. Isso permitiria que o governante lesse as ações do seu comandante por meio de uma perspectiva adequada ao curso da guerra, e, por sua vez, o seu comandante lesse o curso da guerra a partir de uma perspectiva realista, pela qual ele pudesse agir.

Remover a confusão dentro da própria posição e infligí-la ao adversário é o caminho daquele que é um bom comandante. O bom comandante faz com que o adversário não consiga se organizar para a luta:

²⁸ Tradução própria de: “advances without any thought of winning personal fame and withdraws in spite of certain punishment, whose only concern is to protect his people and promote the interests of his ruler, is the nation’s treasure” (SUNZI, 1993:109-110).

²⁹ Tradução própria de: “The farsighted ruler thinks the situation through carefully; / The good commander exploits it fully” (SUNZI, 1993:122).

³⁰ Tradução própria de: “a commander does not know the enemy’s situation, his is the height of inhumanity. Such a person is no man’s commander, no ruler’s counsellor, and no master of victory” (SUNZI, 1993:123).

“Sua vanguarda e retaguarda não poderiam socorrer uma a outra, e o corpo principal de seu exército e seu destacamento especial não poderia dar suporte um ao outro, oficiais e homens não poderiam vir ao auxílio um do outro, e seus superiores e subordinados não poderiam manter suas linhas de comunicação. As forças adversárias quando fragmentadas não poderiam se reagruparem, e quando seus exércitos se reúnem, eles não podem formar fileiras”³¹ (SUNZI, 1993:113; cap. 11).

O bom comandante é íntegro na sua condução, movendo-se somente se isso lhe favorecesse. “Se era para a vantagem desses comandante peritos, eles se moveriam a ação; senão, eles permaneceriam no lugar”³² (SUNZI, 1993:113; cap. 11). Essa descrição é importante, pois desdobra o caminho da enganação que faz parte da guerra. A necessidade que o *Sunzi* impõe de afirmarmos nossa própria integridade — de evidenciarmos que todas nossas partes em conflito contra nosso adversário deverão estar em harmonia e organizadas para enfrentá-lo — reforça esse diagnóstico. O jogo da enganação é duplo: cada parte ao mesmo tempo está condicionada pela sua produção e participa da sua produção. Isso revela um limite interpretativo da obra sobre o seu próprio contexto, ao mesmo tempo que apresenta uma solução para esse mesmo limite ainda não superado por ela.

Um outro diagnóstico importante diz respeito à velocidade da condução da guerra. “A guerra é tal que a consideração suprema é a velocidade”³³ (SUNZI, 1993:113; cap. 11). Isso é importante para nosso autor. Por um lado, evita os problemas temporais inerentes à mobilização da guerra. “Se a batalha é prolongada, suas armas embotarão e suas tropas serão desmoralizadas”³⁴ (SUNZI, 1993:75; cap. 2). Por outro lado, faz com que seja imposto um ritmo ao adversário, fazendo-o ter de agir contra a própria vontade, sem pensar. “Isso é tirar vantagem daquilo que está além do alcance do adversário, tomar rotas onde ele menos espera você, e atacar onde ele não está preparado”³⁵ (SUNZI, 1993:113; cap. 11). É possível vermos que, de um modo ainda geral, nossa obra procura dar conta de diversos aspectos fundamentais do seu contexto histórico.

³¹ Tradução própria de: “His vanguard and rearguard could not relieve each other, / The main body of his army and its special detachments could not support each other, / Officers and men could not come to each other’s aid, / And superiors and subordinates could not maintain their lines of communication. / The enemy forces when scattered could not regroup, / And when their army assembled, it could not form ranks” (SUNZI, 1993:113).

³² Tradução própria de: “If it was to the advantage of these expert commanders, they would move into action; if not, they would remain in place” (SUNZI, 1993:113).

³³ Tradução própria de: “War is such that the supreme consideration is speed” (SUNZI, 1993:113).

³⁴ Tradução própria de: “If battle is protracted, your weapons will be blunted and your troops demoralized” (SUNZI, 1993:75).

³⁵ Tradução própria de: “This is to take advantage of what is beyond the reach of the enemy, to go by way of routes where he least expects you, and to attack where he has made no preparations” (SUNZI, 1993:113).

3.2.2 *A história e o passado no texto do Sunzi*

Dentre os argumentos centrais para a defesa da sua perspectiva sobre a guerra, nossa obra apresenta uma interpretação do passado e da tradição. Essa interpretação aparece como uma leitura sobre a tradição guerreira vinda do passado, ao mesmo tempo funcionando como uma releitura do passado e como um recurso à tradição. Em um primeiro momento alguns trechos que tratam de modo mais geral dessa tradição serão abordados, para posteriormente trazermos sua forma particular de inserir a tradição no texto da obra, o que, ao mesmo tempo, propõe um ponto de vista sobre ela (e nos revela um pouco o modo como o texto oral se consolidou em texto escrito).

Em diversos momentos dessa obra, os melhores guerreiros do passado são invocados como exemplo régio de condução do curso da guerra. “Desde antigamente, o perito na batalha se faria primeiro invencível e então esperaria pelo adversário expor sua vulnerabilidade”³⁶ (SUNZI, 1993:83; cap. 4). Esse exemplo também é curioso, pois apresenta uma aparente preocupação acerca da interpretação que se pode dar para as histórias de vitórias bélicas transmitida pela tradição. Como somente aqueles governos vencedores transmitiram os documentos de suas histórias para frente, e somente essas histórias possuíam valor elevado para a cultura desse contexto histórico, as interpretações das guerras do passado teriam costumado frisar fundamentalmente seus vencedores. Dado esse fato, afirmações como essa parecem óbvias: “Aquele que os antigos chamavam de um perito em batalha ganhava a vitória onde ela era facilmente alcançada”³⁷ (SUNZI, 1993:83-84; cap. 4). A obra parece, portanto, servir para explicar como essa interpretação possível sobre o passado pode ser realizada na atualidade.

O bom guerreiro do passado aparece como uma figura que controla seu adversário. Ele garante que ele permaneça em confusão, esvaziando o significado bélico de suas armas. “Os comandantes de antigamente, ditos serem peritos no uso do exército, eram capazes de garantir contra o adversário: [...]”³⁸ (SUNZI, 1993:113; cap. 11), e segue

³⁶ Tradução própria de: “Of old the expert in battle would first make himself invincible and then wait for the enemy to expose his vulnerability” (SUNZI, 1993:83).

³⁷ Tradução própria de: “He whom the ancients called an expert in battle gained victory where victory was easily gained” (SUNZI, 1993:83-84).

³⁸ Tradução própria de: “The commanders of old said to be expert at the use of the military were able to ensure that with the enemy” (SUNZI, 1993:113).

apontando as ações que ele deveria realizar para ter um adversário sem unidade interna, fragmentado. Isso também aponta uma explicação que a obra apresenta para essa vitória fácil que os bons guerreiros do passado alcançavam diante dos seus adversários. Eles construíam uma posição que não poderia ser vencida, e promoviam a vulnerabilidade desse seu adversário.

Em alguns momentos da obra, os imperadores míticos do passado são invocados como autoridade argumentativa, semelhante ao modo como os bons guerreiros do passado são invocados. “Conquistar a posição vantajosa para seu exército nessas quatro diferentes situações foi a maneira que o Imperador Amarelo derrotou os imperadores dos quatro cantos”³⁹ (SUNZI, 1993:101; cap. 9). Em outro momento, a obra explica como as ascensões dinásticas anteriores foram possíveis por meio da conversão de oficiais importantes do governo em espiões por seus adversários. “Desde antigamente, a ascensão da Dinastia Yin (Shang) foi por causa de Yi Yin que servia na casa de [Xia]; a ascensão da Dinastia [Zhou] foi por causa de Lu Ya que servia na casa de Shang”⁴⁰ (SUNZI, 1993:125; cap. 13). A obra também se dedica a governos atuais, como é o caso dessa passagem na qual se argumenta que é possível vencer o numeroso exército de Yue:

“Do modo como estimo, mesmo apesar de as tropas de [Yue] serem muitas, que vantagem isso lhes tem para a vitória? Portanto, diz-se: a vitória pode ser criada. Dado que mesmo apesar de o adversário ter força numérica, podemos impedi-lo de lutar contra nós”⁴¹ (SUNZI, 1993:91; cap. 6).

O contexto histórico, portanto, se encontra refletido na obra de diversos modos, e serve tanto como uma autoridade argumentativa, quanto como uma coleção de casos interpretados a sua luz, visando valorizar a sua própria importância para aquele contexto.

O dito tradicional é usado como recurso em diversos momentos da obra. “Portanto, diz-se”⁴² (SUNZI, 83, 110; cap. 4, cap. 10). “Assim, diz-se”⁴³ (SUNZI, 80, 91, 122; cap. 3, cap. 6, cap. 12). O dito tradicional reforça a argumentação por meio da autoridade tradicional ao mesmo tempo que ele é ressignificado ao ser explicado pela perspectiva da

³⁹ Tradução própria de: “Gaining the advantageous position for his army in these four different situations was the way the Yellow Emperor defeated the emperors of the four quarters” (SUNZI, 1993:101).

⁴⁰ Tradução própria de: “Of old the rise of the Yin (Shang) dynasty was because of Yi Yin who served the house of Hsia; the rise of the Chou dynasty was because of Lü Ya who served in the house of Shang” (SUNZI, 1993:125).

⁴¹ Tradução própria de: “The way I estimate it, even though the troops of Yüeh are many, what good is this to them in respect to victory? Thus it is said: Victory can be created. For even though the enemy has the strength of numbers, we can prevent him from fighting us” (SUNZI, 1993:91).

⁴² Tradução própria de: “Hence it is said” (SUNZI, 83, 110).

⁴³ Tradução própria de: “Thus it is said” (SUNZI, 80, 91, 122).

obra.

Em apenas um único momento da obra uma referência explícita a um documento histórico é feita:

“*O livro das Políticas Militares* afirma: É porque os comandos não podem ser escutados na algazarra da batalha que tambores e gongos são utilizados; é porque as unidades não podem identificar umas às outras em batalha que bandeiras e flâmulas são utilizadas. Assim, em batalhas noturnas, faça uso extensivo de tochas e tambores, e, em batalhas diurnas, faça uso extensivo de bandeiras e flâmulas. Tambores, gongos, bandeiras e flâmulas são o modo de coordenar os ouvidos e olhos dos homens”⁴⁴ (SUNZI, 1993:95; cap. 7).

Esta é também uma passagem que descreve uma forma de comunicação que, apesar das variações de conteúdo, não varia no curso da guerra, e que é fundamental para a sua condução.

3.2.3 O suposto Sunzi histórico como autoridade espiritual do Sunzi

A primeira frase de toda a obra é “Mestre Sun disse”⁴⁵ (SUNZI, 1993, *passim*). Essa frase não é somente a presença do recurso à autoridade tradicional. Ela apresenta a perspectiva do próprio texto: o texto é a escrita dos dizeres de Sunzi, portanto, deve ser lido como algo dito por ele enquanto sábio estrategista, enquanto uma figura autoral investida de autoridade pela tradição. Isso se repete no início de todos os capítulos de nossa obra.

Isso torna possível a compreensão de algumas passagens que fazem recurso à primeira pessoa do singular. Essa também é uma maneira de se referir àquele que está interessado na obra. Quem está interessado na obra procura e deve se inserir na perspectiva proposta por ela, portanto, neste caso, na perspectiva de Sunzi. Esteja com ele, ou ele não o seguirá: “Se você prestar atenção às minhas avaliações, [...] eu ficarei. Se você não prestar atenção nelas, [...] eu sairei”⁴⁶ (SUNZI, 1993:74; cap. 1). A importância da sua perspectiva: “O modo como eu estimo isso [...]”⁴⁷ (SUNZI, 1993:91; cap. 6). Os próprios soldados dele não compreendem o que eles mesmos fizeram para vencer: “Eu apresento aos soldados rasos

⁴⁴ Tradução própria de: “*The Book of Military Policies* states: It is because commands cannot be heard in the din of battle that drums and gongs are used; it is because units cannot identify each other in battle that flags and pennants are used. Drums, gongs, flags, and pennants are the way to coordinate the ears and eyes of the men” (SUNZI, 1993:95).

⁴⁵ Tradução própria de: “Master Sun said” (SUNZI, 1993, *passim*).

⁴⁶ Tradução própria de: “If you heed my assessments, [...] I will stay. If you do not heed them, [...] I will leave” (SUNZI, 1993:74).

⁴⁷ Tradução própria de: “The way I estimate it [...]” (SUNZI, 1993:91).

vitórias ganhas por meio da [*yin* 因] posição estratégica [*xing* 形], e ainda assim eles não são capazes de entendê-las”⁴⁸ (SUNZI, 1993:91-92; cap. 6). O diálogo ensaiado entre Sunzi e um possível interlocutor interessado em sua proposta teórica: “Suponha que sou perguntado: [...] Eu responderia: [...]”⁴⁹ (SUNZI, 1993:113; cap. 11). Como pudemos ver, todas essas passagens dizem respeito a uma recomendação fundamental para o *Sunzi*.

3.3) A avaliação do *Sunzi* sobre a questão econômica

3.3.1 A aparente ambivalência Pacifismo vs. Belicismo no *Sunzi*

A guerra se apresenta de modo contraditório no contexto histórico da obra. Se, por um lado, ela pode causar a ruína de um Estado, então, por outro lado, ela pode ser decisiva para a constituição desse mesmo Estado. A postura que ele pode ter com relação a essa condição pode ser a da ofensiva contra outros Estados ou, de outro modo, a de se defender diante da ofensiva desses outros. Ao mesmo tempo, somente se defender é difícil, pois há uma necessidade premente de expansão territorial dado o modo de produção do espaço nessa sociedade. Somente atacar também é difícil, pois se faz necessário estar preparado para a investida de possíveis adversários. Poderíamos dizer, então, que aqui se procuraria equilíbrio em um suposto caminho do meio, entre um aparente pacifismo e um aparente belicismo. Diante desse problema, a obra de Sunzi não parece argumentar a favor disso. Pelo contrário, não deixando clara essa ambiguidade, abriu com isso uma aparente ambivalência de posições a respeito do fato histórico da guerra. Isso possibilita interpretações contraditórias sobre a perspectiva apresentada pelo *Sunzi*.

Como já repisado até aqui, a obra se inicia falando da necessidade da guerra. Ela também fala, porém, da importância de se evitar o conflito armado, dada a sua negatividade própria: “a maior excelência é subjugar o exército adversário sem nenhuma luta”⁵⁰ (SUNZI, 1993:79; cap. 3). Isso porque nos mantermos intactos, incólumes, é melhor que sofrermos alguma perda material ou humana: “o perito no uso do exército subjuga as forças adversárias sem ir para a batalha [...]. Ele tem de usar o princípio de se manter intacto para competir no

⁴⁸ Tradução própria de: “I present the rank and file with victories gained through [*yin* 因] strategic positioning [*xing* 形], yet they are not able to understand them” (SUNZI, 1993:91-92).

⁴⁹ Tradução própria de: “Suppose I am asked: [...] I would reply: [...]” (SUNZI, 1993:113).

⁵⁰ Tradução própria de: “the highest excellence is to subdue the enemy’s army without fighting at all” (SUNZI, 1993:79).

mundo [*tianxia* 天下]⁵¹ (SUNZI, 1993:79-80; cap. 3). Em outro momento, argumenta-se que nos tornarmos invencíveis é fundamental para vencermos a guerra, e, a partir dessa posição fundante, devemos aguardar nosso adversário se posicionar de modo vulnerável. Essa disposição de invencibilidade — e o posicionamento de vulnerabilidade do adversário — permitiria que aquele em posição invencível possa atacar ou se defender sem que para isso permita ao adversário se sair melhor ou poder encontrar algum ponto fraco a ser aproveitado. Tornar-se invencível e buscar a vulnerabilidade do adversário é fundamental: “O perito na defesa se esconde nos mais profundos recôncavos da terra [*di* 地]; o perito em ataque ataca saindo dos mais altos estratos dos céus [*tian* 天]”⁵² (SUNZI, 1993:83; cap. 4). Em um momento posterior, argumenta-se nesse sentido, porém, dessa vez, apontando que nosso adversário agora tem as suas ações coordenadas pelo seu antagonista, nós. Ele luta ou deixa de lutar conforme ele é posicionado por nós no conflito: “se nós queremos lutar, o adversário não tem outra escolha senão nos enfrentar [...]. Se nós não queremos lutar, o adversário não pode nos enfrentar”⁵³ (SUNZI, 1993:90-91; cap. 6). Essas passagens ilustram as discussões que são feitas na obra a respeito da ambivalência presente no conflito armado.

A certa altura da obra, isso é tornado explícito. Essa ênfase é colocada pois há um capítulo inteiro dela, o sétimo, dedicado ao tema do emprego da guerra e as dificuldades que se apresentam diante dessa ação. “O conflito armado pode ser tanto uma fonte de vantagem quanto de perigo”⁵⁴ (SUNZI, 1993:93; cap. 7). Há uma série de recomendações que são feitas contra o emprego do conflito armado. Se anteriormente nos foi recomendado, para não sofrermos alguma derrota contra algum adversário, nos tornarmos invencíveis em nossa posição, aguardando apenas a vulnerabilidade de nosso adversário se apresentar para derrotá-lo, então agora nos é recomendado não enfrentarmos um adversário que esteja ajustado desse modo anteriormente recomendado a nós. “Não intercepte um adversário que está perfeitamente uniforme em sua linha de estandartes; nem lance um ataque em um adversário que está íntegro e disciplinado em suas formações”⁵⁵ (SUNZI, 1993:96; cap. 7). Adversários

⁵¹ Tradução própria de: “the expert in using the military subdues the enemy’s forces without going to battle [...]. He must use the principle of keeping himself intact to compete in the world [*tianxia* 天下]” (SUNZI, 1993:79-80).

⁵² Tradução própria de: “The expert at defense conceals himself in the deepest recess of the earth; the expert on the attack strikes from out of the highest reaches of the heavens” (SUNZI, 1993:83).

⁵³ Tradução própria de: “if we want to fight, the enemy has no choice but to engage us [...]. If we do not want to fight, the enemy cannot engage us [...].” (SUNZI, 1993:90-91).

⁵⁴ Tradução própria de: “Armed contest can be both a source of advantage and of danger” (SUNZI, 1993:93).

⁵⁵ Tradução própria de: “Do not intercept an enemy that is perfectly uniform in its array of banners; do not launch the attack on an enemy that is full and disciplined in its formations” (SUNZI, 1993:96).

bem organizados não devem ser alvo de ataques, pois devemos antes esperar que apresentem alguma vulnerabilidade. Em um momento posterior neste mesmo capítulo sete de nosso livro, apresenta-se que o princípio regulador [*fa* 法] do emprego da guerra [*bing* 兵] é, de modo sintético, não atacar adversários bem qualificados, bem organizados e bastante acuados: “não vá contra um adversário que está de costas para uma colina; [...] não ataque o melhor do adversário; [...] não pressione um adversário que está encurralado”⁵⁶ (SUNZI, 1993:96; cap. 7). Adversários bem qualificados, quando podem dispor dessa qualificação, estariam preparados para qualquer tipo de enfrentamento (assim como a obra visa que seu leitor aprenda) ou estão preparando seu antagonista para cair em alguma armadilha (objetivo desta obra). Adversários bem organizados, como já apontado anteriormente, possuem, segundo esta obra argumenta, imensas chances de se sair melhor que seu antagonista e, no melhor dos casos, são invencíveis. Adversários acuados não devem ser enfrentados por uma razão que será desenvolvida posteriormente na obra, a respeito do terreno mortal.

Apesar de toda essa admoestação a respeito dos perigos existentes na guerra, há uma série de passagens importantes para a argumentação da obra que colocam a situação mortal como motor da possibilidade de vitória na guerra e que não podem ser deixadas de lado. Como ela argumenta, jogar o exército em uma situação onde a luta pela sobrevivência diante do adversário assassino seja a única possível é a única situação onde o exército escolheria a luta em vez da deserção: “Jogue suas tropas em situações das quais não há saída, e elas escolherão morrer à deserção”⁵⁷ (SUNZI, 1993:115; cap. 11). Muito possivelmente por conta do fato histórico de a população que está sendo posta nessa guerra ser uma população até então majoritariamente trabalhadora do campo — com relativo grau de autonomia nesse trabalho e aparente resistência nessa transição (dada a ênfase feita na obra a respeito da aquiescência necessária do exército na luta de que faziam parte) — a necessidade de montar uma forma de fazê-los lutar incontornavelmente se tornou condição para a realização da guerra promovida por esses Estados Combatentes.

As tropas do exército somente sobrevivem em situações mortais: “Somente se você joga-as em situações de vida e morte elas sobreviverão”⁵⁸ (SUNZI, 1993:118; cap. 11).

⁵⁶ Tradução própria de: “do not go against an enemy that has his back to a hill; [...] do not attack the enemy’s finest; [...] do not press an enemy that is cornered” (SUNZI, 1993:96).

⁵⁷ Tradução própria de: “Throw your troops into situations from which there is no way out, and they will choose death over desertion” (SUNZI, 1993:115).

⁵⁸ Tradução própria de: “Only if you throw them into life-and-death situations will they survive” (SUNZI, 1993:118).

Uma condição para o emprego da guerra é colocar o exército em uma situação limite onde ele somente pode sair dela por meio da luta até às últimas consequências. Isso parece entrar em choque com o adágio da preservação dos recursos humanos. Isso também aparece quando o vazamento de informações no contexto da espionagem é tematizado em nossa obra: “Onde um assunto de espionagem foi divulgado prematuramente, tanto o espião como todos aqueles para os quais ele falou devem ser enviados à morte”⁵⁹ (SUNZI, 1993:125; cap. 13). Em um capítulo dedicado aos ataques incendiários, enfatiza-se como primeiro tipo de ataque incendiário, o ataque às tropas do exército, seguido dos ataques incendiários aos recursos materiais. “O primeiro se chama pôr fogo em pessoal; o segundo, nos armazéns; o terceiro, nos veículos de transporte e nos equipamentos; o quarto, nas munições; o quinto, nas instalações de suprimentos”⁶⁰ (SUNZI, 1993:121; cap. 12). Isso amplia essa aparente ambivalência entre pacifismo e belicismo em uma contradição na estrutura da obra.

3.3.2 *O custo imediato da guerra*

A guerra era realizada por condições e visando consequências econômicas. Ela se configurava como uma condição histórica incontornável. Ela era um meio para dar conta também de questões econômicas importantes, não somente políticas. A expansão territorial permitiu aos territórios a incorporação de novas terras trabalhadas e de oficinas metalúrgicas já produtivas. Cada conquista territorial poderia, por um lado, aplacar as necessidades econômicas, e, por outro lado, dissolver o modo belicoso como certos territórios se relacionavam. Apesar dessa positividade econômica possibilitada por ela, ela também guarda problemas relacionados à sua própria realização. Ela pode ser a ruína de um Estado, mas não somente pelo enfraquecimento de seu poder político. Ela também pode ser a ruína econômica de um Estado. Esse fato é discutido pela obra de modo fundamental.

O *Sunzi* debate a questão econômica em quatro aspectos. O primeiro deles diz respeito aos custos materiais e humanos que a guerra exige para que seja possível realizá-la. O segundo, aos custos materiais e humanos que essa situação belicosa exige para manter a sua realização. O terceiro aspecto, à importância dos recursos materiais e humanos adversários para a manutenção da guerra. Por fim, o quarto aspecto diz respeito às implicações

⁵⁹ Tradução própria de: “Where a matter of espionage has been divulged prematurely, both the spy and all those he told should be put to death” (SUNZI, 1993:125).

⁶⁰ Tradução própria de: “The first is called setting fire to personnel; the second, to stores; the third, to transport vehicles and equipment; the fourth, to munitions; the fifth, to supply installations” (SUNZI, 1993:121).

econômicas da guerra. Essa discussão econômica se torna outro fundamento a ser observado nessa obra.

A elaboração teórica da geopolítica deve levar em consideração a economia. Isso é uma preocupação que aparece principalmente no capítulo segundo de nosso livro. Ele argumenta que o tamanho do exército e o tamanho da campanha correspondem a um certo custo econômico. E esse custo deve ser considerado nos planos estratégicos da campanha bélica como uma condição necessária para que ela alcance seus objetivos. Outra coisa que deve ser levada em consideração é a possibilidade de empobrecimento do Estado e de sua população para a realização da guerra e a sua manutenção. A economia é uma questão fundamental da guerra no contexto histórico da obra, e aparece refletida nos termos de condição necessária.

3.3.3 O custo da realização da guerra

A obra também discute o elevado custo de manutenção do conflito armado. Dentre os modos como trata desse tema, ela aborda as necessidades materiais do exército. O exército necessita de equipamentos e suprimentos para não sucumbir na guerra: “se um exército está sem seus equipamentos e armazenamentos, ele perecerá; se está sem seus mantimentos, ele perecerá; se está sem seu suporte material, ele perecerá”⁶¹ (SUNZI, 93, 95; cap. 7). Ele também precisa estabelecer acampamento e se mobilizar por onde há luz solar e possibilidade de obtenção de água e alimento sem custos derivados. O exército necessita de um fluxo permanente de itens de subsistência: “um exército [...] busca um lugar no qual comida e água estão disponíveis imediatamente e são abundantes para suprir suas necessidades, e quer estar livre das numerosas doenças”⁶² (SUNZI, 1993:103; cap. 9). A nutrição do exército, a obra argumenta, é algo importante a ser atendido: “Atenda à nutrição das tropas e não as deixe serem desgastadas”⁶³ (SUNZI, 1993:113; cap. 11). O exército pode ser interpretado como um instrumento para a realização dos resultados desejados da guerra pelo Estado que, ao mesmo tempo, consome e necessita consumir permanentemente recursos

⁶¹ Tradução própria de: “if an army is without its equipment and stores, it will perish; if it is without provisions, it will perish; if it is without its material support, it will perish” (SUNZI, 1993:93, 95).

⁶² Tradução própria de: “an army [...] seeks a place in which food and water are readily available and ample to supply its needs, and wants to be free of the numerous diseases” (SUNZI, 1993:103).

⁶³ Tradução própria de: “Attend to the nourishment of your troops and do not let them get worn down” (SUNZI, 1993:113).

materiais desse Estado.

Essa discussão sobre o elevado custo de manutenção da guerra exige que o plano estratégico para ela vise caminhos pelos quais a guerra alcance resultados convenientes e, portanto, cesse com celeridade. A batalha prolongada minora os recursos materiais e humanos, elevando o custo inicial disposto para essa incursão: “Se a batalha é prolongada, suas armas embotarão e suas tropas desmoralizadas. [...] Se seus exércitos são mantidos no campo por um longo tempo, suas reservas estatais não serão suficientes”⁶⁴ (SUNZI, 1993:75; cap. 2). Esse é um apontamento feito em favor de uma elaboração estratégica que vise vencer o adversário rapidamente. O exército, composto basicamente por camponeses, é a imobilização de certa força produtiva (ao mesmo tempo que a guerra visa ampliar essa mesma produção econômica tendo por instrumento o exército). Isso implica que ele não está dedicado à produção de sua própria subsistência e tem de se valer da produção de outrém.

Por um lado, o exército se vale da produção da terra natal de onde esse exército se reuniu e saiu em campanha. Por outro lado, a produção econômica feita nos lugares por onde ele marcha pode ser trocada pelos recursos monetários que o exército carrega. Isso pode servir para abater os custos de transporte dos recursos materiais reunidos desde a cidade natal até a localização desse exército. Isso implica no fato de que o exército poderá dispôr de mais recursos materiais durante a campanha, mas também implica no fato de que o mercado onde ele realiza essas trocas poderá ficar saturado por sua demanda concorrente com a demanda atual: “nas cercanias do exército, o preço das mercadorias sobe. Onde as mercadorias são caras, você exaure seus recursos”⁶⁵ (SUNZI, 1993:77; cap. 2). A dilapidação dos recursos materiais e humanos do próprio exército e dos recursos dos lugares por onde eles passam podem se tornar ainda mais grave se levarmos em conta a duração total da guerra. Ela poderia levar anos até o seu momento decisivo: “Dois lados irão querrelar um com o outro por muitos anos de modo a lutarem uma batalha decisiva em um único dia”⁶⁶ (SUNZI, 1993:123; cap. 13). Portanto, há uma ponderação asseverada acerca dos custos de manutenção da guerra.

Planejar o custo econômico da guerra é importante de um ponto de vista logístico, para evitar que a mobilização do exército e a sua intervenção sejam somente uma fonte de

⁶⁴ Tradução própria de: “If battle is protracted, your weapons will be blunted and your troops demoralized. [...] If your armies are kept in the field for a long time, your national reserves will not suffice” (SUNZI, 1993:75).

⁶⁵ Tradução própria de: “in the vicinity of the armies, the price of goods goes up. Where goods are expensive, you exhaust your resources” (SUNZI, 1993:77).

⁶⁶ Tradução própria de: “Two sides will quarrel with each other for several years in order to fight a decisive battle on a single day” (SUNZI, 1993:123).

gastos para o seu Estado sem que ele obtenha um resultado conveniente disso. O planejamento nesse sentido é importante também para evitar que certos caminhos sejam tomados. O assalto a uma cidade murada é desestimulado por conta de seu custo material e humano (além do custo temporal). Esse tipo de incursão é visto pela obra como o pior tipo de abordagem geopolítica: “o pior é assaltar cidades muradas”⁶⁷ (SUNZI, 1993:79; cap. 3). Quando inevitável, ela demanda um planejamento de muito tempo em adiantado, caso se queira realizá-la com eficiência. O assalto às cidades muradas demanda que os recursos materiais e humanos se concentrem nesse ato, ato esse que pode não ser efetivo. “Se você mobiliza sua força inteira para disputar por alguma vantagem, você chega muito tarde; se você abandona seu acampamento para disputar por vantagem, seu equipamento e mantimentos serão perdidos”⁶⁸ (SUNZI, 1993:93; cap. 7). Esse é o problema de empenharmos todas as nossas forças de modo muito concentrado para visar um resultado conveniente: podemos, ao mesmo tempo, não alcançar nosso resultado desejado e não conseguirmos fazer com que o exército sobreviva inteiro ao processo. Por isso, certos tipos de abordagens devem ser ponderadas do ponto de vista econômico.

3.3.4 A importância dos recursos adversários

Na guerra, os recursos humanos e materiais adversários são algo visado. A obra trabalha diretamente com essa questão de três modos. O primeiro modo diz respeito ao saque dos recursos materiais e humanos adversários. A manutenção da belicosidade pode ser realizada por meio dos recursos saqueados do adversário: “Ele carrega seu equipamento militar consigo, e demanda [*yin* 因] suas provisões do adversário”⁶⁹ (SUNZI, 1993:77; cap. 2). Eles permitiriam acesso a suprimentos necessários para a manutenção da campanha pelo tempo de seu transcurso, caso eles venham a faltar. Essa manutenção também pode ser feita por meio da captura de equipamentos e soldados adversários, que devem ser adequadamente incorporados ao exército que os capturou: “apanhar a riqueza do adversário é uma questão de

⁶⁷ Tradução própria de: “the worst to assault walled cities” (SUNZI, 1993:79).

⁶⁸ Tradução própria de: “If you mobilize your entire force to contend for some advantage, you arrive too late; if you abandon your base camp to contend for advantage, your equipment and stores will be lost” (SUNZI, 1993:93).

⁶⁹ Tradução própria de: “He carries his military equipment with him, and commandeers [*yin* 因] his provisions from the enemy” (SUNZI, 1993:77).

distribuir a pilhagem”⁷⁰ (SUNZI, 1993:77; cap. 2). Essa abordagem permite que o exército faça manutenção de sua força, sendo complementada pelo saque de outros recursos materiais adversários.

O segundo modo é o saque direto do que é produzido no território adversário. O “comandante sábio faz o seu melhor para alimentar seu exército a partir do solo do adversário”⁷¹ (SUNZI, 1993:77; cap. 2). A obra argumenta que o comandante superior se alimenta do solo adversário. Isso aponta para um modo pelo qual o exército em campanha pode se manter em atividade, e também para a finalidade da própria campanha militar, que é a incorporação do território adversário. Essa abordagem é enfatizada quando nossa obra recomenda caminhos para lidarmos com o saque aos campos agrícolas e com a expansão territorial: “Ao saquear o interior [campos agrícolas], [...]; ao expandir seu território, [...]”⁷² (SUNZI, 1993:95; cap. 7). E também aparece quando nos é enfatizado que o caminho para o amplo provisionamento é saquearmos os campos agrícolas mais férteis: “Saquee os campos mais férteis do adversário, e seu exército terá amplas provisões”⁷³ (SUNZI, 1993:113; cap. 11). De certo modo, em se tratando da finalidade e do transcurso da guerra, esse processo não se daria de modo idílico, sem perdas.

A obra procura tratar dessa questão ao recomendar que, para nos valermos adequadamente do território adversário — seja para nossa expansão territorial ou seja para a manutenção do nosso exército —, o ideal seria fazê-lo sem lutar. E isso não se daria sem um planejamento prévio dos caminhos para desgastar nosso adversário antes de nos desgastarmos: “Assim, ser capaz de desgastar um adversário descansado, esfomear um que está bem servido e mobilizar um que está estabelecido jaz em ir por caminhos onde o adversário tem de se apressar em defender”⁷⁴ (SUNZI, 1993:89; cap. 6). O aproveitamento do território adversário, algo necessário para a guerra, deve ser feito levando em conta a própria economia que a condiciona.

O terceiro modo pelo qual a obra trata dos recursos materiais e humanos está

⁷⁰ Tradução própria de: “snatching the enemy’s wealth is a matter of dispensing the spoils” (SUNZI, 1993:77).

⁷¹ Tradução própria de: “wise commander does his best to feed his army from enemy soil” (SUNZI, 1993:77).

⁷² Tradução própria de: “In plundering the countryside, [...]; in extending your territory, [...]” (SUNZI, 1993:95).

⁷³ Tradução própria de: “Plunder the enemy’s most fertile fields, and your army will have ample provisions” (SUNZI, 1993:113).

⁷⁴ Tradução própria de: “Thus being able to wear down a well-rested enemy, to starve one that is well-provisioned, and to move one that is settled, lies in going by way of places where the enemy must hasten in defense” (SUNZI, 1993:89).

presente no seu capítulo doze, que trata dos ataques incendiários (e dedica passagens bastante breves a respeito dos ataques usando água). Nesses trechos, discute-se como lidar com os recursos materiais e humanos adversários por meio da separação desses recursos do adversário (com a água) ou por meio da destruição planejada (com o fogo). O ataque incendiário possui diversas funções, desde a destruição de armamentos e suprimentos, passando pela destruição de edifícios, até o uso dele como recurso para assassinar tropas do exército: “Existem cinco tipos de ataques incendiários. O primeiro é chamado de atear fogo em pessoal; [...] o quinto, em instalações de suprimentos”⁷⁵ (SUNZI, 1993:121; cap. 12). Discute-se como realizar esses tipos de ataques incendiários e as suas condições. A água aparece como meio para separar o exército de seus recursos materiais e humanos. “A água pode ser usada para isolar o adversário; mas não pode ser usada para privá-lo de seus suprimentos”⁷⁶ (SUNZI, 1993:121-122; cap. 12). O fogo é apresentado como um contraponto à água, pois ele permite a destruição desses recursos, enfatizando as características tanto da água quanto do próprio fogo.

3.3.5 A implicação econômica da guerra

A obra se dedica à elaboração dos problemas econômicos advindos da guerra para o Estado e sua população. Como a força bélica do exército é composta em grande parte pela força produtiva do campo no Período de Estados Combatentes, cada soldado destacado é um camponês em desfalque. O Estado desse período é capaz de realizar essa divisão do trabalho, mas isso não deixa de impor seus problemas, dado que ele não é completamente capaz de se dedicar completamente à guerra sem ter perdas. O levantamento de recursos materiais e humanos para a guerra sai daqueles recursos que poderiam ser alocados para a população que ficou em sua terra natal, o que implica na falta deles para ela: “Toda sua força é gasta no campo de batalha, e as famílias na terra natal são deixadas na miséria”⁷⁷ (SUNZI, 1993:77; cap. 2). Outra consequência disso — sobretudo quando as implicações econômicas da guerra não são levadas em consideração — é a revolta da população desse Estado contra o seu

⁷⁵ Tradução própria de: “There are five kinds of incendiary attack. The first is called setting fire to personnel; [...] the fifth, to supply installations” (SUNZI, 1993:121).

⁷⁶ Tradução própria de: “Water can be used to cut the enemy off; / But cannot be used to deprive him of his supplies” (SUNZI, 1993:121-122).

⁷⁷ Tradução própria de: “All your strength is spent on the battlefield, and the families on the home front are left destitute” (SUNZI, 1993:77).

governante, constituindo uma busca por condições mais favoráveis para a manutenção da vida para parte dessa população. Isso inicia um processo de transumância: “Existirá revolta na terra natal e fora dela, com pessoas caminhando exaustas nas estradas e em torno de 700.000 domicílios familiares impedidos de trabalhar nos campos”⁷⁸ (SUNZI, 1993:123; cap. 13). E as implicações econômicas devem ser ponderadas para o próprio desenvolvimento da guerra. “Recorra ao assalto a cidades muradas somente quando não há outra escolha”⁷⁹ (SUNZI, 1993:79; cap. 3). Uma campanha, especialmente aquela do assalto à cidade murada, pode levar muito tempo e custar muitos recursos materiais e humanos para ser realizada, implicando na dilapidação desses recursos, e não alcançar os resultados esperados ainda assim: “se o seu comandante, incapaz de controlar seu temperamento, envia suas tropas, como um enxame, às paredes, então as suas baixas serão uma em três e ainda assim você não terá tomado a cidade”⁸⁰ (SUNZI, 1993:79; cap. 3). Por essas considerações, além das outras já discutidas anteriormente, a economia é algo principal na estrutura argumentativa da obra.

3.3.6 A economia como princípio organizador

Não é muito difícil perceber que a economia é um dos pontos centrais do *Sunzi*. Se levarmos em conta que o problema elaborado pela obra possui determinações que são em grande parte econômicas, então a economia facilmente pode ser tomada como fundamento da obra. Como exposto até aqui, os problemas que envolvem a elaboração desse texto sobre estratégia geopolítica não se reduzem somente a ela. Mas a economia permite compreender a aparente cisão entre pacifismo e belicismo existente no seu interior.

Galvany (2010) também aponta nesse sentido. Ao argumentar sobre a forma do que ele vê sendo elaborado no *Sunzi* como uma teoria da ação, ele aponta que há um princípio econômico que quer ser levado ao âmbito militar. Isso permitiria alcançar uma “sobriedade de meios e recursos despachados para obter a vitória”⁸¹ (GALVANY, 2010:78). Haveria nessa obra, portanto, “uma teoria da ação na qual prevalece a ideia de lograr a vitória com

⁷⁸ Tradução própria de: “There will be upheaval at home and abroad, with people trekking exhausted on the roadways and some 700,000 households kept from their work in the fields” (SUNZI, 1993:123).

⁷⁹ Tradução própria de: “Resort to assaulting walled cities only when there is no other choice” (SUNZI, 1993:79).

⁸⁰ Tradução própria de: “if your commander, unable to control his temper, sends your troops swarming at the walls, your casualties will be one in three and still you will not have taken the city” (SUNZI, 1993:79).

⁸¹ Tradução própria de: “sobriedad de medios y recursos desplegados para obtener la victoria” (GALVANY, 2010:78).

facilidade”⁸² (GALVANY, 2010:79). Para esse autor, Sunzi elabora uma teoria da ação cujo eixo central seria a facilidade, “maximizando a eficácia do movimento e reduzindo, ao mesmo tempo, seu custo energético”⁸³ (GALVANY, 2010:79). Apesar dessa perspectiva não ser falsa com relação àquilo que está elaborado na obra, ela possui alguns limites.

Não será apresentada aqui uma crítica à interpretação textual estruturalista que esse autor faz de nossa obra. Ao tomarmos a questão econômica como apenas um elemento formal da estrutura da obra, perdemos de vista que essa questão possui determinações complexas que a sustentam historicamente. Essa aparente busca pela facilidade posta por esse autor no *Sunzi*, de fato é a elaboração sobre essas determinações históricas. A economia para Sunzi, no sentido de austeridade com recursos materiais e humanos, somente poderia se dar condicionada por seu contexto histórico e o problema histórico engendrado nele. Não poderia haver busca por economia energética. Primeiro, porque ele não discute energia nos termos econômicos, e essa descrição metafórica tira de vista que o desenvolvimento econômico apresenta problemas complexos, sendo uma certa austeridade econômica não apenas um adágio ético, mas uma necessidade material. Nossa obra apresenta uma elaboração sobre essa necessidade material. A busca pela facilidade só poderia ser a compreensão da dificuldade material existente nesse contexto. Pelo fato de a economia possuir essa complexidade cujo livro quer elaborar sobre, é possível compreendermos os outros temas da obra como aprofundamentos na compreensão dessa questão econômica fundamental.

A economia funciona na obra de Sunzi como um princípio da organização de sua estrutura. Sendo, portanto, um princípio organizador da estrutura da obra, a economia permite explicar por quê, por um lado, há uma necessidade de evitarmos o conflito armado direto (levando a um aparente pacifismo), mas, por outro lado, há uma necessidade de estarmos preparados e preparando para atacarmos nosso adversário no instante que for possível (um aparente belicismo). Esse princípio permite compreender como há aparentemente duas obras opostas dentro do *Sunzi*, o que possibilitou leituras parciais que vão tanto por um lado (pacifista) quanto por outro (belicista).

⁸² Tradução própria de: “maximizando la eficacia del movimiento y reduciendo, al mismo tiempo, su coste energético” (GALVANY, 2010:79).

⁸³ Tradução própria de: “maximizando la eficacia del movimiento y reduciendo, al mismo tiempo, su coste energético” (GALVANY, 2010:79).

3.4) Sua avaliação sobre a organização social do conflito

3.4.1 Introdução

A guerra — como parte da produção espaço das sociedades da Dinastia Zhou durante o Período de Estados Combatentes, especialmente para a produção econômica —, por sua vez, também possui sua própria divisão do trabalho. A obra enfatiza três figuras centrais que estão nos estratos superiores da organização desse trabalho e são importantes para a definição de coisas como a finalidade e o método da guerra, assim como o estabelecimento das suas condições materiais de realização. A primeira delas é o governante, que corresponde ao soberano do Estado, quem detém a legitimidade do seu governo. A segunda figura é a do comandante, emergente nesse período, que corresponde àquele que detém o governo sobre o exército desse Estado, seu instrumento de sobrevivência. A obra enfatiza a divisão do trabalho entre o governante e o seu comandante, refletindo a emergência dessa divisão nesse período, e a importância desse processo. A terceira figura é a figura do guerreiro hábil. Esta parece ser uma figura de autoridade argumentativa e de inspiração para o leitor dessa obra. A existência dessas três figuras sinaliza que a obra possuía públicos possíveis distintos, e que cada um deveria saber seu papel na guerra. Analisaremos aqui somente essas duas primeiras figuras. Isso porque o guerreiro hábil é a linha mestra da teoria de nossa obra. Esperamos desdobrar essa terceira ao longo da exposição da pesquisa.

3.4.2 O papel do governante na divisão do trabalho da guerra

O governante possui papel tão central na guerra quanto seu comandante. A obra aponta que os governantes dos Estados vizinhos espreitam seus erros e hesitações: “Uma vez que seu exército se tornou confuso e fora perdida a confiança de seus homens, as agressões dos governantes que o avizinham recairão sobre ele”⁸⁴ (SUNZI, 1993:80; cap. 3). O Estado adversário explorará os nossos erros e hesitações. Nos colocando na perspectiva de nosso adversário, quando esses problemas não estiverem presentes, nosso adversário poderá tentar produzi-los em nós: “ele não permite ao adversário reunir suas forças; quando traz seu prestígio e influência para lidar com seu adversário, ele garante que seus aliados não se

⁸⁴ Tradução própria de: “Once his army has become confused and he has lost the confidence of his men, aggression from his neighboring rulers will be upon him” (SUNZI, 1993:80).

juntarão a ele”⁸⁵ (SUNZI, 1993:118; cap. 11).

A nossa obra argumenta que o exército de um governante que se queira importante regionalmente (um rei [*wang* 王] ou um hegemona [*ba* 霸]) enfrenta de modo vitorioso qualquer adversário, pois as forças desse adversário são esvaziadas em seu significado bélico. Nesse contexto argumentativo, argumenta-se também que o governante que interfere em seu exército sem conhecimento a respeito dele produz problemas graves ao seu funcionamento: “Existem três modos pelos quais o governante pode trazer aflição ao seu exército”⁸⁶ (SUNZI, 1993:80; cap. 3). Nesse sentido, também é fundamental o governante estar conectado à sua população para que estejam unidos em propósitos com vistas aos desdobramentos da guerra. Por isso, o governante que queira ser importante regionalmente deve permanecer íntegro e conectado ao seu povo e ao propósito de seu exército.

A obra enfatiza a importância do conhecimento para o governante. Ele deve conhecer a geografia política que envolve a guerra e se certificar de que seu exército está instruído por meio desse conhecimento: “A não ser que você saiba as intenções dos governantes dos Estados avizinados, você não pode começar preparos para se aliar com eles; a não ser que você saiba a disposição do terreno [*xing* 形] [...] você não pode despachar o exército nele”⁸⁷ (SUNZI, 1993:118; cap. 11). Ele também deve conhecer as possibilidades de desdobramento do conflito geopolítico, pois a prudência e a visão desse desdobramento se acompanham: “O governante previdente pensa a situação cuidadosamente; o bom comandante a explora completamente”⁸⁸ (SUNZI, 1993:122; cap. 12). A prudência resguarda a sobrevivência do Estado, assim como conhecer esse desdobramento garante a sua sobrevivência ao limitar as possibilidades de derrota, nos antecipando ao nosso adversário: “Portanto, a razão pela qual o governante previdente e seu comandante superior conquistam o adversário a cada movimento, e alcançam sucesso muito além da capacidade da multidão comum, é a presciência”⁸⁹ (SUNZI, 1993:123; cap. 13). A presciência é a chave para a boa

⁸⁵ Tradução própria de: “it does not allow the enemy to assemble his forces; when it brings its prestige and influence to bear on the enemy, it prevents his allies from joining with him” (SUNZI, 1993:118).

⁸⁶ Tradução própria de: “There are three ways in which the ruler can bring grief to his army” (SUNZI, 1993:80).

⁸⁷ Tradução própria de: “Unless you know the intentions of the rulers of the neighboring states, you cannot enter into preparatory alliances with them; unless you know the lay of the land [*xing* 形] [...] you cannot deploy the army on it” (SUNZI, 1993:118).

⁸⁸ Tradução própria de: “The farsighted ruler thinks the situation through carefully; / The good commander exploits it fully” (SUNZI, 1993:122).

⁸⁹ Tradução própria de: “Thus the reason the farsighted ruler and his superior commander conquer the enemy at every move, and achieve successes far beyond the reach of the common crowd, is foreknowledge” (SUNZI, 1993:123).

condução do conflito e uma articulação harmoniosa entre o governante e seu comandante.

Assim, nossa obra nos coloca a questão do meio de obtenção desse conhecimento. A espionagem possui papel central para o avanço do conhecimento acerca do conflito. Ao mesmo tempo, porém, ela é uma fonte de cautela, dada a sua difusão naquele contexto histórico. “Somente o governante mais sagaz é capaz de empregar espiões; somente o comandante mais humano e justo é capaz de fazê-los úteis; somente a pessoa mais sensível e alerta consegue tirar a verdade dos espiões”⁹⁰ (SUNZI, 1993:125; cap. 13). Em outro momento: “O governante tem de ter conhecimento total das operações secretas desses cinco tipos de espiões”⁹¹ (SUNZI, 1993:125; cap. 13). O conhecimento evitaria a desintegração das estratégias geopolíticas que elaboramos e, conseqüentemente, a ruína do nosso Estado.

No *Sunzi* há um foco mais detido na divisão do trabalho bélico entre o governante e seu comandante. Em primeiro lugar, o governante não interfere no trabalho do comandante: “O lado no qual o comandante é capaz e o governante não interfere tomará a vitória”⁹² (SUNZI, 1993:80; cap. 3). O governante é quem dá as ordens ao seu comandante para que ele vá ao conflito armado: “No processo do comandante receber suas ordens do governante [...]”⁹³ (SUNZI, 1993:93; cap. 7). Porém, nem todas essas ordens dadas pelo governante devem ser obedecidas pelo seu comandante: “Existem [...] comandos do governante a não serem obedecidos”⁹⁴ (SUNZI, 1993:97; cap. 8). Pois o comandante que é o tesouro do Estado guarda seu povo e os interesses de seu governante (mesmo que este não os reconheça imediatamente), e deve ser reconhecido por isso:

“Portanto, um comandante que avança sem qualquer pensamento de conquistar fama pessoal e recua em face da punição certa, quem a única preocupação é proteger sua população e promover os interesses de seu governante, é um tesouro do Estado”⁹⁵ (SUNZI, 1993:109-110; cap. 10).

O governante pode ter seus desejos belicosos contrariados pelo seu comandante

⁹⁰ Tradução própria de: “Only the most sagacious ruler is able to employ spies; only the most humane and just commander is able to put them into service; only the most sensitive and alert person can get the truth out of spies” (SUNZI, 1993:125).

⁹¹ Tradução própria de: “The ruler must have full knowledge of the covert operations of these five kinds of spies” (SUNZI, 1993:125).

⁹² Tradução própria de: “The side on which the commander is able and the ruler does not interfere will take the victory” (SUNZI, 1993:80).

⁹³ Tradução própria de: “In the process of the commander’s receiving his orders from the ruler [...]” (SUNZI, 1993:93).

⁹⁴ Tradução própria de: “There are [...] commands from the ruler not to be obeyed” (SUNZI, 1993:97).

⁹⁵ Tradução própria de: “Hence a commander who advances without any thought of winning personal fame and withdraws in spite of certain punishment, whose only concern is to protect his people and promote the interests of his ruler, is the nation’s treasure” (SUNZI, 1993:109-110)

justamente quando este determina que a vitória ou a derrota podem ser certas, pois quem é o mestre da vitória e detentor desse conhecimento é o próprio comandante:

“se o curso [*dao* 道] da batalha garante a você a vitória, é certo que você insista com a luta mesmo se o governante disse que não; onde o curso [*dao* 道] da batalha não permite a vitória, é certo que você se recuse a lutar mesmo se o governante disse que você tem de”⁹⁶ (SUNZI, 1993:109; cap. 10).

Assim, o comandante possui um papel fundamental tanto quanto o seu governante nessa atividade que é a guerra.

3.4.3 A tarefa do comandante

O comandante, por sua vez, é tematizado de modo central nessa obra em diversos momentos. Ele cumpre a tarefa de realizar a empresa da guerra para o seu governante. “No processo do comandante receber suas ordens do governante, congrega seus exércitos, mobilizar a população para a guerra, e montar acampamento encarando o adversário [...]”⁹⁷ (SUNZI, 1993:93; cap. 7). O objetivo maior dele é defender os interesses de seu governante tendo como fundamento a sobrevivência do Estado, o que implica salvaguardar a sua base econômica. “O comandante é a guarda lateral da carruagem do Estado”⁹⁸ (SUNZI, 1993:80; cap. 3). Por isso, deve levar em consideração a vida da população do Estado que ele representa na guerra e de seu exército em particular: “o comandante que entende a guerra é o árbitro final da vida da população, o senhor sobre a segurança do Estado”⁹⁹ (SUNZI, 1993:77; cap. 2).

Para cumprir esse seu trabalho, o comandante depende de um conhecimento profundo com relação ao desenvolvimento do conflito, conflito no qual ele se insere de modo decisivo. E esse conhecimento dentro dessa sua função vital para o Estado lhe investe de autoridade para contrariar as decisões circunstanciais de seu próprio governante. Mas isso não indica que o comandante trabalhe a despeito de seu governante. O comandante é o intérprete

⁹⁶ Tradução própria de: “if the way [*dao* 道] of battle guarantees you victory, it is right for you to insist on fighting even if the ruler has said not to; where the way [*dao* 道] of battle does not allow victory, it is right for you to refuse to fight even if the ruler has said you must” (SUNZI, 1993:109).

⁹⁷ Tradução própria de: “In the process of the commander’s receiving his orders from the ruler, assembling his armies, mobilizing the population for war, and setting up his camp facing the enemy [...]” (SUNZI, 1993:93).

⁹⁸ Tradução própria de: “The commander is the side-guard on the carriage of state” (SUNZI, 1993:80).

⁹⁹ Tradução própria de: “the commander who understands war is the final arbiter of people’s lives, and lord over the security of the state” (SUNZI, 1993:77).

no engajamento prático do engajamento teórico de seu governante. A sua tarefa essencial é realizar o projeto estatal vislumbrado pelo seu governo por meio da prática bélica. Nesse sentido, podemos afirmar que ele é o tradutor para o conflito militar dos desejos de seu Estado investidos em quem o governa.

Para cumprir a sua tarefa, o comandante necessita de certos conhecimentos básicos. O conteúdo desses conhecimentos básicos será analisado posteriormente na exposição desta pesquisa. A obra aponta que ele precisa de um repertório mínimo que o constitui como comandante, especialmente como um comandante que supera seus adversários: “Todos os comandantes estão familiarizados com esses cinco critérios”¹⁰⁰ (SUNZI, 1993:73; cap. 1). E frisa, em um momento posterior, que é importante que ele tenha grande habilidade, pois isso é um critério importante para se saber quem poderá vencer a guerra: “Qual comandante possui a maior habilidade?”¹⁰¹ (SUNZI, 1993:74; cap. 1). A função específica desse conhecimento é compreendermos a relação de situação que estabelecemos com nosso adversário, tendo como elementos configuradores os exércitos e os terrenos nos quais eles se encontram:

“Portanto, um comandante totalmente proficiente com as vantagens a serem ganhas na adaptação a essas nove contingências saberá como empregar tropas; um comandante que não é, mesmo se ele sabe a disposição do terreno, não será capaz de usá-la para sua vantagem”¹⁰² (SUNZI, 1993:97; cap. 8).

O conhecimento é fundamental para que o comandante não conduza a guerra promovendo mortes desnecessárias. Se ele não planeja com conhecimento profundo, então a sua estratégia é desumana: “Se, relutante com os dispêndios com os recrutas, os emolumentos, e uma centena de peças de ouro, um comandante não conhece a situação do adversário, ele é o ápice da desumanidade”¹⁰³ (SUNZI, 1993:123; cap. 13). Para conseguir esse conhecimento, a obra aponta que é fundamental nos valermos da espionagem. Ela é a fonte concreta do conhecimento, e isso é argumentado rechaçando formas de obtenção do conhecimento abstraídas da situação da guerra. “Tal presciência não pode ser obtida de fantasmas ou

¹⁰⁰ Tradução própria de: “All commanders are familiar with these five criteria” (SUNZI, 1993:73).

¹⁰¹ Tradução própria de: “Which commander has the greater ability?” (SUNZI, 1993:74).

¹⁰² Tradução própria de: “Thus, a commander fully conversant with the advantages to be gained in adapting to these nine contingencies will know how to employ troops; a commander who is not, even if he knows the lay of the land, will not be able to use it to his advantage” (SUNZI, 1993:97).

¹⁰³ Tradução própria de: “If, begrudging the outlay of ranks, emoluments, and a hundred pieces of gold, a commander does not know the enemy’s situation, his is the height of inhumanity” (SUNZI, 1993:123).

espíritos, [...]. Ela tem de vir das pessoas — pessoas que conhecem a situação do adversário”¹⁰⁴ (SUNZI, 1993:123; cap. 13). O conhecimento é fundamental para o exercício da tarefa do comandante.

O comandante deve evitar certos defeitos e cultivar uma série de habilidades para não sofrer nas mãos de seu adversário e conseguir se sagrar vitorioso na guerra. O comandante não poderá ser apressado, pois poderá deixar seu exército sem a manutenção adequada.

“Se tivesse de viajar cinquenta *li* [*li* 里]¹⁰⁵ em tal passada para disputar por alguma vantagem, o comandante da força em avanço estaria perdido e, como uma regra, somente metade de suas forças chegaria ao alvo. [...] Por essa razão, se um exército está sem seus equipamentos e armazenamentos, ele perecerá; se está sem seus mantimentos, ele perecerá; se está sem seu suporte material, ele perecerá”¹⁰⁶ (SUNZI, 93, 95; cap. 7).

A obra aponta uma série de qualidades psicológicas e organizativas que o comandante deve evitar possuir caso não queira que o adversário se aproveite delas para vencer. “Existem cinco traços que são perigosos em um comandante: [...] Esses cinco traços são geralmente erros de um comandante”¹⁰⁷ (SUNZI, 1993:99; cap. 8). “Na guerra existe fuga, insubordinação, deterioração, ruína, caos e derrota. Essas seis situações não são catástrofes naturais, mas o erro do comandante”¹⁰⁸ (SUNZI, 1993:109; cap. 10). Pelo contrário, o bom comandante deve garantir e se aproveitar dos erros organizativos de seus adversários e também explorar seus recursos. Por outro lado, as características positivas que o comandante deverá cultivar dizem respeito ao tempero no nível psicológico, à organização adequada de seu exército em um aspecto interno às questões militares e, no aspecto externo, à iniciativa no encaminhamento da guerra de modo que o adversário esteja em um estado constante de reação os desdobramentos do conflito. Nosso adversário nunca deve estar em um estado de iniciativa, determinando o curso do conflito. Pelo contrário, ele deve estar sempre atrasado,

¹⁰⁴ “Such foreknowledge cannot be had from ghosts and spirits, [...]. It must come from people — people who know the enemy’s situation” (SUNZI, 1993:123).

¹⁰⁵ Segundo Ames (1993:213, n. 121, tradução do autor), “Um milhar de *li* equivale a várias centenas de milhas” [“A thousand *li* amounts to several hundred miles”].

¹⁰⁶ Tradução própria de: “Were it to travel fifty *li* [*li* 里] at such a pace to contend for some advantage, the commander of the advance force would be lost, and as a rule only half of its strength would reach the target. [...] For this reason, if an army is without its equipment and stores, it will perish; if it is without provisions, it will perish; if it is without its material support, it will perish” (SUNZI, 1993:93, 95).

¹⁰⁷ Tradução própria de: “There are five traits that are dangerous in a commander: [...] These five traits are generally faults in a commander” (SUNZI, 1993:99).

¹⁰⁸ Tradução própria de: “In warfare there is flight, insubordination, deterioration, ruin, chaos, and rout. These six situations are not natural catastrophes but the fault of the commander” (SUNZI, 1993:109).

sendo determinado por nós nesse curso.

“Ele é calmo e remoto, correto e disciplinado. Ele é capaz de tapar os olhos e os ouvidos de seus oficiais e homens, e manter as pessoas ignorantes. Ele faz mudanças em seus arranjos e altera seus planos, mantendo as pessoas na escuridão. Ele muda seu acampamento, e toma rotas tortuosas, afastando-se da antecipação das pessoas”¹⁰⁹ (SUNZI, 1993:117; cap. 11).

O comandante deverá se engajar completamente na condição belicosa a fim de sair vencedor dela.

3.5) Conclusão

Como pudemos ver neste capítulo, nossa obra está profundamente conectada com os problemas de seu contexto histórico. O conflito geopolítico, um dos problemas mais gerais do Período de Estados Combatentes, é refletido a partir de seu elemento fundamental, o empreendimento bélico, mas não se reduzindo a ele. Interpretar a obra como uma produção social configurada historicamente permitiu que a aparente ambiguidade entre belicismo e pacifismo, presente em seu interior, pudesse ser qualificada. Não interpretar a questão econômica como princípio organizador da obra acaba por possibilitar a interpretação de duas obras irreconciliáveis em seu interior: uma que internaliza a lógica do conflito procurando participar de seu jogo (sendo, portanto, mais belicista), e uma que procura evitar o conflito a todo custo (por sua vez, mais pacifista). Diferente do que já foi interpretado, a questão econômica não se reduz a um mero elemento formal da estrutura da obra, mas é um processo histórico que a obra não abarca completamente, apesar de elaborá-la com certa profundidade.

A obra do nosso suposto Sunzi não dá conta da economia de modo a propôr outra forma para ela, mas a compreende como problema de sua época a ser abordado por meio da questão militar. E mesmo essa solução não é tão simples, pois a economia depende tanto da guerra quanto da população que é mobilizada para ela, o que exige um certo cuidado na condução da própria guerra. Por essa razão, nossa obra frisa — e faz isso em diversos momentos — a importância do conhecimento teórico e prático para a condução dos planos estratégicos da guerra. Esta deve ser encarada com a severidade devida e com uma estratégia que corresponda a essa qualidade. Em seguida, veremos, com os três blocos que tentam se

¹⁰⁹ Tradução própria de: “He is calm and remote, correct and disciplined. He is able to blinker the ears and eyes of his officers and men, and to keep people ignorant. He makes changes in his arrangements and alters his plans, keeping people in the dark. He changes his camp, and takes circuitous routes, keeping people from anticipating him” (SUNZI, 1993:117).

sustentar nesse solo em processo de erosão, como ela ataca esses problemas e tenta se defender das consequências nefastas que eles carregam.

Capítulo 4 – Investigando a geopolítica

4.1) Introdução

O primeiro bloco de discussões diz respeito ao caminho da investigação da geopolítica segundo o *Sunzi*. Os capítulos da nossa obra que compõem esta reflexão são os seus três primeiros (um, dois e três) e o último (treze). Esses capítulos procuram reunir dois movimentos expositivos que, como veremos, se complementam. O primeiro, que inicia o livro e também o finaliza, trata do como conhecer o conflito geopolítico e como organizar um engajamento nele. As questões em jogo que direcionam a elaboração desse problema poderiam ser precisamente as seguintes. Como podemos nos engajar nesse conflito geopolítico no qual estamos inserido e por que um cuidado deve ser necessário. Essa última questão diz respeito ao segundo movimento argumentativo que aqui examinamos. A elaboração de uma abordagem se faz necessária a partir de razões principalmente econômicas, e portanto historicamente contingentes. Ao final, teremos avançado na compreensão do caminho dessa investigação da geopolítica proposta por nossa obra.

4.2) “Das Avaliações” (Capítulo 1)¹¹⁰

O primeiro capítulo apresenta o panorama do caminho investigativo da geopolítica e a definição de guerra que permeará o restante do livro. A abordagem proposta aqui ainda diz respeito ao exame que deve ser empreendido no agir decisivo do conflito geopolítico. Portanto, aqui trataremos do modo de investigação sobre esse conflito — conflito cujo fundamento é a guerra — que a obra apresenta e que, segundo seu argumento, deve ser empregado para nos sairmos melhor que nosso adversário, isto é, vencermos.

“A guerra é uma questão vital do Estado. É o campo [*di* 地] no qual a vida e a morte são determinadas e a estrada [*dao* 道] que leva tanto à sobrevivência quanto à ruína, e tem de ser investigada com o maior cuidado”¹¹¹ (SUNZI, 1993:73; cap. 1). Essas são as sentenças que abrem a nossa obra. Podemos ler aqui que a própria sobrevivência do Estado,

¹¹⁰ Segundo a tradução de Ames (1993), “On Assessments” [*shi ji* 始计].

¹¹¹ Tradução própria de: “War is a vital matter of state. It is the field [*di* 地] on which life or death is determined and the road [*dao* 道] that leads to either survival or ruin, and must be examined with greatest care.” (SUNZI, 1993:73).

está atrelada ao resultado de sua participação na guerra. A guerra, de saída, já aparece como estruturante da investigação que se quer fazer acerca da geopolítica. Essa primeira passagem apresenta uma reflexão acerca da dinâmica belicosa que a época do suposto autor dessa obra estava atravessando. Isso aponta para um conhecimento histórico presente no livro. Devemos, assim, conhecer essa dinâmica belicosa e como intervir nela de modo a evitarmos os aspectos negativos do conflito, saindo-se melhor nele, isto é, vencendo.

O *Sunzi* propõe uma investigação dividida em duas etapas. Uma primeira etapa é a análise da situação de cada lado do conflito. Posteriormente, deve-se avaliar a posição de cada um dos lados em relação entre si, como em uma balança.

“Portanto, para sondar o resultado da guerra, nós temos de estimar a situação com base nos seguintes cinco critérios, e comparar os dois lados pela avaliação das suas forças relativas. O primeiro dos cinco critérios é o caminho [*dao* 道], o segundo é o clima [*tian* 天], o terceiro é o terreno [*di* 地], o quarto é o comando [*jiang* 将], e o quinto é a regulação [*fa* 法].”¹¹² (SUNZI, 1993:73; cap. 1).

O primeiro critério é o curso (ou também caminho). “O caminho [*dao* 道] é o que traz o pensamento das pessoas em linha com o de seus superiores. Assim, você pode mandá-los à morte ou deixá-los viver, e eles não desconfiarão de modo nenhum”¹¹³ (SUNZI, 1993:73; cap. 1). Ele diz respeito à relação que o soberano estabelece com seu povo, especialmente o sentido dessa relação. Isso no contexto belicoso onde ela relação tomada como objeto de exame. Como a guerra nessa época é realizada no interior de uma sociedade agrária — o que já tratamos anteriormente —, onde o soberano depende de modo mais imediato do trabalho da população, a ausência de concordância desta para o engajamento bélico pode ser desastroso. O governante, na época de produção do livro, ainda não era o rei de todos os povos do mundo [*tianxia* 天下]. O rei de Zhou, que vem a perder seu poder, governa pois possui o Mandato do Céu [*tianming* 天命], que diz respeito ao direito hereditário de governar um território conforme se é digno para tal (CHENG, 2008:55-58)¹¹⁴. A partir dessa ideia e do fato material (da organização agrária da sociedade), pode-se inferir que esse primeiro critério diz respeito à percepção do governante sobre a situação da população e como ele age diante dela, isso tudo

¹¹² Tradução própria de: “Therefore, to gauge the outcome of war we must appraise the situation on the basis of the following five criteria, and compare the two sides by assessing their relative strengths. The first of the five criteria is the way [*dao* 道], the second is climate [*tian* 天], the third is terrain [*di* 地], the fourth is command [*jiang* 将], and the fifth is regulation [*fa* 法].” (SUNZI, 1993:73).

¹¹³ Tradução própria de: “The way [*dao* 道] is what brings the thinking of the people in line with their superiors. Hence, you can send them to their deaths or let them live, and they will have no misgivings one way or the other.” (SUNZI, 1993:73).

¹¹⁴ Concepção política que argumenta a correspondência da atual linhagem regente com a necessidade atual da dinâmica da natureza (CHENG, 2008).

dado o contexto geopolítico que condiciona a perspectiva desse governante.

O segundo critério é o céu (ou também clima). “O clima é a luz [*yang* 阳] e a sombra [*yin* 阴], o calor e o frio, e a rotação das estações”¹¹⁵ (SUNZI, 1993:73; cap. 1). Aparentemente, conhecê-lo é conhecer a dinâmica astronômica, meteorológica e climatológica que condicionam o ambiente do conflito no qual se está inserido. Em uma sociedade agrária onde o modo de locomoção é usando carros de madeira, animais, a combinação dos dois anteriores, ou a pé, conhecer o clima e como um certo lado do conflito se situa em relação a ele, e como ele pode ser afetado pelo tempo meteorológico atual ou previsto, é importante para saber as condições de mobilização e sustentação do nosso lado no conflito. A dinâmica astronômica também é importante para se conseguir compreender como que um certo lado do conflito pode ser afetado pelo Sol e pela Lua, não somente na incidência de calor ou da maré, mas da possibilidade e da quantidade de iluminação possível. Além disso, conhecer essas dinâmicas permite conhecer melhor a dinâmica de chuvas e do clima para a produção agrícola, que sustenta economicamente a guerra.

O próximo critério é a terra (ou, no caso, terreno). “O terreno [*di* 地] se refere à inclinação do terreno, distâncias aproximadas, dificuldade de passagem, o grau de abertura, e a viabilidade do terreno para o emprego das tropas”¹¹⁶ (SUNZI, 1993:73; cap. 1). Ela implica as relações espaciais entre as entidades que ocupam a superfície terrestre, assim como as relações de deslocamento e atravessamento, com suas dinâmicas complementares de expansão e contração, e de aproximação e distanciamento. Com isso já podemos perceber que há uma preocupação com a mobilização no espaço geográfico, e como ele condiciona a mobilização por ele. Isso implica afirmar não somente a mobilização das tropas em direção ao ou mesmo no próprio campo de batalha, mas também do transporte de mantimentos para o sustento na guerra. Outra característica dada pelo espaço geográfico, e que o torna imprescindível na investigação da geopolítica, é que ele fundamenta a vida. Por isso, devemos considerá-lo na sua capacidade de ser uma habitação enquanto o avaliamos.

O penúltimo critério é o comando. “O comando [*jiang* 将] é uma questão de sabedoria, integridade, humanidade, coragem e disciplina”¹¹⁷ (SUNZI, 1993:73; cap. 1). Tendo

¹¹⁵ Tradução própria de: “Climate is light [*yang* 阳] and shadow [*yin* 阴], heat and cold, and the rotation of the seasons.” (SUNZI, 1993:73).

¹¹⁶ Tradução própria de: “Terrain [*di* 地] refers to the fall of the land, proximate distances, difficulty of passage, the degree of openness, and the viability of the land for deploying troops.” (SUNZI, 1993:73).

¹¹⁷ Tradução própria de: “Command [*jiang* 将] is a matter of wisdom, integrity, humanity, courage, and discipline.” (SUNZI, 1993:73).

sido possível mobilizar o povo para o conflito, a figura do comandante se torna central para a realização da vitória. Em diversos capítulos, o *Sunzi* irá elaborar como se apresenta o comandante superior, que terá, em si, todas essas qualidades. Por ora, é importante frisar que o comandante não só deverá ser o comandante que vence as batalhas, mas também que as vence apresentando também certas qualidades necessárias (pois, como poderá ser visto a partir do capítulo segundo, não é somente a vitória o que importa no conflito).

O último critério é a regulação (ou princípio regulador). “E a regulação [*fa* 法] implica a efetividade organizacional, uma cadeia de comando, e a estrutura para o suporte logístico”¹¹⁸ (SUNZI, 1993:73; cap. 1). Esse critério de avaliação se liga ao primeiro critério (o curso, o caminho) de modo especial, pois se este visa a relação que o governante estabelece com sua população no contexto no qual ambos se encontram, então o princípio regulador descreve como a sociedade está estruturada, no plano social e econômico, para sustentar esse contexto, isto é, o conflito geopolítico beligerante. Por exemplo, como poderá ser percebido no restante do livro, esse critério questiona se a estrutura social e econômica de um lado do conflito poderá suportar o conflito no qual ele se encontra. Isso levando em consideração a escala temporal e espacial desse conflito e como ele acontece ou poderia vir a ocorrer. A pergunta sobre a escala temporal e espacial do conflito será tematizada posteriormente, especialmente no capítulo dois.

Aqueles foram os cinco critérios principais para avaliação da situação de cada um dos lados do conflito. Sobre a etapa de comparação na investigação geopolítica proposta por Sunzi, ele sugere comparar quem melhor está posicionado com relação aos critérios elencados anteriormente e quem possui maior quantidade ou qualidade em seu exército. “Portanto, para sondar o resultado da guerra, nós temos de comparar os dois lados pela avaliação de suas forças relativas”¹¹⁹ (SUNZI, 1993:74; cap. 1). O *Sunzi* apresenta uma série de questões que encaminham essa avaliação. Podemos dividi-las em dois tipos, aquelas questões gerais, e aquelas relativas especialmente ao exército. No primeiro tipo, temos: “Qual governante possui o caminho? [*dao* 道]? Qual comandante [*jiang* 将] possui mais habilidade? Qual lado possui as vantagens do clima [*tian* 天] e do terreno [*di* 地]?”¹²⁰ (SUNZI, 1993:74; cap. 1). E, por fim:

¹¹⁸ Tradução própria de: “And regulation [*fa* 法] entails organizational effectiveness, a chain of command, and a structure for logistical support.” (SUNZI, 1993:73).

¹¹⁹ Tradução própria de: “Therefore, to gauge the outcome of war we must compare the two sides by assessing their relative strengths” (SUNZI, 1993:74).

¹²⁰ Tradução própria de: “Which ruler has the way [*dao* 道]? Which commander [*jiang* 将] has the greater ability? Which side has the advantages of climate [*tian* 天] and terrain [*di* 地]?” (SUNZI, 1993:74).

“Qual exército segue as regulações [*fa* 法] e obedece a ordens mais estritamente?”¹²¹ (SUNZI, 1993:74; cap. 1). As perguntas, como é possível vermos, vão no sentido da avaliação feita anteriormente. Sobre o exército, temos: “Qual exército possui força superior? Os oficiais e soldados de quem estão melhores treinados? Qual lado é mais estrito e imparcial ao atender recompensas e punições?”¹²² (SUNZI, 1993:74; cap. 1). O texto arremata essa enumeração de questões com um apontamento interessante. “Com base nessa comparação, eu sei quem vencerá e quem perderá”¹²³ (SUNZI, 1993:74; cap. 1). Ou seja, é possível saber, para a perspectiva em elaboração por nossa obra, quem irá vencer ou perder no conflito antes mesmo de sua realização.

Conforme se pode inferir a partir dessas questões, a comparação é uma avaliação das qualidades de cada um dos critérios de um dos lados do conflito com relação ao outro lado dele. Uma questão que fica é como obter uma quantidade tão vasta de informações a respeito dos adversários. O capítulo treze será decisivo para conseguirmos aprofundar esse aspecto fundamental do conflito: a obtenção de informações sobre ele. Percebe-se, com essa exposição inicial, que havia um controle cada vez maior da população de maneira geral, do exército e do território, conforme ocorria no contexto histórico da obra.

Para Sunzi, seguir essa abordagem investigativa asseguraria a vitória no conflito (SUNZI, 1993:74; cap. 1). “Tendo escutado o que pode ser ganho a partir das minhas avaliações, forme uma vantagem estratégica [*shi* 勢] a partir delas para fortalecer nossa posição”¹²⁴ (SUNZI, 1993:74; cap. 1). O próximo passo, após conhecer o conjunto da situação do conflito, é fortalecer a própria posição por meio da elaboração da vantagem estratégica [*shi* 勢] ou — como podemos perceber ao interpretar esse termo no contexto da obra — da situação culminante do conflito (ou mesmo posição vantajosa). “Por ‘vantagem estratégica’ [*shi* 勢] eu quero dizer extrair o máximo das condições favoráveis [*yin* 因] e inclinar a balança ao nosso favor”¹²⁵ (SUNZI, 1993:74; cap. 1). Assunto que será pormenorizado no capítulo quinto, aqui a nossa obra aponta que a elaboração dessa vantagem estratégica

¹²¹ Tradução própria de: “Which army follows regulations [*fa* 法] and obeys orders more strictly?” (SUNZI, 1993:74).

¹²² Tradução própria de: “Which army has superior strength? Whose officers and men are better trained? Which side is more strict and impartial in meting out rewards and punishments?” (SUNZI, 1993:74).

¹²³ Tradução própria de: “On the basis of this comparison I know who will win and who will lose” (SUNZI, 1993:74).

¹²⁴ Tradução própria de: “Having heard what can be gained from my assessments, shape a strategic advantage [*shi* 勢] from them to strengthen our position” (SUNZI, 1993:74).

¹²⁵ Tradução própria de: “By ‘strategic advantage’ [*shi* 勢] I mean making the most of favorable conditions [*yin* 因] and tilting the scales in our favor” (SUNZI, 1993:74).

permite, pelo menos aparentemente, tornar uma situação inferior (com relação à posição adversária) em uma situação favorável. Isso é especialmente importante em um contexto bélico onde cidades-estados têm de se organizar para enfrentar a emergência de estados territoriais, ou mesmo estados territoriais têm de se organizar para enfrentar outros estados territoriais ainda maiores que eles.

O que torna, porém, por um lado, a investigação mais complexa, e, por outro, a proposta geopolítica do *Sunzi* mais necessária, é a sua definição sobre a guerra: “A guerra é a arte [*dao* 道] da enganação [*gui* 诡]”¹²⁶ (SUNZI, 1993:74; cap. 1). O autor segue descrevendo a guerra como um agir de modo a enganar o adversário, instigando-o à contradição em seu interior. Na medida em que o autor propõe que enganemos o adversário, ele pressupõe a possibilidade do adversário fazer o mesmo conosco. Isso torna a guerra, genericamente, um jogo da enganação, onde situações positivas — favoráveis — podem se tornar negativas — desfavoráveis — e vice-versa. Os capítulos cinco e seis irão tratar, respectivamente, do tema da transformação das situações do conflito e sobre como lidar com a contradição entre situação aparente e situação real do conflito, própria da geopolítica belicosa do contexto dessa obra.

Sunzi resume esse jogo da enganação do seguinte modo: “Ataque onde ele não está preparado; vá por caminhos onde jamais ocorreria a ele que você iria. Estes são os cálculos do estrategista militar para a vitória”¹²⁷ (SUNZI, 1993:74; cap. 1). Ou seja, agir de modo imprevisível está na base do agir enganador, e podemos pressupor que todos os adversários irão agir do mesmo modo ao visarem superar seus adversários. O problema que fica, e que será tematizado no capítulo seis e trabalhado no capítulo treze, é como conhecer uma situação adversária onde este procura se apresentar de modo a não deixar nítida a realidade dessa sua situação. Nesse caso, temos um adversário que procura escamotear sua própria situação. O autor segue o trecho afirmando que, sobre esses cálculos, “eles não podem ser estabelecidos antecipadamente”¹²⁸ (SUNZI, 1993:74; cap. 1). Isso torna necessário estar atualizado quanto ao conjunto da situação do conflito e torna impossível prescindir do conhecimento da situação real desse conflito (algo que será tematizado no capítulo treze).

Uma questão que fica é como esse conhecimento alcançado se articularia para estabelecer o lado que poderia vencer e o lado que poderia perder. Segundo Sunzi afirma, a

¹²⁶ Tradução própria de: “Warfare is the art [*dao* 道] of deceit [*gui* 诡]” (SUNZI, 1993:74).

¹²⁷ Tradução própria de: “Attack where he is not prepared; go by way of places where it would never occur to him you would go. These are the military strategist’s calculations for victory” (SUNZI, 1993:74).

¹²⁸ Tradução própria de: “they cannot be settled in advance” (SUNZI, 1993:74).

batalha era ensaiada em um local apropriado para essa finalidade, um templo. “Quando eu examino-a desse modo, o resultado da guerra se torna aparente”¹²⁹ (SUNZI, 1993:74; cap. 1). E ele afirma que: “É pela marcação de muitos pontos que alguém vence a guerra de antemão no ensaio da guerra feito no templo; é pela marcação de poucos pontos que alguém perde de antemão no ensaio da guerra feito no templo”¹³⁰ (SUNZI, 1993:74; cap. 1). O capítulo onze também faz referência ao templo, apontando que a estratégia seria finalizada em seu interior. A partir do trecho anterior (SUNZI, 1993:74; cap. 1), pode-se inferir que se procura estabelecer quem no conflito possui superioridade comparativa (SUNZI, 1993:74; cap. 1), depois se elabora a vantagem estratégica ou situação culminante no conflito (SUNZI, 1993:74; cap. 1) e posteriormente se ensaia a batalha para calcular os pesos de cada lado dessa balança (SUNZI, 1993:74; cap. 1). Se essa vantagem estratégica elaborada consegue tornar a balança favorável no conflito, então se sabe de antemão se venceremos ou perdermos. Como vemos, o processo de realização do conflito geopolítico já se apresentava, no período dessa obra, de modo bastante complexo.

Esse capítulo seminal do *Sunzi* apresenta a guerra como um grave problema a ser encarado por seu leitor. Ela, ao mesmo tempo que é vital para o Estado, dado que pode ser seu alimento ou seu veneno, também é um jogo onde a enganação é fundante. Confundir o adversário se torna o mote da guerra; é o meio pelo qual suas forças, seja lá quais e quão forte forem, podem ser reduzidas e revertidas contra ele. O conhecimento é a chave para a produção dessa enganação, ao mesmo tempo que para a conversão da guerra em um empreendimento do qual se pode extrair seus máximos benefícios. Lembremos, a guerra é algo incontornável para o contexto da obra, e ela precisa ser realizada diante de muitos problemas, como já vimos anteriormente, por isso conseguir tirar vantagem dela é um feito importante. A seguir, veremos — mais uma vez, diga-se — como a questão econômica é centralizada no segundo capítulo desse livro.

¹²⁹ Tradução própria de: “When I examine it in this way, the outcome of the war becomes apparent” (SUNZI, 1993:74).

¹³⁰ Tradução própria de: “It is by scoring many points that one wins the war beforehand in the temple rehearsal of the battle; it is by scoring few points that one loses the war beforehand in the temple rehearsal of the battle” (SUNZI, 1993:74).

4.3) “Do Empreendimento da Batalha” (Capítulo 2)¹³¹

Sendo o contexto histórico dos Períodos de Primavera e Outono e de Estados Combatentes marcado pelo constante e necessário conflito geopolítico de cunho belicista, como vimos anteriormente, algumas condições são postas para sua reflexão. Por exemplo, cada pessoa que passa a ser alistada para a guerra é uma a menos que trabalhará no campo produzindo. Enquanto o exército estiver dedicado à batalha, ele necessitará que sua terra natal trabalhe para que ela sustente a si mesma e ao seu exército. O capítulo dois procura argumentar a favor da celeridade na guerra tendo como base essa compreensão do contexto histórico. Ele apresenta as implicações da guerra e de sua duração, e o sentido econômico negativo implicado nela.

Sunzi inicia esse capítulo apresentando os custos materiais e humanos de mobilização na guerra. Para o autor, a mobilização de um grande exército inclui “despesas na terra natal e no campo [de batalha]”¹³² (SUNZI, 1993:76; cap. 2) e parte desses custos está no deslocamento de recursos humanos e materiais e na manutenção de ambos, não somente no gasto imediato para a saída ou na batalha. Isso aponta para uma dupla perspectiva combinada sobre os gastos por parte do autor. Uma perspectiva espacial, que considera todos os gastos envolvidos desde a saída da terra natal, passando por todos os trajetos necessários, com o uso de emissários e o deslocamento de conselheiros, para somente então chegar no campo de batalha, e daí resolver a guerra. É uma perspectiva temporal, que considera a duração da guerra e a manutenção dos recursos, além da possível repetição de certas etapas, como se mobilizar novamente para outro campo de batalha. Essa dupla perspectiva econômica sobre a guerra, que será elaborada no decorrer do capítulo, eleva a importância do capítulo primeiro. Sem um caminho bem determinado para se desenvolver a guerra, não há alternativa para ela senão a insustentabilidade e ruína econômica.

Em seguida, nossa obra se dedica à importância da rapidez na batalha. “Ao entrar em batalha, busque uma vitória rápida”¹³³ (SUNZI, 1993:76; cap. 2). Ele argumenta que uma batalha protelada gera desgastes materiais no armamento, físicos e psicológicos nas tropas, e econômicos ao Estado. Consequência disso é que: “Onde você embotou suas armas, desmoralizou suas tropas, exauriu suas forças e dilapidou todos os seus recursos disponíveis,

¹³¹ Segundo a tradução de Ames (1993), “On Waging Battle” (*zuòzhàn* 作戰).

¹³² Tradução própria de: “expenses at home and on the field” (SUNZI, 1993:76).

¹³³ Tradução própria de: “In joining battle, seek the quick victory” (SUNZI, 1993:76).

os governantes avizinados tirarão vantagem da sua adversidade para atacar”¹³⁴ (SUNZI, 1993:76; cap. 2). E a demora torna o conhecimento que se quer alcançar sobre a guerra — para assim vencê-la, nos saindo melhor que esse nosso suposto adversário — severamente precário: “E mesmo com o conselho mais sábio, você não será capaz de tornar boas as consequências seguintes”¹³⁵ (SUNZI, 1993:76; cap. 2). O *Sunzi* complementa esse argumento com um importante fato histórico: “Jamais existiu um Estado que se beneficiou de uma guerra prolongada”¹³⁶ (SUNZI, 1993:76; cap. 2). Portanto, ser rápido na resolução prática do conflito é algo necessário e complementar à ciência sobre o conflito.

Depois de tratar da questão da rapidez na guerra, Sunzi também enfatiza a necessidade do cálculo preciso da quantidade de soldados, de equipamentos e de abastecimentos. O especialista na utilização do exército “tem o que precisa para alimentá-lo”¹³⁷ (SUNZI, 1993:77; cap. 2). Isso porque ele “não recruta soldados mais de uma vez ou transporta suas provisões repetidamente da terra natal”¹³⁸ (SUNZI, 1993:77; cap. 2). Pelo contrário: “Ele carrega seu equipamento militar consigo, e demanda [*yin* 因] suas provisões do adversário”¹³⁹ (SUNZI, 1993:77; cap. 2). Ou seja, o autor quer que não falte recursos no campo de batalha e nem que a terra natal seja afetada pelo transporte de abastecimentos ou pela convocação de novos soldados que deixarão o campo de agricultura. O cálculo preciso da economia da guerra e a velocidade na resolução do conflito dependem ambos de um conhecimento bastante claro da situação do conflito como um todo. O cálculo é especialmente importante pois, sem ele, o aspecto relativo da velocidade da batalha não se apresenta: o cálculo preciso pode determinar que um tempo esperado de batalha seja adequado onde, com um cálculo impreciso, ele seria exíguo, dada a falta de recursos e a sua decadência.

O cálculo preciso da economia da guerra é importante para garantir a boa relação do povo com seu Estado. Sunzi afirma que: “Um Estado é empobrecido pelos seus exércitos

¹³⁴ Tradução própria de: “Where you have blunted your weapons, demoralized your troops, exhausted your strength and depleted all available resources, the neighboring rulers will take advantage of your adversity to strike” (SUNZI, 1993:76).

¹³⁵ Tradução própria de: “And even with the wisest of counsel, you will not be able to turn the ensuring consequences to the good” (SUNZI, 1993:76).

¹³⁶ Tradução própria de: “There has never been a state that has benefited from an extended war” (SUNZI, 1993:76).

¹³⁷ Tradução própria de: “has what he needs to feed his army” (SUNZI, 1993:77).

¹³⁸ Tradução própria de: “does not conscript soldiers more than once or transport his provisions repeatedly from home” (SUNZI, 1993:77).

¹³⁹ Tradução própria de: “He carries his military equipment with him, and commandeers [*yin* 因] his provisions from the enemy” (SUNZI, 1993:77).

quando tem de abastecê-los a uma grande distância”¹⁴⁰ (SUNZI, 1993:77; cap. 2). E também: “Abastecer um exército a uma grande distância é empobrecer a própria população”¹⁴¹ (SUNZI, 1993:77; cap. 2). Com esse raciocínio, ele enfatiza o bom curso da relação entre a população e o Estado, necessário para a realização vitoriosa do conflito. Quando o exército está a uma grande distância, mais tempo terá de ser dedicado para supri-lo e vencer a distância do transporte desses suprimentos, o que onera a população. Na medida em que a população tem de se dedicar a essa tarefa, o Estado também deixa de poder ter para usar em seu território o que o povo produziu. Por outro lado, o próprio exército, ao se deslocar, produz carestia: “Por sua vez, nas cercanias do exército, o preço das mercadorias sobe”¹⁴² (SUNZI, 1993:77; cap. 2). A consequência disso: “Onde as mercadorias são caras, você exaure seus recursos, e uma vez que você exauriu seus recursos, você será forçado a aumentar os impostos distritais para o exército”¹⁴³ (SUNZI, 1993:77; cap. 2). Isso mostra como a obra dá uma grande atenção à dinâmica geográfico-econômica envolvida na guerra — neste caso, especialmente a implicação do espaço geográfico na distribuição da produção econômica.

Procurando ampliar a eficiência econômica na guerra, Sunzi segue fazendo uma importante sugestão. “Portanto, o comandante sábio faz seu melhor para alimentar seu exército a partir do solo do adversário”¹⁴⁴ (SUNZI, 1993:77; cap. 2). Essa asserção é importante por duas razões. A primeira, a partir do interior do texto, é que ela aprofunda a ideia de austeridade econômica na guerra e a questão da possibilidade de haver falta de recursos mesmo diante de um cálculo aparentemente preciso. A segunda, a partir do contexto histórico da obra, a necessidade de submissão dos territórios adversários para que assim eles passem a contribuir com o Estado daquele que os submeteu. O que coloca outra questão de fundo: o propósito da guerra parece ser evitar o próprio desgaste econômico enquanto se desgasta economicamente o adversário, forçando sua submissão.

Com isso, fica claro — dessa vez focando na análise de um capítulo — que a questão econômica encontra centralidade na obra e é um problema complexo sobre o qual

¹⁴⁰ Tradução própria de: “A state is impoverished by its armies when it has to supply them at a great distance” (SUNZI, 1993:77).

¹⁴¹ Tradução própria de: “To supply an army at a great distance is to impoverish one’s people” (SUNZI, 1993:77).

¹⁴² Tradução própria de: “On the other hand, in the vicinity of the armies, the price of goods goes up” (SUNZI, 1993:77).

¹⁴³ Tradução própria de: “Where goods are expensive, you exhaust your resources, and once you have exhausted your resources, you will be forced to increase district exactions for the military” (SUNZI, 1993:77).

¹⁴⁴ Tradução própria de: “Therefore, the wise commander does his best to feed his army from enemy soil” (SUNZI, 1993:77).

nosso livro constrói sua perspectiva acerca do conflito de sua época. O exército depende da imobilização de uma certa quantidade de força de trabalho no campo, que é transformada em força militar, ao mesmo tempo que depende da economia agrícola que ficou na terra natal para alimentá-lo. Adiciona-se a isso a necessidade de manutenção dos seus recursos materiais e o deslocamento espaço-temporal da economia estatal que ele produz ao se mobilizar. Uma maneira de atacar esse problema é a pilhagem dos recursos materiais (e humanos) adversários, algo que já era visado pela lógica territorial desse contexto histórico. Procurando dar conta desse problema, o conhecimento sobre a geopolítica é fundamental, como já vimos. A seguir, veremos que subjugar o adversário sem enfrentamento direto se soma a essa abordagem prudente elaborada em nossa obra.

4.4) “Planejando o Ataque” (Capítulo 3)¹⁴⁵

O capítulo terceiro discute a importância da submissão do adversário. Nele também há trechos importantes para a construção de um argumento no qual Sunzi defenderia um pacifismo. É importante ter em conta que um pacifismo nos moldes de uma negação ou rechaço da atitude bélica ou da própria guerra é algo pouco efetivo no contexto histórico de produção da obra *A Arte da Guerra de Sunzi*.

Sunzi admoesta que: “O melhor é manter o próprio Estado intacto; esmagar o Estado adversário é melhor somente em segundo lugar”¹⁴⁶ (SUNZI, 1993:79; cap. 3). Ele em seguida repete esse raciocínio para falar do exército e de todas as suas subunidades. No fim desse trecho, nosso suposto autor afirma que: “Então vencer uma centena de vitórias em uma centena de batalhas não é a maior excelência; a maior excelência é subjugar o exército adversário sem nenhuma luta”¹⁴⁷ (SUNZI, 1993:79; cap. 3). Isso não significa que o engajamento no conflito geopolítico deve ser evitado, pois significaria um contrassenso dada a argumentação do texto até então. Os capítulos anteriores pressupõem esse engajamento — dado pelo contexto de saída —, sobretudo o militar, e reforçam essa postura ao argumentarem a sua necessidade.

No mesmo sentido que os capítulos anteriores, Sunzi procura defender uma

¹⁴⁵ Segundo a tradução de Ames (1993), “Planning the Attack” [*mou gong* 谋攻].

¹⁴⁶ Tradução própria de: “It is the best to keep one’s own state intact; to crush the enemy’s state is only a second best” (SUNZI, 1993:79).

¹⁴⁷ Tradução própria de: “So to win a hundred victories in a hundred battles is not the highest excellence; the highest excellence is to subdue the enemy’s army without fighting at all” (SUNZI, 1993:79).

perspectiva onde o conhecimento geopolítico prevaleça sobre o mero engajamento bélico que vence somente pela quantidade numérica. O planejamento lapida o exército e permite-o vencer a brutalidade da força adversária. O contexto histórico diz respeito a grandes batalhas, mas também diz respeito a uma grande diferença de força militar entre os Estados. O autor segue afirmando que, “Portanto, a melhor política militar é atacar as estratégias”¹⁴⁸ (SUNZI, 1993:79; cap. 3). E isso está de acordo com o que esse nosso autor elaborou até então. A próxima política militar seria “atacar as alianças”¹⁴⁹ (SUNZI, 1993:79; cap. 3), ou seja, desarticular suas associações com outros Estados, reduzindo a combinação de forças do adversário e possibilitando o aumento de seus problemas com os outros Estados. Em seguida, “atacar soldados”¹⁵⁰ (SUNZI, 1993:79; cap. 3). Isso aponta para uma defesa do conhecimento sobre a situação do conflito geopolítico antes do próprio engajamento militar nele.

Para o autor, o pior seria — e seguindo o mesmo raciocínio elaborado nos capítulos precedentes — “assaltar cidades muradas”¹⁵¹ (SUNZI, 1993:79; cap. 3). O preparo para se realizar esse tipo de assalto, pelo menos no contexto de produção da obra, custava muito tempo e a efetividade poderia ser baixa. Para argumentar contra esse tipo de ataque, ele descreve o seu processo. “Construir telas [de proteção] para cercos e veículos blindados de passageiros, e juntar todo equipamento e armamento militares necessários levará três meses,”¹⁵² (SUNZI, 1993:79; cap. 3), o que significa um prolongamento temporal do conflito. E não para por aí: “e erguer montes de terra contra as muralhas levará outros três meses”¹⁵³ (SUNZI, 1993:79; cap. 3). O assalto a cidades muradas onera grandemente a economia do Estado que está atacando, segundo o capítulo segundo: “Se você sitiá uma cidade murada, você exaure sua força.”¹⁵⁴ (SUNZI, 1993:75; cap. 2). Isso implica também em uma defesa de uma eficiência econômica durante o curso do conflito, algo já elaborado anteriormente.

Essa argumentação aponta para consequências no papel do comandante do exército. O comandante — que deve proteger o Estado, dado que o “comandante é a guarda

¹⁴⁸ Tradução própria de: “Therefore, the best military policy is to attack strategies” (SUNZI, 1993:79).

¹⁴⁹ Tradução própria de: “to attack alliances” (SUNZI, 1993:79).

¹⁵⁰ Tradução própria de: “to attack soldiers” (SUNZI, 1993:79).

¹⁵¹ Tradução própria de: “to assault walled cities” (SUNZI, 1993:79).

¹⁵² Tradução própria de: “To construct siege screens and armored personnel vehicles and to assemble all of the military equipment and weaponry necessary will take three months,” (SUNZI, 1993:79).

¹⁵³ Tradução própria de: “and to amass earthen mounds against the walls will take another three months” (SUNZI, 1993:79).

¹⁵⁴ Tradução própria de: “If you lay siege to a walled city, you exhaust your strength.” (SUNZI, 1993:75).

lateral da carruagem do Estado.”¹⁵⁵ (SUNZI, 1993:80; cap. 3) — terá que, enquanto perito no emprego do exército, subjugar “as forças adversárias sem entrar em batalha”¹⁵⁶ (SUNZI, 1993:79; cap. 3), para assim evitar os custos envolvidos na batalha. Ele também “toma as cidades muradas do adversário sem lançar um ataque”¹⁵⁷ (SUNZI, 1993:79; cap. 3), economizando tanto recursos humanos quanto recursos materiais. E, por sua vez, “esmaga o Estado adversário sem uma guerra prolongada”¹⁵⁸ (SUNZI, 1993:79; cap. 3). O destruir neste caso, em conformidade com o que foi afirmado até então pelo autor, deverá ser a destruição da sua organização política e não a destruição da sua materialidade econômica, partindo de um ataque às estratégias adversárias para subjugá-lo. A mera destruição pelo conflito armado contrariaria os dois pontos anteriores, sobretudo o que vem sendo argumentado desde o primeiro capítulo da obra. O sentido da guerra é a constituição da sobrevivência material do Estado, e não a sua dilapidação. A nossa obra posteriormente afirma que o comandante “tem de usar o princípio de se manter intacto para competir no mundo [*tianxia* 天下]”¹⁵⁹ (SUNZI, 1993:79; cap. 3). Devemos notar que isso vem servindo como pressuposto na argumentação da obra até aqui. O comandante, portanto, deve adotar o papel de um astuto geopolítico.

É por essa razão, para manter ambos a si mesmo e ao adversário intactos, que Sunzi discutirá como fazer para lidar com a proporção numérica entre os exércitos em combate. “Quando dez vezes a força do adversário, cerque-o”¹⁶⁰ (SUNZI, 1993:80; cap. 3). Essa sugestão do autor também é o que pode se esperar de um adversário perito na guerra. E “quando cinco vezes, ataque-o”¹⁶¹ (SUNZI, 1993:80; cap. 3). No caso de “quando o dobro, encarregue-se dele”¹⁶² (SUNZI, 1993:80; cap. 3), possivelmente porque neste caso há possibilidade de ser derrotado. No caso de igualdade de forças, o autor sugere: “seja capaz de dividi-lo [o adversário]”¹⁶³ (SUNZI, 1993:80; cap. 3). Implicando na manutenção da superioridade do próprio exército contra o exército adversário e na importância da unidade contra a divisão. Este caso será retomado, de outro modo, quando o tema da necessidade de

¹⁵⁵ Tradução própria de: “commander is the side-guard on the carriage of state.” (SUNZI, 1993:80).

¹⁵⁶ Tradução própria de: “the enemy’s forces without going to battle,” (SUNZI, 1993:79).

¹⁵⁷ Tradução própria de: “takes the enemy’s walled cities without launching an attack,” (SUNZI, 1993:79).

¹⁵⁸ Tradução própria de: “and crushes the enemy’s state without protracted war.” (SUNZI, 1993:79).

¹⁵⁹ Tradução própria de: “must use the principle of keeping himself intact to compete in the world [*tianxia* 天下]” (SUNZI, 1993:79).

¹⁶⁰ Tradução própria de: “When ten times the enemy strength, surround him” (SUNZI, 1993:80).

¹⁶¹ Tradução própria de: “when five times, attack him” (SUNZI, 1993:80).

¹⁶² Tradução própria de: “when double, engage him” (SUNZI, 1993:80).

¹⁶³ Tradução própria de: “be able to divide him” (SUNZI, 1993:80).

unidade do exército for abordado por nós quando discutirmos a prática da geopolítica. Quando a força adversária for superior, “seja capaz de tomar a defensiva”¹⁶⁴ (SUNZI, 1993:80; cap. 3). Isso é interessante, pois a defensiva somente é considerada quando o adversário detiver superioridade numérica, o que acaba por implicar o ataque como postura principal ao enfrentarmos nosso adversário. Devemos, portanto, aproveitar as vulnerabilidades do adversário e enfrentá-lo ao percebermos alguma vulnerabilidade. Quando a força adversária for esmagadoramente superior, “seja capaz de evitá-lo”¹⁶⁵ (SUNZI, 1993:80; cap. 3). “Portanto, o que serve como defesa segura contra um exército pequeno somente será capturado por um exército maior”¹⁶⁶ (SUNZI, 1993:80; cap. 3). Esse trecho, severamente truncado, parece afirmar que, adotando a proposta feita pelo autor, somente seremos capturados caso não possamos evitar o adversário numericamente maior, pois, nos outros casos, haverá possibilidade de rivalizarmos suas forças por meio da adoção de estratégias. O texto pressupõe, como apontado anteriormente, a necessidade de estarmos em posição de ataque, onde o adversário esteja sempre sob nosso controle.

Na visão de Sunzi, o governante, complementando a categoria do curso e da regulação — expostas anteriormente no capítulo um e necessárias para se conhecer a situação do conflito —, deverá seguir algumas diretrizes importantes. Ele escreve que: “Existem três maneiras nas quais o governante pode trazer aflição para seu exército”¹⁶⁷ (SUNZI, 1993:80; cap. 3). A primeira atitude é ordenar algo oposto à posição do exército, como avançar ou recuar quando não se está em posição para fazê-lo (SUNZI, 1993:80; cap. 3). A segunda seria: “Interferir na administração do exército enquanto estando ignorante dos seus assuntos internos”¹⁶⁸ (SUNZI, 1993:80; cap. 3). Isso parte de uma divisão histórica entre as funções de comandante e de governante, e também aponta que o exército possui uma autonomia relativa (pois possui negócios internos ao mesmo tempo que o governante pode administrar o exército). Em terceiro lugar: “Interferir nas atribuições militares enquanto ignorante das

¹⁶⁴ Tradução própria de: “be able to take the defensive” (SUNZI, 1993:80).

¹⁶⁵ Tradução própria de: “be able to avoid him” (SUNZI, 1993:80).

¹⁶⁶ Tradução própria de: “Thus what serves as secure defense against a small army will only be captured by a large one” (SUNZI, 1993:80).

¹⁶⁷ Tradução própria de: “There are three ways in which the ruler can bring grief to his army” (SUNZI, 1993:80).

¹⁶⁸ Tradução própria de: “To interfere in the administration of the army while being ignorant of its internal affairs” (SUNZI, 1993:80).

exigências”¹⁶⁹ (SUNZI, 1993:80; cap. 3), pois isso o fará perder “a confiança de seus homens”¹⁷⁰ (SUNZI, 1993:80; cap. 3), que esperam um retorno social da atribuição que alcançaram no exército. Para o autor, isso aumenta, assim como a protelação da batalha, a chance dos Estados vizinhos virem a agredir nosso Estado. É fundamental que nosso Estado esteja altamente organizado para a execução do conflito geopolítico.

Para Sunzi, esses pontos discutidos anteriormente possibilitam conhecer o lado vitorioso da guerra antecipadamente (SUNZI, 1993:80; cap. 3), pois compreendem o seu curso (SUNZI, 1993:80; cap. 3). “O lado que sabe quando lutar e quando não lutar tomará a vitória”¹⁷¹ (SUNZI, 1993:80; cap. 3). Isto é, se sairá melhor o lado que se adequar às exigências de conhecimento sobre a situação do conflito e às condições econômicas impostas a ela. “O lado que entende como lidar com a superioridade e a inferioridade numéricas no destacamento das tropas tomará a vitória”¹⁷² (SUNZI, 1993:80; cap. 3). Ou seja, vencerá o lado que consegue organizar eficientemente suas forças para enfrentar, segundo os princípios já expostos, o seu adversário no curso de transformação do conflito. “O lado que tem superiores e subordinados unidos em propósito tomará a vitória”¹⁷³ (SUNZI, 1993:80; cap. 3). Conforme apresentado no capítulo primeiro, o curso e o comando devem ser investigados e aprimorados para assim nos sairmos melhor que nosso adversário. Devemos lembrar que cada soldado também é um camponês. “O lado que encampa um exército totalmente preparado contra um que não, tomará a vitória”¹⁷⁴ (SUNZI, 1993:80; cap. 3). O autor enfatiza, portanto, o papel do conhecimento e da disposição sobre a ignorância do adversário. “O lado no qual o comandante é capaz e o governante não interfere tomará a vitória”¹⁷⁵ (SUNZI, 1993:80; cap. 3). Nessas passagens, fica evidente o papel do conhecimento como antecipação ao adversário, como meio para se organizar e como instrumento para submeter o adversário. Para tanto, é fundamental examinarmos o caminho proposto pela obra para a obtenção desse conhecimento

¹⁶⁹ Tradução própria de: “To interfere in military assignments while being ignorant of exigencies” (SUNZI, 1993:80).

¹⁷⁰ Tradução própria de: “the confidence of his men.” (SUNZI, 1993:80).

¹⁷¹ Tradução própria de: “The side that knows when to fight and when not to will take the victory.” (SUNZI, 1993:80).

¹⁷² Tradução própria de: “The side that understands how to deal with numerical superiority and inferiority in the deployment of troops will take the victory.” (SUNZI, 1993:80).

¹⁷³ Tradução própria de: “The side that has superiors and subordinates united in purpose will take the victory” (SUNZI, 1993:80).

¹⁷⁴ Tradução própria de: “The side that fields a fully prepared army against one that is not will take the victory” (SUNZI, 1993:80).

¹⁷⁵ Tradução própria de: “The side on which the commander is able and the ruler does not interfere will take the victory” (SUNZI, 1993:80).

prévio decisivo para nos sairmos melhor que o adversário no conflito geopolítico.

A vitória deve ser sempre visada por meio da estratégia. O conflito armado é algo que deve vir somente depois que os recursos à estratégia (e à diplomacia) não tiverem surtido efeito. Essa abordagem faz com que o contexto histórico seja, de novo, fundamental para a interpretação de nosso livro. A guerra, apesar de ser o foco central por toda a extensão de seu texto, não é reduzida ao conflito armado simplesmente. Ela é elaborada enquanto um processo no qual o conflito armado é apenas um momento — podemos dizer derradeiro — do conflito geopolítico no qual ela ocorre. Por essa razão — a guerra ser efetivamente um problema complexo —, o planejamento militar e a organização do território são fundamentais para sua abordagem.

4.5) “Usando Espiões” (Capítulo 13)¹⁷⁶

O último capítulo do *Sunzi* completa esse nosso bloco de capítulos que tratam do tema do conhecimento da guerra e da sua necessidade. Este capítulo trata da importância do conhecimento para a guerra e o papel da espionagem na aquisição desse conhecimento e sua importância decisiva para a vitória na guerra. O capítulo também ajuda a iluminar como o ataque às estratégias adversárias se figura como mais importante que a destruição do exército adversário, algo defendido no capítulo terceiro, sendo possível de ser realizado à época da obra.

O capítulo se inicia com uma defesa da importância do conhecimento prévio sobre o campo de batalha antes de adentrá-lo. Isso é algo que já vem sendo defendido desde o primeiro capítulo, como vimos. Porém, desta vez, Sunzi propõe meios para a obtenção dos conteúdos necessários a essa presciência defendida sobretudo no primeiro capítulo.

Ele apresenta os custos de uma expedição para punição de um adversário (pois este teria supostamente corrompido a união pressuposta entre eles, dada a unificação daqueles territórios em torno do Mandato do Céu investido em Zhou e agora em disputa): “De modo geral, os custos à população e aos cofres públicos para mobilizar um exército de 100.000 e despachá-lo em uma expedição punitória de um milhar de *li* [li 里] é um milhar de peças de ouro por dia”¹⁷⁷ (SUNZI, 1993:123; cap. 13). O texto não informa como chegou a esse cálculo,

¹⁷⁶ Segundo a tradução de Ames (1993), “Using Spies” [*yong jian* 用间].

¹⁷⁷ Tradução própria de: “In general, the cost to the people and the republic coffers to mobilize an army of 100,000 and dispatch it on a punitive expedition of a thousand li [li 里] is a thousand pieces of gold per day” (SUNZI, 1993:123).

porém, podemos aceitar com certa segurança que o argumento principal é que o custo de mobilização de um exército grande é elevado. Como também já vimos, isso é algo já tematizado no capítulo segundo. Essa interpretação é reforçada pelos trechos que se seguem a essa asserção. “Existirá revolta na terra natal e fora dela, com pessoas caminhando exaustas nas estradas e em torno de 700.000 domicílios familiares impedidos de trabalhar nos campos”¹⁷⁸ (SUNZI, 1993:123; cap. 13). Isso traz novamente o fato de que a guerra onera a população, que terá de se dedicar durante um certo tempo a ela, deixando de se dedicar aos seus afazeres (produzir para si e pagar os impostos, produzindo, assim, para o soberano).

Esses gastos podem se sustentar durante um longo período de tempo, o autor sugere. “Dois lados irão querelar um com o outro por muitos anos de modo a lutarem uma batalha decisiva em um único dia”¹⁷⁹ (SUNZI, 1993:123; cap. 13). Essa parece ser a tragédia da guerra: ou ela pode ser suspensa, o conflito armado sendo evitado para posteriormente poder ser retomado, ou ela pode ser superada negativamente, com um lado perdendo e outro saindo vitorioso, sendo que ela coloca esse desfecho desde o início. A perspectiva do *Sunzi*, conforme pudemos observar até aqui, é remover as mediações existentes entre o momento anterior ao engajamento no conflito e essa batalha decisiva onde se espera sair vencedor. Sabendo que o autor quer evitar os gastos com a guerra, algo condicionado também pelo próprio contexto, pode-se inferir dessa passagem que um dos objetivos dele pode ser alcançar esse momento de decisão sem passar pelo dispêndio temporal no conflito, principalmente aquele onde se mobiliza tropas para batalharem entre si. Para ele, reconhecer gastos elevados e mesmo assim deixar de conhecer a situação do conflito “é o ápice da inumanidade”¹⁸⁰ (SUNZI, 1993:123; cap. 13). Por essa razão, o *Sunzi* segue defendendo não a digladição com o adversário, mas sua dominação, desarmando sua estratégia, vide capítulo terceiro. Ele escreve que: “Portanto, a razão pela qual o governante previdente e seu comandante superior conquistam o adversário a cada movimento, e alcançam sucesso muito além da capacidade da multidão comum, é a presciência”¹⁸¹ (SUNZI, 1993:123; cap. 13). A presciência estaria na base da superação dessas mediações que prolongam a batalha e tornam seu desfecho incerto.

¹⁷⁸ Tradução própria de: “There will be upheaval at home and abroad, with people trekking exhausted on the roadways and some 700,000 households kept from their work in the fields” (SUNZI, 1993:123).

¹⁷⁹ Tradução própria de: “Two sides will quarrel with each other for several years in order to fight a decisive battle on a single day.” (SUNZI, 1993:123).

¹⁸⁰ Tradução própria de: “is the height of inhumanity” (SUNZI, 1993:123).

¹⁸¹ Tradução própria de: “Thus the reason the farsighted ruler and his superior commander conquer the enemy at every move, and achieve successes far beyond the reach of the common crowd, is foreknowledge” (SUNZI, 1993:123).

Dado o contexto ideológico do orientalismo (SAID, 2003), especialmente com toda a mística que o chamado ocidente imputa à cultura chinesa antiga, seria possível imaginar que Sunzi seguiria defendendo algum tipo de ritual divinatório. Não que a divinação não fizesse parte de sua sociedade (CHENG, 2008; RAWSON, 1999). Apesar disso, a defesa feita pelo autor é de uma presciência que prescinde de qualquer elaboração abstrata sobre a realidade material empírica. Ele escreve: “Tal presciência não pode ser obtida de fantasmas ou espíritos, inferida pela comparação com eventos passados, ou verificada por cálculos astrológicos”¹⁸² (SUNZI, 1993:123; cap. 13). Pelo contrário: “Ela tem de vir das pessoas — pessoas que conhecem a situação do adversário”¹⁸³ (SUNZI, 1993:123; cap. 13). Isso possui consistência com capítulos anteriores do livro, especialmente os capítulos que compõem os blocos dois e três que ainda serão apresentados, mas não somente com eles. A obra procura promover a concepção de que o conflito geopolítico deve ser compreendido com clareza para uma prática ativa. A ajuda do sobrenatural dificultaria o alcance desse propósito, segundo essa perspectiva, pois teríamos de consagrar e esperar por essa ajuda sem saber com algum grau de certeza o resultado disso. Assim, o primeiro capítulo passa a ter importância fundamental. Com isso, uma forma de obtenção do conhecimento atual da situação do conflito se faz necessária, dado que não se poderia obter conhecimentos por meios que não o da ciência da atual situação desse conflito (dado que o conhecimento da situação adversária pressupõe conhecer a nossa própria situação). A passagem citada acima implica na posição do testemunho, do passado histórico e da divinação para a ciência do conflito.

O testemunho direto parece ser especialmente importante. Ele seria um dos poucos meios disponíveis à época para obtenção de conhecimento (dado que o autor elimina a posição heurística da história e da astrologia enquanto possíveis ciências sobre o conflito atual). Pelo fato pressuposto de a guerra (e, por extensão, do conflito geopolítico como um todo) ser o curso do engano, há a exigência de um conhecimento *in situ* dos fenômenos. A espionagem, portanto, seria o principal modo como ele se efetiva na época da obra. Para Sunzi, os espiões são os agentes mais importantes de um exército. Ele escreve que, dentro do exército, “ninguém deve ter acesso mais direto que os espiões; ninguém deve ser recompensado mais liberalmente que os espiões; e nenhum assunto deve ser mais posto em

¹⁸² Tradução própria de: “Such foreknowledge cannot be had from ghosts and spirits, deduced by comparison with past events, or verified by astrological calculations” (SUNZI, 1993:123).

¹⁸³ Tradução própria de: “It must come from people — people who know the enemy’s situation.” (SUNZI, 1993:123).

segredo que aqueles concernentes aos espões”¹⁸⁴ (SUNZI, 1993:124; cap. 13). Em outro momento, podemos ler que: “Não existe onde você não possa empregar bem espões”¹⁸⁵ (SUNZI, 1993:124; cap. 13). “Somente o governante mais sagaz é capaz de empregar espões; somente o comandante mais humano e justo é capaz de colocá-los em serviço; somente a pessoa mais sensível e alerta consegue tirar a verdade dos espões”¹⁸⁶ (SUNZI, 1993:124; cap. 13). Isso porque, como já vimos, o conhecimento evitaria o desperdício de tempo e de recursos materiais e humanos.

A frase final do capítulo é importante nesse sentido. “A inteligência é da essência da guerra — é do que os exércitos dependem a cada movimento”¹⁸⁷ (SUNZI, 1993:124; cap. 13). Para conseguir alcançar o conhecimento do adversário, o autor escreve que: “Nós temos de direcionar nossos agentes para encontrarem um caminho para assegurar essa informação para nós”¹⁸⁸ (SUNZI, 1993:124; cap. 13). Ao mesmo tempo, o autor reafirma a posição central do conhecimento na realização do conflito geopolítico ao mesmo tempo em que aponta que há agentes importantes para a sua obtenção. Os agentes que, segundo analisa a nossa obra, poderiam ser empregados na espionagem, podem ser divididos em cinco categorias.

Os tipos de espões são cinco (SUNZI, 1993:123; cap. 13). Eles representam como os Estados à época do autor poderiam se relacionar de modo extraoficial. Para o autor: “Quando os cinco tipos de espões estão todos ativos, ninguém sabe seus métodos de operação [*dao* 道], isso é chamado de a teia imperceptível [*shen* 神], e é o tesouro do governante”¹⁸⁹ (SUNZI, 1993:123; cap. 13). Os espões são fundamentais para o governo do Estado nesse contexto. A primeira categoria de espião, o espião local, é composta pelos “conterrâneos do adversário ao nosso serviço”¹⁹⁰ (SUNZI, 1993:123; cap. 13). A próxima categoria, dos espões

¹⁸⁴ Tradução própria de: “no one should have more direct access than spies, no one should be more liberally rewarded than spies, and no matters should be held in greater secrecy than those concerning spies” (SUNZI, 1993:124).

¹⁸⁵ Tradução própria de: “There is nowhere that you cannot put spies to good use” (SUNZI, 1993:124).

¹⁸⁶ Tradução própria de: “Only the most sagacious ruler is able to employ spies; only the most humane and just commander is able to put them into service; only the most sensitive and alert person can get the truth out of spies” (SUNZI, 1993:124).

¹⁸⁷ Tradução própria de: “Intelligence is of the essence in warfare — it is what armies depend upon in their every move” (SUNZI, 1993:124).

¹⁸⁸ Tradução própria de: “We must direct our agents to find a way to secure this information for us” (SUNZI, 1993:124).

¹⁸⁹ Tradução própria de: “When the five kinds of spies are all active, and no one knows their methods of operation [*dao* 道], this is called the imperceptible [*shen* 神] web, and is the ruler’s treasure” (SUNZI, 1993:123).

¹⁹⁰ Tradução própria de: “the enemy’s own countrymen in our employ” (SUNZI, 1993:123).

infiltrados, é composta pelos “oficiais adversários que empregamos”¹⁹¹ (SUNZI, 1993:123; cap. 13). Os espiões chamados de agentes duplos são “espiões adversários que reportam para o nosso lado”¹⁹² (SUNZI, 1993:125; cap. 13). O que implica afirmar que a espionagem era algo suficientemente difundido, dado que há a expectativa de se converter espiões do próprio adversário.

Os próximos, os espiões prescindíveis (ou descartáveis). Eles são “nossos próprios agentes que obtêm informações falsas que nós deliberadamente vazamos para eles, e quem então encaminha para os espiões adversários”¹⁹³ (SUNZI, 1993:125; cap. 13). Posteriormente, poderíamos presumir, esses espiões descartáveis acabariam sendo mortos pelo adversário. Isso é interessante, pois a obtenção de conhecimento não se faz sem ao mesmo tempo tornar o adversário ignorante (algo que será tematizado a partir de outra perspectiva especialmente no segundo bloco).

Por fim, os espiões imprescindíveis são “aqueles que retornam do campo adversário para reportar”¹⁹⁴ (SUNZI, 1993:125; cap. 13), trazendo o testemunho direto das informações *in situ*. Essas categorias de agentes da espionagem ilustram a complexidade dessa atividade e, acima disso, mostram como ela era imprescindível para a realização vitoriosa do conflito no qual os estados estavam envolvidos.

Como o espião figura de modo central na constituição do conhecimento sobre a situação do conflito geopolítico, uma questão se impõe. Ela diz respeito a como poderíamos infiltrar um espião nosso no lado adversário. O *Sunzi* escreve um meio para obtenção de espiões. Antes de tudo: “É necessário descobrir quem o adversário enviou como agentes para espionar-nos”¹⁹⁵ (SUNZI, 1993:125; cap. 13). Logo em seguida: “Se lidarmos com eles [*yin* 因] com subornos generosos, conquistá-los e enviá-los novamente, eles poderão portanto serem empregados por nós como agentes duplos”¹⁹⁶ (SUNZI, 1993:125; cap. 13). A partir do que: “Com base naquilo que nós aprendemos com [*yin* 因] esses agentes duplos, nós podemos

¹⁹¹ Tradução própria de: “enemy officials we employ” (SUNZI, 1993:123).

¹⁹² Tradução própria de: “enemy spies who report to our side” (SUNZI, 1993:125).

¹⁹³ Tradução própria de: “our own agents who obtain false information we have deliberately leaked to them, and who then pass it on to the enemy spies” (SUNZI, 1993:125).

¹⁹⁴ Tradução própria de: “those who return from the enemy camp to report” (SUNZI, 1993:125).

¹⁹⁵ Tradução própria de: “It is necessary to find out who the enemy has sent as agents to spy on us” (SUNZI, 1993:125).

¹⁹⁶ Tradução própria de: “If we take care of them [*yin* 因] with generous bribes, win them over and send them back, they can thus be brought into our employ as double agents” (SUNZI, 1993:125).

recrutar e empregar espões locais e infiltrados”¹⁹⁷ (SUNZI, 1993:125; cap. 13). Os agentes duplos são fundamentais para se conseguir ter espões locais e agentes infiltrados. Ou seja, são fundamentais para todo o processo de espionagem.

Não somente isso. “Além disso, a partir dessa [*yin* 因] informação que nós saberemos que informações falsas alimentar nossos espões prescindíveis para encaminhar ao adversário”¹⁹⁸ (SUNZI, 1993:125; cap. 13). Ou seja, o espão prescindível só pode espalhar a ignorância em uma certa situação real a partir do conhecimento que se pode obter dessa mesma situação real. Ele pode servir de via para que esse conhecimento obtido seja confundido pela ignorância que ele difunde. Essa mesma fonte de informações — originada com o agente duplo, ao possibilitar o conhecimento da situação real do adversário — permite que se possa elaborar melhor aquilo que se quer conhecer da sua situação e que seja decisivo para o momento do conflito. “Sobretudo, a partir daquilo que sabemos a partir [*yin* 因] dessa mesma fonte, nossos espões imprescindíveis podem completar suas atribuições de acordo com o cronograma”¹⁹⁹ (SUNZI, 1993:125; cap. 13). Os agentes duplos são cruciais para essa operação entrar em curso.

Fica a questão de como fora constituído originalmente o espão imprescindível. Para o autor, e conforme pode ser visto anteriormente, o agente duplo é central na inteligência militar. “O governante tem de ter conhecimento total das operações secretas desses cinco tipos de espões”²⁰⁰ (SUNZI, 1993:125; cap. 13). Isso porque o comandante e o governante devem, necessariamente, trabalhar de acordo na obtenção da inteligência (SUNZI, 1993:125; cap. 13). “E, dado que a chave para toda inteligência é o agente duplo, esse agente tem de ser tratado com a maior generosidade”²⁰¹ (SUNZI, 1993:125; cap. 13). O grande problema está em como o adversário conseguiu implantar um primeiro espão e como o espão imprescindível foi originalmente implantado.

Por um lado, esse raciocínio parece pressupor a tradição histórica da espionagem. O próprio Sunzi finaliza o último capítulo — e, conseqüentemente, o próprio livro —

¹⁹⁷ Tradução própria de: “On the basis of what we learn from [*yin* 因] these double agents, we can recruit and employ local and inside spies” (SUNZI, 1993:125).

¹⁹⁸ Tradução própria de: “Also, from (*yin*) this information we will know what false information to feed our expendable spies to pass on to the enemy” (SUNZI, 1993:125).

¹⁹⁹ Tradução própria de: “Moreover, on what we know from (*yin*) this same source, our unexpendable spies can complete their assignments according to schedule” (SUNZI, 1993:125).

²⁰⁰ Tradução própria de: “The ruler must have full knowledge of the covert operations of these five kinds of spies” (SUNZI, 1993:125).

²⁰¹ Tradução própria de: “And since the key to all intelligence is the double agent, this operative must be treated with the utmost generosity” (SUNZI, 1993:125).

trazendo um caso clássico de espionagem: “Desde antigamente, a ascensão da Dinastia Yin (Shang) foi por causa de Yi Yin que servia na casa de [Xia]; a ascensão da Dinastia [Zhou] foi por causa de Lü Ya que servia na casa de Shang”²⁰² (SUNZI, 1993:125; cap. 13). Esse argumento, que recorre à tradição histórica, recurso usado durante diversos capítulos do livro, aponta para um fato da espionagem. Ela é algo que se espera que esteja sendo realizado no presente momento.

Mesmo apesar disso, porém, a questão sobre como originalmente um espião se infiltrou (ou se poderia infiltrar) no interior da sociedade adversária se mantém. Essa questão fica em aberto, pois, se a conversão de um espião imprescindível em agente duplo é o início da construção da inteligência militar, então nos surge um outro problema. O adversário deveria ter conseguido, originalmente, ter esse espião sem a conversão de um espião do outro lado do conflito. Fica implícito como ele poderia ser obtido (assim como também fica implícito como obter os outros tipos de espião).

De certo modo, isso poderia ser algo que o leitor completaria dado o seu contexto histórico. À época de produção da obra há um trânsito considerável de pessoas entre os territórios, por conta do comércio (LEWIS, 1999; LI, 1996). Nesse trânsito de pessoas se poderia conhecer compatriotas do adversário, desde que houvesse esse tipo de trânsito durante um conflito declarado (ou que o trânsito prévio tenha pavimentado a possibilidade de alguém de fora dessa sociedade poder se misturar nela com facilidade). Também se poderia corromper emissários ou batedores enviados pelo adversário, ou soldados e oficiais que foram feitos prisioneiros (algo que é tematizado, mas sem ênfase na espionagem, no capítulo dez). Também era fato a migração de oficiais e outros agentes estatais entre os territórios, procurando emprego. Essas situações, inicialmente amistosas, poderiam ser instrumentalizadas por um dos lados de um conflito como armas para obtenção de conhecimento em primeira mão sobre seu adversário.

Em que pese essa questão, o argumento central de Sunzi neste capítulo segue sendo a importância do conhecimento *in situ* da situação do conflito para que se evite o desgaste econômico e da relação entre o governante e sua população. O bloco como um todo caminha no sentido da centralidade do conhecimento no conflito e sua precedência com relação à própria realização do conflito e sua superioridade com relação à demonstração de

²⁰² Tradução própria de: “Of old the rise of the Yin (Shang) dynasty was because of Yi Yin who served the house of Hsia; the rise of the Chou dynasty was because of Lü Ya who served in the house of Shang” (SUNZI, 1993:125).

força. O livro começa tratando do tema do conhecimento e finaliza com esse tema.

4.6) Conclusão

Este bloco temático apresentou as bases para conhecermos o conflito geopolítico segundo elaborado na obra de Sunzi. Esse aspecto do texto é central na medida em que ele aponta como os lados do conflito devem conhecer e — em especial com a questão da espionagem — de fato conhecem a situação geopolítica. A partir do texto da obra, pode-se perceber uma importante difusão da espionagem na época do autor, e a sua centralidade no conhecimento geopolítico. Junto a isso, a importância do testemunho em primeira pessoa dos diversos aspectos da situação adversária (logo se pode inferir que também valha para a própria situação, por meio do emprego de outros agentes estatais, mesmo não militares), onde o comandante se vale dessa divisão do trabalho científico da geopolítica.

Esquemáticamente, após obtermos as informações fundamentais, devemos elaborar o conhecimento da situação de cada um dos lados (em cinco níveis diferentes de análise) e compará-las dentro de quadros comuns (a partir daquilo que eles têm de semelhante em sua estrutura apesar de estarem em lados opostos). Como se estivessemos auferindo pesos em uma balança. Essa abordagem, para o autor, é fundamental pois evita prejuízos econômicos, algo que pode arruinar o Estado. Além disso, faz-se fundamental conhecer o conflito para que se possa resolvê-lo rápido, indicando que o sentido do conflito está para outra coisa, a economia, e não se encerra em si mesmo, na mera apologia da realização militar (algo que possivelmente deveria acontecer na época). Temos, portanto, um esquema geral para apreendermos o conflito. Cabe, agora, interpretar como o *Sunzi* elabora uma estrutura para a geopolítica e uma forma de nos engajarmos na prática nesse conflito de onde não podemos fugir.

Capítulo 5 – Configurando a geopolítica

5.1) Introdução

O segundo bloco composto para a nossa interpretação da obra de Sunzi diz respeito à configuração estrutural da geopolítica. Nessa parte, a geopolítica encontrará uma descrição das categorias do seu edifício. Essa segunda parte do livro compreende os capítulos (quatro, cinco, seis e sete) que elaboram as forças encontradas em jogo durante o conflito geopolítico. Seria o que compõe a geopolítica apesar das contingências do seu desenvolvimento histórico. Esses capítulos são fundamentais para que a posição de cada lado do conflito seja compreendida e a relação de situação que cada um deles estabelece com seu outro também possam ser compreendidos. Com relação ao bloco anterior, portanto, encontramos aqui um aprofundamento do objeto analisado e um condicionamento para essa análise.

5.2) “Posições Estratégicas” (Capítulo 4)²⁰³

O capítulo quatro transita entre o bloco anterior, que diz respeito ao conhecimento da geopolítica e a sua necessidade, e o bloco temático atual, que discute as forças em jogo na guerra. Ele discute a importância da posição estratégica [*xing* 形] ou — seguindo o pontuado anteriormente — situação estratégica e como a vitória se relaciona com ela de modo necessário. A noção de posição estratégica será de suma importância para as discussões dos capítulos cinco e seis seguintes da nossa obra.

O capítulo se inicia apontando como o perito no conflito do passado procedia com a vitória. Sunzi cita que, tradicionalmente, afirma-se que: “A vitória pode ser antecipada, mas ela não pode ser forçada”²⁰⁴ (SUNZI, 1993:83; cap. 4). A vitória como algo que não pode ser forçado, mas pode ser antecipado, apresenta-a como algo aparentemente contraditório. Isso dado se partimos da dependência, em algum grau, da vitória pela interação dos dois lados do conflito. “Desde antigamente, o perito na batalha se faria primeiro invencível e então esperaria pelo adversário expor sua vulnerabilidade”²⁰⁵ (SUNZI, 1993:83; cap. 4). Com base no que foi interpretado no bloco anterior, isso implica afirmar um desenvolvimento das

²⁰³ Segundo a tradução de Ames (1993), “Strategic Positions” [*jun xing* 军形].

²⁰⁴ Tradução própria de: “Victory can be anticipated, but it cannot be forced” (SUNZI, 1993:83).

próprias forças do seu território (seu exército, sua política e sua economia) tendo como seu pressuposto a expectativa da eventual aparição de certas adversidades, principalmente advindas de Estados adversários, que podem ser superadas. Essa ordem de coisas se justifica, na visão do autor, pois: “A invencibilidade depende de si mesmo; a vulnerabilidade jaz com o adversário”²⁰⁶ (SUNZI, 1993:83; cap. 4). A vitória exige um preparo prévio do e — dado o bloco anterior, podemos afirmar também — um conhecimento prévio para o conflito.

Portanto, apesar de ser possível garantir a própria invencibilidade, desenvolvendo previamente as próprias forças, o perito “não pode garantir com certeza a vulnerabilidade do adversário”²⁰⁷ (SUNZI, 1993:83; cap. 4). Pois a invencibilidade “jaz com a defesa”²⁰⁸ (SUNZI, 1993:83; cap. 4) do próprio território contra o nosso adversário e “a vulnerabilidade do adversário vem do ataque”²⁰⁹ (SUNZI, 1993:83; cap. 4) que realizamos contra ele. O que implica também afirmar que esse desenvolvimento das forças compreende tanto um eficiente encerramento em si mesmo (na defesa), suturando possíveis rachaduras nessa defesa, como uma precisa expressão ofensiva contra o adversário (no ataque), sendo severamente agudo e aproveitando de suas falhas.

Por um lado, durante certa situação do conflito geopolítico, devemos assumir uma postura defensiva. Isso porque, segundo o *Sunzi*, “a força do adversário é irresistível”²¹⁰ (SUNZI, 1993:83; cap. 4). O perito em defesa, por sua vez, “esconde-se nos mais profundos recôncavos da terra [*di* 地]”²¹¹ (SUNZI, 1993:83; cap. 4). Por outro lado, podemos assumir uma postura ofensiva. Nesse caso, “a força do adversário é deficiente”²¹² (SUNZI, 1993:83; cap. 4). Assim sendo, o perito em ataque “ataca saindo dos mais altos estratos dos céus [*tian* 天]”²¹³ (SUNZI, 1993:83; cap. 4). Ou seja, no passado, o perito na guerra, quando precisava tomar a defesa, era inatingível, porém, quando ele precisava tomar o ataque, era irresistível. O autor inicia, portanto, argumentando que o Estado que se encontra num contexto de conflito deve desenvolver as forças de seu território de modo que este esteja preparado para enfrentar

²⁰⁵ Tradução própria de: “Of old the expert in battle would first make himself invincible and then wait for the enemy to expose his vulnerability” (SUNZI, 1993:83).

²⁰⁶ Tradução própria de: “Invincibility depends on oneself; vulnerability lies with the enemy” (SUNZI, 1993:83).

²⁰⁷ Tradução própria de: “cannot guarantee for certain the vulnerability of the enemy” (SUNZI, 1993:83).

²⁰⁸ Tradução própria de: “lies with defense” (SUNZI, 1993:83).

²⁰⁹ Tradução própria de: “the vulnerability of the enemy comes with the attack” (SUNZI, 1993:83).

²¹⁰ Tradução própria de: “the enemy’s strength is overwhelming” (SUNZI, 1993:83).

²¹¹ Tradução própria de: “conceals himself in the deepest recess of the earth [*di* 地]” (SUNZI, 1993:83).

²¹² Tradução própria de: “the enemy’s strength is deficient” (SUNZI, 1993:83).

²¹³ Tradução própria de: “strikes from out of the highest reaches of the heavens [*tian* 天]” (SUNZI, 1993:83).

um adversário mais poderoso ao defender, assim como aproveitar das falhas de um outro adversário ao atacar. Esse é o sentido do preparo prévio. Dado que a vulnerabilidade do nosso adversário vem com o nosso ataque, e este ataque deve ser perfeito e contra uma defesa suscetível ao lançamento de nosso ataque, a vitória não pode ser alcançada sem uma condição prévia de vitória, dada pelo preparo. Portanto, ela não pode ser forçada, criada do nada.

Após apontar como a vitória não pode ser forçada, nosso autor se volta para as razões pelas quais ela pode ser antecipada pelo conhecimento. Ela não pode ser antecipada pelo mero conhecimento divinatório, por uma espécie de abstração formal. Esse conhecimento “não é ir além do entendimento da estirpe comum; não é a mais alta excelência”²¹⁴ (SUNZI, 1993:83; cap. 4). Nem mesmo notada como algo alcançado por alguém excepcional: “Vencer na batalha para que todo o mundo [*tianxia* 天下] diga ‘Excelente!’ não é a mais alta excelência”²¹⁵ (SUNZI, 1993:83; cap. 4). Pois, para Sunzi, a vitória não é algo que deva ser encarado como excepcional. Isso é algo que já estamos antevendo desde o bloco primeiro. Ele lista, como exemplo, várias ações que não demandam perícia alguma: “erguer uma penugem não é sinal de força; ver o Sol e a Lua não é sinal de clarividência; ouvir um trovão não é sinal de audição aguçada”²¹⁶ (SUNZI, 1993:83; cap. 4). Isso altera a posição do perito no conflito. Ele não é mais alguém que faz algo de excepcional: “Aquele que os antigos chamavam de um perito em batalha ganhava a vitória onde ela era facilmente alcançada”²¹⁷ (SUNZI, 1993:83; cap. 4).

Nesse ponto, o conhecimento sobre a situação do conflito, discutido no primeiro bloco temático, é fundamental. A vitória não é antecipada pelo fato do perito conseguir expressar alguma capacidade singular intrínseca; por ele conseguir fazer com que algo funcione de modo excepcional, causando espanto nas pessoas comuns; ou por ele conseguir ver algo que já não estivesse acessível anteriormente para quem pudesse ver. A vitória é antecipada pois o perito somente efetiva o conflito quando se encontra seguro das condições de sua própria vitória: “ele age onde a vitória é certa, e conquista um adversário que já

²¹⁴ Tradução própria de: “is not going beyond the understanding of the common run; it is not the highest excellence” (SUNZI, 1993:83).

²¹⁵ Tradução própria de: “To win in battle so that the whole world [*tianxia* 天下] says ‘Excellent!’ is not the highest excellence” (SUNZI, 1993:83).

²¹⁶ Tradução própria de: “to lift an autumn hair is no mark of strength; to see the sun and moon is no mark of clear-sightedness; to hear a thunder clap is no mark of keen hearing” (SUNZI, 1993:83).

²¹⁷ Tradução própria de: “He whom the ancients called an expert in battle gained victory where victory was easily gained” (SUNZI, 1993:83).

perdeu”²¹⁸ (SUNZI, 1993:84; cap. 4).

“Portanto, a batalha do perito jamais é uma vitória excepcional, nem mesmo ele conquista reputação por sabedoria ou crédito por coragem”²¹⁹ (SUNZI, 1993:83-84; cap. 4). Esse trecho se assemelha muito ao tipo de ética defendida em outro texto clássico da antiguidade chinesa, chamado de *Laozi*, onde se afirma que a melhor ação é aquela que mais se adequa ao curso do mundo [*dao* 道] e, portanto, não contrasta com o mundo no qual se age, aparentando sempre ser parte de um processo imanente — da tradição imanente do mundo —, e não um rompimento com ele (CHENG, 2008; SPROVIERO, 2014). Ele também referenda a nossa interpretação anterior e mostra que ela é ainda mais consoante com a postura especialmente defendida no capítulo treze, onde o conhecimento sobre certo conflito vem da experiência da sua realidade atual e não do além dela. Isso é determinante para a vitória.

Em seguida, Sunzi resume o modo pelo qual o perito no conflito deve agir, aprofundando o que já foi elaborado anteriormente. O “perito em batalha toma sua postura em chão que é inatingível”²²⁰ (SUNZI, 1993:84; cap. 4), isto é, atenta-se à defesa, “e não perde sua chance de derrotar o adversário”²²¹ (SUNZI, 1993:84; cap. 4), explorando com precisão a vulnerabilidade do adversário. O perito no conflito se atenta tanto à defesa quanto ao ataque. E, por priorizar o conhecimento da situação do conflito como um todo — rechaçando de saída um conhecimento fragmentário ou que imobiliza o curso passado em uma fórmula — “o exército vitorioso somente entra em batalha após primeiro ter vencido, enquanto que o exército derrotado somente busca a vitória após primeiro ter entrado na briga”²²² (SUNZI, 1993:84; cap. 4). Essa última frase é importante pois reforça a concepção de que a vitória não é a superação em combate de uma situação onde a derrota é possível. Justamente por ser assim, a vitória não é algo que é diferente do curso [*dao* 道] pelo qual o conflito estava se encaminhando. Não se deve forçar a vitória pois não há caminho possível que faça nos sairmos melhor que nossos adversários quando nos encontramos em uma situação na qual isso é impossível.

A vitória é a efetivação de um processo no qual ambos os lados do conflito já se

²¹⁸ Tradução própria de: “he acts where victory is certain, and conquers an enemy that has already lost” (SUNZI, 1993:84).

²¹⁹ Tradução própria de: “Thus the battle of the expert is never an exceptional victory, nor does it win him reputation for wisdom or credit for courage” (SUNZI, 1993:83-84).

²²⁰ Tradução própria de: “expert in battle takes his stand on ground that is unassailable” (SUNZI, 1993:84).

²²¹ Tradução própria de: “and does not miss his chance to defeat the enemy” (SUNZI, 1993:84).

²²² Tradução própria de: “the victorious army only enters battle after having first won the victory, while the defeated army only seeks victory after having first entered the fray” (SUNZI, 1993:84).

encontravam inseridos, mas só um deles prevaleceu. Segundo o capítulo primeiro, a superação do conflito está no conhecimento prévio — anterior ao combate — do curso dessa superação (SUNZI, 1993:74; cap. 1). Também por isso o autor afirma que o “perito no uso do exército constrói sobre o curso [*dao* 道] e rapidamente se atém às regulações militares [*fa* 法], e, portanto, é capaz de ser o árbitro da vitória e da derrota”²²³ (SUNZI, 1993:84; cap. 4). O perito age conforme a possibilidade do Estado ir à guerra (SUNZI, 1993:73; cap. 1) e a partir da estrutura militar disponível (SUNZI, 1993:73; cap. 1). A vitória é alcançada dentro do reino do possível. O perito no conflito compreende uma certa tendência no curso do conflito, tendência onde ele é invencível e o adversário se encontra vulnerável à derrota. A vitória se efetiva no interior desse mesmo curso, sem romper com ele.

Essa ênfase de Sunzi sobre a natureza da vitória na guerra — isto é, a de que a vitória de fato só ocorre realmente antes da própria batalha, aparecendo posteriormente somente como resultado — parece sinalizar a possível existência de conselheiros que não seguiam o conjunto das regras que ele pregava. Dada a crescente presença dos oficiais e a importância da carreira militar para a ascensão social na sociedade dessa época, isso se torna bastante plausível. A referência aos peritos bélicos do passado — não somente para enfatizar a importância da tradição em uma sociedade decadente, mas como fonte para a discussão do momento presente vivido na época do autor — reforça essa possibilidade. E como a guerra era um negócio urgente, não somente segundo o autor, mas também segundo o período histórico da obra, deveria haver uma grande responsabilidade sobre o comandante e o conselheiro de guerra.

Após afirmar a importância do curso [*dao* 道] e das regulações militares [*fa* 法], Sunzi apresenta como conhecer a possibilidade de vitória. “Fatores na arte da guerra [*bingfa* 兵法] são: Primeiro, cálculos; segundo, quantidades; terceiro, logística; quarto, o balanço de poder; e quinto, a possibilidade de vitória”²²⁴ (SUNZI, 1993:84; cap. 4). Após elencar os fatores, ele aponta a ordem na qual cada um deles é gerado:

“Cálculos são baseados no terreno; estimativas das quantidades de mercadorias disponíveis são baseadas nesses cálculos; a força logística é baseada na estimativas das quantidades de mercadorias disponíveis; o balanço de poder é baseada na força logística; e a possibilidade de vitória é baseada no balanço de poder”²²⁵ (SUNZI, 1993:84; cap. 4).

²²³ Tradução própria de: “expert in using the military builds upon the way [*dao* 道] and holds fast to military regulations [*fa* 法], and thus is able to be the arbiter of victory and defeat” (SUNZI, 1993:84).

²²⁴ Tradução própria de: “Factors in the art of warfare [*bingfa* 兵法] are: First, calculations; second, quantities; third, logistics; fourth, the balance of power; and fifth, the possibility of victory” (SUNZI, 1993:84).

Para o autor, a possibilidade de vitória está, em última instância, baseada no terreno. A discussão acerca especificamente do terreno será apresentada no bloco temático seguinte, o terceiro. Duas questões ficam abertas para nós no presente momento. A primeira é sobre o modo que cada um dos fatores gera o seguinte. A segunda é sobre como essa abordagem se encaixa na abordagem apresentada no capítulo primeiro. Esse trecho citado anteriormente parece acrescentar um aspecto que no primeiro capítulo ficou bastante vago: a comparação. Lá (SUNZI, 1993:74; cap. 1), o autor enumera diversas perguntas que poderíamos fazer para que possamos comparar cada uma das situações, para aproximar duas realidades territoriais próprias visando compará-las. Apesar das questões serem importantes para ilustrar o argumento, a proposta atual torna a comparação mais precisa, pois une a análise das condições territoriais bélicas, o que o primeiro capítulo também aborda (SUNZI, 1993:73; cap. 1), com a comparação, algo que havia ficado pouco menos preciso em um primeiro momento.

Essa comparação é importante para a determinação prévia do conflito e, evidentemente, a antecipação da vitória. Para Sunzi, podemos determinar com precisão o lado vitorioso do conflito por meio desse procedimento. “Portanto, um exército vitorioso é como pesar uma tonelada contra poucas onças; e um exército derrotado é como colocar poucas onças contra uma tonelada”²²⁶ (SUNZI, 1993:84; cap. 4). Essa imagem procura reforçar o argumento da vitória antecipada. “É uma questão de posição estratégica [*xing* 形] que o exército que tem esse peso de vitória no seu lado, ao lançar seus homens na batalha, possa ser assemelhado à queda de águas represadas rasgando um desfiladeiro profundo”²²⁷ (SUNZI, 1993:84; cap. 4).

A posição estratégica [*xing* 形] (ou situação estratégica), como um dos componentes do jogo de forças do conflito, pode ser descrita pela capacidade de um lado do conflito em se configurar para o combate contra o outro lado desse conflito. Isso implica aspectos espaço-temporais, e tem como fundamento a geografia na qual o território terá de se

²²⁵ Tradução própria de: “Calculations are based on the terrain, estimates of available quantities of goods are based on these calculations, logistical strength is based on estimates of available quantities of goods, the balance of power is based on logistical strength, and the possibility of victory is based on the balance of power.” (SUNZI, 1993:84).

²²⁶ Tradução própria de: “Thus a victorious army is like weighing in a full hundredweight against a few ounces, and a defeated army is like putting a few ounces against a hundredweight” (SUNZI, 1993:84).

²²⁷ Tradução própria de: “It is a matter of strategic positioning [*xing* 形] that the army that has this weight of victory on its side, in launching its men into battle, can be likened to the cascading of pent-up waters thundering through a steep gorge” (SUNZI, 1993:84).

desenvolver sobre e, de modo mais específico, pela qual o exército terá de se mobilizar de maneira organizada sobre. Por essa razão, é possível adotar a tradução de *xing* como disposição militar (*military disposition*, SAWYER, 2003), pois a posição estratégica nada mais seria que o modo como um exército pode ser organizado para a batalha contra outro exército. Em resumo, a posição estratégica se apresenta como uma categoria que descreve um lado do conflito que, ao obter ciência da configuração do curso desse conflito, passa a agir de modo a se posicionar nele visando se preparar para a eventual derrota do lado adversário que estaria nesse mesmo curso que nós.

5.3) “Vantagem Estratégica” (Capítulo 5)²²⁸

O capítulo cinco discute a vantagem estratégica [*shi* 勢] (ou situação culminante do conflito), o que complementa a discussão do capítulo anterior. Nesse capítulo, nosso Sunzi comenta também a variação das operações no conflito e a sua importância. A partir da compreensão e do estabelecimento da posição estratégica, pode-se colocá-la em operação para realizá-la enquanto vantagem estratégica. A situação estratégica alcance seu momento culminante no conflito.

Sunzi inicia esse capítulo apontando para algo que já havia sido tematizado no primeiro capítulo: a importância de sermos imprevisíveis para o nosso adversário. “De modo geral na batalha, use o ‘direto’ [*zheng* 正] para se engajar com o adversário e o ‘surpresa’ [*qi* 奇] para conquistar a vitória”²²⁹ (SUNZI, 1993:85; cap. 5). Para o autor, isso possibilita a adoção de formas ilimitadas de operações militares. “para ganhar vantagem estratégica [*shi* 勢] na batalha, não existem mais que operações ‘surpresas’ [*qi* 奇] e ‘diretas’ [*zheng* 正], ainda que em combinação, elas produzem possibilidades inexauríveis”²³⁰ (SUNZI, 1993:85; cap. 5). A vantagem estratégica depende, portanto, da combinação entre os tipos principais de operação militar. E um tipo de operação militar gera o seu oposto: “Operações ‘surpresas’ [*qi* 奇] e ‘diretas’ [*zheng* 正] se geram umas às outras infinitamente assim como um anel é sem

²²⁸ Segundo a tradução de Ames (1993), “Strategic Advantage” [*bing shi* 兵勢].

²²⁹ Tradução própria de: “Generally in battle use the ‘straightforward’ [*zheng* 正] to engage the enemy and the ‘surprise’ [*qi* 奇] to win the victory” (SUNZI, 1993:85).

²³⁰ Tradução própria de: “For gaining strategic advantage [*shi* 勢] in battle, there are no more than ‘surprise’ [*qi* 奇] and ‘straightforward’ [*zheng* 正] operations, yet in combination, they produce inexhaustible possibilities” (SUNZI, 1993:85).

um começo ou um fim”²³¹ (SUNZI, 1993:85; cap. 5). Essa afirmação do autor torna ainda maior a impossibilidade de se exaurir as operações militares possíveis e de se repetir uma operação militar do passado. A operação direta pode ser interpretada como o modo de ação costumeira de um certo agente geopolítico (neste caso, o Estado) e a operação surpresa pode ser interpretada como o modo de ação volátil desse certo agente.

Poderíamos ilustrar o que seria uma operação direta de outra maneira. Com isso, poderíamos desdobrar a operação surpresa como o seu oposto. Podemos considerar a operação direta uma operação tradicional dado o contexto, ou seja, não tradição no sentido forte, de conjunto de práticas sociais que condicionam as práticas sociais seguintes, mas em um sentido mais amplo: aquilo que vem sendo transmitido de uma situação a outra no curso do conflito, e é, por isso, previsível, despido de surpresa. A operação direta seria justamente o oposto, como já fora dito: é justamente o rompimento com aquilo que vinha sendo feito — e aqui vale a pena frisar o jogo de percepções que o texto procura nos colocar — e é percebido de modo significativo. Com isso, as operações se mantêm em constante transformação. Não existiria, como o texto procura argumentar, uma operação direta que seja completamente reproduzível fora do curso do conflito vigente. E as operações surpresas não são um modelo de operações, pois senão elas negariam seu próprio sentido de surpresa.

Em seguida, o autor descreve o que seria essa nossa vantagem estratégica. “Que a velocidade de águas em cascata pode fazer matacões flutuarem é devido a sua vantagem estratégica [*shi* 勢]”²³² (SUNZI, 1993:87; cap. 5). O autor aponta que a vantagem estratégica torna possível algo tão leve quanto a água levantar algo tão pesado quanto um matacão. Essa vantagem estratégica das quedas d’água, porém, não diz respeito à sua precisão temporal. “Que uma ave caçadora quem ataca pode esmagar sua vítima em pedaços é devido à sua afinação temporal [*jie* 节]”²³³ (SUNZI, 1993:87; cap. 5). Para o autor, a vantagem estratégica depende da afinação temporal. A vantagem estratégica sozinha não vira a balança ao nosso favor, fazendo com que nós nos saíamos melhor que nosso adversário. “Então é com o perito em batalha que sua vantagem estratégica [*shi* 勢] é canalizada e sua afinação temporal [*jie* 节]

²³¹ Tradução própria de: “‘Surprise’ [*qi* 奇] and ‘straightforward’ [*zheng* 正] operations give rise to each other endlessly just as a ring is without a beginning or an end” (SUNZI, 1993:85).

²³² Tradução própria de: “That the velocity of cascading water can send boulders bobbing about is due to its strategic advantage [*shi* 勢]” (SUNZI, 1993:87).

²³³ Tradução própria de: “That a bird of prey when it strikes can smash its victim to pieces is due to its timing [*jie* 節]” (SUNZI, 1993:87).

é precisa”²³⁴ (SUNZI, 1993:87; cap. 5). Para ilustrar, o autor compara a vantagem estratégica com uma besta. “Sua vantagem estratégica [*shi* 勢] é como uma besta estirada e sua afinação temporal [*jie* 节] é como soltar o gatilho”²³⁵ (SUNZI, 1993:87; cap. 5). Portanto, a vantagem estratégica é a possibilidade de realização — por meio da combinação dos dois tipos principais de operação militar — da posição estratégica em uma afinação temporal precisa. A situação culminante se realiza ao se desdobrar uma situação estratégica no instante temporal exato. Como ela varia, podemos adaptar a operação, e o nosso adversário não conseguirá prevê-la. Como ela é focada, o nosso adversário — também não podendo antecipá-la — não poderá evitá-la. Isso explicaria por quê algumas operações militares obtêm sucesso enquanto outras fracassam.

Sunzi afirma que “A desordem nasce da ordem; covardice, da coragem; fraqueza, da força”²³⁶ (SUNZI, 1993:87; cap. 5). Nos é colocada a questão da geração entre os opostos. “A linha entre a desordem e a ordem jaz na logística [*shu* 数]; entre a covardice e a coragem, na vantagem estratégica [*shi* 勢]; e entre a fraqueza e a força, na posição estratégica [*xing* 形]”²³⁷ (SUNZI, 1993:87; cap. 5). O que condiciona a ordem ou a desordem do exército é como seus números (recursos materiais e humanos) são organizados. Podemos supor que a desorganização de uma logística organizada faz gerar a desordem da ordem. A posição estratégica, por sua vez, condiciona a fraqueza e a força de um exército, o que é consistente com o que foi elaborado no capítulo quatro, pois ela é a disposição militar, o modo como o exército está configurado, fundamentalmente na geografia que ele necessita atravessar. Por sua vez, a vantagem estratégica é a possibilidade de realizar a disposição militar na situação estabelecida com o adversário com uma afinação temporal precisa, onde a coragem e a covardia de um exército se apresentam. A obra de Sunzi, portanto, apresenta os fundamentos para a transformação da aparência da situação de certo lado do conflito, cuja explicação talvez não fosse tradicionalmente adequada.

Por conta disso, a vantagem estratégica é determinante para a vitória no conflito. E é por ela considerar o exército como um conjunto em situação com diversos outros fatores

²³⁴ Tradução própria de: “So it is with the expert at battle that his strategic advantage [*shi* 勢] is channeled and his timing [*jie* 节] is precise” (SUNZI, 1993:87).

²³⁵ Tradução própria de: “His strategic advantage [*shi* 勢] is like a drawn crossbow and his timing [*jie* 节] is like releasing the trigger” (SUNZI, 1993:87).

²³⁶ Tradução própria de: “Disorder is born from order; cowardice from courage; weakness from strength” (SUNZI, 1993:87).

²³⁷ Tradução própria de: “The line between disorder and order lies in logistics [*shu* 数]; between cowardice and courage, in strategic advantage [*shi* 勢]; and between weakness and strength, in strategic positioning [*xing* 形]” (SUNZI, 1993:87).

(aqueles do capítulo anterior, como a geografia, ou mesmo a configuração interna do adversário) que Sunzi afirma, no trecho final do capítulo, que o “perito em batalha busca sua vitória da vantagem estratégica [*shi* 勢] e não exige-a de seus homens”²³⁸ (SUNZI, 1993:87; cap. 5). Essa afirmação pode parecer trivial, afinal, sendo a vantagem estratégica uma consideração de conjunto para a vitória, exigir ela de um de seus elementos não seria o caminho adequado, pois ele seria impossível. Em uma época onde o exército começa a atingir uma dimensão social importante (LEWIS, 1999; SAWYER, 1994), e há uma crescente importância do comandante do exército, assim como outros cargos da burocracia estatal, essa concepção também reafirma essa importância do comandante diante da massa, que pode ser composta desde soldados de carreira a soldados recém-alistados (LEWIS, 1999; LI, 1996). O autor segue afirmando que, assim, o perito na guerra — não demandando dos seus soldados a responsabilidade pela vitória, mas sim dele mesmo — “é, portanto, capaz de selecionar os homens certos e explorar a vantagem estratégica [*shi* 勢]”²³⁹ (SUNZI, 1993:87; cap. 5). A vitória não pode ser forçada, criada do nada, e também não pode ser demandada senão a partir de uma perspectiva total e imanente do conflito geopolítico.

Dito de outro modo: não importando o exército, desde que bem selecionado, o bom aproveitamento da vantagem estratégica pode ser determinante para a vitória. Pois: “Aquele que explora a vantagem estratégica [*shi* 勢] envia seus homens à batalha como toras e matoções rolando”²⁴⁰ (SUNZI, 1993:87; cap. 5) a vertente. Afinal: “É da natureza de toras e matoções que, em chão plano, eles estejam estacionados, mas em chão íngreme, eles rolem”²⁴¹ (SUNZI, 1993:87; cap. 5). “Portanto, que a vantagem estratégica [*shi* 勢] do comandante perito na exploração de seus homens na batalha possa ser assemelhada a rolar matoções redondos por uma ravina íngreme de milhares de metros de altura nos diz algo sobre sua vantagem estratégica [*shi* 勢]”²⁴² (SUNZI, 1993:87; cap. 5). A vantagem estratégica pode ser comparada ao rolamento de um matoção por uma ravina íngreme pois o aproveitamento da

²³⁸ Tradução própria de: “expert at battle seeks his victory from strategic advantage [*shi* 勢] and does not demand it from his men” (SUNZI, 1993:87).

²³⁹ Tradução própria de: “is thus able to select the right men and exploit the strategic advantage [*shi* 勢]” (SUNZI, 1993:87).

²⁴⁰ Tradução própria de: “He who exploits the strategic advantage [*shi* 勢] sends his men into battle like rolling logs and boulders” (SUNZI, 1993:87)

²⁴¹ Tradução própria de: “It is the nature of logs and boulders that on flat ground, they are stationary, but on steep ground, they roll” (SUNZI, 1993:87).

²⁴² Tradução própria de: “Thus, that the strategic advantage [*shi* 勢] of the expert commander in exploiting his men in battle can be likened to rolling round boulders down a steep ravine thousands of feet high says something about his strategic advantage [*shi* 勢]” (SUNZI, 1993:87).

massa do matacão ao ser lançado por uma ravina é o aproveitamento de uma posição estratégica de força em uma situação culminante, considerada a afinação temporal, onde se pode aproveitar a possibilidade de se colocar em movimento a energia potencial desse matacão ao ser colocado em movimento.

A vantagem estratégica é a liberação dessa energia potencial, transformando-a em energia cinética. É como uma serpente da vitória que dá o bote no momento exato onde o envolvimento do seu adversário pela derrota já se encontra suficiente. Claro, esse envolvimento pela derrota é duplo: é um desenvolvimento interno das nossas forças territoriais ao mesmo tempo em que é o acúmulo de momentos para a derrota desse nosso adversário.

5.4) “Pontos Fracos e Pontos Fortes” (Capítulo 6)²⁴³

O capítulo seis tematiza a importância da unidade do exército e da antecipação ao adversário na guerra. Sunzi irá elaborar como dividir o adversário, por meio da confusão, e como se adiantar ao adversário para desgastá-lo. Esse capítulo, portanto, procura continuar a elaboração, que já vem sendo feita pelo autor, sobre a importância da ignorância do adversário e da antecipação aos seus movimentos. O conflito deve ser dissolvido por nós e tornado irresolúvel pelo adversário.

Sunzi escreve que “aquele que ocupa primeiro o campo de batalha para esperar o adversário estará descansado; aquele que chega atrasado e se apressa à batalha estará desgastado”²⁴⁴ (SUNZI, 1993:89; cap. 6). Para estar descansado durante uma batalha, devemos nos antecipar ao adversário sobre o local dessa batalha. Para cansar o adversário, devemos fazê-lo agir sempre em segundo; devemos conduzir seus movimentos: “o perito em batalha move o adversário, e não é movido por ele”²⁴⁵ (SUNZI, 1993:89; cap. 6). Para o autor, o adversário caminha por onde é fácil, e não segue por onde está obstruído (SUNZI, 1993:89; cap. 6). Além disso, ser capaz de “desgastar um adversário descansado, esfomear um que está bem servido e mobilizar um que está estabelecido jaz em ir por caminhos onde o adversário tem de se apressar em defender”²⁴⁶ (SUNZI, 1993:89; cap. 6). Para mover nosso adversário, direcionando-o para um local de batalha de nossa escolha prévia, por exemplo, devemos visar

²⁴³ Segundo a tradução de Ames (1993), “Weak Points and Strong Points” [*xushi* 虚实].

²⁴⁴ Tradução própria de: “he who first occupies the field of battle to await the enemy will be rested; he who comes later and hastens into battle will be weary” (SUNZI, 1993:89).

²⁴⁵ Tradução própria de: “the expert in battle moves the enemy, and is not moved by him” (SUNZI, 1993:89).

um lugar onde ele não possa ousar não defender em socorro. Portanto, para estarmos descansados, devemos nos posicionar em ou visar locais onde o nosso adversário não poderia ousar não correr para defender. A pressa, portanto, é relativa. Quem resolve o conflito com celeridade age em prol dos próprios interesses; quem é levado ao desfecho do conflito não por decisão própria, mas pelo descompasso com o desdobramento desse conflito, apressa-se contra si próprio. A velocidade, portanto, apresenta duas funções na geopolítica.

Sunzi aponta três pontos importantes para a dinâmica do conflito. Isso porque, como já pudemos perceber, ele visa uma vitória impecável contra o adversário, ao mesmo tempo que procura explicar a espontaneidade dessa vitória. O primeiro ponto é sobre a mobilização do exército. “Marchar um milhar de *li* [*li* 里] sem se desgastar se deve ao fato de que se marcha em território onde não há presença adversária”²⁴⁷ (SUNZI, 1993:89; cap. 6). Conhecer as posições do nosso adversário, para assim podermos evitá-las quando necessário, torna possível mobilizar o nosso exército sem que para isso ele tenha de entrar em combate ou em situações perigosas, desgastando-o. O segundo diz sobre o ataque. “Atacar com a confiança de tomar os objetivos de alguém se deve ao fato de que se ataca o que o adversário não defende”²⁴⁸ (SUNZI, 1993:89; cap. 6). Atacarmos sabendo, de antemão, que o resultado será alcançado somente é possível pois faremos ofensiva por onde o adversário não irá impor, antes, alguma resistência. Esse raciocínio segue a lógica do argumento sobre a facilidade da vitória. O terceiro é sobre a defesa. “Defender com a confiança de manter seguro o controle sobre o que é próprio se deve ao fato de que alguém defende onde o adversário não atacará”²⁴⁹ (SUNZI, 1993:89; cap. 6). Seguindo o mesmo princípio dos dois pontos anteriores, o nosso adversário não faz oposição às nossas ações, pois ele não as contraria com seu ataque, ou seja, ele não reconhece essas ações como partes de nossa estratégia.

O perito na guerra age e o adversário não reage a ele (SUNZI, 1993:89; cap. 6). Ele é: “Tão velado e sutil, ao ponto de não possuir forma [*xing* 形]”²⁵⁰ (SUNZI, 1993:89; cap. 6). O adversário não é capaz de determinar a posição estratégica do perito no conflito. Um

²⁴⁶ Tradução própria de: “to wear down a well-rested enemy, to starve one that is well-provisioned, and to move one that is settled, lies in going by way of places where the enemy must hasten in defense” (SUNZI, 1993:89).

²⁴⁷ Tradução própria de: “To march a thousand li [*li* 里] without becoming weary is because one marches through territory where there is no enemy presence” (SUNZI, 1993:89).

²⁴⁸ Tradução própria de: “To attack with confidence of taking one’s objective is because one attacks what the enemy does not defend” (SUNZI, 1993:89).

²⁴⁹ Tradução própria de: “To defend with the confidence of keeping one’s charge secure is because one defends where the enemy will not attack” (SUNZI, 1993:89).

²⁵⁰ Tradução própria de: “So veiled and subtle, / To the point of having no form (hsing)” (SUNZI, 1993:89).

certo adversário que não pode conhecer a posição desse perito também é um adversário incapaz de antecipar a própria vitória. Portanto, o perito na guerra “pode ser o árbitro do destino do adversário”²⁵¹ (SUNZI, 1993:89; cap. 6). Mais uma vez, o autor coloca como fator decisivo o conhecimento sobre o conflito para a decisão do seu resultado final. Por um lado, o nosso conhecimento nos levaria à vitória; por outro lado, o desconhecimento do nosso adversário seria decisivo para a ratificação de sua derrota.

Ao tornar difícil para o adversário conhecer a nossa posição estratégica, afirma Sunzi, ele não poderá se mover de modo unificado, tendo de se dividir para atender às posições possíveis. “Se podemos fazer o adversário mostrar sua posição [*xing* 形] enquanto escondemos a nossa dele, estaremos em força completa onde ele está dividido”²⁵² (SUNZI, 1993:91; cap. 6). Essa situação reduz o tamanho do adversário, como podemos ver a seguir. “Se nosso exército está unido como um e o do adversário está fragmentado, ao usarmos nosso inteiro indiviso para atacar sua parte, somos muitos para seus poucos”²⁵³ (SUNZI, 1993:91; cap. 6). Esse expediente torna qualquer combate facilmente superável, ele prossegue. “Se nós somos capazes de usar muitos para atacar poucos, qualquer um que travarmos batalha contra estará em circunstâncias desesperadoras”²⁵⁴ (SUNZI, 1993:91; cap. 6). Isso responde às situações numéricas menos favoráveis à vitória que foram tratadas no capítulo terceiro, tornando possível uma vitória que não dependa eminentemente da quantidade do exército, mas de sua qualidade. Podemos interpretar essa perspectiva sobretudo requalificando a relação que queremos ter com o adversário: a divisão. Por um lado, divisão enquanto conhecimento do que seria nosso adversário e do que não seria o processo de conflitualidade, o que nos é, pelo contrário, aliado (até mesmo para desarmarmos esse adversário). Por outro lado, divisão no sentido de que esse conhecimento e as nossas ações devem visar não somente estabelecer o âmbito desse adversário, mas também colocá-lo contra si mesmo, mesmo que não diretamente, mas por meio do esvaziamento das ações que ele quer realizá-las por inteiro. Portanto, enfrentar nosso adversário de maneira vitoriosa é dividi-lo.

Outro meio para dividir o adversário é não permitir que ele saiba o local da batalha contra ele. Apesar de não ficar muito nítido como o local da batalha é escolhido,

²⁵¹ Tradução própria de: “can be arbiter of the enemy’s fate” (SUNZI, 1993:89).

²⁵² Tradução própria de: “If we can make the enemy show his position (hsing) while concealing ours from him, we will be at full force where he is divided” (SUNZI, 1993:91).

²⁵³ Tradução própria de: “If our army is united as one and the enemy’s is fragmented, in using the undivided whole to attack his one, we are many to his few” (SUNZI, 1993:91).

²⁵⁴ Tradução própria de: “If we are able to use many to strike few, anyone we take the battle to will be in desperate circumstances” (SUNZI, 1993:91).

pode-se inferir que um local (ou mesmo mais de um local) deva ser escolhido por um dos lados do conflito (ou mesmo ambos), e o lado adversário oposto segue para ele caso lhe seja pertinente. No contexto do capítulo seis, pode-se inferir além disso que o local da batalha é escolhido e o adversário é atraído para ele sem que ele possa antecipá-lo enquanto local de batalha. A nossa posição estratégica deve estar conectada com o estabelecimento, preferencialmente por nós, do local adequado para a batalha que enfrentaremos.

Isso gera uma consequência negativa para o adversário. Segue-se escrito em nossa obra. “Se ele não pode nos antecipar, as posições que o adversário tem de preparar para defender serão muitas”²⁵⁵ (SUNZI, 1993:91; cap. 6), pois a configuração geográfica do local de batalha é desconhecida assim como a disposição militar que ele poderá enfrentar nessa geografia desconhecida. “E se as posições que o adversário tem de se preparar para defender são muitas, então qualquer unidade dele que engajarmos em batalha serão menores numericamente”²⁵⁶ (SUNZI, 1993:91; cap. 6). Isso torna um adversário grande numericamente em um adversário pequeno, dado que ele terá de se dividir. “Do modo como estimo, mesmo apesar de as tropas de Yüeh serem muitas, que vantagem isso lhes tem para a vitória? Portanto, diz-se: a vitória pode ser criada”²⁵⁷ (SUNZI, 1993:91; cap. 6). Ela não pode ser forçada (SUNZI, 1993:84; cap. 4), mas pode ser criada (SUNZI, 1993:91; cap. 6). Se anteriormente nosso autor afirmou que a vitória não pode ser forçada, e agora afirma que pode ser criada, fica a questão do que foi alterado no processo do conflito para que surgisse essa novidade. O que foi alterado foi o balanço de forças (SUNZI, 1993:74, 84; cap. 1, cap. 4). “Dado que mesmo apesar de o adversário ter força numérica, podemos impedi-lo de lutar contra nós”²⁵⁸ (SUNZI, 1993:91; cap. 6). Tornar o local da batalha inconcebível para o adversário torna-o vulnerável na batalha, dividindo-o. Essa divisão do adversário permite que a vitória, antes aparentemente impossível, possa ser produzida pela alteração do balanço de forças. A posição estratégica é a chave para transformar o fraco em forte (SUNZI, 1993:87; cap. 5).

Essas passagens anteriores também podem ser interpretadas a partir do fato da

²⁵⁵ Tradução própria de: “If he cannot anticipate us, the positions the enemy must prepare to defend will be many” (SUNZI, 1993:91).

²⁵⁶ Tradução própria de: “And if the positions the enemy must prepare to defend are many, then any unit we engage in battle will be few in number” (SUNZI, 1993:91).

²⁵⁷ Tradução própria de: “The way I estimate it, even though the troops of Yüeh are many, what good is this to them in respect to victory? Thus it is said: Victory can be created” (SUNZI, 1993:91).

²⁵⁸ Tradução própria de: “For even though the enemy has the strength of numbers, we can prevent him from fighting us” (SUNZI, 1993:91).

espionagem estar em curso. Os locais onde o nosso adversário necessariamente socorrerá poderão ser conhecidos por meio do emprego de espiões. A partir daí, podemos empreender ofensiva por meio locais, assim decidindo antecipadamente o local de realização do conflito. Por sua vez, podemos divertir esse adversário para que ataque alvos desnecessários, impedindo-o de impor essa necessidade de socorro para os alvos que ele ataca, empregando um espião prescindível, portador de informações falsas plantadas por nós. O conhecimento e a ignorância continuam sendo necessários, porém, a espionagem adiciona uma camada de precisão nos alvos a serem atacados ou defendidos.

Sunzi, aparentemente antevendo a possibilidade do nosso adversário adotar o mesmo expediente de escamoteamento da própria posição estratégica para vencer a guerra, recomenda algumas ações. Primeiro, “analise o plano de batalha do adversário para entender seus méritos e fraquezas”²⁵⁹ (SUNZI, 1993:91; cap. 6) — plano de batalha este possivelmente vindo de um espião. Segundo, “provoque-o para encontrar os padrões de seus movimentos”²⁶⁰ (SUNZI, 1993:91; cap. 6) — assim podemos compreender como ele reage a certas circunstâncias. Terceiro, “faça-o se mostrar [*xing* 形] para descobrir a viabilidade de suas posições de batalha”²⁶¹ (SUNZI, 1993:91; cap. 6) — devemos tornar possível que ele revele sua posição estratégica para conhecer a realização dela em uma situação culminante (vantagem estratégica). Quarto, e por fim, “escaramuce com ele para encontrar onde ele é forte e onde ele é vulnerável”²⁶² (SUNZI, 1993:91; cap. 6) — fazendo pequenas batalhas podemos ter elementos para inferirmos o conjunto das forças militares que ele está disposto a mobilizar. Com isso, um adversário que procura esconder sua posição estratégica pode nos ser revelado.

Segundo Sunzi, esconder bem a própria posição estratégica é de suma importância. “Se a sua posição é sem forma [*wuxing* 无形], o mais cuidadosos e escondidos espiões não serão capazes de examiná-la, e os conselheiros mais sábios não serão capazes de projetar planos contra ela”²⁶³ (SUNZI, 1993:91; cap. 6). Isso nos parece evidente até aqui,

²⁵⁹ Tradução própria de: “analyze the enemy’s battle plan to understand its merits and its weaknesses” (SUNZI, 1993:91).

²⁶⁰ Tradução própria de: “provoke him to find out the pattern of his movements” (SUNZI, 1993:91).

²⁶¹ Tradução própria de: “make him show himself [*xing* 形] to discover the viability of his battle position” (SUNZI, 1993:91).

²⁶² Tradução própria de: “skirmish with him to find out where he is strong and where he is vulnerable” (SUNZI, 1993:91).

²⁶³ Tradução própria de: “If your position is formless [*wuxing* 无形], the most carefully concealed spies will not be able to get a look at it, and the wisest counsellors will not be able to lay plans against it” (SUNZI, 1993:91).

dado que o conhecimento da situação do conflito possui papel decisivo para determinar o lado que irá vencê-lo. Porém, nem mesmo o espião poder ser capaz de determinar a posição mostra a importância do comandante em não revelá-la nem para seu próprio exército. “Eu apresento aos soldados rasos uma vitórias ganhas por meio da [*yin* 因] posição estratégica [*xing* 形], e ainda assim eles não são capazes de entendê-las”²⁶⁴ (SUNZI, 1993:91; cap. 6). Isso implica em um grau mais elevado de engenharia geopolítica — se pudermos escrever desse modo — da parte do comandante militar. Implica também uma divisão mais aprofundada do trabalho no interior do exército.

Em uma passagem seguinte, nossa obra apresenta o argumento seguinte. “Todos sabem a posição [*xing* 形] que me fez vencer, ainda assim ninguém sonda como eu vim a estabelecer a posição vitoriosa [*xing* 形]”²⁶⁵ (SUNZI, 1993:91; cap. 6). Como visto nos capítulos anteriores, especialmente no capítulo cinco, o processo de posição estratégica não deve ser revelado e deve seguir um padrão que também seja surpresa. “Portanto, a vitória de alguém em batalha não pode ser repetida — elas tomam sua forma [*xing* 形] em resposta a circunstâncias inexaurivelmente mutantes”²⁶⁶ (SUNZI, 1993:91; cap. 6). Ser repetitivo não somente é uma estratégia ruim de saída, como é impossível para a vitória (dado que não se pode simplesmente imitar as ações do passado), e impossível em si (dado que o processo que leva à vitória não pode ser repetido conforme ocorreu, já que a situação sempre será nova). “Assim como a água varia seu fluxo de acordo com [*yin* 因] a inclinação do terreno [*di* 地], um exército varia seus métodos de conquistar a vitória de acordo com [*yin* 因] o adversário”²⁶⁷ (SUNZI, 1993:92; cap. 6). Combinar as variações de operação dentro do curso da vitória torna seu processo indecifrável. Isso altera a nossa interpretação sobre a adoção de uma posição estratégica indivisível (segundo a nossa discussão sobre divisão acima).

Em suma, “um exército não possui uma vantagem estratégica [*shi* 勢] fixa ou uma posição [*xing* 形] invariável”²⁶⁸ (SUNZI, 1993:92; cap. 6). “Ser capaz de tomar a vitória pela variação das posições de alguém de acordo com [*yin* 因] as do adversário é ser chamado ser

²⁶⁴ Tradução própria de: “I present the rank and file with victories gained through (*yin*) strategic positioning [*xing* 形], yet they are not able to understand them” (SUNZI, 1993:91).

²⁶⁵ Tradução própria de: “Everyone knows the position [*xing* 形] that has won me victory, yet none fathom how I came to settle on this winning position [*xing* 形]” (SUNZI, 1993:91).

²⁶⁶ Tradução própria de: “Thus one’s victories in battle cannot be repeated — they take their form [*xing* 形] in response to inexhaustibly changing circumstances” (SUNZI, 1993:91).

²⁶⁷ Tradução própria de: “As water varies its flow according to [*yin* 因] the fall of the land [*di* 地], so an army varies its method of gaining victory according to [*yin* 因] the enemy.” (SUNZI, 1993:92).

²⁶⁸ Tradução própria de: “an army does not have fixed strategic advantages [*shi* 勢] or an invariable position [*xing* 形]” (SUNZI, 1993:92)

inescrutável [*shen* 神]²⁶⁹ (SUNZI, 1993:92; cap. 6). Conhecer completamente o adversário ao mesmo tempo que se é inescrutável é pressuposto para uma vitória completa. Vence aquele que sabe — e divide o outro —, perde aquele que não sabe — e portanto é dividido. O nosso adversário não sabe como perdeu, nem mesmo nosso exército sabe como venceu, não somente porque nosso comandante é perspicaz e inescrutável, mas também porque a própria vitória é tanto fácil quanto irreprodutível.

5.5 “Conflitos Armados” (Capítulo 7)²⁷⁰

Até o capítulo anterior — o sexto capítulo — o *Sunzi* discutiu o conflito geopolítico da perspectiva do planejamento, chegando ao máximo de tematizar o local de batalha. No capítulo sete, por sua vez, a nossa obra passa a tematizar a guerra em seu aspecto mais prático. Aqui veremos como funciona e como lidar com o conflito armado. Nesse sétimo capítulo serão tematizados os seguintes pontos: a organização do exército no conflito armado; o problema das grandes distâncias para a realização desse momento do conflito geopolítico; e o problema da comunicação durante o conflito armado — o que também é um momento quando o conflito geopolítico exige mais celeridade na resposta e onde ele se encontra em um grau maior de entropia. O nosso autor afirmou no capítulo três que deveríamos atacar os soldados de nosso adversário somente é melhor em terceiro lugar, após atacarmos primeiros suas estratégias e, isso não sendo suficiente, as alianças desse adversário. Podemos partir, assim, do dilema hipotético seguinte. Neste capítulo, portanto, passaremos a considerar o fracasso dessas primeiras abordagens, ou, pelo contrário, essa abordagem reiteraria a premência do ataque às estratégias adversárias — e conseqüentemente aprofundaria essa abordagem.

Inicialmente, Sunzi afirma que no processo do comandante organizar um Estado para a guerra, nada é mais difícil que o conflito armado (SUNZI, 1993:93; cap. 7). Isso porque nele se faz necessário “tornar a rota longa e tortuosa em uma rota direta”²⁷¹ (SUNZI, 1993:93; cap. 7) e “tornar a adversidade em vantagem”²⁷² (SUNZI, 1993:93; cap. 7). Assim como ele vem argumentando, no conflito geopolítico se faz imprescindível convertermos seus

²⁶⁹ Tradução própria de: “To be able to take the victory by varying one’s position according to [*yin* 因] the enemy’s is called being inscrutable [*shen* 神]” (SUNZI, 1993:92).

²⁷⁰ Segundo a tradução de Ames (1993), “Armed Contests” [*jun zheng* 军争].

²⁷¹ Tradução própria de: “to turn the long and tortuous route into the direct” (SUNZI, 1993:93).

²⁷² Tradução própria de: “to turn adversity into advantage” (SUNZI, 1993:93).

aspectos negativos em aspectos positivos em direção à própria vitória, transformarmos a adversidade em algo favorável para nós. Porém, também se faz imprescindível transformarmos todos os aspectos que são positivos para o nosso adversário em aspectos negativos para ele. Devemos, portanto, transformar aquilo que lhe é favorável em uma adversidade. “Portanto, ao fazer a estrada do adversário longa e tortuosa, atraia-o por meio da sedução de ganhos fáceis. Prepare-se depois dele, ainda assim chegue antes dele. Isso serve para entender a tática de converter o tortuoso em direto”²⁷³ (SUNZI, 1993:93; cap. 7). Portanto, a chave para diversionarmos o adversário do seu curso favorável é conduzi-lo por meio daquilo que ele acredita ser favorável para si, transformando isso em uma adversidade para ele.

“O conflito armado pode ser tanto uma fonte de vantagem como uma de perigo”²⁷⁴ (SUNZI, 1993:93; cap. 7). Se, por exemplo, numa busca por vantagem, “você mobiliza sua força inteira para disputar por alguma vantagem”, então “você chega muito tarde”²⁷⁵ (SUNZI, 1993:93; cap. 7) O autor possivelmente afirma isso pois mobilizar um exército inteiro, apesar de garantir superioridade numérica, demanda muito tempo e recursos materiais (além dos humanos), e aumenta a possibilidade de perdas até o destino, no alvo, dado o gasto e o desgaste envolvidos nessa abordagem. A distância até alcançar essa vantagem poderia ser um agravante (SUNZI, 1993:93; cap. 7). Se, por outro lado, “você abandona seu acampamento para disputar por vantagem”²⁷⁶ (SUNZI, 1993:93; cap. 7), então “seu equipamento e mantimentos serão perdidos”²⁷⁷ (SUNZI, 1993:93; cap. 7). Pois, assim como no caso anterior, ao mobilizarmos todo o exército para se atingirmos nosso alvo, desguarnecermos nossa origem, nossa terra natal. O conflito armado pode tanto decidir um conflito geopolítico a nosso favor quanto abrir espaço para a possibilidade de derrota, na medida em que ele exige muita coisa em jogo e devemos planejar adequadamente um caminho estratégico para evitarmos enfraquecer nossa posição estratégica.

“Portanto, na guerra, dependa de manobras enganadoras para estabelecer seu chão, calcule vantagens ao decidir seus movimentos, e divida e consolide suas forças para

²⁷³ Tradução própria de: “Thus, making the enemy’s road long and tortuous, lure him along it by baiting him with easy gains. Set out after he does, yet arrive before him. This is to understand the tactic of converting the tortuous and the direct” (SUNZI, 1993:93).

²⁷⁴ Tradução própria de: “Armed contest can be both a source of advantage and of danger” (SUNZI, 1993:93).

²⁷⁵ Tradução própria de: “you mobilize your entire force to contend for some advantage [...] you arrive too late” (SUNZI, 1993:93).

²⁷⁶ Tradução própria de: “you abandon your base camp to contend for advantage” (SUNZI, 1993:93)

²⁷⁷ Tradução própria de: “your equipment and stores will be lost” (SUNZI, 1993:93).

fazer mudanças estratégicas”²⁷⁸ (SUNZI, 1993:95; cap. 7). O estabelecimento no terreno por meio de movimentação enganadora já foi tematizado anteriormente (SUNZI, 1993:91-92; cap. 6), e diz respeito a tornarmos inescrutáveis para o adversário, como se estivéssemos apagando os rastros que nos levaram ao estabelecimento de certa posição estratégica em certo terreno, tornando inviável inferir dali os movimentos seguintes. Porém, uma movimentação que engana o nosso adversário não deve ser somente uma movimentação que meramente toma caminhos longos e tortuosos, apesar de ser isso que se espera que esse adversário entenda. Ela deve ser elaborada o suficiente para que o nosso exército não entre em decadência, o desgastando, e, também, para que sua terra natal não tenha de arcar com os custos de uma longa viagem. Na guerra, portanto, movemo-nos somente por vantagens.

O conflito armado, portanto, pode ser descrito como sendo ao mesmo tempo perigoso e vantajoso, possibilidade de derrota e de vitória. Quem se engaja nesse tipo de conflito terá de fazê-lo vantajoso, apesar das adversidades que podem vir a aparecer. Tanto as vantagens quanto as desvantagens deverão ser, para nós, ao mesmo tempo, condição para a vitória. Além disso, o nosso lado do conflito terá de fazer o lado de nosso adversário se distanciar das suas vantagens — necessariamente da própria vitória —, e conseqüentemente se aproxime dos perigos para, finalmente, alcançarmos sua derrota.

O exército se organizando e agindo conforme Sunzi propõe apresenta o máximo que a sua disposição militar — posição ou situação estratégica — atual permite. “Portanto, ao avançar em um ritmo, tal exército é como o vento; vagaroso e majestoso, é como a floresta; invadindo e pilhando, é como o fogo; sedentário, é como a montanha; imprevisível, é como a sombra; movendo-se, é como raios e trovões”²⁷⁹ (SUNZI, 1993:95; cap. 7). O exército configurado de tal maneira se apresenta para o seu adversário, segundo a analogia empregada na obra, como uma força da natureza. Portanto, o exército que, ao agir no conflito armado disposto a obter vantagens, não expõe sua posição — não apresenta para o adversário sua inclinação, sua intenção — é inescrutável. Ele jamais será tomado pelo adversário como um exército que pode ser confundido ou muda de direção por vacilar em seu propósito, é resoluto, como se fosse a natureza em seu curso. Sua vitória, como tematizada em capítulos anteriores, aparece para os seus adversários como algo que já era para vir a ser, já estava em curso. E,

²⁷⁸ Tradução própria de: “Therefore, in warfare rely on deceptive maneuvers to establish your ground, calculate advantages in deciding your movements, and divide up and consolidate your forces to make your strategic changes” (SUNZI, 1993:95).

²⁷⁹ Tradução própria de: “Thus, advancing at a pace, such an army is like the wind; slow and majestic, it is like a forest; invading and plundering, it is like fire; sedentary, it is like a mountain; unpredictable, it is like a shadow; moving, it is like lightning and thunder” (SUNZI, 1993:95).

conforme também argumenta a obra, a vitória somente se realizou pois ela já estava presente na configuração do conflito, mesmo que ainda de modo latente, sem evidências maiores.

Para Sunzi, a comunicação é fundamental para organizar o exército como um corpo indivisível. “É porque comandos não podem ser ouvidos no barulho da batalha que tambores e gongos são usados”²⁸⁰ (SUNZI, 1993:95; cap. 7) e “é porque as unidades não conseguem identificar umas as outras em batalha que bandeiras e flâmulas são usadas”²⁸¹ (SUNZI, 1993:95; cap. 7). “Tambores, gongos, bandeiras e flâmulas são as maneiras de coordenar os ouvidos e olhos dos homens”²⁸² (SUNZI, 1993:95; cap. 7). “Portanto, em batalhas noturnas faça uso extensivo de tochas e tambores, e em batalhas diurnas faça uso extensivo de bandeiras e flâmulas”²⁸³ (SUNZI, 1993:95; cap. 7). A construção de unidade não somente evita baixas por falta de comunicação, como também evita que um indivíduo sozinho avance ou recue por conta própria: “Assim que os homens estiverem consolidados como um só corpo, o temerário não terá de avançar sozinho, e o covarde não terá de recuar sozinho”²⁸⁴ (SUNZI, 1993:95; cap. 7). Essa unidade militar também é consoante com o curso [*dao* 道] enquanto fator fundamental da guerra, o que o autor argumentou no primeiro capítulo, e que diz respeito à consonância entre população e governante (SUNZI, 1993:73; cap. 1). Para o autor, essa “é a arte [*fa* 法] do emprego de um grande número de tropas”²⁸⁵ (SUNZI, 1993:95; cap. 7). A comunicação é fundamental no curso do conflito.

Sunzi, nos trechos finais do capítulo, resume o que seria “a arte [*fa* 法] de usar as tropas [*bing* 兵]”²⁸⁶ (SUNZI, 1993:96; cap. 7). Em primeiro lugar, ele tematiza a disposição do exército na geografia: “Não ataque um adversário que está em terreno elevado; não ataque um adversário que está de costas para uma colina”²⁸⁷ (SUNZI, 1993:96; cap. 7). Isso aponta o início da discussão que será aprofundada no bloco temático seguinte, e também diz respeito à

²⁸⁰ Tradução própria de: “It is because commands cannot be heard in the din of battle that drums and gongs are used” (SUNZI, 1993:95).

²⁸¹ Tradução própria de: “it is because units cannot identify each other in battle that flags and pennants” (SUNZI, 1993:95).

²⁸² Tradução própria de: “Drums, gongs, flags, and pennants are the way to coordinate the ears and eyes of the men” (SUNZI, 1993:95).

²⁸³ Tradução própria de: “Thus, in night battle make extensive use of torches and drums, and in battle during day make extensive use of flags and pennants are used” (SUNZI, 1993:95).

²⁸⁴ Tradução própria de: “Once the men have been consolidated as one body, the courageous will not have to advance alone, and the cowardly will not get to retreat alone” (SUNZI, 1993:95).

²⁸⁵ Tradução própria de: “is the art [*fa* 法] of employing large number of troops.” (SUNZI, 1993:95).

²⁸⁶ Tradução própria de: “the art [*fa* 法] of using troops [*bing* 兵]” (SUNZI, 1993:96).

²⁸⁷ Tradução própria de: “Do not attack an enemy who has the high ground; do not go against an enemy that has his back to a hill” (SUNZI, 1993:96).

possibilidade de transformação de uma posição estratégica forte em uma vantagem estratégica por estar em terreno mais elevado. Dado que um adversário mais alto, que pode ter a luz do Sol iluminando seu caminho abaixo (já que está de costas para o topo da colina e no alto), e também pode ter vantagens nas condições materiais do conflito armado à época, dado que se empregava armamento — espadas, lanças, arcos e flechas (SAWYER, 1994; LEWIS, 1999; AMES, 1993) — que dependia da força humana para vencer a força da gravidade.

O autor, em segundo lugar, escreve: “não persiga um adversário que finge recuar; não ataque o melhor do adversário; não engula as iscas adversárias”²⁸⁸ (SUNZI, 1993:96; cap. 7). Em ambos os três casos, o nosso adversário poderia estar tentando montar (ou já ter montada) sua posição estratégica de modo a realizá-la em vantagem estratégica, por isso não se deve cair nos possíveis ardis que ele elabora. O autor não aponta exatamente como determinar quando um determinado adversário pode estar elaborando ou não algum tipo de ardil, porém, é possível inferir isso a partir da argumentação dele sobre como seria a melhor condução do exército. A melhor condução seria aquela que explora vantagens e tem sempre em conta a balança de forças do conflito. Isto é, tem sempre em conta tanto a própria posição estratégica no conflito quanto a do seu adversário. O sentido do conflito é superar a relação de conflitualidade por meio da virada da balança de forças, onde o prato mais pesado — e vitorioso, que se sai melhor — ultrapassa em larga medida o prato mais leve dessa balança.

Para conseguir superar o ardil de nosso adversário, o emprego de espões seria fundamental. Eles poderiam conhecer a situação estratégica atual do adversário e seus respectivos propósitos. Isso permitiria que nós possamos determinar quais vantagens esse nosso adversário procura, visando atraí-lo para a realização das nossas. Também possibilitaria evitarmos ser enganados por ele a pretexto da nossa busca por vantagens. Além disso, saberíamos o que é melhor nele, onde ele não é vulnerável, e onde ele poderia sê-lo (SUNZI, 1993:83; cap. 4), visando ajustar o avanço por certos caminhos.

Por fim, em terceiro lugar, o autor assevera atitudes para momentos no conflito onde nós estamos em posição estratégica superior. Neles, “não obstrua um adversário retornando para sua terra natal; ao cercar o adversário, deixe-o com uma saída; não pressione um adversário que está encurralado”²⁸⁹ (SUNZI, 1993:96; cap. 7). Essas proposições serão tematizadas no bloco temático seguinte, especialmente nos capítulos nove e onze. Eles dizem

²⁸⁸ Tradução própria de: “do not follow an enemy that feigns retreat; do not attack the enemy’s finest; do not swallow the enemy’s bait” (SUNZI, 1993:96).

²⁸⁹ Tradução própria de: “do not obstruct an enemy returning home; in surrounding the enemy, leave him a way out; do not press an enemy that is cornered” (SUNZI, 1993:96).

respeito ao momento onde o adversário, não vendo saída, apresenta o máximo de sua potência bélica. É a posição estratégica ideal, apesar disso parecer paradoxal, para o *Sunzi*.

Retomemos o dilema hipotético do início da discussão sobre este capítulo de nossa obra. O conflito armado é, por um lado, uma discussão sobre um aspecto inevitável do conflito geopolítico do contexto histórico dessa obra, em especial pelo fato de a guerra ser sua parte fundamental. O confronto direto, violento e visceral, nesse contexto é algo recorrente e até instrumento para submeter os camponeses à dinâmica militar, com premiações hereditárias para aqueles que chacinam seus adversários (LI, 1996). Porém, por outro lado, a perspectiva apresentada por esta nossa obra visa desdobrar um enfrentamento que joga com essa sua aparente inevitabilidade, propondo uma redução da força adversária a algo facilmente contornável, vencível. O conflito armado, para Sunzi, portanto, visa desarmar o adversário. Visa, sobretudo, desarmar a estratégica de recorrer às armas.

5.6) Conclusão

Este bloco temático procurou apresentar as forças em jogo durante o conflito geopolítico. Desde a posição estratégica [*xing* 形] — situação estratégica, ou mesmo a disposição militar — no curso do conflito, passando pela vantagem estratégica [*shi* 勢] — ou situação culminante —, que é a realização da posição estratégica dada a afinação temporal adequada, até as variações das operações militares que compõem esse curso. O conflito armado, por fim, nos é apresentado como um caso onde a configuração do conflito exige um contato físico entre os exércitos, podendo ser interpretado como esvaziamento do emprego da estratégia no conflito. Contudo, pelo contrário, nossa obra afirma, mais uma vez, a importância da estratégia. No conflito armado é onde o nosso exército deve se apresentar ao seu adversário como uma força da natureza, e o planejamento estratégico é fundamental.

Toda essa elaboração feita neste segundo bloco temático passa também pelo jogo de conhecimento e ignorância que se estabelece com o adversário. Ele diz respeito à compreensão de Sunzi sobre o jogo geopolítico e como ele é organizado por certas condições que tornam a vitória de um exército algo aparentemente inevitável e dado de antemão à sua ocorrência. Conhecer é tão decisivo para se vencer, que tornar o adversário ignorante precede à vitória. Por conta disso, deve-se sempre considerar que o conflito é atravessado por um jogo de espionagem, o que torna necessário dissimular esse conhecimento para seu próprio

exército. Por fim, o exército vitorioso é aquele que poupa seus recursos materiais e humanos, tornando a sua economia sustentável. Segundo argumenta o autor, isso possibilitou a sobrevivência dos Estados antepassados.

Capítulo 6 – Praticando a geopolítica

6.1) Introdução

O terceiro bloco temático do livro, compreendido pelos capítulos do oito ao doze, apresenta a discussão de caráter mais aplicado ou prático da elaboração feita anteriormente em nossa obra. Aqui discutiremos desde a mobilização do exército para o conflito armado efetivamente (algo que no capítulo sete ainda não foi colocado em tanto detalhe), as geografias naturais que se apresentam nesse trajeto, passando pelas configurações que os exércitos podem encontrar na geografia, e chegando até, por fim, ao uso do fogo e água no engajamento desse conflito. Ao mesmo tempo que esses capítulos apresentam uma discussão sobre as geografias possíveis do conflito geopolítico, eles também sugerem como certos tipos de geografia podem ser aproveitadas para se alcançar os efeitos que elas promovem, atentando-se, portanto, à questão da posição estratégica que já vimos anteriormente.

6.2) “Adaptando-se às Nove Contingências” (Capítulo 8)²⁹⁰

O capítulo oitavo trata da postura do comandante diante de seu exército. Esse capítulo é um dos capítulos iniciais que tematizam de modo mais explícito a questão geográfica no livro. Ele basicamente admoesta sobre diversas situações. Ames (1993) especula que a brevidade do capítulo tenha sido causada por substanciais problemas na transmissão do texto até nós.

Sunzi inicia-o apontando como o comandante deve agir no momento em que uma incursão militar deve ser realizada. “Quando o comandante recebe suas ordens do governante, reúne seus exércitos, e mobiliza a população para a guerra”²⁹¹ (SUNZI, 1993:97; cap. 8). O capítulo oitavo parte de um momento do conflito geopolítico onde o exército será mobilizado para a sua resolução. Ele “não deve montar acampamento em terreno difícil”²⁹² (SUNZI, 1993:97; cap. 8) — o que será discutido posteriormente, no capítulo onze, e compreende terrenos onde é difícil se mobilizar ou construir com desenvolvimento tecnológico

²⁹⁰ Segundo a tradução de Ames (1993), “Adapting to the Nine Contingencies” [*jiu bian* 九变].

²⁹¹ Tradução própria de: “When the commander receives his orders from the ruler, assembles his armies, and mobilizes the population for war” (SUNZI, 1993:97).

²⁹² Tradução própria de: “should not make camp on difficult terrain” (SUNZI, 1993:97).

insuficiente, como pântanos, montanhas, florestas, desfiladeiros, ou outros caminhos difíceis para serem atravessados (SUNZI, 1993:111; cap. 11). O comandante também “deve se juntar aos seus aliados em intersecções estrategicamente vitais”²⁹³ (SUNZI, 1993:97; cap. 8) — o que também será discutido posteriormente, no capítulo onze (SUNZI, 1993:111; cap. 11). E ele “não deve se demorar em terreno limítrofe”²⁹⁴ (SUNZI, 1993:97; cap. 8) — a definição desse terreno será também elaborada no capítulo onze (SUNZI, 1993:117, 111; cap. 11). Em seguida, pelo contrário, “ele deve ter planos contingenciais em terreno vulnerável à emboscada”²⁹⁵ (SUNZI, 1993:97; cap. 8), o que será discutido no capítulo já referido (SUNZI, 1993:111; cap. 11). E, por fim, “ele deve levar a luta ao adversário em terreno do qual não há saída”²⁹⁶ (SUNZI, 1993:97; cap. 8), conforme afirmamos anteriormente (SUNZI, 1993:113; cap. 11). Para nosso suposto autor, isso compõe os cinco tipos de terrenos no qual o comandante deverá ter ciência da ação a ser tomada para assim poder alcançar a vitória.

Além dos terrenos citados anteriormente, Sunzi recomenda que algumas ações não sejam realizadas por nosso comandante no curso do conflito. Primeiramente, ele escreve que existem “estradas a não serem percorridas”²⁹⁷ (SUNZI, 1993:97; cap. 8). Podemos inferir que possivelmente por prejudicarem o desenvolvimento do nosso plano de vitória. Em segundo lugar, “exércitos a não serem atacados”²⁹⁸ (SUNZI, 1993:97; cap. 8). Pois podem supostamente ser exércitos que não apresentam vulnerabilidades suficientes para serem derrotados com facilidade, inferência corroborada pelo que vimos no bloco anterior. Além de estradas que não devemos percorrer e de exércitos que não devemos atacar, existem “cidades muradas a não serem assaltadas”²⁹⁹ (SUNZI, 1993:97; cap. 8). Além do que foi dito no capítulo três (SUNZI, 1993:79; cap. 3C), podemos inferir que, no caso da possibilidade de se assaltar uma cidade murada, devemos considerar, antes, se essa possibilidade pode ser efetivada sem prejuízo ao nosso território (tanto dos recursos em movimento caracterizados pela incursão do exército como os recursos que estão na terra natal desse nosso exército e estão implicados nesse processo). E existe “território a não ser disputado”²⁹⁷ (SUNZI,

²⁹³ Tradução própria de: “should join with his allies on strategically vital intersections” (SUNZI, 1993:97).

²⁹⁴ Tradução própria de: “should not linger on cut-off terrain” (SUNZI, 1993:97).

²⁹⁵ Tradução própria de: “he should have contingency plans on terrain vulnerable to ambush” (SUNZI, 1993:97).

²⁹⁶ Tradução própria de: “he should take the fight to the enemy on terrain from which there is no way out” (SUNZI, 1993:97).

²⁹⁷ Tradução própria de: “roadways not to be traveled” (SUNZI, 1993:97).

²⁹⁸ Tradução própria de: “armies not to be attacked” (SUNZI, 1993:97).

²⁹⁹ Tradução própria de: “walled cities not to be assaulted” (SUNZI, 1993:97).

1993:97; cap. 8). Por um lado, eles não trariam vantagens (SUNZI, 1993:111; cap. 11), e, por outro lado, eles poderiam ser desvantajosos, como os terrenos difíceis citados anteriormente (SUNZI, 1993:111; cap. 11). O assentamento da sociedade da época de produção do livro necessita, dentre outras coisas, de caminhos fáceis para que elas possam transportar os produtos agrícolas que produzem e de solo favorável à produção agrícola (com condições pedológicas, geomorfológicas, pluviais e solares adequadas). O curso do conflito, conforme essas passagens, no contexto do que já vimos, possui um desenvolvimento bastante parametrizado para alcançarmos uma vitória nele. Essas passagens vêm a reforçar essa concepção.

Por fim, existem “comandos do governante a não serem obedecidos”³⁰⁰ (SUNZI, 1993:97; cap. 8). Como já foi tematizado no capítulo três (SUNZI, 1993:80; cap. 3), e será retomado no capítulo dez (SUNZI, 1993:109; cap. 10), além de ser um debate da época, dado que as transformações que a estrutura organizativa do exército enfrentava diante de sua ampliação e especialização interna (LEWIS, 1999; CHENG, 2008), o governante pode agir contra os interesses do povo ao tentar agir em favor próprio, por exemplo, quando em fúria (SUNZI, 1993:122; cap. 12). Essas admoestações, apesar de poderem ser deduzidas a partir da discussão anterior, são importantes por deixarem evidente que há alvos que não devem ser visados, apesar da aparência de vantagem. Como frisado logo no início de nossa obra, o curso do conflito é um jogo de enganação.

Para Sunzi, esses dez itens devem ser considerados quando decidimos mobilizar nosso exército. “Portanto, um comandante totalmente familiarizado com as vantagens a serem ganhas na adaptação a essas nove contingências saberá como empregar tropas”²⁹⁸ (SUNZI, 1993:97; cap. 8). Nesse trecho, possivelmente o autor está considerando os nove primeiros itens, excluindo o décimo, que diz respeito à possibilidade de se desobedecer o governante, mas não exatamente à posição estratégica no curso do conflito. Ele segue afirmando que “um comandante que não é [familiarizado], mesmo se ele conhece a disposição do terreno, não será capaz de usá-la ao seu favor”²⁹⁹ (SUNZI, 1993:97; cap. 8). E aquele que “comanda tropas sem saber a arte da adaptação a essas nove contingências, mesmo se ele sabe as cinco vantagens, não será capaz de extrair o máximo de seus homens”³⁰⁰ (SUNZI, 1993:97; cap. 8). Essas situações cambiantes que se apresentam na mobilização do exército tornam necessário ir além do mero conhecimento sobre elas, exigindo que nós saibamos como lidar

³⁰⁰ Tradução própria de: “commands from the ruler not to be obeyed” (SUNZI, 1993:97).

com elas a partir desse conhecimento.

6.3) “Despachando o Exército” (Capítulo 9)³⁰¹

O capítulo nove trata da geografia física no contexto do conflito militar. Como ela se relaciona com a mobilização das tropas, como se posicionar nela e como inferir a disposição militar (posição estratégica) do adversário a partir dela e de suas ações no conflito. Será aqui onde Sunzi se dedicará a apresentar sua elaboração sobre as implicações de certas geomorfologias no conflito — especialmente no conflito armado —, a importância dela para o exército, como determinar as possíveis causas humanas de fenômenos aparentemente naturais, e como inferir, a partir das ações do adversário em outro plano da geopolítica — a diplomacia —, a sua posição no conflito geopolítico como um todo. Neste capítulo também poderemos ver como o espaço natural pode ser empregado na realização do conflito.

6.3.1 *A geografia física no conflito armado*

Inicialmente, Sunzi apresenta quatro tipos de geomorfologia (espaços geográficos naturais, no caso) que se apresentam no conflito militar em seu contexto histórico. O autor também aponta como mobilizar o exército em cada uma dessas geomorfologias e, quando necessário, como enfrentar o adversário em cada uma delas. Este é o momento no desenvolvimento do texto de nossa obra onde seu autor apresenta de modo mais detido a dinâmica do conflito armado (conflito militar) com relação ao espaço geográfico. Como a tecnologia militar é altamente dependente da relação que o exército estabelece com a superfície terrestre, este momento do livro é importante para a nossa compreensão sobre como ela condiciona esse conflito (e pode condicionar outras configurações geográficas) e para o próprio argumento da obra como um todo.

A primeira geomorfologia diz respeito à “posição de um exército quando nas montanhas”³⁰² (SUNZI, 1993:101; cap. 9). O autor sugere de início que, nessa geomorfologia, devemos “passar pelas montanhas se mantendo nos vales”³⁰³ (SUNZI, 1993:101; cap. 9), possivelmente por ser o trajeto menos desgastante, onde pode haver água e alimentação, além

³⁰¹ Segundo a tradução de Ames (1993), “Deploying the Army” [*xingjun* 行军].

³⁰² Tradução própria de: “positioning an army when in the mountains” (SUNZI, 1993:101).

³⁰³ Tradução própria de: “Pass through the mountains keeping to the valleys” (SUNZI, 1993:101).

da possibilidade de se encontrar uma direção para sair dela. O autor também discorre sobre o acampamento nesse tipo de espaço geográfico: “arme acampamento em terreno elevado com face para o lado ensolarado”³⁰⁴ (SUNZI, 1993:101; cap. 9). Isso possivelmente sugerindo que devemos ocupar local onde possamos evitar doenças (SUNZI, 1993:103; cap. 9) e possamos ter uma posição minimamente vantajosa para enfrentarmos nosso adversário (SUNZI, 1993:87; cap. 5). E “entrando em batalha nas colinas, não ascenda para engajar o adversário”³⁰⁵ (SUNZI, 1993:101; cap. 9), dado que a posição elevada do adversário facilita não somente a sua visão, mas a força gravitacional o ajuda a realizar menos esforço para lançar objetos ou se deslocar para baixo. De modo geral, esse tipo de geomorfologia é marcado pelos seus declives e aclives acentuados, onde o posicionamento deve ser realizado de modo a se aproveitar da força gravitacional e do alcance de visão que ele pode proporcionar, mas sempre tendo em vista evitar se estabelecer nesse relevo.

Após tematizar os relevos que possuem aclives e declives acentuados, Sunzi passa a tematizar os relevos que contém corpos d’água. “Essa é a posição de um exército quando próximo à água”³⁰⁶ (SUNZI, 1993:101; cap. 9). “Ao cruzar a água, você tem de mover para se distanciar dela”³⁰⁷ (SUNZI, 1993:101; cap. 9). Isso possivelmente porque nessa configuração geográfica, um exército inteiro pode ter a água como grande desvantagem para sua movimentação, dado que ela a limita e possibilita o afogamento. “Quando um exército invasor cruza a água no seu avanço, não encontre-o na água. É para sua vantagem deixá-lo cruzá-la pela metade e então atacá-lo”³⁰⁸ (SUNZI, 1993:101; cap. 9). Nessa posição, o nosso adversário não terá como recuar com facilidade, ao ter se comprometido com essa travessia, e pode ser derrotado com auxílio dessa mesma geomorfologia que ele tenta atravessar. “Ao querer entrar em batalha com o adversário, não encontre sua força invasora próximo à água”³⁰⁹ (SUNZI, 1993:101; cap. 9), evitando, assim, sofrer com essa desvantagem do terreno. “Tome uma posição em terreno alto com face para o lado ensolarado que não está a jusante do adversário”³¹⁰ (SUNZI, 1993:101; cap. 9). Isto é, posicionando-nos a montante do curso do

³⁰⁴ Tradução própria de: “pitch camp on high ground facing the sunny side” (SUNZI, 1993:101).

³⁰⁵ Tradução própria de: “joining battle in the hills, do not ascend to engage the enemy” (SUNZI, 1993:101)

³⁰⁶ Tradução própria de: “This is positioning an army when near water” (SUNZI, 1993:101).

³⁰⁷ Tradução própria de: “Crossing water, you must move to distance yourself from it” (SUNZI, 1993:101).

³⁰⁸ Tradução própria de: “When the invading army crosses water in his advance, do not meet him in the water. It is to your advantage to let him get halfway across and then attack him” (SUNZI, 1993:101).

³⁰⁹ Tradução própria de: “Wanting to join the enemy in battle, do not meet his invading force near water” (SUNZI, 1993:101).

³¹⁰ Tradução própria de: “Take up a position on high ground facing the sunny side that is not downstream from the enemy” (SUNZI, 1993:101).

rio, onde o adversário terá menor vantagem a ser extraída desse relevo. Na geomorfologia com corpos d'água, a regra é se posicionar de modo que o adversário tenha de se posicionar desvantajosamente nela, sofrendo com o tipo de dificuldade de locomoção que ela impõe e o seu perigo inerente.

Em seguida, Sunzi tematiza um relevo que dificulta a mobilidade, como o montanhoso, e possui água, como o anterior, porém em uma configuração diversa. “Esse é a posição de um exército quando em pântano salobro”³¹¹ (SUNZI, 1993:101; cap. 9). Como o pântano reduz severamente a mobilidade, por conta do seu material, ao cruzá-lo, “simplesmente atravesse-o com toda pressa e sem demora”³¹² (SUNZI, 1993:101; cap. 9). No caso de enfrentarmos nosso adversário nesse relevo, “você tem de tomar sua posição próximo à grama e à água de costas para a floresta”³¹³ (SUNZI, 1993:101; cap. 9), ou seja, em local seco e com fluidez, em posição oposta ao pântano. Semelhante ao tipo de terreno anterior, de corpos aquáticos, o pantanoso dificulta a mobilidade. Diferente, porém, pelo seu perigo maior ser a imobilização geral que ele causa, e não tanto a chance de sofrermos algum afogamento.

Por fim, um relevo onde não há impedimento na mobilidade. “Essa é a posição de um exército quando em terreno plano”³¹⁴ (SUNZI, 1993:101; cap. 9). Por ser um relevo com menor quantidade de obstáculos à mobilização, Sunzi sugere que se posicione estrategicamente o exército, de modo seguro e com vantagem em relação a ele. “Em terreno plano, posicione-se em campo aberto, com seu flanco direito de costas para terreno elevado, e com terrenos perigosos a frente e seguro atrás”³¹⁵ (SUNZI, 1993:101; cap. 9). O terreno perigoso deve estar à frente pois não se necessitará recuar para ele. Assim, quando for necessário recuar, sempre será para terreno seguro.

Para Sunzi, o modo como ele sugere que nos posicionemos nesses relevos possui fundamentos históricos, aproximando-o dos grandes líderes ancestrais (CHANG, 1999). “Conquistar a posição vantajosa para seu exército nessas quatro diferentes situações foi a maneira que o Imperador Amarelo derrotou os imperadores dos quatro cantos”³¹⁶ (SUNZI,

³¹¹ Tradução própria de: “This is positioning an army when on salt marshes” (SUNZI, 1993:101).

³¹² Tradução própria de: “simply get through them in all haste and without delay” (SUNZI, 1993:101).

³¹³ Tradução própria de: “you must take your position near grass and water and with your back to the woods” (SUNZI, 1993:101).

³¹⁴ Tradução própria de: “This is positioning an army when on flatlands” (SUNZI, 1993:101).

³¹⁵ Tradução própria de: “On the flatlands, position yourself on open ground, with your right flank backing on high ground, and with dangerous ground in front and safe ground behind” (SUNZI, 1993:101).

³¹⁶ Tradução própria de: “Gaining the advantageous position for his army in these four different situations was the way the Yellow Emperor defeated the emperors of the four quarters” (SUNZI, 1993:101).

1993:101; cap. 9). Outro modo de interpretar essa passagem é enfatizar não o aparente fato de que o autor procura se aproximar das autoridades do passado, mas que a interpretação que ele faz sobre os fatos é uma interpretação possível, no sentido de que ele está propondo, com sua obra, não somente uma proposta geopolítica para o futuro, mas uma proposta geopolítica com pretensão universal, no sentido de que ela serviria como chave para interpretar o próprio passado deles.

Esse tema geomorfológico será retomado brevemente, em um momento posterior, para tratar de outras geomorfologias que podem se apresentar durante o conflito militar. “Ao encontrar rios em desfiladeiros íngremes, poços naturais, cânions encerrados, cobertura vegetal densa, atoleiros, ou desfiladeiros naturais”³¹⁷ (SUNZI, 1993:103; cap. 9), que são as outras geomorfologias passíveis de serem encontradas no curso do conflito militar, “saia desses lugares com pressa. Não se aproxime deles”³¹⁸ (SUNZI, 1993:103; cap. 9). Essa é uma sugestão genérica para lugares que podem dificultar a locomoção (SUNZI, 1993:101; cap. 9), como já vimos. “Ao manter sua distância deles, nós podemos manobrar o adversário para próximo deles; ao mantê-los à nossa frente, nós podemos manobrar o adversário para tê-los em suas costas”³¹⁹ (SUNZI, 1993:103; cap. 9). Esse é o modo pelo qual devemos posicionar nosso exército em locais onde é difícil mobilizá-lo.

Nessa discussão mais genérica sobre os relevos, Sunzi elabora o modo como o nosso adversário pode se aproveitar deles para sua vantagem. “Se o exército está flanqueado por ravinas íngremes, lagoas estagnadas, canas e juncos, florestas montanhosas, e matagal fechado”³²⁰ (SUNZI, 1993:103; cap. 9) estando inseridos nesses espaços geográficos, então “esses lugares tem de ser investigados cuidadosamente e repetidamente, dado que eles são onde emboscadas podem ser armadas e espiões são escondidos”³²¹ (SUNZI, 1993:103; cap. 9). Esses relevos mais específicos possuem a capacidade de poderem servir de esconderijos para os espiões de nosso adversário. Os relevos difíceis de serem atravessados podem ser empregados de modo perspicaz para a espionagem. Eles são tanto obstáculos da circulação do

³¹⁷ Tradução própria de: “Encountering steep river gorges, natural wells, box canyons, dense ground cover, quagmires, or natural defiles” (SUNZI, 1993:103).

³¹⁸ Tradução própria de: “quit such places with haste. Do not approach them” (SUNZI, 1993:103).

³¹⁹ Tradução própria de: “In keeping our distance from them, we can maneuver the enemy near to them; in keeping them to our front, we can maneuver the enemy to have them at his back” (SUNZI, 1993:103).

³²⁰ Tradução própria de: “If the army is flanked by precipitous ravines, stagnant ponds, reeds and rushes, mountain forests, and tangled undergrowth” (SUNZI, 1993:103).

³²¹ Tradução própria de: “these places must be searched carefully and repeatedly, for they are where ambushes are laid and spies are hidden” (SUNZI, 1993:103).

exército, quanto passagens para a comunicação de informações estratégicas.

Sunzi faz considerações mais gerais sobre o relevo favorável ao exército. Isso pressupondo essa discussão anterior, específica sobre os relevos na mobilização e no conflito militar com nosso adversário, e os cuidados respectivos que devemos adotar para nos movermos por eles e nos estabelecermos neles. Dito de modo geral, um exército prefere terreno elevado e desgosta o baixo”³²² (SUNZI, 1993:103; cap. 9). Além disso, “preza o lado ensolarado e evita o lado sombrio”³²³ (SUNZI, 1993:103; cap. 9). Essas duas primeiras considerações já nos são bastante familiares até aqui. Elas são importantes agora pois dizem respeito tanto às próximas, que tratam da constituição de um hábitat para o exército, o que deve nos interessar, quanto às posições mais seguras para se obter vantagem ao enfrentarmos diretamente um adversário durante o conflito, no conflito armado. Além dessas duas primeiras considerações, o exército “busca um lugar no qual comida e água estão disponíveis imediatamente e são abundantes para suprir suas necessidades, e quer estar livre das numerosas doenças”³²⁴ (SUNZI, 1993:103; cap. 9). Essas considerações são importantes pois dizem respeito ao modo como o exército visa se posicionar no espaço geográfico. Aqui temos uma certa teoria da habitação que podemos construir alinhada com as discussões sobre esse tema que vem sendo abordadas em nossa obra.

Podemos ver com isso que, de modo geral, nossa obra elenca configurações geográficas cada uma concentrando características importantes para a mobilização do exército. De modo geral, são espaços inabitados, e ela trata do posicionamento neles. Isso passa por três aspectos. O primeiro é se livrar do perigo inerente a ele assim que for possível. O segundo aspecto é constituir condições de habitação quando for possível. O último aspecto é posicionar o adversário nesse tipo de espaço de modo que ele esteja nele sempre em desvantagem ou em vias de estar em desvantagem no decurso do conflito. Esses espaços não serem habitados implicam na dificuldade, já tematizada, da mobilização e do estabelecimento neles. Quando isso se dá de maneira fácil (SUNZI, 1993:101; cap. 9), devemos considerar que isso também se dá de modo fácil para nosso adversário. Esses aspectos são retomados em outros momentos da obra, dado que lidam com a configuração de nossa posição estratégica [xing 形], independente do espaço ser habitado ou não.

³²² Tradução própria de: “Generally speaking, an army prefers high ground and dislikes the low” (SUNZI, 1993:103).

³²³ Tradução própria de: “prizes the sunny side and shuns the shady side” (SUNZI, 1993:103).

³²⁴ Tradução própria de: “seeks a place in which food and water are readily available and ample to supply its needs, and wants to be free of the numerous diseases” (SUNZI, 1993:103).

6.3.2 *Inferindo a posição estratégica do adversário*

Um trecho seguinte do capítulo se volta para a consideração das relações do adversário com o espaço geográfico e como elas podem ser inferidas a partir de como esse espaço geográfico aparenta imediatamente. Esse trecho se insere em um contexto maior do capítulo onde Sunzi destaca como avaliar a posição do adversário no conflito como um todo a partir de como ele realiza sua diplomacia e como dispõe suas tropas. Esse trecho trata de fenômenos naturais como a movimentação das árvores e dos pássaros ou a dispersão de poeira, e procura apontar correspondentes causas humanas para eles. Essa discussão é fundamental, pois diz respeito, por um lado, sobre os modos pelos quais o nosso adversário pode nos enganar, e, por outro lado, sobre as maneiras de diferenciarmos um fenômeno natural de outro que nos parece ser natural.

Sobre a movimentação das árvores e dos arbustos, Sunzi tece algumas considerações. “Se existe movimento nas árvores, ele está vindo”³²⁵ (SUNZI, 1993:103; cap. 9). Um batedor nosso pode reconhecer a chegada de nosso adversário a partir da movimentação das árvores que estão no caminho. O autor não traz mais elementos para fundamentar essa afirmação de que a causa humana desse fenômeno estaria na quantidade de árvores que estariam se movendo. Apesar disso, podemos especular que a movimentação de muitas árvores somente ocorreria quando exércitos são mobilizados, não somente por conta da quantidade de pessoas em marcha, mas pela presença de carros de guerra (charretes e carroças), o que ampliaria a magnitude desse deslocamento. “Se existem muitos pontos cegos nos arbustos, ele procura nos confundir”³²⁶ (SUNZI, 1993:103; cap. 9). Essa afirmação é interessante, pois pressupõe que os pontos cegos da paisagem devem ser percebidos também como locais onde o nosso adversário pode se esconder e, portanto, devemos esperar que ele o faça, tornando esses locais eminentemente perigosos. Segundo raciocínio anterior, esses locais deveriam ser investigados, pois “eles são onde emboscadas podem ser armadas e espiões podem ser escondidos”³²⁷ (SUNZI, 1993:103; cap. 9).

Sobre os pássaros, Sunzi faz duas afirmações. Uma diz respeito a quando pássaros

³²⁵ Tradução própria de: “If there is movement in the trees, / He is coming” (SUNZI, 1993:103).

³²⁶ Tradução própria de: “If there are many blinds in the bushes, / He is looking to confuse us” (SUNZI, 1993:103).

³²⁷ Tradução própria de: “they are where ambushes are laid and spies are hidden” (SUNZI, 1993:103).

parados de repente alçam vôo. “Se pássaros alçam vôo, ele está armando uma emboscada”³²⁸ (SUNZI, 1993:103; cap. 9). A relação entre os fenômenos não é tão clara, mas podemos inferir que armar uma tocaia afugentaria os pássaros. Como muitas árvores não se moveram, algo não familiar aos pássaros deve ter se movido perto deles. O autor reforça essa interpretação em outro trecho ao afirmar que: “Onde pássaros se reúnem, a posição adversária está desocupada”³²⁹ (SUNZI, 1993:104; cap. 9). Os pássaros podem indicar a presença do nosso adversário pois são afugentados por ele.

Sunzi também elabora uma certa ciência sobre a presença de poeira no local do combate. “Se a poeira alcança grandes alturas, suas carroças estão chegando”³³⁰ (SUNZI, 1993:103; cap. 9). “Se a poeira se espalha pelo chão, sua infantaria está chegando”³³¹ (SUNZI, 1993:103; cap. 9). “Se a poeira sobe em faixas dispersas, seus itens de lenha foram liquidados”³³² (SUNZI, 1993:103; cap. 9). “Se algumas poucas nuvens de poeira vão e vêm, ele está montando acampamento”³³³ (SUNZI, 1993:103-105; cap. 9). O modo como a poeira (ou a fumaça) se dispersa na atmosfera está associado a como o nosso adversário está se movimentando ou se estabelecendo no espaço geográfico.

Essa consideração pormenorizada sobre a presença de poeira (ou fumaça) e a correspondência com a posição do nosso adversário a partir dela apontam para a hipótese de que o conhecimento adquirido sobre essa consideração deve vir de uma observação reiterada desses mesmos fenômenos. Isso também vale para a consideração dos fenômenos que dizem respeito às árvores, aos arbustos e aos pássaros, mas não se reduzindo somente a essas considerações. Na ausência de outras fontes que apontem os métodos de aquisição de conhecimento na época de produção do livro, podemos partir da tese vigente de que o texto do *Sunzi* é produto de uma tradição oral anterior. Isso é relevante para a compreensão da aquisição desse nível de detalhamento na exposição da obra (que também está presente em diversos outros trechos). Se tomarmos o capítulo treze como fonte para compreensão do método principal de aquisição de conhecimento na obra, podemos reforçar a compreensão de que a observação foi, sim, reiterada, mas, não sendo somente isso, pode ter sido sintetizada

³²⁸ Tradução própria de: “If birds take to flight, / He is lying in ambush” (SUNZI, 1993:103).

³²⁹ Tradução própria de: “Where birds gather, / The enemy position is unoccupied” (SUNZI, 1993:104).

³³⁰ Tradução própria de: “If the dust peaks up high, / His chariots are coming” (SUNZI, 1993:103).

³³¹ Tradução própria de: “If the dust spreads out low to the ground, / His infantry is coming” (SUNZI, 1993:103).

³³² Tradução própria de: “If the dust reaches out in scattered ribbons, / His firewood details have been dispatched” (SUNZI, 1993:103).

³³³ Tradução própria de: “If a few clouds of dust come and go, / He is making camp” (SUNZI, 1993:103)

por um único autor a partir da observação de mais de um observador que não esse suposto único autor do texto. De certo modo, essa possibilidade não contradiz a tese da tradição oral anterior ao texto escrito — que finalmente deve ter sido escrito por uma pessoa, ou uma pessoa por capítulo, enfim —, enfatizando o aspecto sintético do texto que por ora interpretamos.

Os outros dois trechos dessa passagem onde Sunzi propõe como avaliar o adversário como um todo no conflito a partir de sua expressão na paisagem e na diplomacia são interessantes para examinarmos. Eles são marcados pela discussão sobre as posições estratégicas dos exércitos na geografia e a relação destas com a situação diplomática no curso do conflito. Eles são importantes pois apresentam como o autor compreende a situação geopolítica do adversário a partir do modo como ele está posicionado na geografia e como ele se relaciona com seu outro por meio da diplomacia. Isso torna possível antevermos a possibilidade de um adversário se posicionar de modo a realizar sua disposição militar, antecipando seus movimentos em direção à vitória.

Nessa discussão sobre a posição estratégica, o autor a inicia com a relação de distância entre o nosso exército e o exército de nosso adversário. “Se o adversário está perto e ainda assim quieto, ele ocupa uma posição estratégica”³³⁴ (SUNZI, 1993:103; cap. 9). Esse trecho exige um detalhamento maior sobre a sua tradução. Sawyer (SUNZI, 1994:208, 324) e Sun (SUNZI, 2006:81) traduzem como “desfiladeiro” o que Ames (SUNZI, 1993:104) traduz como “posição estratégica”. Isso ocorre pois aqui não se trata de *xing*, mas sim de *xian*. Segundo glossário de Sun (2006:137), xiǎn 險 significa “perigoso, arriscado”. Segundo nota de Sawyer, que percebe essa possibilidade de tradução: “A ocupação de ravinas [desfiladeiros] era de interesse específico para os estrategistas clássicos [...]; isso geralmente é visto como um indicativo de fraqueza e a necessidade de se examinar as vantagens do próprio terreno.”³³⁵ (SAWYER, 1994:324, n. 152). Dito isso, podemos inferir que, neste caso, o nosso adversário está em uma posição que é suficientemente segura e oferece perigo para quem o enfrenta.

O texto segue enfatizando essa relação de distância trazendo o caso de um adversário que estaria distante de nós. “Se ele está a uma distância e ainda assim age

³³⁴ Tradução própria de: “If the enemy is close and yet quiet, / He occupies a strategic position” (SUNZI, 1993:103).

³³⁵ Tradução própria de: “The occupation of ravines was of particular interest to classical strategists [...]; this is generally seen as indicating weakness and the need to avail oneself of advantages of terrain” (SAWYER, 1994:324, n. 152).

provocativamente, ele quer que avancemos”³³⁶ (SUNZI, 1993:103; cap. 9). Dada as discussões apresentadas nos capítulos quatro a seis, podemos inferir com segurança — segundo o nosso adversário quer nos impor — que ele está em uma posição onde poderia realizar sua disposição militar ao máximo, transformando-a em uma vantagem estratégica vitoriosa. Isso porque, além disso, ele está em posição de vantagem por estar antes no campo de batalha (o que foi tematizado no capítulo seis da obra).

Outras passagens elaboram esse assunto sobre as relações geopolíticas a partir da disposição das tropas e da movimentação do adversário na sua relação com seus objetivos geopolíticos. “Se ele se move rapidamente com suas tropas em formação, ele está pondo o tempo da batalha”³³⁷ (SUNZI, 1993:103-105; cap. 9). Neste caso, a movimentação das tropas adversárias não indica diretamente a sua posição no espaço geográfico, mas, sim, aponta sua posição no tempo da batalha. “Se alguma de suas tropas avança e alguma recua, ele está buscando atrair-nos para frente”³³⁸ (SUNZI, 1993:104; cap. 9). Aqui o autor traz um caso onde o adversário simula um posicionamento para impor ao outro lado o seu objetivo, especialmente acerca do local e desfecho da batalha, também tematizado no capítulo seis da obra.

Um caso oposto aos demais, onde o adversário, pelo contrário, não avança durante o combate. “Se existe uma vantagem a ser possuída e ainda assim eles não avançam para assegurá-la, eles estão cansados”³³⁹ (SUNZI, 1993:104; cap. 9). Essa passagem é curiosa, pois ela, em consonância com os capítulos anteriores, retoma a concepção de que a vitória é, por um lado, necessária e, por outro lado, seu objetivo último. Se um exército não toma uma vantagem que poderia encaminhá-lo para a vitória, o autor sugere que isso teria como causa necessária o desgaste desse exército. Poderia também ser o caso de algo extrínseco ter bloqueado seu avanço, mas aqui o autor não tematiza essa possibilidade.

Partindo do modo como as condições do exército se apresentam, Sunzi sugere algumas disposições militares correspondentes. “Se os soldados do adversário se escoram em

³³⁶ Tradução própria de: “If he is at a distance and yet acts provocatively, / He wants us to advance” (SUNZI, 1993:103).

³³⁷ Tradução própria de: “If he moves rapidly with his troops in formation, / He is setting the time for battle” (SUNZI, 1993:103-105).

³³⁸ Tradução própria de: “If some of his troops advance and some retreat, / He is seeking to lure us forward” (SUNZI, 1993:104).

³³⁹ Tradução própria de: “If there is an advantage to be had yet they do not advance to secure it, / They are weary” (SUNZI, 1993:104).

suas armas, eles estão famintos”³⁴⁰ (SUNZI, 1993:104; cap. 9). Apesar de não ser evidente a correspondência entre os fenômenos, podemos questionar como acessar tal informação tão específica sobre o exército. “Se aqueles enviados para pegar água bebem antes de todos, eles estão sedentos”³⁴¹ (SUNZI, 1993:104; cap. 9). Ambos os casos tratando da questão nutrição do exército, no caso da sede parece ser mais evidente a correspondência entre os fenômenos, pois, segundo o que poderíamos esperar da hierarquia do exército e da sua divisão do trabalho, os soldados que foram enviados para buscar água para seu exército não deveriam usar essa água para uma finalidade que não aquela ordenada a eles. “Onde há gritos a noite, o adversário está apavorado”³⁴² (SUNZI, 1993:104; cap. 9). Essas três passagens tratam das expressões mais animais dos soldados. As duas primeiras tratam das necessidades fisiológicas e a terceira, da expressão do medo. Com essas correspondências, o autor apresenta um modo de determinar a disposição militar adversária por meio de suas relações com essas características mais rudes.

As próximas passagens desse grupo dizem respeito ao ordenamento do exército pelo comandante [*jiang* 将] (SUNZI, 1993:73; cap. 1). “Onde há confusão na hierarquia das tropas, o comandante adversário não é respeitado”³⁴³ (SUNZI, 1993:104; cap. 9). Neste caso, o comandante não impôs sua vontade de modo razoável para os seus subordinados. “Onde suas bandeiras e flâmulas estão confusas, o adversário está em desordem”³⁴⁴ (SUNZI, 1993:104; cap. 9). Esse comandante não emprega sua comunicação do modo como um comandante vencedor deveria fazê-lo (SUNZI, 1993:95; cap. 7). “Onde seus oficiais ficam facilmente enraivecidos, o adversário está exausto”³⁴⁵ (SUNZI, 1993:104; cap. 9). Aqui possivelmente eles se encontram raivosos por não conseguirem mais dispor de outros meios para impor suas ordens. “O comandante adversário fala aos seus subordinados em uma voz branda e vacilante, ele perdeu seus homens”³⁴⁶ (SUNZI, 1993:104; cap. 9). Neste caso, o comandante já não

³⁴⁰ Tradução própria de: “If the enemy soldiers lean on their weapons, / They are hungry” (SUNZI, 1993:103-105).

³⁴¹ Tradução própria de: “If those sent for water first drink themselves, / They are thirsty” (SUNZI, 1993:104).

³⁴² Tradução própria de: “Where there are shouts in the night, / The enemy is frightened” (SUNZI, 1993:104).

³⁴³ Tradução própria de: “Where there are disturbances in the ranks, / The enemy commander is not respected” (SUNZI, 1993:104).

³⁴⁴ Tradução própria de: “Where their flags and pennants are shifted about, / The enemy is in disorder” (SUNZI, 1993:104).

³⁴⁵ Tradução própria de: “Where his officers are easily angered, / The enemy is exhausted” (SUNZI, 1993:104).

³⁴⁶ Tradução própria de: “The enemy commander speaks to his subordinates in a meek and halting voice, / He has lost his men” (SUNZI, 1993:104).

consegue apresentar as suas ordens com um devido distanciamento em relação ao seu exército, tornando-se perdido por essa perda de seus subordinados. “Atender a muitas recompensas significa que o adversário está com problema, e realizar muitas punições significa que ele está em maus lençóis”³⁴⁷ (SUNZI, 1993:104; cap. 9). Aqui está um caso onde o uso de espiões parece ser evidente, dada a precisão da informação. “O comandante que irrompe violentamente com seus subordinados, somente para então temê-los, é totalmente inepto”³⁴⁸ (SUNZI, 1993:105; cap. 9). O conjunto desses casos apresenta a importância dos espiões para tornar possível avaliar a disposição militar (posição estratégica) do adversário e como ele poderia realizá-la, transformando-a em uma vantagem estratégica, para a obtenção da vitória.

Antes de tematizarmos a diplomacia na obra, um caso importante tratado por Sunzi é o da decisão de um exército lutar até morrer, o que será tratado de modo mais detido nos capítulos posteriores dez e onze de seu texto. “Onde o adversário alimenta seus cavalos com grãos e seus homens com carne, e onde seus homens não mais se preocupam em pendurar suas vasilhas de água, ou retornar ao acampamento”³⁴⁹ (SUNZI, 1993:104; cap. 9) será onde “o adversário, agora desesperado, está pronto para lutar até a morte”³⁵⁰ (SUNZI, 1993:104; cap. 9). Essa passagem ilustra como o argumento econômico é fundamental para o nosso autor. No caso de nosso adversário decidir lutar até a morte, dispondo de todas as suas forças, ele passa a se nutrir dos alimentos mais caros para eles. Outro ponto importante é o abandono da posição já estabelecida com segurança em um acampamento. A saída do adversário de um local seguro e estabelecido para outro que é hostil, sem a pretensão de retornar, corresponde à possibilidade de não se decidir retornar e de se ter decidido lutar empregando todas as forças disponíveis.

Sobre o tema da diplomacia, Sunzi escreve acerca do uso dos emissários (SUNZI, 1993:104-105; cap. 9) e também sobre a geopolítica de modo mais amplo (SUNZI, 1993:105; cap. 9). O autor aponta três situações onde os emissários contradizem as intenções de seus comandantes. A primeira, quando o emissário adversário é suave nas palavras, porém seu comandante permanece agudizando suas forças militares. “Se seus emissários são modestos

³⁴⁷ Tradução própria de: “Meting out too many rewards / Means the enemy is in trouble, / And meting out too many punishments / Means he is in dire straits” (SUNZI, 1993:104).

³⁴⁸ Tradução própria de: “The commander who erupts violently at his subordinates, / Only then to fear them, / Is totally inept” (SUNZI, 1993:105).

³⁴⁹ Tradução própria de: “Where the enemy feeds his horses grain and his men meat, / And where his men no longer bother to hang up their water vessels, / Or return to camp” (SUNZI, 1993:104).

³⁵⁰ Tradução própria de: “The now-desperate enemy is ready to fight to the death” (SUNZI, 1993:104).

de palavra e ainda assim ele continua a aumentar seus preparos para a guerra, ele avançará”³⁵¹ (SUNZI, 1993:104; cap. 9). Nesse caso, assim como nos próximos, o emissário adversário procura confundir o governante do Estado para o qual ele se dirige. O pressuposto dessas passagens é que a guerra fundamentalmente é — como afirmado no primeiro capítulo do livro, e elaborado nos seus capítulos posteriores — o curso do engano (SUNZI, 1993:74; cap. 1). Neste primeiro caso, a contradição está entre a fala do emissário do adversário e o modo como seu comandante está trabalhando com seu exército. Em seguida, o autor traz um caso diverso. “Se sua linguagem é beligerante e ele avança agressivamente, ele irá se retirar”³⁵² (SUNZI, 1993:104; cap. 9). Neste segundo caso, o autor afirma que, quando a fala do emissário concorda com o comando do exército, se seguirá que o comandante planeja fazer o oposto.

Sendo que os dois casos apontam para situações opostas, devemos nos questionar sobre o critério que deve estar em jogo ao interpretarmos a fala do emissário. Apesar de em um caso ser tratada a contradição da fala do emissário com o comando de seu exército e no outro caso ser tratada a concordância da fala do emissário com o comando de seu exército, o que importa é saber se o adversário irá avançar ou não em direção da realização do combate, pois o que está em jogo, em última instância, é a necessidade dupla da guerra (como pressuposto geopolítico e econômico) e como enfrentar os problemas que envolvem essa necessidade. Portanto, o adversário quer vencer o conflito, e esse é o critério fundamental.

No primeiro caso, a fala do emissário adversário contradiz a disposição militar desse adversário, enquanto que no segundo, a confirma. Em ambos, pressupõe-se que ele quer realizar sua disposição militar em vantagem estratégica. Para tanto, o autor tematiza esses dois casos onde o emissário procura confundir quem ele enfrenta. No primeiro caso procurando fazê-lo suavizar a defesa e no segundo caso procurando fazê-lo se preparar demasiadamente para o enfrentamento (conforme, por exemplo, tematizado no capítulo seis da obra), conseqüentemente também enfraquecendo a defesa (dado que teríamos de preparar defesa contra algo que não estamos o que seria).

Como o objetivo visado pela obra, contudo, é conquistar a vitória o conflito sem nos desgastarmos muito (dados os constrangimentos econômicos que o envolve), o segundo caso se torna um exemplo de situação onde a expectativa de nosso adversário é de que ele nos

³⁵¹ Tradução própria de: “If his envoys are modest of word yet he continues to increase his readiness for war, / He will advance” (SUNZI, 1993:104).

³⁵² Tradução própria de: “If his language is belligerent and he advances aggressively, / He will withdraw” (SUNZI, 1993:104).

enfrente alguém enquanto não estamos preparados. Por isso o autor sugere que esse adversário, por um lado, recuará. Torna-se inviável para ele, que visa vencer sem também se desgastar, alertar quem ele enfrenta, dizendo que irá atacá-lo com grande força. Isso o faria, de fato, colidir duas grandes forças sendo inútil para ambos. Ou, por outro lado, esse adversário espera enfrentar alguém que defenderá diversas posições diferentes, o que força quem irá se defender dele a elaborar uma defesa adequada para o avanço dessa força adversária. E o primeiro caso, aparentemente mais simples, é o oposto quando se diz respeito ao preparo de quem o adversário procura enfrentar. O adversário espera enfrentar alguém que acredite que ele recuará.

O contexto, porém, impõe um avanço. Portanto, em ambos os dois casos, a fala do emissário enviado pelo adversário deve ser avaliada não somente pela disposição militar de seu exército, mas com essa expectativa de realização dela em vantagem estratégica, e isso dentro do contexto histórico da época. Outros trechos do texto confirmam essa interpretação. “Se ele sofreu nenhuma perda e ainda assim pede por paz, ele está tramando”³⁵³ (SUNZI, 1993:104; cap. 9). Se o adversário, sendo adversário (Sunzi não elabora as razões do seu surgimento histórico enquanto adversidade), não foi prejudicado pelo conflito (sua disposição militar não foi desgastada) e ele, como pressuposto histórico, necessita vencer esse conflito, então pedir pela paz não irá fazê-lo obter vantagem alguma. Nesse caso, o adversário possivelmente está planejando vencer o conflito a partir de outro caminho diferente daquele que está configurado na atualidade dele.

Apesar de tudo que foi dito anteriormente, uma outra passagem seguinte pode ser usada para contradizer essa interpretação. “Quando os emissários do adversário vêm com palavras conciliatórias, ele quer terminar as hostilidades”³⁵⁴ (SUNZI, 1993:105; cap. 9). Dessa vez a fala do emissário corresponde àquilo que seu Estado intenta fazer. Dessa vez o emissário parece revelar o seu plano de seu Estado. Se o objetivo do conflito é submeter o território adversário para obter sua economia, então, em um conflito onde o adversário vê que pode perdê-lo de modo suficiente (não por completo, mas obtendo perdas de recursos que tornariam suas vidas penosas), procurar a conciliação pode ser uma saída para mediar a vitória absoluta e a derrota absoluta. Além disso, este caso aponta quando o adversário diz a verdade (enquanto correspondência entre discurso e realidade), o que é importante para sair de uma

³⁵³ Tradução própria de: “If he has suffered no setback and yet sues for peace, / He is plotting” (SUNZI, 1993:104).

³⁵⁴ Tradução própria de: “When the enemy’s emissary comes with conciliatory words / He wants to end hostilities” (SUNZI, 1993:105).

negação abstrata (uma desconfiança sem critérios) da palavra do adversário. Neste caso, o nosso adversário não quer ceder completamente a balança de forças, conservando sua relativa estabilidade.

Em um trecho posterior, Sunzi trata de um caso onde o adversário é beligerante na palavra, porém sua disposição militar não corresponde a essa beligerância. “Quando um adversário raivoso o confronta por um longo tempo, sem entrar em batalha contra você ou sem sair de sua posição, você tem de observá-lo com o maior cuidado”³⁵⁵ (SUNZI, 1993:105; cap. 9). Esse caso parece ser o exato oposto ao caso tratado anteriormente, quando o emissário emprega linguagem beligerante e seu comandante age agressivamente. O adversário demonstra, por meio de sua diplomacia, estar beligerante, porém, por meio de seu exército, demonstra não estar beligerante. Assim como nos casos trabalhados anteriormente, mas especialmente como no terceiro caso, o adversário está imbuído da necessidade de avançar no conflito para vencê-lo. Se ele não o faz em um dado momento, então ele terá de fazê-lo em um momento posterior, sob a pena de ser derrotado caso decida não fazê-lo. No caso em pauta, o adversário parece estar decidido a não realizar aquilo que expressa intentar fazer. Possivelmente está procurando ganhar tempo na elaboração de um plano de guerra melhor, assim como no caso de ele pedir paz sem necessitar fazê-lo.

Como pudemos observar, nossa obra apresenta maneiras bastante engenhosas para inferirmos a posição estratégica [*xing* 形] de nosso adversário. Na falta de um testemunho direto de dentro das linhas adversárias, nos é apresentada uma série de situações onde, por meio de um testemunho direto delas, podemos inferir a partir do exterior a configuração interna de nosso adversário. Ele nos informa, pudemos ver que de diversas maneiras, sobre como se encontra em relação a si mesmo e em relação a nós. Nosso papel na coleta dessa série de informações é acumulá-las para formar uma avaliação qualitativa do adversário, do modo como o capítulo inicial do Sunzi nos indica (SUNZI, 1993:73; cap. 1). Assim temos mais um método para conhecer nosso adversário dentre outros já apresentados, como a escaramuça (SUNZI, 1993:91; cap. 6) ou o testemunho direto a partir do interior do adversário, a espionagem (SUNZI, 1993:123-125; cap. 13).

³⁵⁵ Tradução própria de: “When an angry enemy confronts you for an extended time, without either joining you in battle or quitting his position, you must watch him with the utmost care” (SUNZI, 1993:105).

6.4 “O Terreno” (Capítulo 10)³⁵⁶

O capítulo dez trata das configurações do terreno (posições geográficas estratégicas) que podem ser encontradas durante o curso do conflito armado. O capítulo também aborda o papel do comandante, o que não iremos tratar por ora. Desta vez, nossa obra enfatiza a tipologia das diferentes configurações que os elementos dispostos na geografia (os mais diversos, como, por exemplo, exércitos, edifícios, vegetações, geomorfologias) podem apresentar no decurso do conflito, especialmente no conflito militar armado, nomeadamente bélico. Diferente do capítulo anterior, que trata das formas naturais do relevo por onde a tropa atravessará e como se posicionar em um eventual combate, este considera o posicionamento em meio a batalha com relação mais imediata ao adversário. Porém, diferente do capítulo onze, a seguir, a tipologia que será elencada aqui diz sobre os terrenos que poderão ser encontrados no desenvolvimento do conflito militar, e não aqueles nos quais o exército poderia já se encontrar, caso desse capítulo posterior. A ênfase aqui é na situação do conflito tendo como fundamento a disposição militar na geografia.

De modo geral, nosso autor apresenta seis tipos de terreno. “Tipos de terreno incluem o acessível, aquele que enreda, aquele que leva a uma interdição, a passagem estreita, o desfiladeiro escarpado e o distante”³⁵⁷ (SUNZI, 1993:107; cap. 10). Para ele, “essas são as seis diretrizes [*dao* 道] governando o uso do terreno. Elas são as maiores responsabilidades do comandante, e têm de ser investigadas profundamente”³⁵⁸ (SUNZI, 1993:109; cap. 10). Podemos entender que o autor considera essa tipologia a mais geral para descrever o funcionamento do terreno durante o curso da batalha. Além disso, elas descrevem a disposição militar tematizada centralmente no capítulo quatro e posteriormente nos capítulos cinco e seis. Agora, o autor procura especificar os modos pelos quais essa disposição militar entra em configuração com a geografia.

O primeiro dos terrenos é o terreno acessível. “Terreno que ambos os exércitos podem se aproximar livremente”³⁵⁹ (SUNZI, 1993:107; cap. 10). Sunzi sugere que nele, “o exército que entra na batalha tendo ocupado primeiro o terreno elevado no lado ensolarado e

³⁵⁶ Segundo a tradução de Ames (1993), “The Terrain” [*dixing* 地形].

³⁵⁷ Tradução própria de: “Kinds of terrain include the accessible, that which entangles, that which leads to a stand-off, the narrow pass, the precipitous defile and the distant” (SUNZI, 1993:107).

³⁵⁸ Tradução própria de: “these are the six guidelines [*dao* 道] governing the use of terrain. They are the commander’s utmost responsibility, and must be thoroughly investigated” (SUNZI, 1993:109).

³⁵⁹ Tradução própria de: “Terrain that both armies can approach freely” (SUNZI, 1993:107).

estabelecido uma linha de suprimentos conveniente, luta com a vantagem”³⁶⁰ (SUNZI, 1993:107; cap. 10). Terreno acessível, portanto, é o terreno onde — ao entrarmos e estabelecermos de modo seguro (SUNZI, 1993:103; cap. 9) e antes de nosso adversário (vide capítulo seis do livro) — podemos lutar com vantagem. Aparentemente é um terreno básico, sem elementos que tragam algum tipo de implicação problemática maior diferente daquela que podemos esperar, de modo geral, do conflito militar discutido até então.

O segundo deles é o terreno enredado. “Terreno que permite seu avanço, mas impede seu retorno”³⁶¹ (SUNZI, 1993:107; cap. 10). Apresentando um elemento de dificuldade, esse terreno impõe uma complexidade maior para as ações a serem tomadas nele com relação ao terreno acessível. Sunzi escreve que, em terreno enredado, “se você sai e enfrenta o adversário quando ele não está preparado, pode ser que você o derrote”³⁶² (SUNZI, 1993:107; cap. 10) Porém, “quando o adversário está preparado, se você sai e enfrenta ele e falha em derrotá-lo, você será pressionado severamente a sair, e estará com problemas”³⁶³ (SUNZI, 1993:107; cap. 10). Esse terreno, que pode também representar uma situação mais geral do conflito geopolítico (dado que diz respeito à posição estratégica), apresenta uma configuração do aspecto armado do conflito onde o nosso exército, após ser posicionado nele com certa facilidade, tem dificuldade em retomar essa mesma posição, recuando, caso seja necessário fazê-lo. Podemos inferir que houve algum tipo de desgaste ou necessidade de adaptação do exército para se posicionar nesse terreno. Como o autor afirma que podemos vencer um adversário no caso desse adversário não estar preparado para enfrentar quem o ataca a partir dessa geografia, então podemos também acrescentar que ela também é caracterizada por possibilitar a derrota de um adversário despreparado. Isso aponta um traço importante desse terreno: ele não reduz a força do exército, mas dificulta o retorno a essa posição estratégica da qual ele saiu. Em um plano mais amplo do conflito, podemos interpretar que essa configuração diz respeito a uma relação onde um dos lados somente poderá deixar sua posição caso venha a investir contra um adversário não preparado.

O terreno seguinte é o terreno interditado. Sunzi o descreve do seguinte modo: “O terreno que quando se entra torna ambos o nosso lado e o do adversário desvantajosos é um

³⁶⁰ Tradução própria de: “the army that enters the battle having been first to occupy high ground on the sunny side and to establish convenient supply lines, fights with the advantage” (SUNZI, 1993:107).

³⁶¹ Tradução própria de: “Terrain that allows your advance but hampers your return” (SUNZI, 1993:107).

³⁶² Tradução própria de: “if you go out and engage the enemy when he is not prepared, you might defeat him” (SUNZI, 1993:107).

³⁶³ Tradução própria de: “when the enemy is prepared, if you go out and engage him and fail to defeat him, you will be hard-pressed to get out, and will be in trouble” (SUNZI, 1993:107).

terreno que levará à interdição”³⁶⁴ (SUNZI, 1993:107; cap. 10). É uma situação do conflito onde ambos os lados devem deixá-la à procura de uma vantagem, ao mesmo tempo em que estamos em desvantagem por estarmos nela, o que dificulta nossa ação. Aparentemente, temos a situação inversa à situação do primeiro terreno, onde há vantagem em nos posicionarmos nela antes do adversário. No caso presente, por outro lado, o terreno impõe uma dificuldade para ambos os lados quando se adentra nele. Por isso que o autor sugere fazer o que se segue: “embora o adversário nos tentar a sair, não temos de morder a isca, mas devemos sair da posição e nos retirar. Tendo atraído o adversário metade para fora, nós podemos então atacá-lo para nossa vantagem”³⁶⁵ (SUNZI, 1993:107; cap. 10). Ambos os lados do conflito evitam avançar no conflito temendo serem prejudicados por entrarem em desvantagem. O autor, portanto, sugere que não sejamos movido pelo nosso adversário (SUNZI, 1993:89; cap. 6), mas, pelo contrário, devemos tentar movê-lo. Devemos sugerir ter mordido sua isca para então somente mobilizá-lo, deslocando-o de sua posição atual. Tendo nosso adversário sido posicionado até quase fora dessa situação de interdição, isto é, tendo-o feito se mover até uma situação onde ele está parcialmente em desvantagem, devemos atacá-lo para nos aproveitarmos dessa vantagem.

O terreno seguinte é chamado por Sunzi de a passagem estreita. “Com a passagem estreita, se nós ocupamo-nas primeiro, nós temos de nos guarnecer completamente nela e esperar o adversário”³⁶⁶ (SUNZI, 1993:107; cap. 10). A passagem estreita é descrita como um terreno de transição entre dois terrenos onde uma redução lateral da possibilidade de posicionamento do exército se anuncia. Isso concentra as forças militares em um espaço reduzido, também confinando-as, permitindo que um exército grande tenha a mesma dimensão lateral que um exército menor que ele. Isso impede que um exército maior se posicione de modo a cercar o exército menor (SUNZI, 1993:80; cap. 3). “Onde o adversário ocupou-a primeiro, se ele a guarnece completamente, não o siga, mas se ele falhar nisso, podemos ir atrás dele”³⁶⁷ (SUNZI, 1993:107; cap. 10). Portanto, se essa passagem estreita estiver suficientemente guarnecida, então não devemos atacar quem a ocupa. Caso contrário,

³⁶⁴ Tradução própria de: “Terrain that when entered disadvantages both our side and the enemy is ground that will lead to a stand-off” (SUNZI, 1993:107).

³⁶⁵ Tradução própria de: “even if the enemy tempts us out, we must not take the bait, but should quit the position and withdraw. Having lured the enemy halfway out, we can then strike to our advantage” (SUNZI, 1993:107).

³⁶⁶ Tradução própria de: “With the narrow pass, if we can occupy it first, we must fully garrison it and await the enemy” (SUNZI, 1993:107).

³⁶⁷ Tradução própria de: “Where the enemy has occupied it first, if he garrisons it completely, do not follow him, but if he fails to, we can go after him” (SUNZI, 1993:107).

em havendo insuficiência, então devemos atacar quem a ocupa.

O quinto terreno, chamado de desfiladeiro escarpado, aparentemente é uma passagem estreita onde podemos ocupar sobre suas paredes. “Com o desfiladeiro escarpado, se nós o ocupamos primeiro, temos de tomar o terreno elevado no lado ensolarado e esperar o adversário. Onde o adversário ocupou primeiro, saia da posição e se retire, e não o siga”³⁶⁸ (SUNZI, 1993:107; cap. 10). Também dizendo respeito ao posicionamento nas montanhas (SUNZI, 1993:101; cap. 9), esse terreno sugere adotar o posicionamento que é vantajoso para o exército nesse contexto histórico, como já discutimos (SUNZI, 1993:103; cap. 9). E por se tratar de terreno onde quem o ocupa primeiro possui maior vantagem (vantagem esta dada pelo relevo), não devemos seguir nosso adversário por meio dele.

Por fim, o sexto terreno apresenta uma situação parecida com a do terreno interditado. Porém, dessa vez não há proximidade suficiente para atrairmos nosso adversário para fora de sua posição, provocando sua desvantagem. “Quando o adversário está a alguma distância, se a vantagem estratégica de ambos os lados são quase a mesma, não é fácil provocá-lo a lutar, e levar a luta até ele não é para nossa vantagem”³⁶⁹ (SUNZI, 1993:109; cap. 10). Se ambos os lados do conflito possuem a mesma possibilidade de realização de sua disposição militar (posição estratégica), então nenhum dos lados irá desfavorecê-la em favor de reposicionar essa disposição militar de modo a estar mais próxima de seu adversário, dado que estão distantes um do outro. E isso impossibilita transformar a realização dessa disposição militar — vantagem estratégica — em vitória no combate.

Esses são os seis tipos de terreno que, segundo nossa obra, podemos encontrar no decurso do conflito. Junto com a primeira parte do capítulo nono, onde a posição estratégica em geografias naturais é discutida, podemos interpretar essas passagens como elaborações sobre o conflito, especialmente o armado, que possui como base representações cartográficas (seja com fonte em mapas, maquetes, testemunhos etc.) do terreno que será encontrado nesse decurso. Essa perspectiva ficará mais evidente ao analisarmos o capítulo onze, o seguinte, que visa os tipos de espaço geográfico do conflito a partir de quem está situado nele.

³⁶⁸ Tradução própria de: “With the precipitous defile, if we can occupy it first, we must take the high ground on the sunny side and await the enemy. Where the enemy has occupied it first, quit the position and withdraw, and do not follow him” (SUNZI, 1993:107).

³⁶⁹ Tradução própria de: “When the enemy is at some distance, if the strategic advantages of both sides are about the same, it is not easy to provoke him to fight, and taking the battle to him is not to our advantage” (SUNZI, 1993:109).

6.5) “As Nove Espécies de Terreno” (Capítulo 11)³⁷⁰

O capítulo onze, o maior em extensão em relação aos outros capítulos do livro, trata da dinâmica bélica a partir das configurações geográficas que ela apresenta. No capítulo dez, vimos a relação da configuração geográfica com a posição estratégica que devemos adotar no decurso conflito que irá nos ser apresentado. Dessa vez, os terrenos — que nosso Sunzi descreverá — dirão respeito à relação que eles estabelecem com o exército, este já implicado neles. O nosso foco aqui será abordar como cada terreno implica diferentemente o exército e como o exército deve atuar em cada terreno por meio de seu comandante.

Diferente do capítulo oito, onde cinco tipos de terreno são introduzidos, ou o capítulo nove, onde quatro são apresentados, ou mesmo o capítulo dez, onde outros seis são apresentados, neste capítulo onze nove tipos de terreno serão discutidos. Eles são: “terreno dispersivo, terreno marginal, terreno disputado, terreno intermediário, intersecção estrategicamente vital, terreno crítico, terreno difícil, terreno vulnerável à emboscada, e terreno do qual não há saída”³⁷¹ (SUNZI, 1993:111; cap. 11). Como teremos a oportunidade de ver, alguns se aproximam bastante de outras configurações geográficas apresentadas em capítulos anteriores. Dessa vez, Sunzi enfatiza a posição do nosso exército no interior desse terreno e como isso altera sua possibilidade de ação.

Sobre o terreno dispersivo, nosso Sunzi o descreve do seguinte modo: “Onde um governante batalha em seu próprio território, é um terreno que permite a dispersão de suas tropas”³⁷² (SUNZI, 1993:111; cap. 11). Dado que o exército está batalhando em seu próprio território, podemos inferir que ele pode se refrear em se engajar no conflito militar por recar trazê-lo para perto de suas famílias e locais com os quais se identificam. Por essa razão, nosso autor sugere de modo bastante lacônico: “não lute em terreno dispersivo”³⁷³ (SUNZI, 1993:113; cap. 11). Por um lado, para aquele que invade a terra natal do adversário, deve-se estar com seu exército unificado contra um adversário que pode estar disperso. “Quanto mais fundo você penetra no território adversário, tanto maior a coesão de suas tropas”³⁷⁴ (SUNZI, 1993:117; cap. 11). Porém, por outro lado, assim como o autor propõe, não devemos esperar

³⁷⁰ Segundo a tradução de Ames (1993), “The Nine Kinds of Terrain” [*jiu de* 九地].

³⁷¹ Tradução própria de: “scattering terrain, marginal terrain, contested terrain, intermediate terrain, the strategically vital intersection, critical terrain, difficult terrain, terrain vulnerable to ambush, and terrain from which there is no way out” (SUNZI, 1993:111).

³⁷² Tradução própria de: “Where a feudal ruler does battle within his own territory, it is a terrain that permits the scattering of his troops” (SUNZI, 1993:111).

³⁷³ Tradução própria de: “do not fight on scattering terrain” (SUNZI, 1993:113).

que nosso adversário esteja disperso, pois, em estando esse adversário em terreno dispersivo, devemos esperar que ele contenha essa desvantagem unificando ainda mais seu exército. Portanto, “em terreno onde as tropas facilmente são dispersadas, eu trabalharia para fazê-las uma em propósito”³⁷⁵ (SUNZI, 1993:117; cap. 11), superando a dispersão que esse tipo de terreno provoca nas tropas. Posteriormente, o autor afirma sobre o exército invasor: “Quão mais fundo você penetra no território adversário, tão maior a coesão de suas tropas, e menos provável o exército anfitrião prevalecerá sobre você”³⁷⁶ (SUNZI, 1993:113; cap. 11). O terreno dispersivo é o terreno que condiciona — tendo vistas à vitória — a coesão do exército tanto daquele que defende a sua terra natal quanto daquele que ataca a terra natal de seu adversário.

Para aquele que invade o adversário, o terreno que deveremos agora apresenta uma etapa anterior ao terreno dispersivo. Para aquele que estava em sua terra natal, esse terreno apresenta uma etapa posterior à saída dela. “Onde alguém penetrou somente de modo escasso no território adversário, é o terreno marginal”³⁷⁷ (SUNZI, 1993:111; cap. 11). Para o exército que sai de sua terra natal, este terreno se apresenta como a possibilidade de retorno a ela ao mesmo tempo que ainda não se engajou em batalha. Para aquele que chega próximo ao adversário a ser invadido, essa invasão ainda não se realiza pelo exército enquanto um momento significativo do conflito armado. Por conta disso, Sunzi sugere: “não fique em terreno marginal”³⁷⁸ (SUNZI, 1993:113; cap. 11). Por ele não apresentar a realização dos objetivos geopolíticos e ter certa proximidade com a terra natal, ele se aproxima das desvantagens do terreno dispersivo. Portanto, estando à margem do território adversário, “quando você penetrou somente a uma curta distância”³⁷⁹ (SUNZI, 1993:117; cap. 11), “quanto mais rasa a penetração, tanto mais facilmente você é dispersado”³⁸⁰ (SUNZI, 1993:117; cap. 11). Assim sendo, o nosso adversário pode nos forçar a retornarmos a nossa terra natal enquanto ele estiver unificado em propósito (seguindo os imperativos sugeridos a partir do terreno dispersivo). Portanto, em terreno marginal, Sunzi diz que “eu mantenho as

³⁷⁴ Tradução própria de: “The deeper you penetrate into enemy territory, the greater the cohesion of your troops” (SUNZI, 1993:117).

³⁷⁵ Tradução própria de: “on terrain where the troops are easily scattered, I would work to make them one of purpose” (SUNZI, 1993:117).

³⁷⁶ Tradução própria de: “The deeper you penetrate into enemy territory, the greater the cohesion of your troops, and the less likely the host army will prevail over you” (SUNZI, 1993:113).

³⁷⁷ Tradução própria de: “Where one has penetrated only barely into enemy territory, it is marginal terrain” (SUNZI, 1993:111).

³⁷⁸ Tradução própria de: “do not stay on marginal terrain” (SUNZI, 1993:113).

³⁷⁹ Tradução própria de: “when you have penetrated only a short distance” (SUNZI, 1993:117).

³⁸⁰ Tradução própria de: “the more shallow the penetration, the more easily you are scattered” (SUNZI, 1993:117).

tropas juntas”³⁸¹ (SUNZI, 1993:117; cap. 11). Isso evita que recuemos para terreno dispersivo (de volta a nossa terra natal) diante de nosso adversário, mantendo-o, pelo contrário, em um terreno dispersivo.

O terreno seguinte é chamado de terreno disputado. “Terreno que dá a nós ou ao adversário vantagem ao ocupá-lo é terreno disputado”³⁸² (SUNZI, 1993:111; cap. 11). Semelhante ao terreno acessível do capítulo anterior (SUNZI, 1993:107; cap. 10), este terreno é uma configuração básica do conflito geopolítico. Quem o ocupa primeiro, consegue realizar sua disposição militar em vantagem estratégica sobre um adversário que não terá a mesma possibilidade. Por isso, “não ataque o adversário em terreno disputado”³⁸³ (SUNZI, 1993:113; cap. 11), dado que nosso adversário, por já estar posicionado nesse terreno, possui, já de saída, uma possibilidade de vantagem estratégica. Para aquele que invade um adversário e percebe que ele se encontra em terreno disputado, Sunzi diz que “eu aumentaria a passada das divisões traseiras”³⁸⁴ (SUNZI, 1993:117; cap. 11). Nosso autor, portanto, sugere que devemos passar por esse tipo de terreno o mais rápido possível — isso dado que o terreno disputado não é exatamente a terra natal do nosso adversário a ser invadido.

O quarto terreno — terreno intermediário — é descrito assim como o terreno acessível do capítulo dez (SUNZI, 1993:107; cap. 10). “Terreno acessível a ambos os lados é terreno intermediário”³⁸⁵ (SUNZI, 1993:111; cap. 11). Quem o ocupa primeiro, possui vantagem. Por isso, não devemos deixar o adversário isolar parte de nosso exército, interrompendo a obtenção de vantagem a partir desse terreno: “não deixe isolá-lo em terreno intermediário”³⁸⁶ (SUNZI, 1993:113; cap. 11). Sunzi, posteriormente no capítulo, escreve que “em terreno intermediário, eu teria atenção particular à defesa”³⁸⁷ (SUNZI, 1993:117; cap. 11). Isso pode ser justificado pois, em terreno intermediário — dado que ele traz vantagem para aquele que ataca — é de particular interesse nos atentarmos à defesa, para que não se sejamos interrompidos pelo nosso adversário em nossa busca pela vitória.

O terreno seguinte, quinto, que pode ser chamado de terreno interseccional, é o

³⁸¹ Tradução própria de: “I would keep the troops together” (SUNZI, 1993:117).

³⁸² Tradução própria de: “Ground that gives us or the enemy the advantage in occupying it is contested terrain” (SUNZI, 1993:111).

³⁸³ Tradução própria de: “do not attack the enemy on contested terrain” (SUNZI, 1993:113)

³⁸⁴ Tradução própria de: “I would pick up the pace of our rear divisions” (SUNZI, 1993:117).

³⁸⁵ Tradução própria de: “Ground accessible to both sides is intermediate terrain” (SUNZI, 1993:111).

³⁸⁶ Tradução própria de: “do not get cut off on intermediate terrain” (SUNZI, 1993:113).

³⁸⁷ Tradução própria de: “on intermediate terrain, I would pay particular attention to defense” (SUNZI, 1993:117).

terreno onde diversos Estados avizinhados, em presente conflito ou não, se encontram. Ele é descrito por Sunzi como: “O território no qual muitos Estados avizinhados se encontram é uma intersecção estrategicamente vital”³⁸⁸ (SUNZI, 1993:111; cap. 11). Essa intersecção, sendo vital para a estratégia, possibilita que quem a alcance possa estabelecer relações diplomáticas e comerciais com outros Estados — esteja posicionado entre eles. Isso se confirma pelo fato de que essa configuração geográfica de intersecção, também podendo ser chamada de encruzilhada, é local de cruzamento ou estabelecimento das relações econômicas. O lado do conflito que consegue conquistá-la terá vantagem: “O primeiro a alcançá-la ganhará a fidelidade dos outros Estados do mundo [*Tianxia* 天下]”³⁸⁹ (SUNZI, 1993:111; cap. 11).

Portanto, “forme alianças com os Estados avizinhados em intersecções estrategicamente vitais”³⁹⁰ (SUNZI, 1993:113; cap. 11). Para aquele que invade, conseqüentemente, a situação se torna mais complicada, pois se enfrenta um adversário estabelecido comercial e diplomaticamente. “Quando você está vulnerável em todos os quatro lados, você está em uma intersecção estrategicamente vital”³⁹¹ (SUNZI, 1993:117; cap. 11). A vulnerabilidade é a marca desse terreno. E como no caso apontado não estamos estabelecidos nele — efetivamente posicionados —, podemos inferir que não há relações de troca econômica firmadas entre o Estado invasor e os Estados avizinhados. É nesse sentido que Sunzi afirma que “em uma intersecção estrategicamente vital, eu garantiria minhas alianças”³⁹² (SUNZI, 1993:117; cap. 11), isso para garantir que possamos estar estabelecidos economicamente ao avançarmos por esse terreno. Certificamos nossas próprias alianças estabelecendo-as com Estados os quais sabemos claramente as intenções. “A não ser que você saiba as intenções dos governantes dos Estados avizinhados, você não pode começar preparos para se aliar com eles”³⁹³ (SUNZI, 1993:117-118; cap. 11). Esse terreno se constitui como um dos terrenos fundamentais para a dinâmica do conflito geopolítico.

O terreno interseccional suscita a questão da escala geográfica. Aquele que

³⁸⁸ Tradução própria de: “The territory of several neighboring states at which their borders meet is a strategically vital intersection” (SUNZI, 1993:111).

³⁸⁹ Tradução própria de: “The first to reach it will gain the allegiance of the other states of the empire [*Tianxia* 天下]” (SUNZI, 1993:111).

³⁹⁰ Tradução própria de: “form alliances with the neighboring states at strategically vital intersections” (SUNZI, 1993:113).

³⁹¹ Tradução própria de: “When you are vulnerable on all four sides, you are at a strategically vital intersection” (SUNZI, 1993:117).

³⁹² Tradução própria de: “at a strategically vital intersection, I would make sure of my alliances” (SUNZI, 1993:117).

³⁹³ Tradução própria de: “Unless you know the intentions of the rulers of the neighboring states, you cannot enter into preparatory alliances with them” (SUNZI, 1993:117-118).

conquista esse terreno, está em posição de conquistar o mundo [*Tianxia* 天下]. Sabemos que a região no qual essa obra foi produzida, o seu contexto geográfico, está imerso em um conflito geopolítico de onde não haveria uma saída senão o enfrentamento entre os participantes dele. O mundo funcionaria como um palco. Porém, nesse contexto de queda da Dinastia Zhou, o reestabelecimento do governo central, que vem ruindo, é algo visado pelos territórios presentes. O mundo, portanto, é um horizonte para eles. Assim, nossa obra não se desloca desse tema, e aponta uma maneira de conseguir efetivar isso, mesmo que a conquista desse terreno e o reestabelecimento de um governo central estejam profundamente distantes em realidade. Podemos afirmar que ela sopesa essa importância, mas como vemos em seu conjunto, a sobrevivência do próprio Estado guerreiro permanece sendo o ponto de partida e o ponto de chegada.

Após ter saído de sua terra natal e ter atravessado os limites do território adversário, nos encontramos em terreno crítico, uma espécie de terreno oposto ao terreno dispersivo. “Quando um exército penetrou profundamente em território adversário, e possui muitas cidades muradas adversárias a suas costas, ele está em terreno crítico”³⁹⁴ (SUNZI, 1993:111; cap. 11). As dificuldades econômicas desse terreno para quem se estabelece nele são evidentes. A presença adversária dificulta o estabelecimento de uma linha de suprimentos, como sugerido em casos anteriores. Por essa razão, Sunzi sugere que, em terreno crítico, “saqueie os recursos adversários em terreno crítico”³⁹⁵ (SUNZI, 1993:113; cap. 11). Esse é um dos princípios trazidos por Sunzi no capítulo dois (SUNZI, 1993:75, 95; cap. 2, cap. 7). Por outro lado, também devemos supor que o adversário que invadimos espere pela nossa pilhagem. Neste caso, o autor sugere que “em terreno crítico, eu manteria uma linha contínua de provisões”³⁹⁶ (SUNZI, 1993:117; cap. 11). Com isso estabelecemos uma manutenção econômica de recursos para o nosso exército, que invade esse terreno adversário.

Diferente de uma linha de abastecimento realizada por meio do envio de recursos a partir da terra natal, podemos inferir que aqui a manutenção é feita a partir dos recursos adversários. Isso é evidenciado por um trecho anterior a este, onde o autor sugere: “Saqueie os campos mais férteis do adversário”³⁹⁷ (SUNZI, 1993:113; cap. 11), pois, assim, “seu exército

³⁹⁴ Tradução própria de: “When an army has penetrated deep into enemy territory, and has many of the enemy’s walled cities and towns at its back, it is on critical terrain” (SUNZI, 1993:111).

³⁹⁵ Tradução própria de: “plunder the enemy’s resources on critical terrain” (SUNZI, 1993:113).

³⁹⁶ Tradução própria de: “on critical terrain, I would maintain a continuous line of provisions” (SUNZI, 1993:117).

³⁹⁷ Tradução própria de: “Plunder the enemy’s most fertile fields” (SUNZI, 1993:113)

terá amplas provisões”³⁹⁸ (SUNZI, 1993:113; cap. 11). A partir desse caso, podemos questionar quais são os modos de estabelecimento das linhas de suprimentos que o livro sempre volta a tematizar. Isso o autor não deixa explícito. De todo modo, nos é importante o imperativo apontado para quem invade o território adversário (que é terreno dispersivo para o adversário): “Quanto mais profundamente você penetra o território adversário, tanto maior a coesão de suas tropas, e menos provável que o exército anfitrião prevalecerá sobre você”³⁹⁹ (SUNZI, 1993:113; cap. 11). O estabelecimento de uma linha de suprimentos permite manter a unidade do exército.

O terreno difícil é a sétima tipologia de terreno apresentada por Sunzi no capítulo onze. “Montanhas e florestas, perigos naturais e passagens, pântanos e charcos, e quaisquer tais estradas difíceis de atravessar constituem terreno difícil”⁴⁰⁰ (SUNZI, 1993:111; cap. 11). Esse tipo de descrição aparece no capítulo nono, onde se tematiza os posicionamentos em montanha e pântano e, além destes, são descritos outros terrenos de difícil travessia (SUNZI, 1993:101, 103; cap. 9). No caso de termos de atravessá-lo: “avance com pressa em terreno difícil”⁴⁰¹ (SUNZI, 1993:113; cap. 11). Como já sugerido no capítulo nove (SUNZI, 1993:103; cap. 9), devemos nos apressar em terrenos que dificultam a mobilidade e o estabelecimento de nosso exército, sem procurar recuar ao estarmos neles. Nosso autor escreve que “em terreno difícil, eu continuaria a avançar ao longo da estrada”⁴⁰² (SUNZI, 1993:117; cap. 11). Logo em seguida, o autor afirma que “a não ser que você saiba a disposição do terreno [*xing* 形] — suas montanhas e florestas, seus perigos naturais e passagens, seus charcos e pântanos — você não pode despachar o exército nele”⁴⁰³ (SUNZI, 1993:117-118; cap. 11). Devemos evitar entrar em terreno desconhecido — sendo a ignorância rechaçada enquanto condição para a nossa vitória, como já vimos diversas vezes —, daí a importância do conhecimento sobre a geografia possibilitado pelos testemunhos diretos: “a não ser que você possa empregar batedores locais, você não pode transformar o terreno para sua vantagem”⁴⁰⁴ (SUNZI,

³⁹⁸ Tradução própria de: “your army will have ample provisions” (SUNZI, 1993:113).

³⁹⁹ Tradução própria de: “The deeper you penetrate into enemy territory, the greater the cohesion of your troops, and the less likely the host army will prevail over you” (SUNZI, 1993:113).

⁴⁰⁰ Tradução própria de: “Mountains and forests, passes and natural hazards, wetlands and swamps, and any such roads difficult to traverse constitute difficult terrain” (SUNZI, 1993:111).

⁴⁰¹ Tradução própria de: “press ahead on difficult terrain” (SUNZI, 1993:113).

⁴⁰² Tradução própria de: “on difficult terrain, I would continue the advance along the road” (SUNZI, 1993:117).

⁴⁰³ Tradução própria de: “unless you know the lay of the land [*xing* 形] — its mountains and forests, its passes and natural hazards, its wetlands and swamps — you cannot deploy the army on it” (SUNZI, 1993:117-118).

⁴⁰⁴ Tradução própria de: “unless you can employ local scouts, you cannot turn the terrain to your advantage” (SUNZI, 1993:117-118).

1993:117-118; cap. 11).

No caso de um exército encontrar, em um terreno difícil, um bloqueio em seu avanço, pode-se apontar a presença de um terreno vulnerável. O oitavo tipo de terreno é descrito assim por Sunzi: “Terreno que dá acesso através de desfiladeiro estreito, e onde a saída é tortuosa, permitindo ao adversário em número menor atacar nossas forças principais, é terreno vulnerável à emboscada”⁴⁰⁵ (SUNZI, 1993:111; cap. 11). Semelhante à passagem estreita tematizada no capítulo dez da obra (SUNZI, 1993:107; cap. 10), neste caso, após atravessarmos o território de nosso adversário, nosso exército pode se encontrar posicionado em local passível de ser transformado no terreno que veremos a seguir — terreno mortal — por meio de uma emboscada. Nesse tipo de terreno, o autor sugere: “divise planos contingenciais em terreno vulnerável à emboscada”⁴⁰⁶ (SUNZI, 1993:113; cap. 11), reiterando afirmação feita no capítulo oito (SUNZI, 1993:97; cap. 8), possivelmente porque nesse tipo de terreno o adversário possui vantagem caso ele consiga realizar essa emboscada.

Para a força invasora, a perspectiva do terreno vulnerável é descrita do seguinte modo por nosso autor. “Quando você está de costas para terreno fortemente seguro, e você está de frente para um desfiladeiro estreito, você está em terreno vulnerável à emboscada”⁴⁰⁷ (SUNZI, 1993:117; cap. 11). Nesse caso, a força invasora, que acaba de atravessar um terreno crítico, encontra um terreno difícil a sua frente, tornando-a alvo fácil para esse seu adversário. Assim como na passagem estreita (SUNZI, 1993:107; cap. 10), deve-se tomá-la por inteiro para protegê-la: “em terreno vulnerável à emboscada, eu bloquearia os trajetos de acesso e de saída”⁴⁰⁸ (SUNZI, 1993:117; cap. 11). Podemos emboscar uma força invasora ao bloquearmos suas possibilidades de retorno e de avanço. Visando contrariar essa possibilidade, a força que está sendo cercada deve se precaver desse bloqueio e evitá-lo, impossibilitando esse tipo de bloqueio.

Até aqui, pudemos ver que nosso Sunzi descreve o complicado processo de invadir a posição de nosso adversário. Ele o descreve na perspectiva daquele que invade e daquele que é invadido. Isso adiciona um nível de complexidade importante para quem

⁴⁰⁵ Tradução própria de: “Ground that gives access through a narrow defile, and where exit is tortuous, allowing an enemy in small numbers to attack our main force, is terrain vulnerable to ambush” (SUNZI, 1993:111).

⁴⁰⁶ Tradução própria de: “devise contingency plans on terrain vulnerable to ambush” (SUNZI, 1993:113).

⁴⁰⁷ Tradução própria de: “When your back is to heavily secured ground, and you face a narrow defile, you are on terrain vulnerable to ambush” (SUNZI, 1993:117).

⁴⁰⁸ Tradução própria de: “on terrain vulnerable to ambush, I would block off the paths of access and retreat” (SUNZI, 1993:117).

interpreta sua proposta: o processo de invadir não é unilateral, ele será confrontado por um adversário que pode muito bem estar preparado para isso. A sua invasão parte desde a terra natal até o interior da posição adversária. Passamos antes pela intersecção entre territórios, o que nos coloca a possibilidade de articulação de alianças entre eles, tornando a posição adversária mais complicada no conflito contra nós. Ao chegarmos no interior da posição adversária, o que veremos a seguir, nos encontramos no terreno derradeiro do conflito geopolítico, onde o conflito armado se realiza de modo necessário.

6.5.1 O terreno mortal

O último terreno — terreno mortal — é um terreno central para a elaboração de Sunzi. Não somente porque ele será o terreno sobre o qual nossa obra irá elaborar mais, mas também porque ele é o terreno onde o conflito armado realmente se efetiva de modo decisivo e o conflito militar encontra seu momento culminante (vantagem estratégica) de superação entre a vitória ainda não realizada e a vitória a ser realizada. “Terreno no qual você sobreviverá somente se você luta com toda sua força, mas perecerá se você falhar ao fazê-lo, é terreno sem saída”⁴⁰⁹ (SUNZI, 1993:113; cap. 11). Ele é o limite entre a derrota e a vitória, entre a persistência no conflito e a sua superação, e entre a conquista de um adversário nosso e a nossa submissão a ele. Nesse terreno devemos realizar o conflito armado, dada a sua inevitabilidade: “em terreno do qual não há saída, leve a luta ao adversário”⁴¹⁰ (SUNZI, 1993:113; cap. 11).

A força invasora percebe esse terreno na seguinte situação: “Quando você não tem como se virar, você está em terreno sem saída”⁴¹¹ (SUNZI, 1993:117; cap. 11). Nesse caso, Sunzi afirma que, “em terreno no qual não há saída, eu mostraria às nossas tropas minha resolução de lutar até a morte”⁴¹² (SUNZI, 1993:117; cap. 11). Esse é o momento onde, não tendo sido possível evitarmos o conflito armado, devemos realizá-lo de modo que nós sejamos vencedores nele. Esse é o último terreno também por ser o momento no qual estamos

⁴⁰⁹ Tradução própria de: “Ground on which you will survive only if you fight with all your might, but will perish if you fail to do so, is terrain with no way out” (SUNZI, 1993:113).

⁴¹⁰ Tradução própria de: “on terrain from which there is no way out, take the battle to the enemy” (SUNZI, 1993:113).

⁴¹¹ Tradução própria de: “When you have nowhere to turn, you are on terrain with no way out” (SUNZI, 1993:117).

⁴¹² Tradução própria de: “on terrain which there is no way out, I would show our troops my resolve to fight to the death” (SUNZI, 1993:117).

em posição onde, por um lado, invadimos a posição do adversário e estamos no momento decisivo do confronto contra seu exército. Por outro lado, fomos invadidos por ele e devemos decidir a defesa do nosso território contra o exército de nosso adversário. É o momento onde o confronto das estratégias adversárias (SUNZI, 1993:79; cap. 3) convergiu para o confronto dos exércitos adversários. Se um dos princípios que atravessam a obra é não desperdiçar ou desgastar os recursos, então aparentemente nos encontramos em um momento crítico de sua argumentação. Nos vemos diante do como avançar por esse terreno transformando-o em terreno conquistado, sem que para isso arrisquemos a sobrevivência de nosso Estado (SUNZI, 1993:73; cap. 1).

Quando em uma posição da qual não há saída — em terreno mortal ou inexorável —, as tropas do exército, para Sunzi, deverão lutar visceralmente. Para ele, esta é uma situação importante para que as tropas do exército decidam pelo enfrentamento e não desejem recuar. “Jogue suas tropas em situações das quais não há saída, e elas escolherão morrer à deserção”⁴¹³ (SUNZI, 1993:115; cap. 11). Em um momento seguinte, nosso autor invoca um exemplo histórico: “jogue-os em uma situação onde não há saída e eles mostrarão a coragem de qualquer Chuan Chu ou Ts’ao Kuei”⁴¹⁴ (SUNZI, 1993:115; cap. 11). Essas duas figuras históricas são reconhecidas por sua bravura na realização do combate, sem apreço pela própria vida, mas com grande apreço pela vitória e sobrevivência de seu Estado. Eles realizaram vitoriosamente sua disposição militar [*xing* 形] em vantagem estratégica [*shi* 勢] (SUNZI, 1993:87; cap. 5). Portanto, podemos logo inferir que o propósito do comandante deve ser arriscar a vida das tropas do seu exército constantemente para que elas estejam sempre dispostas a lutar.

Pelo contrário, para o autor “jamais foi suficiente depender de cavalos amarrados e rodas de carroça enterradas”⁴¹⁵ (SUNZI, 1993:115; cap. 11). Para ele, o importante é elas entrarem em combate unificadas em propósito a partir delas e não a partir somente da condição necessária imposta pela situação. “O objeto [*dao* 道] da administração militar é efetuar um padrão unificado de coragem”⁴¹⁶ (SUNZI, 1993:115; cap. 11). Não somente para

⁴¹³ Tradução própria de: “Throw your troops into situations from which there is no way out, and they will choose death over desertion” (SUNZI, 1993:115).

⁴¹⁴ Tradução própria de: “throw them into a situation where there is no way out and they will show the courage of any Chuan Chu or Ts’ao Kuei” (SUNZI, 1993:115).

⁴¹⁵ Tradução própria de: “it has never been enough to depend on tethered horses and buried chariot wheels” (SUNZI, 1993:115).

⁴¹⁶ Tradução própria de: “The object [*dao* 道] of military management is to effect a unified standard of courage” (SUNZI, 1993:115).

elas sobreviverem a um terreno mortal, mas também porque esse é o princípio básico para que o governante e sua população estejam harmônicos para enfrentar o conflito — detenham o curso [*dao* 道] (vide capítulo primeiro da obra). Essa harmonia na condução das tropas fica evidente em uma passagem seguinte: “o perito no uso do exército lidera suas legiões como se ele estivesse liderando uma única pessoa pela mão”⁴¹⁷ (SUNZI, 1993:115; cap. 11). E ele completa: “A pessoa pode apenas seguir”⁴¹⁸ (SUNZI, 1993:115; cap. 11).

O modelo de condução harmônica do exército é a serpente súbita [*shuairan* 率然], do Monte Heng: “Se você ataca sua cabeça, sua cauda vem ao seu auxílio; se você ataca sua cauda, sua cabeça vem ao seu auxílio; se você ataca seu meio, tanto a cabeça quanto a cauda vêm ao seu auxílio”⁴¹⁹ (SUNZI, 1993:115; cap. 11). “Suponha que sou perguntado: As tropas podem ser treinadas para serem como essa cobra ‘atacante súbita’? Eu responderia: elas podem”⁴²⁰ (SUNZI, 1993:115; cap. 11). Para o autor, o que constrói essa possibilidade é a combinação de três elementos. “As medidas necessárias para lidar com os nove tipos de terreno, as vantagens que podem ser conquistadas pela flexibilidade ao manobrar o exército, e os padrões básicos do caráter humano”⁴²¹ (SUNZI, 1993:117; cap. 11). Os nove tipos de terreno e os modos pelos quais se deve agir neles estão sendo discutidos até aqui.

A flexibilidade da manobra do exército serve para tornar impossível a previsão dos planos do nosso comandante pelo seu adversário — assim como vimos anteriormente (especialmente no capítulo seis do *Sunzi*) —, pressupondo sobretudo a espionagem (como também já vimos, especialmente no capítulo treze dessa obra). Isso aparece em um trecho posterior com a seguinte redação: “Despache suas tropas e planeje suas estratégias de tal modo que o adversário não possa sondar seus movimentos”⁴²² (SUNZI, 1993:113; cap. 11). A compreensão da psicologia humana e como lidar com ela são tematizados neste capítulo na medida em que ele considera a relação que as tropas estabelecem no terreno e como isso impacta as ações delas.

⁴¹⁷ Tradução própria de: “the expert in using the military leads his legions as though he were leading one person by the hand” (SUNZI, 1993:115).

⁴¹⁸ Tradução própria de: “The person cannot but follow” (SUNZI, 1993:115).

⁴¹⁹ Tradução própria de: “If you strike its head, its tail comes to its aid; if you strike its tail, its head comes to its aid; if you strike its middle, both head and tail come to its aid” (SUNZI, 1993:115).

⁴²⁰ Tradução própria de: “Suppose I am asked: Can troops be trained to be like this ‘sudden striker’ snake? I would reply: They can” (SUNZI, 1993:115).

⁴²¹ Tradução própria de: “The measures needed to cope with the nine kinds of terrain, the advantages that can be gained by flexibility in maneuvering the army, and the basic patterns of the human character” (SUNZI, 1993:117).

⁴²² Tradução própria de: “Deploy your troops and plan out your strategies in such a way that the enemy cannot fathom your movements” (SUNZI, 1993:113).

Em um momento seguinte do capítulo, contudo, esse aspecto do conflito armado é tematizado explicitamente. “Portanto, a psicologia do soldado é: resistir quando cercado, lutar quando obrigado, e obedecer explicitamente quando em perigo”⁴²³ (SUNZI, 1993:117-118; cap. 11). O terreno mortal apresenta essas três características ao mesmo tempo. Isso faz com que colocar as tropas em situação perigosa — de vida ou morte, de onde não há saída — seja importante para que elas não deixem de realizar toda sua disposição militar [*xing* 形] em vantagem estratégica [*shi* 勢]. Porém, a harmonia entre as tropas e seu comandante [*fa* 法] continua sendo fundamental. Para o autor, o caminho é premiar seus soldados e ordená-los de modo não previsível. “Delibere recompensas extraordinárias e disponha ordens extraordinárias, e você pode comandar um exército inteiro como se ele fosse apenas um homem”⁴²⁴ (SUNZI, 1993:118; cap. 11).

Devemos, contudo, recompensar as tropas a partir de critérios explícitos, mesmo que em momento não ordinário, conforme tematizado nos capítulos nove (SUNZI, 1993:103-105; cap. 9) e dez (SUNZI, 1993:109-110; cap. 10) da obra. Afinal, a consistência na distribuição de recompensas é um critério importante para se avaliar o lado vencedor, conforme apontado no capítulo um (SUNZI, 1993:74; cap. 1) do *Sunzi*. Sobre a determinação de ordens extraordinárias, o autor acrescenta: “Dê às tropas suas incumbências, mas não as revele seus planos; coloque-as para encarar os perigos, mas não as revele suas vantagens”⁴²⁵ (SUNZI, 1993:118; cap. 11).

Após conseguir estabelecer a unidade harmônica que vem sendo elaborada até aqui, colocar as tropas em terreno mortal, quando necessário, se torna decisivo. “Somente se você joga-as em situações de vida ou morte elas sobreviverão; somente se você as mergulha em lugares de onde não há saída elas ficarão vivas”⁴²⁶ (SUNZI, 1993:118; cap. 11). E a vitória se segue do mesmo modo: “Somente se os soldados rasos mergulharam no perigo eles podem transformar a derrota em vitória”⁴²⁷ (SUNZI, 1993:118; cap. 11). A partir de tudo que discutimos até aqui, podemos argumentar que essa forma de engajamento — onde as nossas

⁴²³ Tradução própria de: “Thus the psychology of the soldier is: / Resist when surrounded, / Fight when you have to, / And obey orders explicitly when in danger” (SUNZI, 1993:117-118).

⁴²⁴ Tradução própria de: “Confer extraordinary rewards and post extraordinary orders, and you can command the entire army as if it were but one man” (SUNZI, 1993:118).

⁴²⁵ Tradução própria de: “Give the troops their charges, but do not reveal your plans; get them to face the dangers, but do not reveal the advantages” (SUNZI, 1993:118).

⁴²⁶ Tradução própria de: “Only if you throw them into life-and-death situations will they survive; only if you plunge them into places where there is no way out will they stay alive” (SUNZI, 1993:118).

⁴²⁷ Tradução própria de: “Only if the rank and file have plunged into danger can they turn defeat into victory.” (SUNZI, 1993:118).

tropas devem enfrentar militarmente nosso adversário — é a forma derradeira de enfrentamento (ou penúltima, antes de assaltar cidades muradas, segundo o capítulo três da obra), após termos esgotado todas as possibilidades de derrotarmos as estratégias adversárias e desfazer as suas alianças.

Os últimos trechos desse capítulo ilustram bem essa dupla perspectiva. Sunzi está entre evitar ao máximo o conflito armado, evitando desperdiçar recursos, e, caso contrário, engajar-se ao máximo nele, quando for necessário fazê-lo, pois somente assim se sairá vitorioso dele. “Portanto, o negócio do empreendimento bélico jaz em estudar cuidadosamente os desígnios do adversário”⁴²⁸ (SUNZI, 1993:118; cap. 11). A compreensão da estratégia de nosso adversário permite nos engajarmos contra aquilo que o sustenta. “Foque sua força no adversário e você pode arrasar seu comandante a um milhar de *li* [li 里]. Isso se chama realizar seu objetivo pelas suas vitórias e sua habilidade”⁴²⁹ (SUNZI, 1993:118; cap. 11). Por outro lado, no caso da guerra ter de ser efetivada, “no dia em que uma declaração de guerra é feita, feche as passagens, destrua todos os instrumentos de acordos, e proíba qualquer contato posterior com os emissários adversários”⁴³⁰ (SUNZI, 1993:118; cap. 11).

Após o encerramento das negociações: “Quando o adversário deixa uma abertura, você tem de correr contra ele. Primeiro, busque por alguma coisa que ele não pode se dispor a perder, e não deixe-o saber o instante de seu ataque”⁴³¹ (SUNZI, 1993:118; cap. 11). Por um lado, podemos interpretar essa passagem como o início do conflito geopolítico como um todo. Por outro lado, essa interpretação nos é difícil, pois o conflito é algo configurado historicamente, não sendo meramente uma decisão de um Estado (não haveria um momento anterior de paz perpétua para onde se poderia retornar). Seguro é afirmar que se toma e declara a decisão pela possibilidade do emprego de forças armadas contra o Estado adversário.

Nesse caso, o contato com os emissários adversários são proibidos para que eles não tentem dissuadir um avanço militar. Apesar de o capítulo nove tematizar a presença dos

⁴²⁸ Tradução própria de: “Therefore, the business of waging war lies in carefully studying the designs of the enemy” (SUNZI, 1993:118).

⁴²⁹ Tradução própria de: “Focus your strength on the enemy / And you can slay his commander at a thousand li [li 里]. / This is called realizing your objective by your wins and your skill” (SUNZI, 1993:118).

⁴³⁰ Tradução própria de: “on the day a declaration of war is made, close off the passes, destroy all instruments of agreement, and forbid any further contact with enemy emissaries” (SUNZI, 1993:118).

⁴³¹ Tradução própria de: “When the enemy gives you the opening, you must rush in on him. Go first for something that he cannot afford to lose, and do not let him know the timing of your attack” (SUNZI, 1993:118).

emissários no desenvolvimento do conflito armado, o que se apresenta neste caso, e parece ser explícito, é a presença do emissário enquanto alguém que pode construir um acordo diplomático. Como tematizado no capítulo nove da obra, o emissário passa a ser alguém a se desconfiar, pois o conflito armado é o que parece definir o atual desenvolvimento das relações geopolíticas, e não a diplomacia.

O terreno mortal é o terreno que se configura quando nos encontramos dentro da posição do adversário. Nele, toda a força do exército deve ser direcionada à vitória. Ele também é o momento onde uma aparente posição estratégica [*xing* 形] ruim pode ser transformada em uma vantagem estratégica [*shi* 勢] que leva à vitória. A sua descrição coloca-o como terreno central para lidar com o fato do conflito armado ser incontornável no contexto histórico de nossa obra, e deve ser considerado no desenvolvimento das formas superiores de engajamento geopolítico — nas estratégias e nas alianças.

6.6) “Ataque Incendiário” (Capítulo 12)⁴³²

O capítulo doze, que encerra esse bloco temático, trata do uso do fogo na guerra. Ele trata dos modos pelos quais poderíamos — no contexto histórico de nossa obra — destruir os recursos adversários aproveitando as condições naturais e sem gastar muitos recursos próprios para isso. Esse capítulo tematiza diretamente o céu [*tian* 天] (SUNZI, 1993:73; cap. 1), e trata dos aspectos que o compreendem, como a astronomia, a climatologia e a meteorologia. Por se tratar da destruição de recursos, mesmo que adversários, devemos trazer o que Sunzi sugere no capítulo três (SUNZI, 1993:79; cap. 3), e nos questionarmos em qual momento esse tipo de ataque é viável.

Sunzi descreve cinco tipos de ataques incendiários. “O primeiro se chama pôr fogo em pessoal; o segundo, nos armazéns; o terceiro, nos veículos de transporte e nos equipamentos; o quarto, nas munições; o quinto, nas instalações de suprimentos”⁴³³ (SUNZI, 1993:121; cap. 12). Dada a ordem apresentada, podemos perceber que há uma aparente gradação de alvos desde aqueles mais importantes para serem preservados, os recursos mais valiosos — começando pelo pessoal, que pode ser usado como força de trabalho na produção econômica. O último, por sua vez, diz respeito às instalações de suprimentos para o exercício

⁴³² Segundo a tradução de Ames (1993), “Incendiary Attack” [*huo gong* 火攻].

⁴³³ Tradução própria de: “The first is called setting fire to personnel; the second, to stores; the third, to transport vehicles and equipment; the fourth, to munitions; the fifth, to supply installations” (SUNZI, 1993:121).

da guerra — dado que os suprimentos para a sobrevivência de modo mais geral é o segundo item, armazéns. Outro modo de interpretarmos esse ordenamento pode ser apontando que o mais necessário e fundamental para a realização da guerra é o pessoal, e o menos importante são as instalações de suprimentos, dado que estas necessitam daquele para serem úteis. Além disso, o pessoal pode produzir instalações de suprimentos, enquanto o inverso não é verdadeiro, apesar de em certa medida poder participar dessa produção. Portanto, o alvo mais importante para ser preservado e destruído é o pessoal.

Sunzi descreve, em seguida, as condições para realizarmos um ataque incendiário. “De modo a usar fogo, tem de haver algum combustível inflamável [*yin* 因], e tal combustível tem de sempre ser mantido em prontidão”⁴³⁴ (SUNZI, 1993:121; cap. 12). Esse apontamento do autor é importante. Por um lado, indica que o ataque incendiário requer preparo anterior, pois devemos estar de prontidão para realizarmos o plano de utilizá-lo. Por outro lado, aponta que o exército que pretende usá-lo pode apresentar esse plano a um possível espião, pois o combustível sinalizaria essa intenção de realização de um ataque incendiário. Anterior a esse momento, deve-se considerar as condições do céu para efetivá-lo. “Existem estações apropriadas para usar fogo, e dias apropriados que ajudarão a soprar as chamas”⁴³⁵ (SUNZI, 1993:121; cap. 12). Sobre os aspectos climatológicos, as estações do ano apropriadas são “quando o clima está quente e seco”⁴³⁶ (SUNZI, 1993:121; cap. 12). Quando nesta estação do ano, as condições meteorológicas estão presentes naqueles dias “quando a lua passa pelas constelações de Cesta de Ciranda, Parede, Asas, e Plataforma de Carruagem”⁴³⁷ (SUNZI, 1993:121; cap. 12). Pois, geralmente, “essas quatro constelações sinalizam os dias quando os ventos ascendem”⁴³⁸ (SUNZI, 1993:121; cap. 12). Com isso, nos é necessário também o conhecimento da astronomia para a planejarmos e realizarmos um ataque incendiário.

Finalmente, Sunzi tematiza a realização do ataque incendiário. “Com o ataque incendiário, você tem de variar sua resposta ao adversário de acordo com [*yin* 因] as diferentes mudanças em suas situações induzidas por cada um dos cinco tipos de ataques”⁴³⁹

⁴³⁴ Tradução própria de: “In order to use fire there must be some inflammable fuel (*yin*), and such fuel must always be kept in readiness” (SUNZI, 1993:121).

⁴³⁵ Tradução própria de: “There are appropriate seasons for using fire, and appropriate days that will help fan the flames” (SUNZI, 1993:121).

⁴³⁶ Tradução própria de: “when the weather is hot and dry” (SUNZI, 1993:121).

⁴³⁷ Tradução própria de: “when the moon passes through the constellations of the Winnowing Basket, the Wall, the Wings, and the Chariot Platform” (SUNZI, 1993:121).

⁴³⁸ Tradução própria de: “these four constellations mark days when the winds rise” (SUNZI, 1993:121).

⁴³⁹ Tradução própria de: “With the incendiary attack, you must vary your response to the enemy according to [*yin* 因] the different changes in his situation induced by each of the five kinds of attack” (SUNZI, 1993:121).

(SUNZI, 1993:121; cap. 12). Para o autor, cada alvo de incêndio, quando atingido, provoca o adversário de um modo diverso e exige uma resposta adequada. Apesar de não aprofundar nos tipos de resposta para cada tipo de ataque, ele aponta alguns casos. “Quando o fogo é posto dentro do campo do adversário, responda de fora no momento mais breve possível”⁴⁴⁰ (SUNZI, 1993:121; cap. 12). Isso configura uma situação onde o adversário, necessitando sair do incêndio, sai direto em face daquele que provocou esse incêndio. “Se, a despeito do alastramento do fogo, as tropas adversárias se mantêm calma, espere pela oportunidade adequada e não ataque”⁴⁴¹ (SUNZI, 1993:121; cap. 12). O autor descreve uma situação onde o fogo não provocou uma reação negativa no adversário, pois, possivelmente — podemos inferir — ele pode ter esse incêndio sob controle. A oportunidade adequada é descrita em seguida: “Deixe o fogo alcançar a sua mais alta altura, e, se você pode atravessá-lo, faça isso. Se você não pode, fique onde você está”⁴⁴² (SUNZI, 1993:121; cap. 12). Sugere-se, portanto, que o incêndio não seja controlado, porém queime de modo que ainda seja possível atravessá-lo para alcançar o adversário que esteja sendo consumido por ele.

Sendo possível lançar um ataque incendiário dentro do acampamento adversário a partir de fora, o autor sugere não enfrentar o adversário nesse momento, mas esperar o momento adequado. “Se você é capaz de acender um fogo a partir de fora, não espere para entrar, mas acenda-o quando o tempo estiver certo”⁴⁴³ (SUNZI, 1993:121; cap. 12). Possivelmente no momento quando a realização da posição estratégica em vantagem estratégica seja maior que a do adversário por conta do incêndio a ser provocado.

Devemos nos atentar sempre à direção imediata do vento: “Se o fogo é posto a barlavento, não ataque a partir do sotavento”⁴⁴⁴ (SUNZI, 1993:121; cap. 12). Pois, seguindo o argumento geral do livro, deve-se atacar a partir de uma posição segura e vantajosa. Além dessa consideração sobre a relação do fogo com o vento no ataque, o autor comenta sobre a força do vento no decorrer do dia: “Se o vento sopra persistentemente durante o dia, ele

⁴⁴⁰ Tradução própria de: “When the fire is set within the enemy’s camp, respond from without at the earliest possible moment” (SUNZI, 1993:121).

⁴⁴¹ Tradução própria de: “If in spite of the outbreak of fire, the enemy’s troops remain calm, bide your time and do not attack” (SUNZI, 1993:121).

⁴⁴² Tradução própria de: “Let the fire reach its highest, and if you can follow through, do so. If you cannot, stay where you are” (SUNZI, 1993:121).

⁴⁴³ Tradução própria de: “If you are able to raise a fire from outside, do not wait get inside, but set it when the time is right” (SUNZI, 1993:121).

⁴⁴⁴ Tradução própria de: “If the fire is set from upwind, do not attack from downwind” (SUNZI, 1993:121).

morrerá a noite”⁴⁴⁵ (SUNZI, 1993:121; cap. 12). Ao empregar o ataque incendiário, devemos nos atentar à disposição do fogo no território adversário e a posição estratégica dele, em conjunto com a direção do vento, para assim podermos agir de modo adequado contra esse adversário.

Nesse trecho final, Sunzi se dedica a tematizar o uso da água. “Aquele que usa o fogo para auxiliar o ataque é potente; aquele que usa a água para auxiliar o ataque é enérgico”⁴⁴⁶ (SUNZI, 1993:122; cap. 12). A água, tematizada no capítulo nove (SUNZI, 1993:101; cap. 9), volta a ser apontada como importante meio para realização do combate. “A água pode ser usada para isolar o adversário; mas não pode ser usada para privá-lo de seus suprimentos”⁴⁴⁷ (SUNZI, 1993:122; cap. 12). Diferente do fogo, a água não destrói os recursos do adversário, mas possibilita dificultar seu uso, limitando-o.

O ataque incendiário (e seu complemento, o ataque com água) é uma forma de engajamento militar muito importante para o desenvolvimento do conflito. Ele que exige conhecimento tanto da posição adversária e preparação prévio, quanto conhecimento das condições climáticas [*tian* 天] de sua efetivação. Serve para minorar as condições humanas e materiais adversárias, desarticulando e desestabilizando sua posição estratégica [*xing* 形] — seja ela qual for, desde que realizado em condições favoráveis. A água aparece como meio para isolar o adversário de seus recursos materiais e humanos (algo tematizado em outra perspectiva no capítulo nove de nossa obra), diferente do fogo, que visa a destruição.

6.7) Conclusão

O terceiro bloco temático, o último neste recorte interpretativo, discute a geografia na qual o conflito — especialmente o conflito armado — se encerra e a prática situada nela. Sunzi estabelece uma série de tipologias geográficas e a prática correspondente a cada tipo de geografia. Essa geografia — longe de ser somente a descrição de um tipo de espaço geográfico sem relação alguma com quem agirá nele e como será esse agir — é a descrição de uma configuração geográfica entre o espaço geográfico e quem o atravessa. Isso se torna mais

⁴⁴⁵ Tradução própria de: “If the wind blows persistently during the day, it will die down at night” (SUNZI, 1993:121).

⁴⁴⁶ Tradução própria de: “He who uses fire to aid the attack is powerful; / He who uses water to aid the attack is forceful” (SUNZI, 1993:122).

⁴⁴⁷ Tradução própria de: “Water can be used to cut the enemy off; / But cannot be used to deprive him of his supplies” (SUNZI, 1993:122).

agudizado no capítulo onze, onde a configuração também leva em conta a perspectiva de quem a atravessa — as tropas de nosso exército —, pois esta altera as possibilidades de ação no espaço geográfico.

Essa preocupação pode ser vista também nos capítulos anteriores, especialmente quando consideramos a superposição entre as geografias que são descritas e aqueles que as atravessarão, posicionando essa geografia na prática. O capítulo doze trata do recurso ao fogo — e, em menor ênfase, o recurso à água — para destruir ou imobilizar o adversário, sendo importante para compreendermos a visão do autor sobre o tema e, principalmente, como o que ele chama de céu pode ser apropriado na prática militar. Faz importante notar a centralidade que uma posição geográfica adequada para a realização decisiva da batalha — a do terreno mortal — tem para vencermos nosso adversário. Ela deixa ainda mais evidente a importância que o autor dá não somente para a geografia, mas para como ela é percebida por quem está nela.

Conclusão – “*A Arte da Guerra de Sunzi*” como obra de geopolítica

O livro *A Arte da Guerra* de Sunzi trata de geopolítica. O contexto de produção dessa obra apresenta, para nós, um problema geopolítico que ainda não se encontrava imediato para aqueles desse contexto. A guerra era o fundamento dessa geopolítica e um mediador importante para o seu fenômeno. Nossa obra tratou dela. O fenômeno bélico era tanto algo a ser empreendido quanto algo que deveria ser evitado. O Período de Estados Combatentes (séc. V-III aec.), parte fundante da história da China, é marcado pela generalização do conflito armado. A sua importância nesse momento é tanto para a afirmação de uma autonomia por um território diante de outros quanto para a expansão e consolidação desse território no curso de sua existência. Ao mesmo tempo que serve para a produção do espaço desses territórios e como um instrumento político, o combate pelas armas é uma forma de sacrifício pelo território que o profana. A mobilização das tropas do exército exige que seus conterrâneos se dediquem a produzir um excedente de riqueza que o sustente; que o território, de modo mais amplo, se dedique a sustentar a sua mobilização. Quando o exército entra em marcha para conquistar mais poder político e econômico, seu território acaba por enfraquecer-se economicamente. Como a conversão de camponeses em soldados não parece ter sido algo trivial, dada as transformações sociais que exigiu, e como o exército exige uma dedicação maior daqueles que ficam em sua terra natal, há também um problema político emergente no interior do território. A empresa da guerra enquanto algo necessário, está permeada de contradições. Podemos perceber que a geopolítica, portanto, se configura como um problema histórico desse período.

O *Sunzi*, por sua vez, elabora esse problema a partir do seu fundamento na guerra. Contudo, nossa obra não se reduz a tratar somente desse tema. Ela apresenta esse assunto por meio de um amplo diagnóstico a respeito do seu tempo, o que nos possibilita compreender a sua perspectiva. Em seu texto podemos ler uma busca por uma elaboração mais avançada sobre seus problemas históricos. A própria história é tomada em diversos momentos, com seu suposto autor tentando interpretá-la sob um novo olhar. O fenômeno bélico está alicerçado sobre um problema econômico. Por um lado, isso aponta para uma conexão de seu diagnóstico com o fenômeno histórico. Por outro lado, a interpretarmos desse modo permite que compreendamos a unidade interna de seu argumento. A guerra deve ser evitada, apesar de incontornável. Ela também deve ser encarada de frente, apesar de colocar tudo em risco. Não

sendo pacifista nem belicista, a obra avalia a dualidade contraditória desse fenômeno de sua história. A economia, por sua vez, sendo fundamental para essa compreensão, não se reduz somente a questões contábeis. Ela implica toda a sociedade. Por isso seu diagnóstico também compreende as transformações sociais, desde a população camponesa transformada em soldado, até o atual papel do governante e de seu comandante nesse empreendimento. Nossa obra, portanto, elabora com bastante profundidade a respeito do problema geopolítico histórico que se apresenta em seu contexto.

Sobre esse diagnóstico nosso *Sunzi* edifica três pilares. Eles dizem respeito ao conhecimento da geopolítica, à sua estrutura e, finalmente, à sua prática. E aqui chamamos de geopolítica por duas razões. A primeira razão é pelo fato de a obra elaborar sobre um problema histórico que é geopolítico. A segunda, por essa elaboração não se dar somente tendo como foco a aplicação do conflito armado, mas, pelo contrário, ela dizer respeito a tudo aquilo que está implicado nessa espécie de conflito, colocando a estratégia e as alianças diplomáticas como momentos anteriores e superiores a ele. Esses pilares visam atacar seu problema geopolítico tendo como ponto de articulação central o planejamento. Daí que o conhecimento, a estruturação e a prática da geopolítica são fundamentais para que cada ação nesse conflito seja realizado com seriedade.

Ao tratar do conhecimento da geopolítica, nossa obra apresenta quatro pontos importantes. Primeiro, que o que se quer estudar é algo problemático e necessário. Atacando a questão bélica como fundamento desse problema, ela avalia que conhecer esse conflito em suas mais diversas dimensões se constitui em tarefa fundamental para aquele que encara sua gravidade. O segundo ponto é o conhecimento de cada lado do conflito. Nossa obra elenca cinco aspectos principais que devem ser levados em conta nessa avaliação. O primeiro deles diz respeito à conexão entre a população e seu governante, o que é historicamente importante. O segundo e o terceiro deles dizem respeito aos fenômenos atmosféricos e terrestres, sem o conhecimento dos quais não se consegue mobilizar e empregar o exército. O quarto deles é o comando, que trata é quem articula o exército. Por fim, o quinto aspecto é a estrutura de organização do exército, sua materialidade e relações que permitem seu sustento. Esses aspectos servem para construir uma avaliação de cada um dos lados do conflito. Em seguida, o terceiro ponto é a comparação. Os lados do conflito devem ser avaliados comparativamente, para que seja possível determinar quem tem maiores chances de vencer nele. A fonte desse conhecimento, segundo a obra aponta, vem do testemunho direto. Esse quarto e último ponto

é essencial. A espionagem se torna difundida nessa sociedade e seu emprego militar, além do político, é basilar para esse testemunho direto. Nossa obra, portanto, apresenta um caminho para se conhecer a geopolítica que procura ser realista em sua avaliação.

Aquilo que nossa obra toma como objeto de seu conhecimento — o conflito geopolítico — possui uma estrutura. A sua descrição passa por quatro aspectos fundamentais, atravessados por quatro concepções sobre ela. Esses quatro aspectos dizem respeito à posição estratégica, à vantagem estratégica, à afinação temporal e à variação de operações. A posição estratégica é a relação que um lado do conflito estabelece com seu adversário enquanto algo indivisível (no sentido de não fragmentável e imprevisível) no interior de um plano estratégico. Ela é um momento necessário para a posterior consecução da vitória por esse lado posicionado estrategicamente. Para isso, faz-se necessário transformar esse posicionamento em vantagem estratégica, que é o momento no qual o conflito — que está configurado com forças diversas, mas ainda não decididas — é direcionado pelo lado que expressa seu poder de modo melhor posicionado. Para isso, conhecer o instante preciso dessa expressão de forças se torna crucial. Daí que não basta estar em posição estratégica para transformá-la em vantagem estratégica, sendo necessário uma afinação temporal precisa. A variação de operações torna possível todo esse processo, fazendo com que cada lado da contenda não seja previsto e possa fragmentar o outro. Agir conforme se espera e de modo inesperado torna possível reconfigurar o jogo de forças de modo que alguém aparentemente perdedor produza sua vitória. Para tanto, o emprego das armas não pode ser concebido desvinculado do plano estratégico, que, por sua vez, não deve ser pensado sem a possibilidade da mobilização do exército. O *Sunzi*, portanto, elabora uma estrutura própria para o problema que enfrenta, permitindo que o conhecimento sobre ele parta de uma realidade possível dada por essa formalização

Por fim, o terceiro pilar de nossa obra está na prática apoiada nessas bases anteriores. Podemos interpretar quatro etapas para essa prática. A primeira dela diz respeito ao conjunto de práticas que não devem ser realizadas. Esse início negativo é importante para que se garanta tanto a implementação do plano por um caminho seguro quanto se evite tomar atitudes que minoram esses planos apesar de parecerem inovadoras. Considerando isso, a segunda etapa diz respeito à mobilização e estabelecimento do exército considerando as disposições naturais do espaço geográfico, a geografia física. Aqui o *Sunzi* elabora a posição estratégica adequada a cada geografia, e o modo geral para constituir habitação nelas. Esse

processo de mobilização e estabelecimento do exército produz efeitos perceptíveis na paisagem, o que se toma como fonte para inferir como um lado do conflito pode estar configurado internamente. Essa inferência também é possível com base nas formas de relação que um lado do conflito estabelece com o outro pelo discurso e pela ação. O conhecimento sobre a geopolítica tem suas fontes ampliadas. A etapa seguinte visa descrever as situações possíveis a serem encontradas no curso do conflito, e como é possível planejar formas para lidar com elas antes que elas se apresentem. Esse planejamento prévio permite que um lado dessa contenda se adiante ao outro, impedindo que um adversário a conduza em benefício próprio. Ao mobilizar de fato o exército, tem-se a quarta etapa. Ela descreve as situações que se apresentam na mobilização do exército levando em consideração o espaço geográfico no qual ele se encontra e como o comportamento das tropas é condicionado por esse espaço. O planejamento estratégico não é suspenso nesse momento, mas deve ser levado às últimas consequências. Aqui a transformação da posição estratégica em vantagem estratégica exige tanto maior perícia quanto maior cuidado, pois a força militar se encontra em marcha até a posição adversária. No coração do território adversário se configura o terreno mortal, situação na qual os soldados invasores devem lutar até o fim. Esse fim depende principalmente do desenvolvimento estratégico e econômico até ele, dado que o território invasor sustenta uma força invasora. O que se visa finalmente é a virada da balança, tomando o adversário para si. Pode-se perceber que essa obra, portanto, apresenta uma prática geopolítica bastante elaborada para enfrentar seu problema histórico sem deixar de lado as reverberações complexas dessa prática.

O *Sunzi* não partidariza com um pacifismo nem com um belicismo. Essa obra encara de frente o problema que a guerra impõe ao seu contexto histórico. Por um lado, guerrear se figura como um problema por ser um meio importante para ampliar as riquezas do Estado e reproduzir sua classe política. Por outro lado, e por isso, guerrear é um problema por ser a via crucis pela qual um Estado pode vir a ser destruído. Isso é tomado em consideração em dois aspectos importantes. A estratégia precisa levar em consideração tanto o planejamento do curso do conflito quanto o desenvolvimento material que ele torna necessário. Isso para destronar o adversário enquanto lado contrário. Por essa razão a estratégia é o melhor caminho, pois ela amplia as próprias forças e submete os adversários sem, para isso, ter de colocar em risco de destruição nenhum dos lados. Apesar desse caminho ser o principal, isso não quer dizer que o emprego das armas é rechaçado. Pelo contrário, ele é

o instrumento central para que essa estratégia tenha alguma gravidade. Desarmar o adversário não é o resultado de um jogo diplomático preciso, mas um esvaziamento do significado bélico desse armamento adversário. O adversário deve ser levado a colocar para dentro de si essa conflitualidade tornando-se confuso e previsível. Enquanto que devemos nos tornar, para ele, inescrutáveis e objetivos. Mesmo aquele aparentemente fraco pode ser quem que se sai melhor no conflito, vencendo. O conflito armado, por seu turno, é um momento no interior desse desenvolvimento estratégico, no qual a força armada deve descarregar seu último e mais elevado poderio. A guerra somente pode ser pensada em um contexto onde o conflito, apesar de tê-la como fundamento, não se reduz a ela,

A interpretação de que o *Sunzi* trata de geopolítica somente é possível caso esta seja tomada como um fenômeno histórico que é problemático pela sua constituição. Nossa obra possui em si a descrição completa do seu contexto, mas apresenta a elaboração dele enquanto um problema complexo. Os fenômenos que ela trata não se encontram totalmente reduzidos em seu interior, mas configurados a partir dessa perspectiva que ela defende. Uma visão histórica privilegiada como a nossa permite compreender que ela mesma possui seus avanços e suas limitações. Ela encara com seriedade a questão das armas, a ponto de por vezes parecer rechaçá-la. Isso também aparece quando ela afirma sua necessidade, apontando a necessidade do emprego tanto planejado quanto bem executado, fazendo com que o seu emprego seja breve e o menos danoso possível para ambos os lados. Por essa seriedade ela não propõe saídas senão entrar por essa porta. Essa obra está submersa em seu contexto e se percebe como parte de uma história guerreira que lhe é muito anterior. Apesar disso, o caminho interpretativo adotado para examinar sua elaboração geopolítica permite que vejamos talvez o seu limite mais cabal.

Longe de tentarmos impingir a nossa obra com uma tarefa impossível para o seu contexto histórico, cabe a nós avaliar o seu significado também para nós. Para o seu contexto, ela parece ser profunda e adequada. Para o nosso, percebemos que essa perspectiva de falta de saída é um limite para o nosso emprego. Pelo menos sem uma mediação importante. O *Sunzi* não reconhece essa guerra como fenômeno condicionado historicamente. Para nós, isso implica na naturalização de algo que sabemos aparecer, se desenvolver e desaparecer, e se reconfigurar em um momento posterior no curso da história. O mais próximo que ela faz da negação da guerra é a desconfiguração do adversário enquanto força contrária, esvaziando o valor de suas armas. Essa abordagem é apresentada como uma perspectiva do bélico enquanto

repleto de condições. Essas condições, porém, não são aprofundadas enquanto parte de um mesmo curso que pode ser negado de modo determinante. Isso, porém, não nos esvazia completamente seu sentido. Ela aponta para caminhos de resolução de objetivos no interior do conflito onde ambas as partes não são destruídas, mas as forças adversárias são esvaziadas. O adversário desaparece agora para reaparecer posteriormente. Ele segue sendo produzido por trás das costas. A sua cegueira histórica, em nossos termos, abre caminho para que ela seja interpretada como uma obra que lida com um conflito quando nos encontramos imersos a ele, incapazes de emergirmos para observarmos o movimento do oceano que é a história.

Nossa interpretação da geografia e da geopolítica dessa obra pode contribuir com a história da geografia e da geopolítica em alguns aspectos importantes. Primeiramente, ao entrarmos na perspectiva histórica elaborada por ela, podemos ampliar nosso repertório de abordagens e categorias (derivadas de suas questões) para enxergarmos aquilo que a nossa própria trajetória pode nos ter feito deixar de perceber. Em segundo lugar, esse caminho possibilita uma história intercultural da geografia, transformando a geografia de um conjunto de conceitos ligados a uma certa matriz cultural para uma forma histórica de elaboração de problemas, principalmente aqueles ligados à sociedade e sua produção do espaço. Terceiro, essa compreensão da ciência geográfica a coloca conectada com a sua geografia histórica, fazendo com que a compreensão da economia, da política e de outros fenômenos sociais sejam fundamentais para sabermos como esse espaço geográfico foi produzido em conjunto com uma ciência dele. Nossa pesquisa amplia o caminho para a compreensão da geografia histórica da China Antiga ao resgatar a geografia do *Sunzi* e possibilita que façamos uma nova trilha para encontrarmos as soluções para as questões contemporâneas.

Em quarto lugar, no âmbito da geopolítica, apreendemos uma forma de tratar desse tema que não se limita a apenas uma análise do discurso geopolítico. Nossa obra investiga como os territórios expressam seus projetos na geografia. Por um lado, essa expressão não depende a princípio de discursos, pois se dá sobretudo pela configuração de um dado Estado no espaço geográfico. Por outro lado, nossa obra propõe caminhos para nos expressarmos geograficamente de modo que nosso adversário não seja capaz de apreender contra o que ele está lutando. Assim, essa interpretação abre caminhos para lidar com questões geopolíticas em várias dimensões, possibilitando ainda mais o diálogo com contribuições contemporâneas.

Nossa interpretação se encontra limitada em diversos aspectos. Acreditamos que

um trabalho mais detido na investigação sobre a Dinastia Zhou do Leste, especialmente a transição para e o próprio Período de Estados Combatentes, deva ser aprofundada em termos geográficos. Faz-se importante investigarmos a geografia que esse contexto histórico produziu. Isso possibilita avaliar com mais profundidade a intervenção proposta pelo *Sunzi* e em que medida ela pode ter produzido algum efeito. Ao mesmo tempo, discutir sobre esse contexto é algo repleto de dificuldades com relação às fontes (muitas são recentes e estão sendo descobertas), ao detalhamento (não somente pelo fato de nossa obra ter sido escrita durante quase um século, mas com relação à reconhecer as particularidades históricas que a condicionaram), e à própria distância dele para nós. Interpretar essa obra não é somente um processo de descrição cada vez mais profunda de sua estruturação sobre o processo histórico. Interpretá-la é também fazê-la habitar nosso mundo, e incorporá-la em nós. É tomar sua perspectiva, reconhecer os problemas que a fizeram surgir, e reconhecer como podemos caminhar nesse nosso contexto por um caminho melhor. Esta pesquisa procura avançar, mesmo que ainda de forma tímida, nesse sentido.

Acreditamos que, para alcançarmos esse propósito, que é possível, implica em escolhermos novas trajetórias para continuarmos essa pesquisa. Podemos elencar três principais que estão interconectados. O primeiro trajeto seria investigar a recepção dessa obra no contexto de matriz europeia. Isso porque sua recepção parece estar conectada com o desenvolvimento da sociedade capitalista, e em seus momentos históricos. A longevidade da tradição dessa obra deve ser encarada como uma questão que implica não somente a história da China, como a história da sociedade capitalista. Há algo no mundo do Período de Estados Combatentes que se encontra reconfigurado em nosso mundo, daí a significância histórica desse clássico chinês. Por isso ela está presa ao seu contexto de produção, mas se encontrou em toda parte, inclusive nesta pesquisa. Um segundo trajeto, mais extenso, visa compreender a circulação desse texto desde o interior da civilização chinesa, passando pelo leste asiático, até se tornar parte da coleção de objetos da colonização e imperialismo europeus. Essa circulação não se deu somente pela reprodução da materialidade da obra, mas pela produção de obras derivadas e que até compuseram um tipo de edição dessa obra. A tradição dessa obra deve ser objeto de investigação para que a própria interpretação de seu significado seja aprofundada. Os contextos de recepção no processo de desenvolvimento de sua tradição são os diversos mundos nos quais ela foi capaz de habitar. Esses mundos guardam questões para as quais essa obra serviu como chave. O terceiro trajeto trata do exame detido do processo

histórico que vinha se desenvolvendo no seu contexto de produção, e as reverberações parciais no contexto imediato a sua produção. Aqui nos caberia avaliar as transformações ocorridas tanto na geopolítica quanto na guerra até a sua produção e depois dela, no que podemos chamar de contexto imediato de recepção. Com esses três trajetos, algumas limitações encontradas nesta pesquisa poderão ser superadas.

Entretantes, espera-se publicar algumas discussões que surgiram, mas não couberam no espaço desta dissertação. No *Sunzi*, como bem vimos, há uma discussão teórica elaborada e que reverbera em toda sua estrutura. Uma delas diz respeito às concepções teórico-filosóficas, que tratam de questões muito além daquelas ligadas à geopolítica, e que atravessam temas do próprio contexto dela, como aquelas sobre [*dao* 道] e [*fa* 法]. Uma discussão sobre essas concepções pressupõe um debate mais aprofundado com autores que já vieram debatendo esse tema e um diálogo com as discussões que apareciam nesse contexto da obra. Outra discussão diz respeito às concepções teórico-geográficas. Esse debate pode nos permitir ampliar o repertório de referenciais em teoria e epistemologia da geografia. Uma terceira procura aprofundar o debate sobre a questão prática da geopolítica. Avaliando as proposições da obra com as discussões geográficas e arquitetônicas já existentes. Por fim, como deve ser evidente por si só, pode-se dizer que há ainda muito a se discutir sobre esse texto clássico chinês chamado *A Arte da Guerra de Sunzi*.

Referências

ALLEN, Barry. “War as a problem of knowledge: theory of knowledge in China’s military philosophy”. *Philosophy East and West*, v. 65, n. 1, jan. 2015. pp. 1-17.

AMES, Roger T. *Sun Pin — A Arte da Guerra*. Tradução do inglês para o português por Cristina Bazán. 2. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Record, 2004 [1996].

_____. *Sun-Tzu — The Art of Warfare: the first English translation incorporating the recently discovered Yin-Ch’üeh-Shan texts*. New York (USA): Random House, 1993.

ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamento do século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2008. Tradução de Beatriz Medina.

AUERBACH, Erich. “A Cicatriz de Ulisses”. In: AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 6. ed. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2013 [1946].

BENJAMIN, Walter. “A Tarefa do Tradutor” [1921]. In: BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre Mito e Linguagem (1915-1921)*. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2011.

BERDOULAY, Vincent. *A Escola Francesa de Geografia: uma abordagem contextual*. São Paulo: Perspectiva, 2017 [1981]. Tradução de Oswaldo Bueno Amorim Filho.

_____. “A Abordagem Contextual”. *Espaço e Cultura*, n. 16, jul.-dez. 2003 [1981]. pp. 47-56. Tradução de Márcia Trigueiro.

BECKER, Bertha Koiffmann. Geopolítica da Amazônia. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 53, abr. 2005. pp. 71-86.

BRAUDEL, Fernand. “Geo-história: a sociedade, o espaço e o tempo”. [1997] In: RIBEIRO, Guilherme. *A arte de conjugar tempo e espaço: Fernand Braudel, a geo-história e a longa duração. História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, abr.-jun. 2015. pp. 605-639.

BUENO, André da Silva. “A escola chinesa dos estrategistas no Brasil: uma revisão literária”. In: BUENO, André da Silva. *Projeto Orientalismo*, 2015. Disponível em: <www.orientalismo.blogspot.com.br>. Acesso em: 27 jul. 2020. Acesso por: autor.

_____. “As dificuldades de uma tradução: um ensaio sobre o Sunzi bingfa 孙子兵法 e o contexto cultural brasileiro”. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 14, 2013. pp. 89-98.

_____. *Sun Tzu — A Arte da Guerra: os treze capítulos originais*. São Paulo: Jardim dos Livros, 2011.

CAMPOS, Rosalind Mobaid. “Caminho(s) para o cotejamento e avaliação de traduções literárias”. *Revista Integração*, ano 11, n. 43, out.-nov.-dez. 2005. pp. 383-390.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2019 [1965].

CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito & VIADANA, Adler Guilherme. “Fundamentos históricos da geografia: contribuições do pensamento filosófico na Grécia antiga”. In: GODOY, Paulo Roberto Teixeira de (org.). *História do Pensamento Geográfico e Epistemologia da Geografia*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

CHANG Kwang-Chih. “China on the Eve of the Historical Period”. In: LOEWE, Michael & SHAUGHNESSY, Edward L. *The Cambridge History of Ancient China: from the origins of civilization to 221 b. c.* New York (USA): Cambridge University, 1999.

CHAUI, Marilena. “Lefort: o trabalho da obra de pensamento”. *Discurso*, v. 48, n. 1, 2018.

_____. “Texto e Contexto: a dupla lógica do discurso filosófico”. *Cadernos Espinosanos*, n. 37, 2017.

CHENG, Anne. *História do Pensamento Chinês*. Petrópolis: Vozes, 2008 [1997]. Tradução de Gentil Avelino Titton.

CHENG Chung-ying. “Hermeneutic Principles of Understanding as the Logical Foundation of Translation”. In: MING, Dong Gu & SCHULTE, Rainer. *Translating China for Western Readers: reflective, critical and practical essays*. Albany (USA): State University of New York, 2014. pp. 25-44.

CHIANG Tao-Chang. “Historical geography in China”. *Progress in Human Geography*, v. 29, n. 2, 2005. pp. 148-164.

CLEARY, Thomas. *The Art of War — Sun Tzu*. Boston (USA); London (UK): Shamballa, 1988.

COOK, Constance A. “Spring and Autumn Period”. *The Journal of Asian Studies*, v. 54, n. 1, feb. 1995. pp. 148-152.

CORREIA, Jesualdo. A Arte da Guerra: aspectos filosóficos e geopolíticos. *Revista Oikos*, v. 12, n. 1, 2013. pp. 36-86.

COSTA, Wanderley Messias. *Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2013 [1991].

COWEN, Deborah & SMITH, Neil. "After Geopolitics? From the Geopolitical Social to Geoeconomics". *Antipode*, v. 41, n. 1, jan. 2009. pp. 22-48.

DARBY, Henry Clifford. “The Problem of Geographical Description”. *Transactions and Papers* (Institute of British Geographers), n. 30, 1962.

_____. "On the Relations of Geography and History". *Transactions and Papers* (Institute of British Geographers), n. 19, 1953.

DOROFEEVA-LICHTMAN, Vera. "Political concept behind an interplay of spatial 'positions'", *Extrême-Orient, Extrême-Occident*, n. 18, 1996. pp. 9-33.

DUECK, Daniela. *Geography in Classical Antiquity*. Cambridge (UK): Cambridge University, 2012.

ELDEN, Stuart. "Land, terrain, territory". *Progress in Human Geography*, v. 34, n. 6, 2010. pp. 799-817.

FALKENHAUSEN, Lothar von. "The Waning of the Bronze Age: material culture and social development, 770-481 BC". In: LOEWE, Michael & SHAUGHNESSY, Edward L. *The Cambridge History of Ancient China: from the origins of civilization to 221 b. c.* New York (USA): Cambridge University, 1999.

FLORENTINO NETO, Antonio. "A recepção do pensamento chinês na filosofia moderna". *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 36, mar. 2015. pp. 328-341.

_____. "Algumas questões sobre as interpretações ocidentais do pensamento oriental". In: LOPARIC, Zeljko. (org.). *A escola de Kyoto e o perigo da técnica*. São Paulo: DWW Editorial, 2009.

GALVANY, Albert. "Philosophy, biography, and anecdote: on the portrait of Sun Wu". *Philosophy East and West*, v. 61, n. 4, oct. 2011. pp. 630-646.

_____. *El Arte de la guerra*. 7. ed. Madrid (España): Trotta, 2010 [2001].

GAWLIKOWSKI, Krzysztof & LOEWE, Michael. "Sun tzu ping fa". In: LOEWE, Michael (ed.). *Early Chinese Texts: a bibliographical guide*. Cambridge (UK): The Society for the Study of Early China, 1993.

GEORGE, Pierre. "Problemas, Doutrina e Método". In: GEORGE, Pierre; LACOSTE, Yves; KAYSER, Bernard; GUGLIELMO, Raymond. *A Geografia Ativa*. São Paulo, Difusão Européia do Livro/Editora da USP, 1966 [1964]. Tradução de Gil Toledo, Manuel Seabra, Nelson de La Corte e Vincenzo Bochichio.

GOLDSCHMIDT, Victor. "Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos". In: GOLDSCHMIDT, Victor. *A Religião de Platão*. 2. ed. Tradução de Ieda e Oswaldo Porchat Pereira. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

GRATALOUP, Christian. "Os Períodos do Espaço". *GEOgraphia*, v. 8, n. 16, 2006 [2003].

GUEROULT, Martial. "Lógica, arquitetônica e estruturas constitutivas dos sistemas filosóficos". *Trans/Form/Ação*, v. 30, n. 1, 2007 [1957].

HANSEN, Chad. "Fa (standard: laws) and Meaning Changes in Chinese Philosophy". *Philosophy East and West*, v. 44, n. 3, July 1994. pp. 430-488.

HARPER, Donald. "Warring States, Ch'in, and Han Periods". *The Journal of Asian Studies*, v. 54, n. 1, Feb. 1995. pp. 152-160.

HEGEL, G. W. F. & SCHELLING, F. W. J. "Sobre a essência da crítica filosófica em geral e sua relação com o estado atual da filosofia em particular". In: REPA, Luiz. "O pensamento em conflito. Apresentação e tradução de 'Sobre a essência da crítica filosófica', de Hegel & Schelling. *Discurso*, v. 50, n. 1, 2020. pp. 307-322.

HEGEL, G. W. F. "Introdução a Fenomenologia do Espírito". Tradução de Marcos Nobre. In: NOBRE, Marcos. *Como nasce o novo: experiência e diagnóstico de tempo na 'Fenomenologia do espírito' de Hegel*. São Paulo: Todavia, 2018.

HEINE, Steven. "From Art of War to Attila the Hun: a critical survey of recent works on philosophy/spirituality and business leadership". *Philosophy East and West*, v. 58, n. 1, Jan. 2008. pp. 126-143.

HSU Cho-Yun. "The Spring and Autumn Period". In: LOEWE, Michael & SHAUGHNESSY, Edward L. *The Cambridge History of Ancient China: from the origins of civilization to 221 b. c.* New York (USA): Cambridge University, 1999.

JATOBÁ, Júlio Reis. Poesia e (in)traduzibilidade na língua chinesa. *Scientia Traductionis*, n. 13, 2013. pp. 213-223.

JULLIEN, François. *A Propensão das Coisas: por uma história da eficácia na China*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: UNESP, 2017 [1992].

_____. *O Diálogo entre as Culturas: do universal ao multiculturalismo*. Tradução de André Teles. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *Tratado da Eficácia*. Tradução de Alberto Pereira Dinis. Lisboa (Portugal): Instituto Piaget, 1998 [1996].

KAROL, Eduardo. *Geografia Política e Geopolítica no Brasil (1982-2012)*. 2013. 257f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

KEIGHTLEY, David N. "The Environment of Ancient China" & "The Shang: China's first historical dynasty". In: LOEWE, Michael & SHAUGHNESSY, Edward L. *The Cambridge History of Ancient China: from the origins of civilization to 221 b. c.* New York (USA): Cambridge University, 1999.

KOLB, Anne, SPEIDEL, Michael A. "Roma Imperial e China: Comunicação e transmissão de informações". Tradução de Jéssica Regina Brustolim. *Heródoto: revista do grupo de estudos e pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas conexões afro-asiáticas*, v. 4, n. 1, 2019. pp. 395-422.

KOHL, Philip L. "Shared Social Fields: Evolutionary Convergence in Prehistory and Contemporary Practice". *American Anthropologist New Series*, v. 110, n. 4, dec. 2008. pp. 495-506.

LACOSTE, Yves. *A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. 19. ed. Campinas: Papirus, 2015 [1976].

LAMEGO, Mariana. "Dos propósitos e modos de se escrever histórias: considerações sobre um velho debate". *Terra Brasilis (Nova Série)*, v. 2, 2013.

LE GOFF, Jacques. "Documento/Monumento". In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 7. ed. rev. Campinas: UNICAMP, 2013 [1977-1982].

LEEMING, Frank. "On Chinese Geography". *Progress in Human Geography*, v. 4, n. 2, jun. 1980. pp. 218-237.

LEEuw, Karel van der. "The Study of Chinese Philosophy in the West: a bibliographic introduction". *China Review International*, v. 6, n. 2, fall 1999. pp. 332-372.

LEPENIES, Wolf. "Introdução". In: LEPENIES, Wolf. *As Três Culturas*. São Paulo: EDUSP, 1996 [1985].

LEWIS, Mark Edward. "Writings on Warfare Found in Ancient Chinese Tombs". *Sino-Platonic Papers*, v. 158, aug. 2005. pp. 1-15.

_____. "Warring States: political history". In: LOEWE, Michael & SHAUGHNESSY, Edward L. *The Cambridge History of Ancient China: from the origins of civilization to 221 b. c.* New York (USA): Cambridge University, 1999.

LI Feng. *Early China: a social and cultural history*. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2013.

LI Jun. *Chinese Civilization in the Making, 1766-221 BC*. London (UK): Macmillan; New York (USA): St. Martin, 1996.

LOEWE, Michael & SHAUGHNESSY, Edward L. "Introduction". In: LOEWE, Michael & SHAUGHNESSY, Edward L. *The Cambridge History of Ancient China: from the origins of civilization to 221 b. c.* New York (USA): Cambridge University, 1999.

LOEWE, Michael. "Bibliographical Sources". In: LOEWE, Michael (ed.). *Early Chinese Texts: a bibliographical guide*. Cambridge (UK): The Society for the Study of Early China, 1993.

LUKÁCS, György. "O Problema da Perspectiva" [1956]. In: LUKÁCS, György. *Marxismo e Teoria da Literatura*. 2. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MACKINDER, Halford John. "The Geographical Pivot of History". *The Geographical Journal*, v. 170, n. 4, 2004. pp. 298-321.

MAIR, Victor H. *Soldierly Methods*: vade mecum for an iconoclastic translation of Sun Zi bingfa. *Sino-Platonic Papers*, n. 178, feb. 2008.

_____. *Sun Zi's Military Methods*. New York (USA): Columbia University Press, 2007.

MAJOR, John S. & COOK, Constance A. *Ancient China: a history*. Abingdon (UK); New York (USA): Routledge, 2017.

MALDONADO-TORRES, Nelson. "A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, 2008 [2003].

MALL, Ram Adhar. "Intercultural Philosophy: a conceptual clarification along with its application in teaching and research beyond the limits of the Western philosophical tradition". *IV Jornada de Filosofia Oriental da USP* (Manuscritos). dez. 2017.

NOBRE, Marcos. *Como nasce o novo: experiência e diagnóstico de tempo na 'Fenomenologia do espírito' de Hegel*. São Paulo: Todavia, 2018.

MARTIN, Geoffrey J. "The Beginnings of Classical Geography". In: MARTIN, Geoffrey J. *All Possible Worlds: a history of geographical ideas*. 4. ed. Oxford (UK): Oxford University, 2005 [1972].

MARX, Karl. "Da História Crítica". In: ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring*. São Paulo: Boitempo, 2015. Tradução de Nélio Schneider.

_____. "Introdução". MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2011. Tradução de Mario Duayer e Nélio Schneider.

_____. "Trabalho Estranhado e Propriedade Privada" & "Propriedade Privada e Comunismo". In: MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-filosóficos*. Tradução, apresentação e notas de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010 [1844].

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo, 2007. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano.

MÉLÈS, Baptiste. "Experience and Subjectivity: François Jullien and Jean François Billeter". *Personality and Subjectivity: East and West*, dec. 2009.

MENEZES JR., Antonio Joaquim Bezerra & CHEN, Tsung Jye. “Introdução”. In: GILES, Lionel. *A Arte da guerra — os treze capítulos completos*. Tradução de Elvira Vigna. São Paulo: Ediouro, 2009.

MING Dong Gu. “Introduction: translating China for western readers in the context of globalization” & “Readerly Translation and Writerly Translation: for a theory of translation that returns to its roots”. In: MING, Dong Gu & SCHULTE, Rainer. *Translating China for Western Readers: reflective, critical, and practical essays*. Albany (USA): State University of New York, 2014. pp. 89-116.

MIYAMOTO, Shiguenoli. Os estudos geopolíticos no Brasil: uma contribuição para sua avaliação. *Perspectivas*, São Paulo, v. 4, 1981. pp. 75-92.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia Histórica do Brasil: capitalismo, território e periferia*. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. *Ideologias Geográficas: espaço, cultura e política no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2005 [1988].

_____. “Geografia, História e História da Geografia”. *Terra Brasilis*, v. 1, n. 2, 2000.

_____. *A Gênese da Geografia Moderna*. São Paulo: HUCITEC; EDUSP, 1989 [1987].

MOREIRA, Ruy. “As três geografias: refletindo pelo retrovisor sobre os problemas de toda mudança”. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 88, jul. 2008. pp. 97-114.

POMERANZ, Kenneth. *The Great Divergence: China, Europe, and the making of the modern world economy*. Princeton (New Jersey, USA): Princeton University, 2000.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993 [1980].

RATZEL, Friedrich. “Seleção de textos”. In: MORAES, Antonio Carlos Robert (org.). *Ratzel*. São Paulo: Ática, 1990.

RAWSON, Jessica. “China and the Steppe: reception and resistance”. *Antiquity*, v. 91, n. 356, 2017. pp. 375-388.

_____. “Steppe Weapons in Ancient China and the Role of Hand-to-hand Combat”. *The National Palace Museum Research Quarterly*, v. 33, n. 1, 2015. pp. 37-95.

_____. “Western Zhou Archaeology”. In: LOEWE, Michael & SHAUGHNESSY, Edward L. *The Cambridge History of Ancient China: from the origins of civilization to 221 b. c.* New York (USA): Cambridge University, 1999.

RIBEIRO, Filipe Giuseppe dal Bo. *A Geografia Militar no Brasil: a questão da defesa nacional*. 2015. 275f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RIBEIRO, Guilherme. “Geografia, Fronteira do Mundo: ensaio sobre política, epistemologia e história da geografia”. *GEOgraphia*, ano 17, n. 34, 2015. pp. 39-73.

SACRINI, Marcus. “Mundo da vida e racionalidade científica”. *Scientiae Studia*, v. 12, n. 4, 2014. pp. 697-710.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1978]. Tradução de Rosana Eichengberg.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula. (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006 [2000].

_____. “O Papel Ativo da Geografia: um manifesto”. *Revista Território*, ano 5, n. 9, jul.-dez. 2000. pp. 103-109.

SAWYER, Ralph D. "Sun-tzu's Definitive Formulation". In: SAWYER, Ralph D. *The Tao of Deception: unorthodox warfare in historic and modern China*. Cambridge (USA): Basic Books, 2007. pp. 55-68.

_____. "Part 1: Early History" In: SAWYER, Ralph D. *The Tao of Spycraft: intelligence theory and practice in traditional China*. Cambridge (USA): Basic Books, 2004. pp. 27-120.

_____. *Sun Tzu — Art of War*. Colaboração de Mei-Chün Lee Sawyer. New York: Basic Books, 1994.

_____. “Wu-tzu”. In: SAWYER, Ralph D. *The Seven Military Classics of Ancient China*. Boulder (USA); Oxford (UK): Westview Press, 1993.

SEEMANN, Jörn. “Friedrich Ratzel entre Tradições e Traduções: uma breve abordagem contextual”. *Terra Brasilis* (Nova Série), n. 1, 2012.

SELBITSCHKA, ARMIN. “Early Chinese Diplomacy: ‘Realpolitik’ versus the So-Called Tributary System.” *Asia Major*, v. 28, n. 1, 2015, pp. 61-114.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Filosofia da Tradução — Tradução de Filosofia: o princípio da intraduzibilidade*. *Cadernos de Tradução*, v. 1, n. 3, jan. 1998. pp. 11-47.

SENGER, Harro von. “*Mouliüe* (supraplanning): on the problem of the transfer of earthbound words and concepts in the context of cultural exchange between China and the West”. *The Journal of China in Comparative Perspective*, v. 1, n. 1, 2011. pp. 103-124.

SHAUGHNESSY, Edward L. “Calendar and Chronology” & “Western Zhou History”. In: LOEWE, Michael & SHAUGHNESSY, Edward L. *The Cambridge History of Ancient China: from the origins of civilization to 221 b. c.* New York (USA): Cambridge University, 1999.

_____. “Historical Geography and the Extent of the Earliest Chinese Kingdoms”. *Asia Major* (third series), v. 2, n. 2, 1989. pp. 1-22.

SMITH, Neil. *Uneven Development: nature, capital and the production of space*. Oxford (UK): Basil Blackwell, 2008 [1984].

_____. “From Uneven to Combined Development”. In: DUNN, Bill & RADICE, Hugo (eds.). *100 Years of Permanent Revolution: results and prospects*. London (UK): Pluto Press, 2006.

_____. “Geografías perdidas y globalizaciones fracasadas. De Versalles a Irak”. *Doc. Anál. Geogr.*, v. 44, 2004. pp. 19-41. Tradução de Carmen Gonzalo.

_____. “After the American Lebensraum: ‘Empire’, Empire, and Globalization”. *Interventions: International Journal of Postcolonial Studies*, v. 5, n. 2, 2003. pp. 249-270.

_____. “For a History of geography: response to comments”. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 78, n. 1, 1988.

_____. “‘Academic War Over the Field of Geography’: the elimination of geography at harvard, 1947-1951”. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 77, n. 2, 1987.

SPROVIERO, Mario Bruno. “Introdução”. In: LAOZI. *Dao de jing*. 4. ed. Tradução de Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Hedra, 2014 [1997].

SUN, Adam. *A Arte da Guerra — Sunzi (Sun Tzu)*. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2006.

SUNZI. *Da Arte da Guerra*. Tradução de Yan Kee Wing. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011 [1975].

_____. *El Arte de la Guerra*. Tradução de Albert Galvany. 7. ed. Madrid (España): Trotta, 2010 [2001].

_____. *Military Methods*. Tradução de Victor H. Mair. New York (USA): Columbia University, 2007.

_____. *A Arte da Guerra*. Tradução de Adam Sun. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2006.

_____. *The Art of War*. Tradução de Lin Wusun. Beijing: Foreign Languages Press; Changsha: Hunan People’s Publishing House, 1999.

_____. *Art of War*. Tradução de Ralph D. Sawyer; colaboração de Mei-chün Lee Sawyer. New York (USA): Basic Books, 1994.

_____. *The Art of Warfare*. Tradução de Roger T. Ames. New York (USA): Random House, 1993.

_____. *The Art of War* — Sun Tzu. Tradução de Thomas Cleary. Boston (USA); London (UK): Shamballa, 1988.

SZONYI, Michael. “Introduction”. In: SZONYI, Michael (ed.). *A Companion to Chinese History*. Hoboken (USA): John Wiley & Sons, 2017.

TAO Hanzhang. *A arte da guerra de Sun Tzu: os 13 capítulos originais*. Tradução de Sally Tilelli. São Paulo: Gente, 2011 [1987].

TUAN, Yi-Fu. “Cosmos and Hearth in China”. In: BUTTIMER, Anne & WALLIN, Luke. (eds.). *Nature and Identity in Cross-Cultural Perspective*. Dordrecht (Netherlands): Springer, 1999. pp. 117-136.

UNWIN, Tim. *The Place of Geography*. Essex (UK): Longman, 1992.

VENUTI, Lawrence. “Translation, Intertextuality, Interpretation”. *Romance Studies*, v. 27, n. 3, jul. 2009. pp. 157-173.

VITTE, Antonio Carlos. “Imaginação e Política na Construção da Geografia Tropical”. In: SILVA, Charlei Aparecido. *Geografia e Natureza: experiências e abordagens de pesquisas*. Dourados: UFGD, 2012.

WILKINSON, Endymion. “How do we know what we know about chinese history?” In: SZONYI, Michael (ed.). *A Companion to Chinese History*. Hoboken (USA): John Wiley & Sons, 2017.

YAN Kee Wing. *Da Arte da Guerra*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011 [1975].

YUEN, Derek M. *Deciphering Sun Tzu: how to read “The Art of War”*. New York (USA): Oxford University Press, 2014.

ZHAO Dingxin. “The Historical Setting of Eastern Zhou: an age of war”. In: ZHAO, Dingxin. *The Confucian-Legalist State: a new theory of chinese history*. New York (USA): Oxford University Press, 2015.

ZHAO Zhongshu. “Round sky and square earth (tian yuan di fang): ancient China geographical thought and its influence”. *GeoJournal*, v. 26, n. 2, feb. 1992. pp. 149-152.

ZURNDORFER, Harriet. “Chinese history in Europe: the state of the field”. In: SZONYI, Michael. *A Companion to Chinese History*. Oxford: Wiley Blackwell, 2017. pp. 53-63.